



ALFREDO HOGON

A Mão do Finado

Falsamente atribuído a Alexandre Dumas

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ALFREDO HOGON

A Mão do Finado

1854

Uma sequência de
O Conde de Monte Cristo

(Falsamente atribuída a
Alexandre Dumas)

Volume Único

Sinopse

Sequência de O Conde de Monte Cristo atribuída a Alexandre Dumas, na maior farsa literária (conhecida) em língua portuguesa.

Ao contrário de vários escritores franceses na mesma época, Dumas tornou-se rico e famoso ainda em vida. Seus leitores estavam espalhados pelo mundo e qualquer obra com a sua assinatura tinha êxito garantido. Quem sabia disso era Luís Correia da Cunha, editor popular português, que publicou uma série de O Conde de Monte Cristo. Certo dia, recebeu a visita de Alfredo Possolo Hogon, um funcionário dos Correios portugueses apaixonado por literatura. Possolo usava o tempo livre para escrever romances populares, comédias e peças teatrais. Todas sem grande reconhecimento. Desse encontro nasceu um dos maiores engodos da literatura em língua portuguesa: A Mão do Finado de Alexandre Dumas. Utilizando-se de uma estratégia publicitária, o editor português sugeriu a Hogon que escrevesse a continuação de O Conde de Monte Cristo. Seria uma "produção particular da casa", mas que levaria o nome do célebre Alexandre Dumas como autor. O livro, publicado em Lisboa em 1854, teve o resultado esperado, figurando em catálogos de vários países, inclusive da França, do Brasil e de Portugal. No Brasil, a história foi traduzida da versão francesa para o folhetim do Diário do Rio de Janeiro. (Fonte: revista Pessoa)

A trama de O Conde de Monte Cristo

(ATENÇÃO: contém revelações sobre o enredo do romance de Dumas.)

"Um romance do Destino. Vítima e vingador, Edmond Dantès, o personagem central, encarna ele próprio, o destino. A história de um homem bom a quem roubam a liberdade e o amor. No cativeiro trava amizade com o abade Faria, que lhe oferece ajuda para a fuga. Um homem que regressará coberto de riquezas, vingador impiedoso, para além de toda a lei humana ou divina."

Edmond Dantès, audacioso mas ingênuo marinheiro, é preso em 1815 sob acusação de traição, por ter ido à Ilha de Elba, onde Napoleão está exilado, e recebido dele uma carta comprometedora. Na verdade, estava sendo vítima de um complô entre três pessoas interessadas em sua destruição:

- o juiz de Villefort, filho do destinatário da carta de Napoleão, que, mesmo atestando sua inocência, quis silenciá-lo;
- seu amigo Danglars, que desejava o posto de capitão do navio, que Dantès recebera por mérito, e
- Fernand Mondego, catalão interessado em Mercedes (noiva de Dantès).

Após 14 anos na prisão do Castelo d'If, Dantès consegue fugir. Seu vizinho de cela, o abade Faria, preso político, lhe indicou o local do tesouro do Cardeal Spada, além de tê-lo educado em diversas artes e ciências (química, esgrima, línguas e história geral). Confirma a história do velho amigo de prisão e se torna milionário. Até lá, sobrevivia trabalhando com piratas, incluindo Jacopo, marinheiro do navio "The Young Amelia". Junta ao seu séquito o corso Bertuccio e a princesa grega Haydée, cujo pai, o sultão Ali Paxá, foi destronado.

Anos depois, Edmond cria uma grande teia para se vingar dos inimigos, assumindo várias identidades e disfarces. Lord Wilmore na Inglaterra; Simbad, na Itália, e também o misterioso abade Busoni.

Salva da miséria a família do ex-patrão, Morel. Salva Albert, Visconde de Morcerf, filho de Mondego, agora Conde de Morcerf, de um sequestro em Roma, tudo para se aproximar da sociedade parisiense. No papel de Conde de Monte-Cristo (o tradicional "nobre de toga" (noble de robe) da época, o burguês que compra título de nobreza), é imediatamente reconhecido por Mércedès, criando divisões entre seus inimigos.

Em sua vingança, faz com que Danglars, agora Barão, desmanche o noivado de sua filha Eugènie com Albert para se casar com o Marquês Andrea Cavalcanti. Danglars, arruinado, foge para Roma, é capturado e passa um tempo sob cativo de Luigi Vampa, sendo depois perdoado por Monte-Cristo.

Mondego, oficial do exército francês, é julgado por má conduta e Haydée o acusa como testemunha. Desonrado, arruinado e abandonado pela família, suicida-se.

Cavalcanti é preso por falsa identidade (seu nome seria Benedetto) e uma série de crimes, e revela no tribunal que é filho de Villefort, o que enlouquece o juiz, e anuncia a suposta morte da filha, Valentine.

Personagens

Disfarces de Dantès

Edmond Dantès: marinheiro com futuro promissor, noivo de Mercedes. Após sua transformação em Conde de Monte Cristo, revela seu verdadeiro nome aos inimigos assim que cada vingança é concluída,

Inglês, diretor da Thomson & French

Lorde Wilmore: persona em que Dantès realiza atos de generosidade

Simbad, o Marujo: personagem que Dantes assume quando salva a família Morel

Abade Busoni: autoridade religiosa

Monsieur Zaccane: sob o disfarce de Abade Busoni e Wilmore, diz um investigador, este é o verdadeiro nome do Conde de Monte

Cristo

Aliados de Dantès

Abade Faria: padre português

Giovanni Bertuccio: servo e mordomo do Conde e muito leal a Monte Cristo; Pai adotivo de Benedetto

Luigi Vampa: célebre bandido e fugitivo italiano

Peppino: anteriormente pastor, mais tarde membro do bando de Vampa

Haydée: filha de Ali Pachá de Janina

Ali: escravo mudo de Monte Cristo originário da Núbia

Baptistin: valete de Monte Cristo

Jacopo: traficante pobre que ajuda Dantès ganhar a liberdade. Quando Jacopo prova sua lealdade altruísta, Dantès o recompensa com seu próprio navio e tripulação.

Família Morcerf

Mercedes Mondego: noiva de Dantès no início da história

Inimigos de Dantès

Fernand Mondego: o Conde de Morcerf, antigo amigo de Dantès e pretendente de Mercedes

Albert de Morcerf: filho de Mercedes e do conde de Morcerf, antigo amigo de Monte Cristo

Barão Danglars: Primeiro oficial subalterno de Dantès, em seguida, um rico banqueiro na porção posterior do livro

Senhora Danglars: teve um caso com Gérard Villefort; mãe de Benedetto, seu filho "ilegítimo"

Eugénie Danglars: filha do Barão Danglars.

Gérard Villefort: substituto do Procurador do Rei que aprisiona Dantès, posteriormente nomeado Procurador por fornecer informações importantes acerca do desembarque do Imperador na França, proveniente da Ilha de Elba

Renée Villefort, Renée de Saint-Meran: primeira esposa de Gérard de Villefort, mãe de Valentine

Marquis de Saint-Meran e Marquesa de Saint-Meran: pais de Renée.

Valentine de Villefort: filha de Gérard Villefort e da primeira esposa, Renée.

Sr. Noirtier de Villefort: pai de Gérard de Villefort e avô de Valentine, Édouard (e, sem sabê-lo, Benedetto), importante membro do partido bonapartista e a quem estava endereçada a carta que provocou a prisão de Dantès

Héloïse Villefort: A segunda mulher de Villefort
Edouard de Villefort. filho legítimo de Villefort

Benedetto, filho ilegítimo de Villefort e de Hermine Nargonne (Baronesa Danglars), criado por Bertuccio (mais tarde mordomo de Monte Cristo), torna-se "Andrea Cavalcanti" em Paris e será um dos principais personagens de *A Mão do Finado*.

CAPÍTULO 1

Quem havia jogado na alta e baixa dos fundos

QUANDO a fatalidade e a desgraça nos oprimem, não falta quem venha para nos fazer compartilhar, se a miséria não quebrou positivamente o prestígio dos nossos antigos haveres.

Embora houvesse sofrido esse peso formidável, a baronesa Danglars reunia ainda em sua casa os principais cavalheiros do Gand e tinha o prazer de ouvir nomear as suas salas em Paris, como as que melhor sabiam receber e acomodar, durante algumas horas, todos esses ímpios elegantes do pano verde.

O espírito de orgulho e ambição da baronesa Danglars, a sua figura esbelta e o seu rosto um pouco pálido, onde brilhavam dois belos olhos negros, não era o que menos atraía a numerosa concorrência às suas salas.

Aos que vivem de comoções fortes, nunca desagrada uma mulher como a baronesa Danglars. As suas risadas de orgulho, o seu gesto determinado e arrogante, mas submisso e meigo quando se deixava vencer, o seu olhar eloquente e sagaz, a sua extrema verbosidade, tudo concorria para que os homens da sociedade a inscrevessem no rol das leas, apesar de ter passado já a Primavera da vida.

Tal era a consideração em que tinham a baronesa Danglars no ano de 1837.

Numa das noites de Setembro desse ano, as salas do seu palácio estavam iluminadas, e, pouco a pouco, iam-se enchendo de pessoas que frequentavam as reuniões da baronesa, a qual ia de grupo em grupo, falando animadamente e recebendo a corte de muitos cavalheiros.

— Que aspecto tão melancólico tem, senhor Beauchamp! — disse ela a um cavalheiro de fisionomia severa e expressiva. — Dir-se-ia que vem disposto a ralhar conosco, porque, segundo me disseram, perdeu a semana passada...

— Não, senhora baronesa, eu não costumo tomar nota do que perco ao jogo, não jogo por especulação, e será muito má, minha senhora, se pensar o contrário.

— Oh, não, mas a sua fisionomia causou-me desassossego! — tornou a baronesa com um sorriso irônico e dando-lhe o braço. — Vamos, conte-me as notícias que tiver, as mais frescas, para me restabelecer a tranquilidade.

— A quem o pede, formosa baronesa! Mas está ali o senhor Luciano Debray, que lhas dará melhores.

— Deixe o ministro, que parece absorvido nas suas grandes ideias ministeriais! Eu temo em o despertar, não venha ele pretender expor-me algum projeto de lei.

— Pobre Debray!... — murmurou Beauchamp. — Ele não merece as suas palavras irônicas, porque lhe reconheço mais merecimento no ministério do que a muitos que o têm ocupado.

— Assim deve falar o senhor, para que lhe paguem na mesma moeda a respeito do seu novo cargo de procurador-régio! Mas não acabe como o seu antecessor.

E uma ligeira vermelhidão coloriu as faces pálidas da baronesa, cujo braço estremeceu no de Beauchamp. A senhora Danglars ficou como que arrependida das palavras que dissera.

— Não, senhora baronesa — acudiu logo Beauchamp, que parecia ter aproveitado aquelas palavras para se estabelecer no campo que desejava. — Eu tenho a certeza de que não me sucederá o mesmo, pelo menos por motivo idêntico! Porém, uma vez que falou em procurador-régio, posição que eu desejaria esquecer quando entro nas suas salas durante noites iguais a esta...

— Senhor...

— Perdão, senhora baronesa, ninguém nos ouve nem suspeita do que estamos a dizer.

— Basta, senhor Beauchamp! Eu sei quanto me queria dizer, mas isso enfada-me, aborrece-me. Pedi-lhe notícias para me distrair do susto que me causou a sua fisionomia severa e triste; dê como quando era simples redator dum jornal, isto é, risonho, prazenteiro...

A estas palavras, o magistrado parou e fitou a sua interlocutora, como se quisesse ler-lhe no rosto.

— Ora aí está! — exclamou ela rindo com a melhor vontade. — O antigo jornalista já não sabe ser senão magistrado! — Não, minha senhora. Com a senhora baronesa serei sempre o mesmo, porém as notícias que tenho a dar-lhe é que não podem sair dos lábios dum jornalista.

E Beauchamp acentuou bem as últimas palavras, de modo que a senhora Danglars tornou a estremecer.

— E porquê? — perguntou ela, fazendo um esforço para vencer um receio vago. — Jurou porventura que havia de fazer-me morrer de medo esta noite? — Não podem sair dos lábios dum simples jornalista, porque se referem a uma senhora a quem 6 — 7 o magistrado muito preza e respeita — respondeu o senhor Beauchamp.

Do modo com que o magistrado disse isto e pela expressão do olhar, a senhora Danglars conheceu que não devia insistir; porém, querendo absolutamente saber se a tal notícia se referia a ela, largou-lhe o braço e disse: — Bem, senhor, pelo mesmo motivo respeito eu essa senhora. Guarde a sua notícia.

A senhora Danglars perdeu no jogo, porque o magistrado ficou impassível.

"O teu semblante é de bronze!" murmurou ele, vendo-a afastar-se e apoiando a face no índice da mão direita. "Todavia, só eu me não iludo, como todos os que te cercam! No teu passado existe alguma coisa de terrível que sabes muito bem ocultar aos olhos do mundo, porém não aos meus! Na tua vida presente há alguma coisa de infame, que disfarças com esmero no fundo desse coração de mármore! Já estou senhor de um segredo importante do passado. Havemos de descobrir o resto até ao presente." Momentos depois, o magistrado sentiu que alguém caminhava atrás dele, e sem voltar o rosto nem dar mostras de saber que era seguido, deixou-se alcançar.

— Poderei ter a honra de lhe falar, senhor Beauchamp? — Ah, o senhor ministro! Estou às suas ordens.

— O senhor deve saber que me interessa altamente tudo quanto diz respeito ao sossego e tranquilidade de todos nós — disse-lhe Luciano Debray, afastando-se com ele para uma sala deserta. — Pois bem, creio que, no meu lugar, se inquietaria ao notar a fisionomia perturbada e triste de um procurador-régio.

— Desculpe, senhor ministro, pois talvez por ser ainda novato, não sei ter o rosto de pedra e o coração diamantino que convém a um magistrado.

— não desejava argui-lo, senhor Beauchamp, porque sei que um magistrado é um homem que tem sentimentos como todos os outros. Mas estando eu ao fato, pela minha pequena polícia, de um caso ao qual bem pouca valia dei, sucede vê-lo de tal modo contristado, que me faz acreditar em quanto me disseram ontem; e, neste caso, está em causa a honra de uma senhora que prezo. É por este motivo que ousou interrogá-lo.

— Sabe, então, senhor Debray? Asseguro-lhe que, se com efeito o caso for verdadeiro...

— Espero que seja magistrado! — interrompeu Debray, como se dissesse: (Espero que seja amigo". — Resta-me agora conferir o nome da senhora, para me certificar. Terá a bondade? A esta pergunta direta, que o procurador-régio já esperava, não podia ele deixar de responder sem que passasse por grosseiro para com um ministro, dando-lhe a conhecer que desconfiava da sua discrição; portanto, aproximou-se de Debray e murmurou-lhe uma palavra ao ouvido. Debray empalideceu, mas, imediatamente, dissimulando a sua perturbação, despediu-se do procurador-régio e voltou para a sala, onde a baronesa parecia esperá-lo, inquieta.

O procurador-régio, com um sorriso irônico, saiu de casa da senhora Danglars.

Quando os restantes convidados se retiraram, a baronesa fez um sinal a Debray e dirigiu-se para os seus aposentos. Em seguida abriu uma porta de vidraça que dava para a sala de música e, olhando com tristeza para um piano, não pôde conter estas palavras: — Ah, Eugènie, minha filha! Porque me abandonaste? E uma lágrima deslizou pelas faces pálidas e orgulhosas da baronesa Danglars que, atravessando o pequeno recinto, foi espreitar para o

pátio pela janela entreaberta. Ali esteve até a última carruagem se afastar; depois, vendo um vulto que tornava a entrar e se dirigia para o edifício, foi apressadamente abrir a porta de uma escada secreta e voltou para o seu quarto, sentando-se num divã.

Luciano Debray fechou a porta da escada e foi imediatamente ao encontro da baronesa.

— Então, Debray? perguntou ela com ansiedade.

O ministro descalçou as luvas, atirou com a capa e o chapéu para uma cadeira e sentou-se ao lado da baronesa.

— Fala, Debray, a tua tranquilidade assusta-me. Soubeste alguma má nova por Beauchamp? — Tudo quanto pude saber foi uma simples palavra.

— Ah! — exclamou a baronesa com aborrecimento.

— E essa palavra é o nome de uma mulher? o teu.

— Então crês que eu esteja em perigo? — Como sempre o julguei! — respondeu Luciano Debray. — Se até hoje a tua presença em Paris não tem sido ridícula, nunca me persuadi que pudesses sustentar por muito tempo a tua máscara, e agora mais do que nunca! A baronesa soltou uma pequena gargalhada de orgulho ofendido e respondeu: — É porque nunca tive segredos para contigo, assim como os tenho para os outros! Se tu julgasses como eles, que o barão Danglars anda a viajar com a filha, nunca te persuadirias de que eu tivesse sido abandonada pelo barão e por Eugènie!

— Ora vamos — replicou Debray — há um ano que o barão seguiu o exemplo de Eugènie e que o mundo parisiense os supõe entregues ao prazer das viagens. Na verdade, isto é bem simples, porém o tempo irá correndo e pode haver alguém que tenha o mau gosto de perguntar quando regressam o barão e a filha. Depois haverá mais alguém que se atreve a rir com a demora dos viajantes, e dentro em breve, Paris inteiro rirá também. Já vê, minha querida baronesa, que por este lado não vamos bem!

— Diz-me então o que devo fazer! — volveu a senhora Danglars, agarrando o braço de Luciano.

— Repito o que te disse há um ano, quando me mostraste a carta de teu marido, na qual te dirigia estas palavras: "Deixo-a

como a tomei, isto é, rica e pouco honrada." Esta expressão, que teria esmagado outra qualquer mulher, não fez mais do que desprender dos lábios da baronesa um segundo sorriso de orgulho ferido. Luciano continuou: — Repito que vás viajar. O ano passado tinhas de teu um milhão e duzentos mil francos, isto é, sessenta mil libras de renda, hoje possuis dois milhões e quatrocentos mil francos, o que quer dizer cento e vinte mil libras de rendimento. Que te importa Paris? Dize às tuas amigas que o teu marido está em Roma, em Civita Vecchia ou em Nápoles, e que te pediu em nome de Eugènie, a tua companhia. Elas encarregar-se-ão de espalhar a notícia por toda a parte e tu podes então dirigir-te para Londres.

— E queres que nos separemos, Debray? — perguntou a baronesa, procurando uma lágrima rebelde. — Isso custa-me tanto! Luciano não respondeu e, levantando-se, olhou para ela com um olhar oblíquo.

— Há ano e meio que somos sócios e os nossos interesses têm prosperado. Agora teriam muito melhor face sendo tu ministro da fazenda.

— Chegamos justamente ao ponto essencial da questão! — exclamou Luciano, batendo com o punho nas costas duma cadeira.

— Como? — perguntou a senhora Danglars, abrindo muito os olhos e endireitando o corpo sobre o divã em que até ali estivera recostada com toda a indolência duma amante apaixonada.

— O gostinho particular dos jornalistas da oposição, consiste em apresentarem em pratos limpos e descobertos a vida privada dos ministros. Ora, aqui para nós, que ninguém nos ouve, o motivo principal das tuas reuniões é o jogo, e eu não quero que ninguém se lembre que tiro daqui algum interesse! — Todavia, algum dinheiro tens tirado! observou a baronesa.

— Mas não quero continuar! — retorquiu Luciano cheio de firmeza. — Desligo-me dos teus interesses; resta-nos o ágio simples da amizade, — Pois bem — bradou a baronesa fula de raiva e ferida no seu amor próprio, compreendendo quanto aquelas palavras eram significativas — nem sequer lhe consinto esse sacrifício! Façamos contas e depois...

— E depois? — perguntou ele com um sorriso de quem desprezava a raiva impotente da baronesa. — Quererá que nunca mais nos vejamos? Luciano meteu as mãos nos bolsos e permaneceu imóvel como se respondesse: "Como queira". — Porém, advirto-o de que ficarei ainda até este Inverno em Paris.

— Sim? Dizem-me que os espetáculos serão dos melhores, o repertório é quase todo de Donizzetti e de Bellini.

— E também do senhor Luciano Debray — acrescentou a baronesa, rindo com intenção.

— Não compreendo.

— Quero ver a sua estreia no ministério.

— Vamos, baronesa — disse Luciano com certa seriedade, que contrastava singularmente com o modo da senhora Danglars.

— Quem tem jogado na alta e baixa dos fundos, não pode abandonar Paris e reduzir-se às proporções de simples estrangeira, sem certa repugnância! — Todavia, assim é necessário, quando por realidade um procurador-régio está ao fato de certas coisas, baronesa; seja prudente.

Dizendo isto, Luciano Debray puxou pela carteira, espalhou sobre a linda mesa de mármore as notas de Banco que continha, e sentou-se ao lado da baronesa, que ficou de pé muito pálida e agitada.

— Pela segunda vez, baronesa, os sócios fazem as suas contas, e espero que aproveite o meu conselho.

CAPÍTULO 2

Benedetto

Logo que Beauchamp saiu do palácio da senhora Danglars, dirigiu-se para sua casa, que ficava ao princípio da rua Coq-Heron. Este pequeno edifício tinha um pequeno pátio central em volta do qual corriam as suas paredes denegridas e impostoras.

Era para este pátio que davam as janelas do gabinete de trabalho do senhor Beauchamp. Um candeeiro de cobre, com a sua

bandeira de seda verde, derramava no recinto a claridade suficiente a quem precisa escrever e meditar durante a noite, de modo a não ferir a vista.

Beauchamp levantou-se da secretária e surgiu no centro das enormes pilhas de papel que estavam ao lado da sua cadeira, como o espectro fantástico de algum poeta lúgubre surge do centro dos túmulos de um pequeno cemitério ao pálido reflexo da lua. Foi direito à janela, afastou a cortina e aventurou um olhar inquieto para o pátio, que àquela hora recebia o reflexo vermelho da luz de um único candeeiro suspenso na abóbada do vestíbulo.

Depois, notando que alguém se dirigia para o seu gabinete, deixou cair a cortina e foi sentar-se de novo à secretária, sobre a qual apoiou o cotovelo, encostando a face na mão.

Momentos depois, a porta do gabinete abriu e entraram dois homens, um dos quais, pela sua fisionomia sinistra e pelo seu trajar, maneiras decididas e compleição hercúlea, parecia um agente de polícia; o outro era o contraste vivo deste homem: novo ainda, magro, lívido e com o fato roto, parecia ser o réu.

A um sinal do procurador-régio, o agente de polícia saiu.

Beauchamp conservou-se imóvel; depois, quando lhe pareceu que o agente já tivera tempo de atravessar o pátio fez um movimento, indicando ao réu o lado oposto da secretária e voltando a bandeira do candeeiro de modo que pudesse ver bem o rosto do acusado.

— O seu nome? — perguntou Beauchamp.

— Benedetto.

— Está disposto a repetir tudo quanto já me confessou? — E para que servirá isso, senhor? — perguntou o moço com frieza. — Para que servirá recordar coisas de tal natureza? Fui preso, sentencie e acabe-se com isto.

— É imprudente, Benedetto. A lei fere-o de morte.

— Se o sabe com certeza, melhor é.

— Todavia, quero ouvi-lo segunda vez, pode ser que lhe haja esquecido alguma circunstância pela qual possa minorar o rigor da lei, pelas competentes provas. Fale.

E o magistrado encostou-se no fundo da sua enorme cadeira.

— Pois bem, senhor magistrado, ouça-me, porque será esta a última vez que eu falo.

Nas palavras do acusado havia certo azedume, certo desprezo pela vida, que pequena ou nenhuma sensação teriam produzido no espírito cansado de um velho juiz, mas que abalavam o de um homem ainda novo que não estava bem calejado naquele mister de procurador-régio, como Beauchamp.

— Eu estava preso na Force, e creio que protegido por algum amigo que me era desconhecido, porque me aparecia ali um homem chamado Bertuccio com quem tive relações e me dava algum dinheiro, em nome desse tal protetor desconhecido, para eu comprar melhores alimentos dos que competem aos habitantes da Cova dos Leões. Já havia comparecido no tribunal, onde declarara ser filho do senhor de Villefort, seu antecessor, e esperava resignado a minha sentença. Desertor das galés, réu convicto do assassinio de Caderousse, o que haveria para mim senão o patíbulo?...

— Espere — interrompeu o magistrado. — Como soube que era filho do senhor de Villefort? — Aí está uma pergunta que o senhor juiz nunca me tinha feito — respondeu Benedetto com um sorriso de quem compreende mais do que se supõe. — Eu respondo. Falei-lhe daquele protetor desconhecido e de Bertuccio, que era o portador da sua esmola. Esse Bertuccio um dia na minha cela na cadeia da Force, disse -me o seguinte: "Benedetto, estás gravemente comprometido, mas há alguém que deseja salvar-te, porque fez voto de salvar um homem todos os anos. Esse protetor conhece um meio para te livrar, por enquanto, do cadafalso. O procurador-régio, que promove a tua sentença, teve relações muito íntimas com uma senhora, e essa senhora deu à luz um menino, filho de Villefort! Como semelhante escândalo não devia transpirar, apenas o filho nasceu, o senhor de Villefort tomou-o nos braços, enrolou-lhe no pescoço os seus ligamentos naturais, para lhe impedir o choro, depois meteu-o num cofre, cobrindo-o com um lenço bordado da infeliz mãe, para lhe servir de mortalha, e, descendo uma escada secreta, pela qual se chega ao exterior de uma casa, foi enterrar o inocente junto de uma antiga árvore do

jardim. Neste momento, mão desconhecida feriu o peito do infanticida com dois golpes de punhal e roubou o cofre, julgando que encerrava algum tesouro.

"O assassino fugiu, mas quando ao abrir o cofre deparou com o menino que ainda dava sinais de vida, desembaraçou-lhe o pescoço, soprou-lhe ar nos pulmões e, envolvendo-o no lenço bordado do qual cortou um pedaço, foi entregar o recém-nascido no hospício da Caridade.

"É esta a história do teu nascimento — continuou Bertuccio — e quando compareceres na presença do teu juiz, lança-lhe em rosto o seu crime, que ele se convencerá, passando do orgulho à submissão, da tribuna de juiz ao banco de réu, e depois, o escândalo público que causarás com a tua voz, fará que se ponha uma pedra sobre os autos da tua acusação, e o teu protetor poderá aproveitar-se dessa circunstância para te livrar.

"Eu assim fiz — prosseguiu Benedetto — como sem dúvida o presenciei nas proximidades do dia 27 de Setembro, data do meu nascimento em 1817, e dali a um mês, o meu protetor cumpria a palavra e eu estava livre.

"Livre, senhor, porém com a condição de acompanhar meu pai que havia enlouquecido e me procurava cavando com uma enxada em toda a parte onde houvesse terra. Entrou-me na alma o dó por ver aquele desgraçado! Depois de ter sido procurador-régio e de haver gozado a reputação de homem probo e honrado, caído do alto do seu edifício gigantesco e orgulhoso sobre o banco dos réus! Felizmente, a sua loucura impediu o processo, e tanto ele como eu estávamos em plena liberdade. Confiscaram-lhe os bens e apenas lhe deixaram um pequeno rendimento para a sua triste subsistência.

"A pouco e pouco, meu pai foi voltando à razão. Ao fim de seis meses de convivência comigo, estava curado. Reconheceu-me e fez-se meu amigo, porém estava chegada a sua hora, porque Deus parecia tê-lo deixado viver só para me pedir perdão. Perdoei-lhe e recebi a sua bênção.

"— Meu filho — disse-me ele no seu último dia — sinto que vou morrer e só me pesa deixar este mundo sem pagar uma dívida

que tenho. É uma dívida de sangue e desespero, que eu quisera retribuir com uma usura infernal! Meu filho, eu fui criminoso e usei a máscara da hipocrisia, assim como todos os homens. Mas a vingança que sofri excedeu quanto me deviam e este excesso foi horrível! Esposa, filha, filho, reputação, tudo... A mão de um homem me arrancou sem piedade, sem consciência, para vingar-se de mim! Benedetto, fere esse homem, abate-o, fá-lo sofrer e chorar... Depois, quando o seu desespero for extremo, dize-lhe: Eu sou o filho de Villefort, castigo-te em seu nome, pela usura da tua terrível vingança! "— Diga-me, meu pai — bradei eu. — Onde está esse homem? "— Onde está... — murmurou meu pai, abanando tristemente a fronte cansada de sofrer. Depois, agarrando-me no braço e unindo-se comigo, disse-me em voz trêmula de medo e o olhar pasmado como pela aparição de um fantasma: — Interroga o espaço infinito, o mar e a terra... ele estará em toda a parte como um Deus poderoso ou um gênio infernal da fatalidade! Livra-te de que o seu olhar fixo e ardente pouse em ti um instante... Ficarias perdido e amaldiçoado para sempre! "— Mas o nome? — gritei eu com raiva, porque me parecia ouvir o eco desse nome grande e terrível! "— o seu nome? — repetiu o senhor de Villefort com um riso amargo e convulso. — Tem ele acaso um nome determinado e certo? Oh, ele muda de nome e de essência a toda a hora e todos os dias pelo poder da sua vontade formidável: o abade Busoni, lorde Wilmore, o conde de Monte Cristo...

"— Ah! — exclamei eu. — O conde de Monte Cristo...

"— Ou o abade Busoni, ou lorde Wilmore — tornou meu pai. — Quem sabe qual será agora o seu nome? O nome verdadeiro é Edmond Dantès! Meu filho, vinga-me e morre ou sê maldito no mundo!" Depois de uma prolongada pausa, Benedetto continuou: — O senhor de Villefort expirou nessa mesma noite, entregando-me o papel lacrado que os soldados me tiraram e que o senhor tem sem dúvida em seu poder.

— Porque não quis ler esse papel? — inquiriu o procurador-régio.

— Fiz a promessa a meu pai, por ele assim ter exigido, de não o abrir senão quando estivesse longe de França. Infelizmente,

fui preso antes de o ler... Porém, não hei de morrer sem conhecer o seu conteúdo, porque quando for chamado ao tribunal de justiça, pedirei que me mostrem esse papel.

Beauchamp estremeceu e teria reconhecido a palidez se não tivesse o rosto oculto na sombra.

— Aonde se dirigia quando foi preso? — Para fora de França, a fim de cumprir a minha missão.

— Qual? — O legado de meu pai: a vingança! Beauchamp levantou-se e passou, agitado, pelo gabinete, — envolvendo o rosto na capa. Momentos depois, parou, fazendo um gesto como de pessoa que tinha tomado uma resolução.

— Benedetto, parece-me mais desgraçado do que criminoso.

— Ah, sim! — exclamou Benedetto. — Sobre mim recai o peso de uma terrível fatalidade, a fatalidade do meu nascimento! A água do meu batismo foi o pranto de minha mãe e a minha palavra de unção foi a maldição de meu pai! Votado ao inferno se morresse e à miséria se escapasse, eis-me sempre errante, sempre fugitivo, sempre miserável! Senhor, hoje é a noite de 27 de Setembro, não é assim? Ouça...

E Benedetto contou pausadamente as badaladas dos sinos de uma igreja que anunciava meia-noite.

— Foi a hora em que eu nasci! Sucede-me sempre uma fatalidade neste dia. Hoje estou em seu poder! Dizendo isto, baixou a frente e cruzou os braços.

O procurador-régio limpou o suor que lhe escorria do rosto e deixou-se cair sobre uma cadeira, como se reconhecesse ali a vontade de Deus.

CAPÍTULO 3

A senhora Danglars

ERAM oito horas da manhã, quando uma carruagem sem libré, entrando na rua Coq-Heron, foi parar em frente da casa do procurador-régio, a cuja porta apareceu logo um velho porteiro.

— Abra, porque uma senhora não pode apear-se aqui na rua — disse o cocheiro.

O porteiro fez uma pequena objeção, pois ninguém costumava incomodar o procurador-régio àquela hora da manhã. Porém, a palavra senhora proferida pelo cocheiro, venceu os escrúpulos do velho e as suas mãos descarnadas abriram os batentes da grande e pesada porta.

A carruagem aproximou-se do vestíbulo e dela apeou-se uma senhora envolta num enorme xaile de pelo de camelo.

Depois de se fazer anunciar, foi introduzida no gabinete de trabalho do procurador-régio.

Decorridos vinte minutos, a porta abriu finalmente e apareceu Beauchamp.

— A senhora baronesa Danglars! — exclamou ele.

— É verdade, senhor procurador-régio. Desculpe-me o incômodo que lhe dou, mas um caso imprevisto...

— Mas sente-se, senhora baronesa — disse Beauchamp, oferecendo-lhe uma cadeira e fingindo não notar a sua agitação.

Houve um momento de silêncio, durante o qual a baronesa passou duas ou três vezes o lenço pelo rosto. Parecia reunir as forças necessárias para proferir o que tanto lhe custava.

— Senhor — disse ela enfim — a minha presença aqui não lhe deve ser estranha. Pelo amor de Deus, poupe-me a vergonha de uma confissão...

"Para lhe quebrar o orgulho, bastam aquelas palavras!" disse consigo Beauchamp. Depois em voz alta, acrescentou: — Sim, minha senhora, sem me importar saber o meio pelo qual está ao fato de um segredo apenas conhecido do senhor ministro da fazenda...

A baronesa fez um movimento e o magistrado sorriu.

— Estou pronto a adivinhar o motivo da sua visita — continuou ele. — Que quer que eu faça? — O senhor pode tudo! exclamou a baronesa com veemência. — Tudo pode, como magistrado e como amigo! — Duas circunstâncias bem difíceis de ligar perante a lei! — retorquiu Beauchamp.

— A minha tranquilidade e a minha honra, dependem do senhor neste momento — continuou a senhora Danglars. — Hoje venho pedir-lhe que me salve. Conte-me tudo! Beauchamp levantou-se, dirigiu-se para a sua secretária e, abrindo uma gaveta, retirou uma carta com sinete, mas já aberta; em seguida voltou para o seu lugar e dispôs-se a lê-la.

A baronesa ocultou o rosto com o lenço.

O magistrado começou: Benedetto Um juramento que eu de modo algum deveria violar, vai agora ser-te revelado. Não quero deixar-te no mundo sem que possas um dia beijar tua mãe, agradecendo-lhe as lágrimas que ela verteu sobre ti e o sofrimento que lhe causei com a minha imprudência! Se um dia a sorte a desligar do marido, vai então procurá-la e serve-lhe de amparo se ela viver na miséria e carecer de um peito amigo para encostar a fronte cansada pelo sofrimento. Lembra-te das minhas palavras e sabe que deves o ser à baronesa Danglars. Recebe a bênção de teu pai.

Villefort.

A baronesa soltou um grito e o magistrado ficou imóvel.

— O meu filho não conhece esse horrível segredo? — perguntou ela com voz trêmula. — Não, minha senhora. — Meu Deus, meu Deus, valei-me! — Basta minha senhora — disse Beauchamp — podem ouvir os seus gritos e julgarem que é a criminosa perante o juiz! — Que verei fazer para evitar o escândalo, ou antes, que tenciona fazer? — perguntou ela, assustada. — Para que havia de reviver o segredo daquele erro passado! — acrescentou com amargura.

— queria talvez que o inocente nunca houvesse surgido da cova, onde o enterraram vivo? Minha senhora, a terra não tem em si força para ocultar um crime dessa natureza! — retorquiu o magistrado, sem despregar a vista do rosto inflamado da senhora Danglars.

— Meu filho — murmurou ela — eu bem sabia que respiravas, mas as minhas lágrimas, os meus gritos, não puderam deter aquele homem! O crime não foi meu, perdoai-me! E o senhor — continuou a baronesa, voltando-se para Beauchamp — salve-o agora, ainda

que não seja por mim, que nada lhe mereço, seja pela memória do seu infeliz antecessor. Em nome do senhor de Villefort, salve-lhe o filho! — Minha senhora, respondo-lhe da mesma maneira que ele o teria feito: cumprirei o dever que a lei me impõe.

— Mas isso será terrível, porque esse papel aparecerá em juízo! — exclamou a baronesa.

— Evite o escândalo, saindo de França.

— E para onde irei, só, abandonada de todos? — exclamou impensadamente a senhora Danglars.

— Abandonada de todos! — repetiu Beauchamp admirado. — E o seu esposo e filha? — É necessário contar-lhe tudo! — gritou a baronesa com um indizível gesto de raiva. — O senhor é como todos os magistrados: frio, impassível, desapiedado! Pois bem, senhor, meu marido abandonou-me e minha filha fugiu! Estou só no mundo! Deixarei a França, partirei, mas, pelo amor de Deus, se para o senhor existe um Deus, sem ser a lei dos homens que lhe prescreve as palavras e as ações, salve o meu filho! Dizendo estas palavras, a senhora Danglars saiu precipitadamente do gabinete do procurador-régio e, saltando com ligeireza para a carruagem, dirigiu-se para sua casa, onde começou a arrumar joias e dinheiro numa mala de viagem com mãos trêmulas, e o seu corpo estremecia com um movimento convulso, proveniente talvez de um forte abalo de nervos. Via enfim desmoronar-se, pedra a pedra, todo o edifício que julgara poder resistir ao choque do raio. E o edifício sumia-se no pó, sem que ela o pudesse reedificar.

— Villefort! Villefort! — exclamou ela, levando as mãos aos cabelos e batendo o pé. — Aquele segredo nunca deveria ter saído dos teus lábios! Depois, enxugando as lágrimas que lhe caíam em fio, abriu as gavetas, escolheu pela sua mão a roupa necessária para uma viagem de poucos dias, com o firme propósito de sair repentinamente de Paris, onde parecia ter sido jurada a sua perda por algum inimigo desconhecido e poderoso, contra cujos golpes não era possível resistir. Para uma mulher como a senhora Danglars, adorada, vaidosa e rica, não era coisa insignificante o sair daquele centro, onde exercia o seu império, para se reduzir num país estranho às simples proporções de uma viajante desconhecida.

Tendo sido grosseiramente abandonada pelo marido, capitalista soberbo, que antes quisera evadir-se com os últimos fundos que já não lhe pertenciam do que declarar-se falido; ela, que possuía o mais elevado grau de orgulho, quis sustentar-se aos olhos do mundo com o esplendor que até ali a havia cercado, disfarçando o comportamento do barão: este projeto, que seria difícil de executar, porque os credores viriam então com a lei nas mãos penhorar as propriedades do senhor Danglars, foi auxiliado por um caso estranho. Dias depois da imprevista partida do barão, foram os seus compromissos satisfeitos em Paris, e a casa da senhora Danglars viu-se assim livre de um ônus terrível de cinco milhões de francos! Em Paris, toda a gente acreditou que o senhor Danglars havia partido para acompanhar Eugènie numa viagem de instrução. Porém, a demora dos viajantes já causava um certo rumor entre os que conheciam o caráter grosseiro de Danglars e a imaginação artisticamente exaltada da filha. Depois a repentina aparição de Benedetto, a carta escrita pelo antigo amante da senhora Danglars, a história daquele premeditado infanticídio, tudo concorria agora para obrigar a pobre baronesa ao mesmo passo do barão e da interessante filha.

Eugènie fugiu de Paris, porque não queria casar.

E a senhora Danglars ia também fugir, porque havia em Paris uma nuvem negra que lhe anunciava tempestade. O seu passado estava próximo a ser revelado e patente aos olhos ávidos do público, sempre curioso.

A baronesa já não chorava: com as faces pálidas, como era habitual, e o gesto seguro de quem havia deliberado seguir um pensamento, sentou-se à sua secretária marchetada de marfim, e dobrando rapidamente duas folhas de acetinado papel, dispôs-se a escrever duas cartas.

Com mão firme e letra rasgada começou a primeira, dirigida ao senhor Luciano Debray, seu antigo sócio do tempo em que jogava na alta e baixa de fundos, à custa do pobre barão Danglars, seu marido; mas, repentinamente, como se outro pensamento a detivesse, levantou a mão e encetou uma segunda carta dirigida a Benedetto.

É que a baronesa era mãe, antes de tudo o mais, e o sentimento da mãe transpira sempre sublime através de quantas paixões se tenham arraigado no peito da mulher.

Momentos depois estava esta carta completa, e a baronesa passou-a pelos olhos, que pela segunda vez se lhe umedeceram, Está abandonado ao poder da justiça, pobre e miserável, sem outro recurso mais do que a sua própria eloquência para alcançar a liberdade, se o seu juiz puder comover-se com a exposição franca da fatalidade que parece oprimi-lo desde o seu nascimento. Não sei qual será o seu destino: todavia, tudo espero de Deus e tenho fé na sua infinita bondade. Agora permita que seja posta à sua disposição uma pequena quantia, que poderá servir para minorar-lhe o rigor dos carcereiros, e acredite que, longe de ser uma esmola humilhante que se lhe oferece, é uma dádiva a que o dever obriga uma pessoa a quem é caro.

Acabando de ler, a baronesa abriu a sua carteira e escolheu três notas do Banco no valor de sessenta mil francos, as quais fechou dentro da carta; depois lacrou-a, escrevendo-lhe o nome "Benedetto" e envolveu-a noutro sobrescrito, onde escreveu: "Ao senhor procurador-régio." A senhora Danglars descansou um momento, e quando sentiu que as lágrimas tornavam a secar e que o seu espírito retomava o sossego próprio para a deixar proceder naquele projeto de fuga, pegou na pena e recomeçou a carta para Luciano Debray.

Era a este homem que a senhora Danglars declarava a sua partida, rogando-lhe que se encarregasse de fazer vigiar a sua casa em Paris, até que ela tornasse a escrever-lhe.

Quando acabou, aproximou-se da janela que dava para o pátio e ali se demorou um instante, até que, vendo alguém, lhe fez sinal com a mão para que subisse pela mesma escada que Luciano Debray utilizava para se introduzir ali.

Vestido com uma blusa de riscas, calça vermelha e botas de cocheiro, parecia indeciso no limiar da porta.

— Assim, senhora baronesa? — murmurou ele.

— Entre, pois preciso falar-lhe.

O cocheiro entrou, notando com espanto que a baronesa fechava cautelosamente a porta da escada.

— Quando entrou para o meu serviço tomei-o por ser um homem inteligente e discreto.

— Sem isso nunca seria eu bom cocheiro.

— Pois bem, trata-se de um extenso passeio semelhante a uma viagem: estrada sempre corrida, países diferentes.

— Compreendo, senhora baronesa — atalhou o cocheiro, abanando a cabeça com ar de quem percebe tudo quanto se lhe está expondo em meias palavras.

— Muito bem.

— Fui eu que recomendei o cocheiro que teve a honra de conduzir o senhor barão; era um colega meu, rapaz de tino.

— Pode recomendar outro? — Irei eu, senhora baronesa, pois tanto se me dá estar aqui como ali.

Estará pronto amanhã? — Hoje mesmo.

— Então prepare uma carruagem com bons cavalos e deixe-a num lugar afastado, porque sairemos daqui no meu trem habitual. A minha bagagem está ali.

O cocheiro olhou para uma pequena mala de couro e fez um gesto de compreensão.

— Depois, estrada de Bruxelas, Liège, Aix-la-Chapelle...

— Muito bem, estará tudo pronto, senhora baronesa. Quanto aos cavalos, irão os russos, que são valentes e possantes.

— Aqui tem dinheiro. Agora seja discreto.

O cocheiro recebeu uma coisa das mãos da baronesa e retirou-se muito satisfeito. No dia seguinte, a senhora Danglars subia a sua carruagem, que a esperava no pátio; e, por um acaso singular, descera a mesma escada pela qual um ano antes tinham descido a menina Eugènie e a sua amiga Luísa de Armilly.

CAPÍTULO 4

Os sessenta mil francos de Benedetto

Luciano Debray leu com satisfação a carta da senhora Danglars, na qual ela lhe anunciava a sua pronta saída de França.

As estreitas relações que prendiam Luciano Debray à baronesa e que noutro tempo muito úteis tinham sido ao secretário particular de um ministro de Estado com vinte mil libras de renda, não convinham agora ao ministro de Estado com os seus enormes vencimentos e com toda a representação deste eminente cargo. Visto que a senhora Danglars estava numa posição difícil e posto que o mundo a ignorasse, Luciano Debray conhecia-a muito bem para que julgasse coisa possível a conservação da máscara, portanto, respirou profundamente ao finalizar a leitura da carta, como se despertasse de um sonho enfadonho.

"Estas famílias que vêm não se sabe donde, com as suas improvisadas riquezas, parecem-se com os atores que representam no teatro pelo espaço de algumas horas o papel de grandes personagens. Por fim, cai o pano, e voltam ao que são... ao nada. Ninguém mais os vê! O senhor barão Danglars era desses." Enquanto Luciano Debray fazia estas reflexões, mandava trazer à sua presença o pobre réu Benedetto. O magistrado estava no seu gabinete do tribunal de justiça, onde foi introduzido o filho de Villefort, o qual viu a porta fechar-se apenas entrou, e encontrando-se em frente do procurador-régio.

— Aproxime-se, Benedetto. Tenho em meu poder uma carta que lhe deve ser entregue. Suspeita de quem seja? — Não, senhor. Quem há neste mundo que me conheça e me escreva? — Veja bem! Se tem conhecimento com alguém que tivesse sido seu cúmplice em qualquer momento da sua vida, não o oculte! A carta está aqui, conhece ao menos a letra do sobrescrito? — Nunca a vi senão agora, mas a carta está aberta e deve saber o que ela contém.

— Palavras e sessenta mil francos.

— Por piedade, senhor! — suplicou Benedetto, batendo com as mãos e empalidecendo.

— Não me disse que quando estava na Force, um protetor desconhecido lhe mandava algum dinheiro? — Oh, sem dúvida! Mas desde então nunca mais me procurou, e Bertuccio, que era o

portador do seu dinheiro e dos seus conselhos, saiu de França há muito tempo.

— Sabe que é proibido a qualquer preso ter em seu poder uma soma tão avultada? — Sei, sim, senhor — respondeu Benedetto, suspirando.

— Se a tivesse, em que a empregava? — Comprava um fato e não teria privações na cadeia, reservando uma parte para a minha viagem, visto ter-me dito que seria degredado.

O magistrado ficou um momento pensativo, depois tornou: — E dizia aos seus companheiros que possuía esse dinheiro? — Nem pensar nisso! Cosia-o no forro da minha blusa e quem poderia vê-lo então? Dizer que tinha dinheiro seria o mesmo que reparti-lo pelos meus esfaimados amigos da Cova dos Leões, os quais não têm as virtudes de Rafael.

Os olhos de Benedetto brilhavam como dois carbúnculos expostos aos raios de sol e o suor corria-lhe em bagas pela fronte.

O magistrado pegou então a carta e entregou-a a Benedetto, dizendo: — Leia.

O rapaz de boa vontade dispensaria a leitura para empregar a vista no exame dos papéis que valiam sessenta mil francos e que lhe asseguravam um raio de esperança no centro da sua extrema miséria; todavia, conformou-se com a vontade de Beauchamp e leu a carta.

— Oh! — exclamou ele. — Reconheço aqui um desses gênios benignos que se ocupavam em destruir as obras daquelas más fadas, de que fala Perrault! Mas... os sessenta mil francos, senhor?

— Benedetto, sessenta mil francos podem ser considerados uma riqueza para um homem que está na sua posição.

— Decerto, senhor.

— Pois bem — continuou o magistrado — não se deixe possuir de exaltação, e agradecendo com humildade o auxílio que o céu parece mandar-lhe, comporte-se de modo que lhe mereça a proteção até o fim da sua existência.

— Sim, senhor! — murmurou Benedetto, suspirando e lançando um olhar oblíquo para as notas do banco que o procurador tinha na mão.

— Sabe que eu estava no direito de privá-lo da posse dessa grande quantia? Sim, senhor.

— Reconheço que procedo contra um artigo do regime das cadeias, entregando-lhe este dinheiro. Imagine quanto me arrependeria de fazer o que faço, se o visse cometer uma imprudência.

— Serei prudente como Ulisses.

— Benedetto, deseja agradecer-me de algum modo o benefício que lhe faço?

— De todos os modos, meu senhor.

— Pois bem, seja prudente, que ficarei assim muito satisfeito. Aliás, se pela sua indiscrição, eu tiver de arrepender-me, acredite que em vez de um simples degredo, promover-lhe-ei o castigo da grilheta e será remetido para Toulon.

— Por piedade, senhor, isso nunca! — Bem, aqui está o seu dinheiro, e tenha muito juízo.

Dizendo isto, o procurador-régio entregou o dinheiro a Benedetto, o qual imediatamente o guardou na algibeira; depois fez soar a campainha, a cujo sinal apareceu o agente da polícia.

— Leve o réu! — ordenou o magistrado.

Beauchamp suspirou profundamente, apenas Benedetto saiu, e levantou-se muito convencido de haver praticado uma boa ação, entregando-lhe o socorro que a mãe lhe enviava.

"Sim, mas aquele miserável irá perder-se ainda mais!" pensou o procurador. "Começará por subornar alguns guardas, depois assassinará o primeiro em que houver depositado confiança. Finalmente, chegará até ao conde de Monte Cristo e cairá com ele para sempre! Sim, abalado o colosso, deve esmagar na sua queda o pigmeu que lhe arruinou os alicerces. Vamos, a justiça de Deus é mais perfeita do que a dos homens e os seus decretos menos incompreensíveis! A minha consciência ficou tranquila." Benedetto caminhando no centro da sua escolta, com os braços cruzados sobre o peito como para defender o seu tesouro, que levava ali escondido, chegou à cadeia da Force, onde ficou entregue aos seus pensamentos de liberdade e de vingança.

Havia já um mês que o infeliz ali estava e ainda conservava intactas as notas do Banco, temendo até em lhes tocar, com receio de que aqueles frágeis pedaços de papel se desfizessem ao contato dos seus dedos. Todos os dias formava um novo plano de fuga, e todas as noites esse plano se desfazia com o encontro de uma dificuldade material. Todavia, era-lhe necessário obter a liberdade! A voz do pai moribundo, pedindo-lhe que castigasse o excesso de uma vingança atroz, desapiadada, monstruosa, ecoava-lhe ainda nos ouvidos, despertando nas paredes do sombrio cárcere um som lúgubre, pavoroso! Muitas vezes, Benedetto erguia-se enraivecido como a fera quando vê diante de si a figura do homem que a martiriza: recuava cheio de assombro, e logo tornava a avançar com os punhos cerrados, o olhar chamejante, e a voz rouquenha, bradando: — Edmond Dantès! Onde estás tu, homem ou demônio, que destruístes uma família inteira, até ao último dos seus filhos, que era uma criança de oito anos apenas! Maldito, que me elevaste das sombras e das trevas para me fazeres conhecer como brilhava o sol e que logo me arremessaste no abismo, rindo da minha queda e zombando do meu espanto! Traidor e hipócrita, que usaste da palavra de Deus para aniquilar os que eram felizes, envolvendo na tua vingança o justo com o criminoso! Para te vingares de um homem carecias da vida de uma virgem, de um inocente, de dois pobres velhos?... Por grande e poderoso que sejas, o filho de Villefort há de alcançar-te, e sentirás com assombro o seu passo atrevido e tremerás então no apogeu da tua felicidade! Escuta este juramento, proferido aqui entre as paredes de um cárcere, no silêncio e nas trevas da noite, por um malvado que subiu todos os degraus do crime, desde o de falsário até ao de ladrão e assassino! Tu reconhecerás quanto foi impotente o poder que te arrogaste! quando viu que se completavam três meses de prisão sem que o enviassem a cumprir sentença, resolveu começar a pôr em prática o seu plano de fuga. Certificou-se de que os seus sessenta mil francos estavam ainda como os havia recebido e, sem se importar conhecer donde lhe tinham vindo, embrulhou-os num lenço que amarrou em volta da cintura.

"Bem, o meu processo é simples", disse ele falando consigo e como se já estivesse fora dos muros da prisão. "Com este dinheiro vencem-se pequenas dificuldades, e conseguirei sair de França. Agora, vejamos se sou tão pouco jeitoso que não saiba desfazer-me de um homem! Talvez já esteja esquecido de como isso se faz; entretanto, experimentemos com unhas e dentes esta pequena tarefa." O assassino estendeu os braços, abriu e fechou muitas vezes as mãos como a exercitar os músculos, depois deu três ou quatro pulos sobre as lajes e, convencido da sua agilidade, apesar do frio e da fome que passara durante esses três meses, foi sentar-se a um canto do cárcere. Em seguida, descalçando um sapato, tirou-lhe de dentro uma lâmina de aço, sem cabo, que fora cuidadosamente afiada. Quando Benedetto sentiu passos aproximarem-se do cárcere, não pôde deixar de estremecer, pensando que o mais pequeno ruído atrairia os guardas ali, ficando ele impossibilitado deste modo de aproveitar os seus sessenta mil francos no plano que premeditava. Fazendo um grande esforço para dissimular a agitação, esperou a sua vítima.

Era noite, e o carcereiro vinha, como de costume, fazer a sua ronda noturna e acender um pequeno lampião.

— Boas-noites, Benedetto — disse-lhe o guarda, pois já o conhecia de outra vez que ele estivera ali encarcerado.

Sabes que está para sair navio e desta feita lá vais tu viajar! Toma conta, meu rapaz, não sejas altivo com os teus guardas, pois acredita que ainda poderás vir a ser feliz.

— Com que então parece-te que vou viajar, meu amigo? — perguntou Benedetto, pondo-lhe a mão no ombro. — Nesse caso, quero deixar-te alguma coisa para que te lembres de mim.

— Sim, deixa-me os teus chinelos — disse o guarda, sorrindo. — Mas vê lá não te façam falta, pois podes ter frio nos pés.

— Parece-me que posso deixar-te mais que os chinelos — retorquiu Benedetto com ar de repreensão. — Por exemplo, alguma coisa que faça a tua felicidade, meu velho! — Ah! Ah! Aí estás tu com ela ferrada! Certamente não voltas à mania de te intitulares príncipe de Cavalcanti! A estas palavras, Benedetto deu um salto como sentindo a picada de uma víbora, fulo de raiva.

— Que é isso? — perguntou o carcereiro, voltando-se rapidamente para ele e franzindo os sobrolhos.

Benedetto acalmou imediatamente e sorriu para tranquilizar o guarda.

— É uma dor que me costuma dar — disse ele — mas, voltando ao assunto. Dize-me cá, o que darias tu ao diabo para que ele te fizesse senhor de vinte mil francos? — Vinte mil francos! exclamou o carcereiro, deixando cair o braço com que se dispunha a acender o lampião. — O modo como falas em vinte mil francos, dá-me vontade de rir! — Vinte e cinco mil, desgraçado! Toma bem sentido, não digo vinte, mas vinte e cinco mil francos.

— Agora acrescentas mais cinco. Vamos, deixa-te de piadas, isso seria a fortuna de qualquer de nós! — De qualquer de nós — exclamou Benedetto, fazendo um gesto de tédio. — Eu possuo muito mais e não me considero feliz.

— Possuis muito mais? Então estás doido, rapaz! — Se queres ver, anda cá. Mas certifica-te de que não nos espreitem do corredor e fecha a porta.

O carcereiro picado de curiosidade pelas palavras de Benedetto, fechou a porta, avançou para ele e soltou um pequeno grito de espanto ao ver o dinheiro nas mãos do preso.

— Sessenta mil francos! — exclamou ele. Benedetto guardou o dinheiro com toda a calma e perguntou: — Queres metade? — Eu... que queres tu que eu faça? — Que me ponhas fora daqui.

— Isso é impossível! — Dou-te mais dez mil francos e ficarás com os teus quarenta mil.

— Oh! — Vamos, cinquenta mil...

— Rapaz, estás a tentar-me! Como arranjaste este dinheiro? Roubado, hem? Pouco te deve importar se foi roubado ou não! Cinquenta mil francos valem um pequeno sacrifício.

— Mas como será isso arranjado? No fim deste corredor fica a porta que dá para o pátio, é verdade, mas as sentinelas tanto daqui como do pátio, não deixam sair ninguém sem que lhes mostre o passe! — Vende-o a mim.

— E eu... ficaria no teu lugar? — Dize que o perdeste.

— Isso não é admitido aqui! — respondeu o carcereiro.

— Então há outro meio — disse Benedetto.

Amarro-te, deito-te no chão e fujo com o teu passe, ficando tu com os cinquenta mil francos. Verão que lutaste e que perdeste a partida. Esta proposta pareceu satisfazer o carcereiro, que estava disposto a aceitar.

— Vamos, meu velho, avia-te, pois não tenho tempo a perder.

— Diabo! — murmurou o guarda. — Venha o dinheiro, rapaz, mas será a conta redonda, os sessenta mil francos! — continuou ele com o olhar inflamado de cobiça.

— Está bem — respondeu Benedetto. — Era para isso mesmo que eu os destinava.

— Ah, ladrão! Querias ficar com o resto, hem? — disse o carcereiro, recebendo o dinheiro e dando em troca uma chapinha de metal com uma letra aberta.

Aproximaram-se da luz, com as costas voltadas um para o outro, examinando escrupulosamente os seus tesouros; e de repente, por um movimento uniforme, ambos se acharam cara a cara, talvez movidos pelo mesmo pensamento.

— E se as notas forem falsas? — Isso pensava eu agora mesmo a respeito da chapinha, que tu dizes ser o passe.

— Fico por ela.

— Acredita que não te engano, imbecil. Vamos à obra! 'Com escúpulo, o carcereiro guardou o dinheiro, olhando sempre para os movimentos de Benedetto, o qual se preparava para rodear-lhe o corpo com a corda do lampião: porém, no momento em que ia passar-lhe a primeira volta, o guarda fez um movimento como se fosse coçar as costas, e de repente tirou um punhal cuja lâmina brilhou aos olhos de Benedetto.

— Para trás! — bradou ele.

— Eu já esperava isso, meu velhaco, e verás que vais pagá-lo! No mesmo instante, dando um salto de tigre, lançou-se sobre o carcereiro, o qual, no momento em que ia gritar por socorro, sentiu a voz cortada na garganta pela ponta de uma lâmina. O guarda caiu imediatamente nos paroxismos da morte.

Benedetto apanhou o dinheiro, embrulhou-o na capa do carcereiro, pôs o chapéu bem enterrado na cabeça e, abrindo a porta, saiu para o corredor. Quando se aproximou da sentinela, mostrou o passe e passou adiante, sucedendo o mesmo à saída do edifício.

E ei-lo em liberdade!

CAPÍTULO 5

A sepultura

ASSIM que se viu na rua, faltou-lhe o sangue-frio e a firmeza com que desempenhara o seu projeto de fuga. Foi então que o sangue se lhe agitou nas veias, parecendo-lhe ouvir os gritos agonizantes do carcereiro. A sua própria sombra o assustou, e, não podendo vencer o medo, desatou a correr como se no seu encalço fossem quantos soldados compunham a guarda da Force. Meia hora depois, estando já longe da cadeia, parou para respirar e olhou em volta de si, como se procurasse orientar-se, dizendo: — Agora estou livre. O mundo é grande, e se o conde de Monte Cristo não morreu, hei de encontrá-lo! Porém, sessenta mil francos não me chegam para o que preciso. Enfim, tenho de pensar como poderei aumentar o meu capital, mas por agora vamos arranjar pousada.

Lembrando-se então de uma daquelas baiúcas que abundam em Paris, onde nunca falta um taberneiro pouco escrupuloso que recebe a qualquer hora da noite a pessoa que lhe bata à porta, Benedetto um pouco mais sossegado da agitação do medo, dirigiu-se para um dos mais imundos bairros e, ajudado pelo espesso nevoeiro que pairava sobre Paris, chegou, sem qualquer encontro com a ronda, à porta da pousada, na qual bateu, dando em seguida um pequeno grito semelhante ao piar da coruja.

O dono da pousada, ouvindo aquele sinal, abriu a porta sem receio.

— Olá, meu rapaz! Podes entrar.

— Boa-noite.

— Queres cama, não é verdade? Estão todas ocupadas — disse o dono da pousada designando com o braço o comprido e úmido dormitório, no qual se espalhavam os raios avermelhados e frouxos de uma lanterna, colocada num buraco do muro, cuja fumarada infecta tornava a atmosfera mortífera.

— Não importa — respondeu Benedetto — dormirei aí para um canto e amanhã, ou antes, agora mesmo, temos de falar.

O assassino disse estas palavras com tanta confiança e num tom de tal mistério, que despertou a curiosidade do seu interlocutor.

— Então o que é? — perguntou ele com um amável mas horrendo sorriso, endireitando o corpo.

— Subamos para o teu ninho — tornou Benedetto, olhando para o sítio onde estava a cama do proprietário.

— O quê!? Ali só eu, meu rapaz, é contra os estatutos da casa! — Porém, quando se trata de um negócio que rende...

— Ah! O caso então muda de figura. Podes subir. Dizendo isto, começou a subir a escada seguido de Benedetto.

— Então de que se trata? — perguntou o velho, sentando-se na borda da cama e apalpando o cinto para se convencer de que tinha ali uma razão positiva com que desfizesse qualquer ato de violência.

Benedetto também apalpou os rins e pareceu tão satisfeito como o dono da pousada.

— Amanhã, quando sair daqui, preciso de um fato mais próprio de uma pessoa de distinção, entendes? Terei de cortar o cabelo e fazer a barba.

— Compreendo. Precisas sair daqui de modo que não te reconheçam. Quanto ao cabelo e à barba, isso arranjo-te eu, mas a respeito de fato, tens de te contentar com o que tiver ali a minha vizinha, a qual possui um belo estabelecimento. É mulher de confiança e respondo por ela. Mas a respeito de dinheiro? — Amanhã aparecerá, meu bicho velho! — respondeu Benedetto. — Espero o meu banqueiro.

— Desde já te previno de que levo a minha comissão.

— Serei generoso.

— Bem, bem! Se queres bebe um gole de aguardente, pois o frio aperta e só agora vejo que estás malhado! — Venha de lá esse escalda ratos! — disse Benedetto, estendendo a mão a fim de pegar numa xícara quebrada cheia de aguardente ordinária, que o velho lhe apresentava.

— Agora desce e acomoda-te como puderes. Já se sabe que não me responsabilizo por perdas e danos. Cada qual guarda o que pode, porque é essa a lei da casa.

— Estás doido?! — exclamou Benedetto. — Importa que eu não seja visto lá em baixo! — Então pagarás a dobrar! — Já te disse que serei generoso.

— Bem, bebe mais uma pinga e dorme.

O velho atirou-se para cima da enxerga e cobriu com o seu cobertor, ao passo que Benedetto se deitava sobre as tábuas, com os braços cruzados sobre o peito. Porém nenhum deles dormiu naquela noite.

Benedetto, porque temia alguma especulação do velho, e este porque receava o mesmo ao seu improvisado companheiro de quarto.

Logo que amanheceu, os fregueses da miserável pousada foram saindo, e o seu proprietário correu à casa da sua vizinha Adele a fim de escolher o traje para Benedetto.

— Aqui tens o fato, meu rapaz, e agora vamos a contas! — disse-lhe o velho hospedeiro, dispondo-se a mencionar-lhe a importância.

O ajuste fez-se depois de pequena discussão. Em seguida, Benedetto, decentemente vestido, com o cabelo cortado e a barba feita, esperou ocasião oportuna de sair de casa, na firme convicção de que não seria possível reconhecerem-no pelo assassino do velho carcereiro da Force. O dono da reles baiuca era o primeiro a fazer-lhe crer que, se ele o não tivesse visto metamorfosear-se ali mesmo, por certo que não poderia reconhecê-lo então! Benedetto parecia um honrado burguês, em cuja fisionomia não era possível notar-se a menor sombra de uma má ação. Durante o dia andou a tratar do seu passaporte, inculcando-se como estudante de arqueologia universal, que desejava ir estudar o passado naquelas grandes páginas que se acham dispersas em diferentes pontos da terra, e que se chamam ruínas; porém, chegada a noite, a sua fisionomia, retomando o aspecto que lhe era tão comum, o ar incompreensível de raiva melancólica e atrevimento, tornava às suas proporções de facínora.

Atravessando com placidez toda a cidade, chegou ao cemitério do Père-Lachaise; depois, rodeando o muro com precaução, procurou um ponto acessível de transpor. Porém, o seu trabalho foi inútil, pois reconheceu que lhe não restava outro meio para se introduzir ali, senão comprar a troco de alguns francos a consciência do guarda. Revestindo-se de toda a sua firmeza, chegou à grade de ferro e bateu.

— Quem está aí? — perguntou a voz trêmula que saía de uma pequena casa edificada ao lado da grade.

— Amigo, abra sem receio — disse Benedetto.

Por um acaso singular e contra todas as esperanças, o guarda, saindo de casa, caminhou para a grade de um modo que parecia ir obedecer prontamente à determinação intimada.

Desculpe, senhor, se me demorei mais do que devia, mas pensava que não voltasse mais aqui.

Benedetto ficou estupefato e, reconhecendo imediatamente que havia ali um equívoco, tratou de esconder o rosto na dobra da capa.

— Vem naturalmente ressuscitar mais alguém — continuou o guarda — visto que, se não é um anjo, possui sem dúvida o segredo que deu vida a Lázaro! Estou às suas ordens, meu senhor.

"Ah!" pensou Benedetto. "Isto é singular, e se eu não tivesse a certeza de hoje só ter bebido meia garrafa..." — Quer que o acompanhe? — perguntou o guarda. — Não — respondeu Benedetto.

— Então, vou buscar-lhe a minha lanterna.

Dizendo isto, o guarda dispunha-se a voltar, mas deteve-se para acrescentar com modo obsequioso: Ainda me lembro da sua última visita e, para lhe provar o que digo, farei tudo como então determinou. Tenciona descer ao túmulo das famílias de Saint-Méran e Villefort? A estas palavras, Benedetto estremeceu. Porém, reconhecendo que era necessário responder alguma coisa, disse-lhe: — Sim.

— Pois bem, senhor Wilmore — tornou o guarda — eu vou lá colocar a minha lanterna e pode descer quando quiser.

Em seguida saiu e encaminhou-se na direção aos túmulos.

— Wilmore — murmurou Benedetto, como se sentisse a picada de uma víbora. — Será isto um sonho? O inglês que me salvou da grilheta de Toulon! Edmond Dantès, agora me recordo de que este nome designava a mesma pessoa. Edmond Dantès, o assassino de meu pai e de meus inocentes irmãos. Maldito! E quando eu aqui vinha com o pensamento de fortalecer a ideia de vingança que jurei a meu pai moribundo, vem o teu nome soar aos meus ouvidos como repetido pelo eco da sepultura, onde repousam as tuas vítimas! São os finados erguendo a voz contra os seus algozes. É aquele inocente de nove anos envenenado por tua causa, que repete o nome do seu desapiedado e sanguinolento verdugo. Edmond Dantès! Depois deste momento de exaltação, Benedetto voltou ao seu estado habitual de firmeza e sossego.

"Já aqui veio um homem que desceu ao jazigo de Saint-Méran e de Villefort", pensou ele, "e esse homem era Edmond Dantès. Vieste acaso ressuscitar as tuas vítimas, como disse o guarda quando te supôs um anjo? Compreendo, vieste cravar a vista maldita nos corpos inanimados das tuas vítimas".

Depois destas reflexões, Benedetto seguiu pelo cemitério e, posto que desconhecesse a situação do túmulo de seu pai, facilmente o distinguiu guiado pelo reflexo da lanterna do guarda colocada sobre um dos degraus. A luz, projetando-se pelo chão úmido e barrento, formava uma figura oblonga e movediça, semelhante a um fantasma de fogo, no meio dos túmulos de mármore.

A pequena distância distinguia-se o vulto do guarda, o qual parecia esperar as últimas ordens de Wilmore. Benedetto tirou uma bolsa da algibeira e caminhou para ele, fazendo tinir o dinheiro.

— Perdão, excelentíssimo! — murmurou o guarda, recusando. — Eu antes quisera que o senhor me brindasse do mesmo modo que da primeira vez, isto é, deixando a bolsa ao lado da minha lanterna, quando saísse do túmulo. Eu tremo, apesar de ver o que pode me acontecer se descobrirem um guarda como eu deixá-lo entrar e ajudá-lo, mas há qualquer coisa de solene e terrível no senhor que me faz gelar! Desculpe a minha fraqueza! Acostumado a

viver aqui entre os mortos, tremo do senhor e não deles, porque nem eles nem nenhum ser vivente, faz o que o senhor tem feito.

Benedetto fez então um sinal para que ele se retirasse; depois, ao vê-lo afastar-se, dirigiu-se para a porta de ferro do jazigo. Ali encontrou uma enxada e viu a terra já revolvida, pensando ser obra do guarda, o qual parecia conhecer muito bem a vontade do misterioso Wilmore. Tirando do bolso uma gazua, introduziu a extremidade na fechadura da porta, fez saltar a tranqueta, recuando logo um passo e levando a mão ao nariz para evitar o vapor infecto que saía.

A porta girou sem dificuldade, em consequência da terra ter sido cavada naquele sítio. Benedetto pegou na lanterna e avançou para a escada que conduzia ao interior do jazigo.

Ladrão atrevido, assassino audaz como era, tremeu então de terror pelo silêncio sinistro que lhe infundia aquela sombra solene do asilo de morte. Por momentos vacilou e sentiu os joelhos se dobrarem, mas, fazendo um esforço para vencer aquele terror, soltou uma risada ímpia e disse como para se animar com o eco da sua voz: — Que é isto? Edmond Dantès será mais forte do que eu? Quando ele, que foi quem arrojou a este sepulcro os cadáveres que ali repousam não tremeu de penetrar no centro deles, não terei eu o ânimo necessário para descer? Vamos, a esta hora, quem sabe se ele não veio aqui e, afastando a sombra com o seu braço rutilante, desceu ousadamente esta escada de mármore.

Dizendo isto, Benedetto desceu os degraus e achou-se no interior do jazigo, cujo pavimento não tinha mais de trinta palmos quadrados: dos lados havia banquetas de mármore, das quais oito estavam ocupadas com caixões de chumbo. Benedetto pousou a lanterna, e tirando do bolso outro ferro mais comprido do que a gazua e com duas unhas semelhantes às de uma cabra, dirigiu-se para os caixões.

— Marquês de Saint-Méran — disse ele, lendo o nome escrito com tinta branca sobre o caixão. Era o sogro de meu pai pelo seu primeiro casamento. Velho fidalgo, cheio de preconceitos da sua nobre raça, deve ter o cadáver adornado com todos os arrebiques da sua jerarquia.

Em seguida aplicou a alavanca ao caixão e fez-lhe saltar a tampa. Com efeito, o mirrado esqueleto revestido com um riquíssimo uniforme, tinha sobre o peito diferentes insígnias e cruces de valor. Benedetto apoderou-se delas e fechou o caixão, depois aproximou-se de outro onde se lia senhora de Saint-Méran e abriu-o do mesmo modo, murmurando: Aqui a temos também ataviada com riqueza para este sono obscuro e eterno. Última prova de loucura que a criatura apresenta no mundo e pela qual se conhece todo o seu orgulho e vaidade! As joias que adornavam os dedos e o peito do cadáver estavam já em poder de Benedetto, o qual se dirigiu em seguida para o terceiro caixão a fim de o roubar também. Este era o da senhora de Villefort.

Depois de um momento de hesitação, parou em frente do quarto caixão e murmurou: — Valentine de Villefort, virgem singela como a flor dos campos, tu não tens o teu cadáver revestido de outras joias que não seja o prestígio santo da pureza e inocência que a tua alma lhe deixou.

Aproximando-se do seguinte, continuou em voz rouca: — Também tu, Eduardo, criança de nove primaveras, aniquilada como sua mãe, pelo excesso de uma vingança implacável! Mas serás vingado, meu irmão! Avançando mais uns passos, o miserável fez saltar a tampa de outro caixão de madeira mais pobre e singelo do que os outros, onde se encontrava um cadáver amortalhado num lençol branco, prossequindo: — E tu, meu pai, ainda se vê na tua fronte o cunho de sofrimento espantoso de quem viu cair em volta de si, uma a uma, todas as suas mais caras afeições. Esposa, filho e filha, como as flores arrancadas pelo tufão! Os teus lábios ainda me parecem murmurar o último desejo, depois da longa narração da tua vida, na mesma noite em que recebi o teu derradeiro suspiro. A tua vontade será executada! — E Benedetto, tirando do bolso o seu fino punhal, decepou com um golpe a mirrada mão do cadáver de seu pai e guardou-a juntamente com o punhal, exclamando: — Já que em vida não castigaste o autor desta vingança horrorosa, a mão do finado baterá na face de Edmond Dantès!

Em seguida, fechando o caixão, murmurou: — Adeus pela última vez! Filho deserdado e obscuro, herdeiro desconhecido de

uma família poderosa, desci ao jazigo para obter a minha única herança fora do alcance das leis humanas. Precária e triste, todavia dar-me-á a possibilidade de caminhar aonde me guia a mão do finado!

Dizendo isto, pegou a lanterna e subiu rapidamente a pequena escada. Quem então o observasse, surgindo pálido e agitado do centro de um túmulo, julgá-lo-ia o finado impelido por uma paixão poderosa, que não tinha podido morrer com ela, voltando à superfície da terra e deixando atrás de si o mistério do sepulcro.

Benedetto estacou e, respirando profundamente, limpou o suor frio que lhe banhava a fronte. Colocou a lanterna nos degraus exteriores e riu com o seu riso diabólico de assassino.

— Lorde Wilmore! — exclamou ele. — Dentro em breve há de vir aqui quem te acuse desta profanação!

Com efeito, quando o guarda voltou para recolher a sua lanterna e guardar a bolsa do dinheiro, inutilmente a procurou, murmurando: — Bem mal fiz eu em não a ter aceitado. Wilmore aproveitou bem o meu receio, enganando-me!

No dia seguinte, vendo que o túmulo ficara aberto e os caixões arrombados, jurou que Wilmore não passava de um ladrão e que o faria prender na primeira oportunidade.

CAPÍTULO 6

A caixa do Teatro Argentino em Roma

No princípio de janeiro de 1833, duas jovens amigas, tendo acabado os seus estudos de música principiados em Paris e coroados por um exame público na Academia Italiana, preparavam-se em Roma para encetar a carreira artística de Talma, fazendo a sua estreia na cidade de Roma, no belo Teatro Argentino.

Luísa e Eugénie de Armilly, desde a mais tenra idade, tinham seguido o único pensamento de um futuro de independência como o

que sonha o gênio, além do círculo estreito das nossas paixões e preconceitos.

Havia muito tempo que Eugènie, juntando a sua voz sonora e expressiva aos sons do piano de Luísa, passava dias inteiros num gabinete de estudo, cujas portas, cuidadosamente fechadas, impediam que alguém fosse profanar aquele pequeno santuário, onde o gênio ensaiava as suas asas para o voo gigantesco que premeditava.

A sociedade da família de Eugènie em Paris, apesar de ser uma das mais abastadas e escolhidas, não tinha podido apresentar objeto algum que prendesse o espírito da exaltada cantora. Luísa, depois de ter sido a sua mestra, era agora a sua única amiga, companheira e irmã de glória, de trabalho e de fortuna. Foi Luísa quem recebeu o voto da profissão de Eugènie no novo culto, depois de a haver iniciado em todos os seus sublimes mistérios; e Eugènie, professando com aquela abnegação profunda e verdadeira de todo o sentimento, próprias das grandes almas, abandonou e desprezou quanto, para uma rapariga da sua idade, pode haver de belo e de agradável, isto é, pai, mãe, honras, riquezas e adulação, para entrar com ardor e respeito nessa grande família, cujo chefe foi elevado pelos homens ao lugar de semideus e se chama Apolo.

Depois duma pequena viagem artística, em que admiraram Milão, Gênova e Veneza, a música era o único passatempo das duas amigas, que davam pequenos concertos, o que elas faziam simplesmente para aumentar o seu pequeno capital, muito diminuto por causa das despesas da viagem.

Satisfeita esta prova, viram elas abertas diante de si, as douradas portas do sonhado paraíso e, quando no dia seguinte, acordaram daquele sonho inexplicável de prazer e sentimento, reconheceram que a realidade começava a corresponder à subida ideologia, pois logo receberam bilhetes de visita de vários empresários entre os quais havia o do teatro Argentino, cuja primadona tinha acabado o seu contrato.

— Então, Luísa, que dizes tu? — perguntou Eugènie saltando da cama e olhando para o relógio, o qual marcava meio-dia. — Devemos aceitar o convite do empresário do teatro Argentino? —

Por mim creio que nos será conveniente, se ele anuir a nossa escolha de peças para o repertório.

— Está claro que será essa a condição principal — respondeu Luísa, vestindo-se e tremendo de frio. — Semíramis, Átila.

— A Nina, a Parisina — acrescentou Luísa. — Vamos almoçar e entretanto combinaremos isso. É preciso notar que os senhores empresários aparecerão logo.

— Que venham — tornou Eugènie. — Nós cá estaremos.

— Não agora, que estás afivelando as ligas. O pobre homem havia de morrer de medo — disse Luísa sorrindo e volvendo os seus lindos olhos azuis, que se encontraram com o olhar enérgico e soberano de Eugènie.

— Por certo! — respondeu esta com arrogância. — Eu sou meio homem e ligas de homem não agradam a outro homem! — Efetivamente és pouco feminil.

— Lembras-te como desempenhei o papel de rapaz quando fugimos de Paris? Chamava-me Leão Armilly e tive a coragem de falar em pistolas quando julguei que corrias perigo.

— Que tempo aquele! — murmurou Luísa.

— Sim, quando me viste vestida de homem agarrada a ti aos beijos logo que transpusemos o perigo das barreiras, não tremias como me parece que tremes agora! — É que se vai aproximando a nossa estreia. E se formos mal recebidas? — Ora essa! E em Milão, em Gênova, principalmente em Veneza, o nosso canto desagradou? Demais, o resultado do exame parece-me que não te deve desanimar! — Todavia, o caso agora muda de figura! Teremos de aparecer em cena, e se eu por exemplo sei cantar a ária da Parisina, não quer isto dizer que tenha a certeza de ser a Parisina! — E eu tenho a certeza de possuir o caráter de Semíramis e de poder sentir quanto ela sentiu, de modo que o público julgue ver a nobre rainha dos Assírios diante de si? — perguntou também Eugènie. — Todavia, vê se eu tremo com a aproximação da nossa estreia. Confio muito no que me ensinaste e no mais que temos estudado para que me esmoreça o ânimo com o trabalho.

— Vamos, minha amiga, o nosso grande futuro por nós sonhado vai-se realizando, e dentro em breve os nossos nomes

ecoarão em Paris no centro das nossas famílias, depois de terem sido inscritos no livro dourado da nobreza artística. E quanto esta nobreza me agrada! Quando as duas amigas acabavam de almoçar, receberam a visita do empresário do teatro Argentino.

O contrato foi assinado com todas as condições que elas exigiram.

Um mês depois, ensaiava-se a ópera Semíramis no grande teatro Argentino, e todas as manhãs os impacientes diletantes afluíam ao salão do teatro para aplaudirem com entusiasmo antecipado as duas novas cantoras e felicitarem o empresário pela boa aquisição que fizera, pois as duas artistas prometiam muito, apesar de ser a primeira vez que pisavam o palco.

Chegou finalmente o dia do espetáculo. Assim que as luzes brilharam no edifício do teatro Argentino, logo os salões se encheram de gente que falava, discutia e aprovava em altas vozes o merecimento das duas artistas.

Enquanto isto se passava nos salões do teatro, um mancebo de vinte a vinte e três anos, alto, bem proporcionado e vestido decentemente, rompendo a custo pela multidão que se agrupava em volta do edifício, chegou à bilheteira, graças a um esperto cicerone, o qual o puxava pela aba da sobrecasaca.

— um bilhete! Um bilhete, amigo! — bradou o cicerone, dirigindo-se ao bilheteiro.

— Impossível, pois estão todos os lugares vendidos! — Não há bilhetes — disse o cicerone, voltando-se para o mancebo.

— Sim? Mas é forçoso que eu entre na sala! — bradou este.

— Não vejo como será isso possível! — retorquiu o cicerone.

— Introduz-me pela porta de serviço. É preciso que eu veja!... Entendes, pateta?, que eu veja tudo! — Que quer que eu faça? Se se tivesse lembrado mais cedo, tê-lo-ia servido, senhor; assim é totalmente impossível. Mas vou mostrar-lhe o edifício e explicar-lhe a sua arquitetura.

— Leve o diabo a tua mania de mostrar e explicar! Estou a dizer-te que preciso de observar o espetáculo e ver tudo quanto há nele, e tu falas em fazer-me admirar as paredes.

— Senhor, o Argentino é magnífico! — tornou o homem. — E como não há bilhetes, é necessário entreter o tempo em ver o que há de bom! Venha e conhecerá um dos melhores edifícios do gênero, talvez o primeiro entre eles!

— Vamos à porta de serviço! — exclamou o mancebo.

— Não o deixam entrar.

— Dize que sou estrangeiro e quero ver. Não me afirmaste que um estrangeiro quando vem a Roma é para ver tudo o que há de bom nesta grande cidade? — Porém, o Argentino mostra-se de dia e não em noites de espetáculo! — Conduz-me à porta de serviço, que eu falarei ao guarda.

Dizendo isto, agarrou-se ao braço do cicerone, o qual dando cotoveladas para a direita e para a esquerda, começou a abrir caminho naquele mar de gente.

Momentos depois, chegavam ao seu destino.

— Que é isso? — bradou o porteiro, agarrando o cicerone.

O estrangeiro ao ver o rosto redondo e corado do porteiro iluminado pelo candeeiro próximo, fez-se muito pálido.

Entretanto, o cicerone disse qualquer coisa ao ouvido do guarda.

— É impossível, meu caro — respondeu este. — Tenho as mais severas instruções para impedir a entrada. E então hoje que é uma ópera de grande espetáculo, com novas cantoras! Só o poderei deixar entrar com a autorização do empresário. — E olhando fixamente para o mancebo, que também não despregava os olhos do rosto dele, exclamou: — Oh, oh! Será possível?

— Sinto-me tão admirado como o senhor! — retorquiu o estrangeiro. — E estou disposto a acreditar que os ares de Roma produzem fatos extraordinários! — E eu a esta hora estava convencido de que lhe poderia dar o nome de Ibus, porque o supunha morto com um murro de qualquer Ulisses! — É verdade que fiz como o pobre mendigo, pretendendo a mão da sua Penélope — respondeu o estrangeiro. Mas que quer? Uma Diana misteriosa e um Esculápio condescendente, lembraram-se de mim.

O cicerone olhava com espanto para os dois interlocutores, sem compreender o sentido das suas palavras.

— Vamos, senhor — continuou o estrangeiro — aqui não é o lugar próprio para ventilarmos a nossa questão.

— Tem razão, para lhe mostrar que sei esquecer-me de coisas passadas, entre para aqui.

O mancebo despediu o cicerone e entrou no cubículo do porteiro. Com efeito, senhor barão, isto é singular! — Por Deus! o senhor Andréa Cavalcanti quer comprometer-me? Não vê que meti o título na algibeira? — Julgava que a sua presença aqui era um capricho.

— Valha-me Deus, seria um capricho bem extravagante! — Conte-me então o que lhe sucedeu, senhor Danglars.

— Não me chame Danglars, aqui! o porteiro do teatro Argentino não poderá nunca chamar-se Danglars! E como escapou o senhor aos agentes da polícia, que o reconheceram como fugido das galés, no momento em que se faziam as escrituras do seu casamento com Eugènie? — Ora, escapei sem graça nenhuma! A minha vida até hoje tem sido um composto esquisito de escapadas sem saber como! Mas a sua, senhor barão...

— Maldito costume! — exclamou Danglars, fazendo-se muito vermelho.

— Quero dizer, senhor Danglars, — Pior ainda! — Então como quer que o trate? — Sei lá! Chame-me qualquer coisa, que isso já não tem importância! A gente quando é pobre, não tem nome.

— Visto isso, está arruinado? — Até ao último cêntimo — murmurou Danglars com tristeza — e se não fosse este emprego, teria morrido de fome! — Realmente seria bem desastroso um ilustre barão morrer assim. E quem o reduziu a tão miserável extremo? — Quem? — respondeu Danglars, fazendo-se pálido. — Foi um homem que parece ter surgido da terra ou do mar pelo poder de uma vontade forte, para destruir o meu sonho de felicidade! Benedetto, pois era ele o estrangeiro, estremeceu ao ouvir as palavras de Danglars.

— Como se chama esse homem? — perguntou.

— Oh! — exclamou o barão, relanceando o olhar, assustado. — Há muito tempo que não pronuncio esse nome terrível, com receio de que a sua imagem ameaçadora surja da sombra para me

atormentar! — Como! Será possível que chegue a esse ponto o medo que lhe inspira? Ah, como os homens são fracos e pusilânimes! — Insensato! — retorquiu Danglars. — Se o conhecesse, recuaria com assombro na sua presença misteriosa. Sabe acaso quem é e de onde veio o conde de Monte Cristo? Benedetto soltou uma risada estridente e escarnecedora, que petrificou o pobre porteiro do teatro Argentino.

— Tenho para com ele uma dívida de sangue! E a mão do finado está aberta para receber o preço dessa dívida.

Danglars, estupefato, olhou para ele, sem compreender o sentido daquelas palavras, que todavia lhe pareciam terríveis.

— Não o entendo — murmurou.

— É simples. Porque motivo estremece quando pronuncia o nome adotado pelo marinheiro Edmond Dantès? — Como sabe o senhor?...

— É esse o meu segredo. Agora responda-me.

— A narração não me convém neste lugar — disse o porteiro. — Se quiser ouvir-me, eu o procurarei e então falaremos. Onde mora? — Na estalagem de mestre Pastrini.

— Sei aonde fica.

— Muito bem. Entretanto, se tiver necessidade de algum dinheiro, permita que lho ofereça.

— Como assim? Continua então com a artimanha de se chamar príncipe de Cavalcanti, ou será ainda protegido pelo conde de Monte Cristo? Nesse caso, fiz mal em lhe falar daquele modo.

— Não, senhor. Eu já lhe disse que tenho para com Edmond Dantès uma dívida de sangue! Não sou príncipe de Cavalcanti, sou simplesmente um ladrão, um falsário, um assassino sem nome, sem pátria, sem Deus! — Safa! — exclamou Danglars aterrado, defendendo maquinalmente as algibeiras com as mãos. — E até onde espera chegar com o seu progresso? — Guiado pela mão de um finado que estremece de raiva no fundo do seu túmulo, hei de chegar até Edmond Dantès! — Sabe que mais, senhor Andréa? Parece-me perturbado de juízo! — Isso é lisonja, meu caro. Vamos, agora deixe-me subir, e acredite que posso ser-lhe muito útil para readquirir a sua fortuna.

— Oh! — Vamos, deixe-me subir, porque preciso certificar-me se as duas cantoras são as mesmas que eu imagino.

— As d'Armilly? — Creio que era este o nome da mestra de sua filha Eugènie? — É verdade, mas o que quer dizer com isso? — A sua filha era apaixonadíssima pelo teatro e pela música: creio pois firmemente que a esta hora, a menina Eugènie está lá em cima a tremer defronte da sombra de Nino.

— Oh, é muito cedo! O espetáculo apenas começou agora.

— Basta, acaba de certificar-me o que eu pensava a respeito das duas d'Armilly, e felicito-o, senhor, pelo interesse com que a sua filha parece trabalhar para readquirir a fortuna que lhe roubaram.

Danglars suspirou.

— Então, até amanhã, senhor Danglars. Espero que não se esqueça da minha morada. Estalagem de mestre Pastrini.

Dizendo isto, Benedetto retirou-se, deixando o porteiro estupefato, na firme convicção de que por seu intermédio viria a saber várias coisas importantes a respeito de Edmond Dantès.

CAPÍTULO 7

Os olhais do pano

ENQUANTO isto se passava no pequeno cubículo do porteiro, as duas amigas d'Armilly preparavam-se para a sua estreia.

— Parece que está uma enchente extraordinária! — murmurou Luísa. — E logo, quando aquele pano se levantar, ficaremos expostas em frente de toda aquela gente.

— Tens razão, Luísa, também eu vou sentindo calafrios! Este momento custa sempre alguma coisa, mas estou persuadida de que ganharás ânimo, porque faço firme propósito de me deixar possuir pelo sentimento da personagem que vou representar.

Principalmente, quando Arsace é nada menos que a minha Luísa... Porém, agora que estamos aqui, recordo-me de um caso singular que se tem repetido por diversas vezes. Na primeira noite que viemos aqui ao ensaio, não reparaste no homem que nos abriu o

camarim e deu um grito apenas olhou para nós? — Sim, tenho uma ideia.

— Esse homem era o porteiro. Na segunda noite, estava eu no camarim, ouve um diálogo que me pareceu interessantíssimo. "Quando passar por aqui a senhora Eugènie, não se esqueça de pedir a chave, no caso de ela não se lembrar de lha entregar.

"— Eu não faço isso.

"— Porquê? "— Cá por coisas! "— Mas você é o encarregado das chaves e não pode faltar às suas obrigações.

"— Pedirei todas as chaves, menos aquela.

"— Vejo que tem receio em falar à senhora Eugènie d'Armillly.

"— Desculpe-me, mas a senhora Eugènie conheceu-me em Paris, numa posição muito melhor do que esta que tenho em Roma, e eu não desejava que ela o soubesse.

"O diálogo terminou aqui — continuou Eugènie — e desde então nunca mais me esqueci de entregar a chave ao porteiro. Porém, quando passo e a deponho no chaveiro sinto grande rumor e vejo que é causado pela precipitação com que o homem se esconde no seu pequeno cubículo." — Como se chama ele? — perguntou Luísa. — José.

— Mas esse é o nome que ele dá, e pode muito bem ter outro.

— Será aquele desgraçado príncipe Cavalcanti, que esteve prestes a ser teu marido, se o não desmascarassem? — Que ideia! Com certeza já foi guilhotinado por assassínio, e o homem que se esconde de mim, pareceu-me muito mais velho quando o vi de relance pela primeira vez, e é muito mais baixo e mais gordo.

— Devemos acautelar-nos. Será talvez alguma espia enviada pela tua família? — Não creio. Olha, Luísa, eu estou a conhecer aquela senhora que entrou agora no camarote nº 4 da ordem nobre — disse Eugènie, que tinha lançado um olhar para a sala, pelo olhai do pano.

— Que é? — perguntou Eugènie.

— Aquela senhora — continuou Luísa, fazendo-se pálida. — Sim, é... Meu Deus! Talvez seja engano meu. Dá-me o teu óculo, Eugènie! Esta tirou da algibeira o pequeno estojo onde estava um

bonito óculo como os de campanha, porém mais curto, desses com que algumas atrizes costumam examinar a plateia e os camarotes pelos olhais do pano, antes de começar o espetáculo. Luísa pegou-lhe com precipitação.

— Eugènie — disse ela — se realmente possuis um espírito forte e determinado, poderás agora prová-lo de um modo bem compreensível. Vê! Eugènie espreitou por um dos olhais e recuou logo como assombrada, murmurando: — Minha mãe! Com efeito, quando Eugènie olhara para o camarote pela primeira vez, não vira o rosto da senhora Danglars, a qual parecia estar a falar com alguém que a escutava oculto pela cortina. Mas quando essa pessoa saiu, a senhora Danglars voltou-se para a sala no momento em que Luísa a observava com óculo.

O apito do contrarregista soou, dando o sinal para os cantores se prepararem.

— Ouves, Luísa? — perguntou Eugènie. — Vamos para o camarim, pois quando o traje da rainha dos Assírios pesar sobre mim, responder-te-ei que não terei lá fora, nem nos camarotes nem nas plateias, ninguém que prenda o meu pensamento.

Se naquele instante o pano houvesse subido, o público aplaudiria com entusiasmo o gesto sublime e o olhar inspirado de Eugènie Danglars. Porém não era ainda tempo, e esse público, pressentindo talvez a presença do gênio, espalhava no ar o murmúrio confuso e solene que sem determinar a palavra de um pensamento compreensível, revela a existência de mil pensamentos diversos despertados pela mesma causa.

Eugènie, pegando na mão trêmula de Luísa, conduziu-a precipitadamente para o camarim, cuja porta fechou sobre si.

— Vamos, Luísa — disse-lhe ela desabotoando-lhe o vestido — aqui não há que temer, e lembra-te que desta noite depende a felicidade e o interesse da nossa carreira.

Eugènie dava o exemplo da coragem com um modo tão natural, que muito influiu no espírito de Luísa. Além disto, os costumes de Itália que não condenam a nobre carreira de Talma, nem lançam o odioso sobre o trabalho do teatro, como sucede no resto da Europa, também contribuía para a animar. Conhecendo o

espírito orgulhoso da senhora Danglars, nobre de nascimento e de aliança, e calculando quanto lhe seria desagradável a aparição de Eugènie sob a figura de Semíramis, no teatro Argentino, a pobre rapariga não pôde deixar de empalidecer pensando em quantas maldições a baronesa lhe havia de lançar, por ter sido ela quem alimentara no peito de Eugènie aquela chama enérgica que a conduziu ao palco.

Enfim, o dado estava lançado.

Eugènie e Luísa estreitaram-se num abraço, como se já ali quisessem mostrar como se haviam de abraçar e beijar em cena, e neste momento o apito repetiu segundo sinal.

Momentos depois o pano subiu. Eugènie apresentou-se em cena com toda a arrogância e majestade próprias da real bacante que representava; a sua voz clara, sonora e veemente, prendeu logo a atenção do público e assim que terminou a primeira ária começou o seu triunfo.

No camarote nº 4 havia desassossego; o óculo não deixava de se dirigir para o rosto de Eugènie e, de instante a instante, a mão que o sustinha na altura dos olhos mais parecia tremer.

A ocupante do camarote ora enxugava o rosto pálido com o seu finíssimo lenço, e ora se retirava para o interior do camarote, ora assomava no parapeito, olhando sempre para a figura nobre, majestosa e elegante da nova Semíramis: depois, quando o templo de Belo ficou deserto e em seguida apareceu o valente e interessado Seytha, o braço da senhora Danglars ainda mais estremeceu, pois notou sem a menor dúvida que a fisionomia apaixonada e terna de Arsace era a da mestra de sua filha, Eugènie.

Não havia já que duvidar. A baronesa viu-se obrigada a reconhecer a filha na pessoa de Semíramis e o seu martírio durou enquanto durou o espetáculo. Com as faces vermelhas da indignação que experimentava, não tardou em sofrer um forte abalo de nervos, por se lembrar que para cúmulo de aviltamento talvez naquela mesma noite tivesse de ver a figura do marido executando um passo difícil na dança. Teve por muitas vezes o pensamento de se retirar, mas o desejo cruel de presenciar o

resultado daquela noite deteve-a, constrangida e arquejante de susto, enquanto não acabou a ópera.

Finalmente, o punhal de Arsace rasgou o seio da desenvolta Semíramis, a qual caiu agonizante aos pés do filho. Foi então que a baronesa soltou um pequeno grito; era o que lhe faltava para completar o seu martírio, ver a filha com a face encostada no soalho de um teatro, na presença de milhares de pessoas. Mas os aplausos dos espectadores abafaram o grito da baronesa, que saiu imediatamente do camarote.

— Oh! — murmurou ela, entrando para a carruagem. — Um demônio jurou aviltar-me, humilhar-me em toda a parte. Em Paris, mãe dum desgraçado bandido, a quem a lei persegue; em Roma, vejo minha filha, em cujas veias corre o sangue dos Servières, comprada por um vil punhado de ouro, para servir de alvo e entretenimento de espectadores de teatro... E em qualquer outra cidade, quem sabe se terei de ver meu marido a conduzir a carruagem de algum rico lavrador! E as lágrimas umedeceram as faces aristocráticas daquela senhora tão nobre, tão ativa e orgulhosa.

Quanto às duas amigas, despertaram um entusiasmo louco.

CAPÍTULO 8

Dois homens sem nome

O porteiro do teatro Argentino, tendo refletido sobre as conveniências que poderiam resultar do seu encontro com um homem como Benedetto, dispôs-se a procurá-lo na estalagem de mestre Pastrini, no intuito de aproveitar-se para os seus fins ocultos de adquirir fortuna daquele caráter destemido, aventureiro e audaz, que parecia nada temer dos homens, visto que, com desprezo e atrevimento, lhe declarara ser ladrão, falsário e assassino.

Benedetto, depois de almoçar com toda a tranquilidade e com grande apetite, mandou chamar o manhoso estalajadeiro.

— Pronto excelentíssimo! — disse este, tirando o gorro de lã e fazendo profunda reverência.

Benedetto demorou-se um instante antes de lhe dirigir a palavra; depois, pondo de lado um jornal em que fingia ler, encarou o italiano com olhar sombrio.

— Mestre Pastrini, não estou satisfeito com este quarto.

Então porquê? — Quer saber porquê, mestre Pastrini? Porque não posso dormir sossegado aqui. Quem ocupa o quarto por cima deste? — É um mancebo muito doente que, segundo me disse o seu criado, viaja para se distrair duma apatia mortal de que sofre. Asseguro-lhe que é boa pessoa, posto que ainda não lhe ouviram a voz; todavia, há um mês que está em Roma, e só saiu duas ou três vezes.

— Pois eu digo-lhe que mente, mestre Pastrini! — Eu, excelentíssimo? — exclamou o estalajadeiro, esforçando-se por assumir o ar de verdadeira inocência.

— O seu mancebo que viaja para se distrair duma apatia mortal, recolheu-se ontem à uma hora da manhã. E isto ainda não é tudo, porque chorou e blasfemou, sem dó dos vizinhos, até às duas; depois tornou a sair e quando voltou eram quatro horas.

— Não o contradigo, excelentíssimo — respondeu mestre Pastrini um pouco mais animado. — Eu notei tudo isso, mas que quer? 'Creio que de tempos a tempos lhe dão uns ataques de nervos, para os quais os médicos lhe receitaram sair imediatamente de casa a qualquer hora do dia ou da noite. Descanse excelentíssimo, pois o criado tem-me dito que é só de ano a ano que lhe dão os tais ataques.

Benedetto sorriu, lançando a Pastrini um olhar oblíquo.

— Desconfio muito dos tais ataques. Tome cuidado, mestre Pastrini, porque se evadiu há pouco de França um homem temível que fez coisas de mil diabos; seduzindo, assassinando, roubando velhos, donzelas, crianças e profanando igrejas e túmulos.

— Esse malvado deve ser então muito rico! — exclamou o estalajadeiro com os olhos esgazeados.

— Diz-se que possui milhões e que os esconde num lugar desconhecido, onde não chegam os raios do sol.

— Mas, excelentíssimo, o seu vizinho parece não ter mais de vinte anos e é tão baixo e frágil, que se o visse não o recearia.

— Baixo, frágil e amarelo? — Positivamente amarelo, não, mas sim muito pálido.

Benedetto levantou-se, agitado, dando grandes passadas pelo quarto, metendo as mãos pelo cabelo e soprando como se estivesse a suportar um calor excessivo.

— É necessário que me retire já da sua estalagem.

— Então porquê, excelentíssimo? o que é que lhe falta? Acaso não sirvo eu com asseio e delicadeza? — Pateta! Estou a dizer-lhe que o seu hóspede do primeiro andar me faz mal e não compreende o que digo! Tem ouvidos e não ouve, tem olhos e não vê.

— Mas o quê, excelentíssimo? — perguntou mestre Pastrini, começando a prestar atenção ao que Benedetto dizia.

— Vou explicar-lhe tudo. Há no mundo um ente que ninguém sabe donde veio nem de quem é filho, mas que conseguiu descobrir o segredo de mudar de pele como as serpentes, para melhor conseguir os seus fins. Umas vezes é abade, velho e curvado sob a foice do tempo, quando murmura palavras santas ao ouvido de quem pretende tentar. Outras é um lorde excêntrico e fleumático, aferrado às suas ideias e cabeçudo como um carneiro. Outras, finalmente, intitula-se conde e apresenta-se como o mais perfeito e rico cavalheiro do mundo. Este homem é geralmente conhecido pelo conde de Monte Cristo.

— Ah! — exclamou o estalajadeiro, mudando de cor.

— Já o viu? — perguntou Benedetto, notando-lhe a lividez.

— Continue, excelentíssimo, continue!...

— Muito bem. Disse-lhe que o ladrão, o falsário, o ímpio, o assassino, se chama conde de Monte Cristo — continuou Benedetto, sem despregar os olhos de mestre Pastrini, em cuja fisionomia se conhecia a combinação mental de certos casos passados com a presente narração. — Este homem, que se julga pelo poder da sua riqueza, superior aos outros homens, tem abusado de tudo e de todos, e é perseguido pelas leis da justiça terrestre. Ultimamente tomou em Paris o nome de Benedetto, intitulou-se depois o príncipe Andréa Cavalcanti, e evadiu-se de uma prisão assassinando o seu

carcereiro. Em seguida, dirigiu-se ao cemitério do Père Lachaise e enganando o guarda, profanou o túmulo de uma família nobre, roubando as joias dos cadáveres. Finalmente, mudando de forma, isto é, adotando outra figura, fugiu de França, dirigindo-se, segundo todas as probabilidades, à Itália, onde muita gente afirma que tem relações secretas e abomináveis.

Mestre Pastrini estava aterrado, pois já noutra tempo tinha hospedado o conde de Monte Cristo. Todavia, atreveu-se a fazer algumas perguntas: — Nesse caso, excelentíssimo, o tal mágico deve ser perseguido em toda a parte? — Espero que não lhe valerá de nada toda a sua magia negra para evitar que o reconheçam. Há homens espalhados em diferentes pontos da Europa, assalariados pelo governo francês, bem capazes de o fazer cair do alto do seu pedestal.

Dizendo isto, Benedetto fez um gesto significativo como quem acrescentava: "E um desses homens sou eu".

Portanto, mestre Pastrini, indague o melhor que puder quem é o seu hóspede do primeiro andar e seja vigilante com ele. Agora pode retirar-se.

O italiano saiu, jurando a si mesmo que, naquele mesmo dia, saberia tudo quanto dizia respeito ao mancebo doente que lhe alugara o primeiro andar. Ao mesmo tempo ia refletindo: "Sempre me pareceu que o conde de Monte Cristo, com a sua concubina grega e o seu escravo preto, tinha algo de extraordinário! O sangue-frio com que via matar os sentenciados, a maneira como falava quando eles soltavam gritos agonizantes e, sobretudo, a intrepidez com que, segundo afirmam, descia ao covil daquele valente ladrão que era Luigi Vampa! Ah, é bem certo que a justiça de Deus é infinitamente perfeita e que o homem lhe não pode escapar, por mais poderoso que seja!" Enquanto mestre Pastrini fazia estas reflexões, Benedetto passeava muito satisfeito, dizendo para si próprio: "Vamos bem, meu rapaz. Perdendo aquele homem no conceito de mestre Pastrini, tenho a certeza de que em pouco tempo, Roma inteira saberá quanto acabo de dizer. Além disso, conseguirei saber quem é o misterioso vizinho do primeiro andar e afastarei de mim os olhos da justiça, se por acaso me perseguirem

aqui. Arrancarei os dentes do dragão que devorou velhos, crianças e virgens, para satisfazer o seu ódio monstruoso. Edmond Dantès, quando me libertaste das grilhetas de Toulon sob a tua falsa identidade de lorde Wilmore, poderias ter feito de mim um homem honrado, mas envolveste-me na tua teia infernal e arrancaste-me a máscara quando eu, confiando em ti, me julgava feliz! Precisaste de um príncipe de Cavalcanti para levares a cabo um projeto misterioso que só tu compreendias e por isso lançaste mão do pobre forçado de Toulon, o qual estava resignado cumprindo a sua sentença. Maldito! Mil vezes maldito! A vingança implacável te perseguirá por toda parte! Sim, no meu peito não há sentimentos de humanidade que possam deter-me o passo! Ainda me recordo das palavras de meu pai, pedindo vingança contra o verdugo cruel e desapiadado que ao fim de uma hora de tortura maldita, foi contemplar a sua vítima e paralisar-lhe a razão com o eco das suas gargalhadas diabólicas! Uma família inteira destruída para te vingares de um só homem! Onde estava então a tua religião, o teu Deus? No mesmo lugar em que os meus, em parte nenhuma do céu ou da terra! A minha alma é o desejo veemente de uma vingança completa, assim como outrora foi simplesmente ambição! Dantès, deste-me exemplo, e encontrarás um dia a obra das tuas loucuras".

Momentos depois, mestre Pastrini voltou para anunciar a visita de um homem que não quis dizer o nome. Benedetto mandou introduzir no seu quarto o misterioso visitante.

"Bom!" disse consigo mestre Pastrini. "Recebe homens sem nome e isto quer dizer alguma coisa. Penso que o meu hóspede é um agente do governo francês que anda em perseguição do famoso feiticeiro".

Depois, fazendo um sinal ao porteiro do teatro argentino, introduziu-o no quarto de Benedetto. — Porque motivo oculta o seu nome, meu caro barão Danglars? — perguntou-lhe ele de modo que pudesse ser ouvido pelo italiano, o qual se conservava ainda na parte de fora da porta com o ouvido atento.

"Barão! Ah, isto agora quer dizer muito! — murmurou mestre Pastrini. — Um barão disfarçado, mais um caso para os comentários desta noite. Retiremo-nos, não quero que suspeitem que estou à

escuta!" Entretanto, o porteiro do teatro Argentino ficara estupefato, com os olhos cravados em Benedetto, como se temesse que ele repetisse o nome de Danglars e o título de barão.

— Parece-me que ficou aturdido por lhe ter falado no nome e no título.

— Não lhe tenho eu dito que já não sou barão? Ora diga-me, gostaria que o tratasse por príncipe Cavalcanti? — Esse nunca foi o meu nome.

— Nunca?

— Figurei com ele numa comédia de Monte Cristo.

— Monte Cristo! — repetiu Danglars com raiva e medo.

Também por causa dele é que eu não tenho nome.

— Está como eu.

— Como assim? Não tem nome? Não é Andréa? — Não, senhor.

— Não posso compreender isso. Como veio então a Roma, como arranjou passaporte? — De um modo muito simples, meu amigo. Tenho em meu poder uma relíquia roubada ao conde de Monte Cristo, com a qual alcanço quanto quero. Era o segredo com que ele se tornava superior aos outros homens e os destruía, para vingar-se deles.

— Que história é essa? Espero que não me fará acreditar na existência da varinha de condão.

— Não, por certo! A minha relíquia é outra, e não tem nem a fantasia da que mencionou, nem a beleza das que poderia, se quisesse, ainda mencionar. Veja-a! Dizendo isto, Benedetto abriu um pequeno cofre e Danglars recuou imediatamente, empalidecendo e murmurando ao mesmo tempo, cheio de terror: — A mão dum finado! — Silêncio, imbecil! — exclamou Benedetto fechando o cofre e escondendo-o. — É aquela mão que me guia neste mundo a um porto determinado, onde chegarei um dia. Vamos, já conhece a minha relíquia, peça-me agora o que quiser.

— Que é isso? Fala sério? — perguntou o barão.

— Eu já disse! — respondeu Benedetto sentando-se com insolência e acendendo um cigarro.

— Nesse caso preciso contar-lhe quanto me sucedeu, para chegar ao meu fim.

— Perde o seu tempo! — tornou Benedetto. — Vejo-o pobre e, segundo me parece, não está de acordo com a sua família; por consequência, faço uma ideia do que lhe sucedeu.

— Quem é o senhor? — Então? Em Paris, o senhor era um homem dotado de belas qualidades sociais. Teve, sem dúvida, uma pequena dificuldade de contas, e apurando os últimos fundos do seu comércio, disse um adeus saudosos à sua encantadora mulher, assim como sua filha, a varonil Eugènie, tinha dito o seu à casa paterna alguns dias antes.

— Muito bem — disse Danglars — o que eu fiz, tê-lo-ia feito qualquer outro homem da minha esfera em idênticas circunstâncias. Agora, o que não sabe é o resto. Nas cercanias de Roma, fui roubado pelos facínoras, cujo chefe me pareceu ser o tal conde de Monte Cristo, ficando pobre como Jó.

— Ora! Histórias! Edmond Dantès não se servia do roubo. É riquíssimo, e estou inclinado a acreditar que o senhor lhe devia alguma continha atrasada de dinheiro ou de ações — disse Benedetto com o olhar pregado no rosto de Danglars, como para observar o seu menor gesto.

— Vejo que é um homem singular, pois me parece que possui o dom de adivinhar as coisas que se lhe não revelam — tornou Danglars. — É como diz: entre mim e o tal Edmond Dantès havia um pequeno saldo; isso, porém, já é coisa passada e não tem remédio. Tratemos do presente, se é do seu gosto.

— Seja.

— Saberá de algum segredo capaz de me restituir a minha mulher e a minha filha? Uma possui milhão e meio, a outra dá esperanças de enriquecer na carreira artística. Já pode calcular que um homem como eu, sem nome e sem fortuna, não deve desprezar uma família destas.

— É um canalha de boa laia, pela minha alma! — exclamou Benedetto, soltando uma estridente gargalhada.

— E o senhor? — atreveu-se ele a perguntar.

— Tem razão, eu também não o sou menos, e assim viverei o resto da minha vida — respondeu Benedetto, acendendo um cigarro e balouçando-se sobre os pés da cadeira.

— É o único meio de se viver bem neste mundo, onde a virtude não tem lugar certo e caminha errante e envergonhada por não a compreenderem.

— Nesse caso, concordo com o senhor; porém, deixemos as reflexões e vamos ao que interessa. Quer juntar-se a sua filha, senhor Danglars? — Juntar, não, porque no fim de contas, ela tem excentricidades que me desagradam muito. Seria melhor procurar um meio para voltar aos braços de minha mulher. Oh, pobre senhora! Quando a deixei, possuía ela milhão e meio. Ora, com o seu gênio especulador, deverá ter dobrado o seu pequeno capital, e hoje, sem dúvida, possui três milhões! Juro-lhe que os três milhões haviam de produzir o dobro se estivessem nas minhas mãos. Meu caro senhor, asseguro-lhe que nos poderíamos arranjar.

— Que é isso? — interrompeu Benedetto, com um modo imperioso. — Eu ainda não lhe pedi nada.

— Então? — perguntou Danglars, sem compreender.

— Senhor barão...

— Eu não sou barão sem dinheiro.

— Há de tê-lo dentro em pouco. Tenho cá o meu projeto e aonde não puder chegar a mão de um vivo...

— Chegará a de Deus? Benedetto soltou uma gargalhada estridente e zombeteira, retorquindo: — Meu amigo, tenho visto zombar de Deus de tal modo, que me inclino muito a duvidar da sua existência. Eu queria dizer que aonde não chegar a mão de um vivo, chegará a de um finado.

Danglars estremeceu, murmurando: — É mau gracejar com os mortos.

— O senhor é pusilânime e supersticioso. Então nada faremos.

— Pelo contrário, asseguro-lhe que nos entenderemos perfeitamente.

— Pois bem, jure-me que em qualquer lugar onde estiver, quando receber uma ordem minha, a executará sem hesitar.

— Obedecerei. E quanto tempo devo esperar?
— Quinze dias. Agora preste o seu juramento de fidelidade sobre a mão do finado — disse Benedetto; abrindo o cofre onde se encontrava a mão de Villefort.

Danglars estendeu a mão sobre ela, murmurando: — Juro!

CAPÍTULO 9

Os espiões franceses

MESTRE Pastrini, como todos os do seu ofício, era previdente e curioso ao mais alto grau. Assim que viu o visitante sair do quarto do viajante francês, chamou um dos moços da casa e, indicando-lhe o misterioso barão, recomendou-lhe que o seguisse até ver onde ele residia. o moço, ladino e sagaz como todos os vadios italianos, cumpriu à risca a determinação do estalajadeiro, resultando disto o barão arruinado não dar um passo sem que mestre Pastrini não o viesse a saber nessa mesma noite.

Depois de haver tomado esta providência, fez sinal a um homem que passeava constantemente na rua em frente da estalagem, desde as três até às quatro ou cinco horas da tarde, para que subisse. Este homem, conhecendo já o sinal, embrulhou-se na capa, carregou o chapéu sobre os olhos e subiu a escada, introduzindo-se em seguida num pequeno quarto, onde mestre Pastrini havia estabelecido o seu escritório.

O recém-chegado tirou a capa e o chapéu e sentou-se, dispondo-se a esperar. Entretanto, por um antigo costume do povo italiano, tirou do bolso um rosário e começou a passar as contas pelos dedos como se estivesse a rezar.

— Olá, amigo Peppino! — exclamou mestre Pastrini, entrando no escritório e fechando a porta cautelosamente.

— Por Jesus Cristo! — exclamou o outro guardando o rosário. — O meu nome já vai sendo muito conhecido por aqui à luz do sol, e será bom que o não digas em contralto.

— Que queres tu, se o meu regozijo assim mo pediu? — tornou mestre Pastrini.

— Então qual é ou de que é o teu regozijo?

— Eu te digo — respondeu o estalajadeiro tomando ares de importância, que logo prendeu a atenção de Peppino. — Lembras-te de uma questão que tivemos quando aqui esteve aquele refinadíssimo velhaco, feiticeiro e antropófago, chamado conde de Monte Cristo? — Olá, mestre Pastrini, isso assim vai torto! — retorquiu Peppino, encrespando os sobrolhos. — Quando falares do nosso patrono, do nosso salvador, hás de dizer o signor conde de Monte Cristo, se não queres que fiquemos de mal, entendes? O signor conde salvou-me a vida, obtendo a meu favor o perdão do Papa, quando eu avançava já pela escada em vez de o entregar com os seus melhores caudilhos à justiça, quando por um acaso eles lhes caíram nas mãos. Ora deves compreender que nem eu, nem Luigi Vampa, nem nenhum dos nossos homens, consentirá que um indivíduo como tu fale sem cortesia a respeito do signor conde.

— É uma pena o Capitólio estar fora de uso, porque de contrário obterias ali uma coroa de orador. Que importa falar assim do teu conde, se eu trabalho em seu favor!? — Em seu favor? — repetiu Peppino.

— É verdade! — tornou Pastrini. — Sabe pois que na França o teu conde está de tal modo mal visto, que é perseguido pelos agentes do governo francês! — Ora essa! — respondeu Peppino com escárnio. — Ele, que tem dinheiro suficiente para comprar a tolerância de quantos governos há no mundo, desde os Dardanelos até ao Magalhães! — Sim, porém as suas boas obras é que o perdem! Há coisas que nenhum governo pode tolerar. — Como é isso, mestre Pastrini? — Por exemplo, divertir-se a matar gente, separar cônjuges, com as suas intrigas e manhas. Então isto é bom, Peppino? Eu sei que estou a falar com um bandido romano, porém, ainda não tiveste a petulância de descer a um túmulo para insultar os mortos e zombar do seu eterno repouso! Vives com o teu chefe nas catacumbas de S. Sebastião, é verdade, mas respeitam as ossadas dos bem-aventurados que ainda por lá repousam! — Sim, porque com os mortos não se brinca.

— Está visto — acrescentou Pastrini. — Podem fazer-se coisas do arco da velha a um vivo, que Deus perdoa depois de uma pequena penitência de oração; porém, rir dos mortos e escarnecê-los, quando sabemos que eles não podem vingar-se, quando sabemos que a sua alma já está a pagar o que deve, isso é muito mau, Peppino. — Os vivos nada têm com os mortos, senão o dever de os entregar! Mas dizes-me que o signor conde de Monte Cristo é perseguido pelo governo francês?

— Tão certo que se viu obrigado a mudar de forma e nome para escapar à perseguição.

— Como é possível que um homem mude de forma? — inquiriu Peppino, estupefato.

— A ciência é inesgotável — respondeu Pastrini. — Parece que foi criada pelo diabo para tentar os homens e perdê-los no momento em que tivessem a vaidade de acreditar que a sua ciência os havia feito poderosos e onnipotentes como Deus! O teu conde de Monte Cristo é dos tais que têm esta vaidade, porque quer pôr e dispor a seu bel-prazer, como se possuísse a existência de homem e a essência de Deus!

— Deixa-te de histórias, porque a Monte Cristo não se prende! Acreditas que o nosso governo deixará de perseguir um homem desses? Não! A estas horas, os agentes franceses terão conferenciado com o nosso ministério, e o famoso semideus será perseguido não só em Roma, mas em toda a Itália.

— Não me disseste que ele tinha mudado de forma e de nome? — perguntou Peppino, começando a acreditar no que ouvia.

— Então como é que, tendo ele mudado de forma e de nome, será reconhecido pelos agentes franceses?

Mestre Pastrini sorriu como pessoa que desculpa a ignorância de outrem em qualquer assunto.

— Amigo Peppino — respondeu ele — aqui na minha casa está um dos tais agentes franceses, o qual desconfia muito de um personagem misterioso que também aqui está.

— Que dizes!? O signor conde em Roma? — exclamou Peppino precipitadamente.

— Qual conde, meu amigo? Já te disse que não é um conde. É um feiticeiro misterioso, a quem a justiça persegue.

— E tu acreditas nisso? — murmurou Peppino, abanando a cabeça em ar de dúvida, pois a palavra feiticeiro lhe repugnou.

— Acredito! — exclamou Pastrini. — Se visses o meu hóspede, pálido, baixo, magro, trêmulo, sempre embuçado num comprido capote, evitando encontrar-se com quem quer que seja e, para mais, habitando os mesmos quartos que o conde ocupava.

— E pagando como ele? — Nem um cêntimo a menos! Por isso o sirvo e respeito, executando à risca todos os seus caprichos.

Peppino ficou por momentos pensativo, em seguida, como se tivesse concertado um rápido plano, disse: — Poderás levar a tua manha ao ponto de me fazeres ver o teu misterioso habitante dos aposentos do signor conde?

— Para quê? — inquiriu o estalajadeiro. — Eu seria capaz de reconhecê-lo.

— Amigo, toma o conselho de uma ruim cabeça. Como o teu chefe, Luigi Vampa, está muito bem relacionado com o Monte Cristo, vai anunciar-lhe sem demora a sua queda no conceito da Europa. Isso lhe será vantajoso, para evitar qualquer surpresa da justiça, porque sabes muito bem e eu também, que o bando de Luigi Vampa deve a tolerância das autoridades romanas à influência do conde. Ora, quebrada essa influência, não dou meio rosário pela cabeça do famoso Luigi Vampa!

— Pastrini! — exclamou Peppino. — Já te disse que quero ver o teu misterioso hóspede para lhe prestar o apoio de Luigi Vampa! Se o signor conde carecer dos nossos punhais e carabinas, ou da nossa inteligência, ainda lhe poderemos mostrar que somos os mesmos.

— Creio que não será possível — disse Pastrini, levantando-se para acender a luz. — O meu hóspede não recebe ninguém! Se ele é com efeito o Monte Cristo, deves respeitar as suas determinações, e vai trabalhando por outro lado. Convido-te para jantar; entretanto, meditarás num novo plano.

Neste momento ouviu-se um pequeno ruído na porta e Pastrini fez um gesto de inteligência a Peppino, o qual se foi sentar

logo no canto mais escuro do quarto, a passar as contas do seu rosário. Pastrini foi abrir, dando entrada ao homem que havia sido encarregado de seguir o suposto agente francês. Este homem que deu perfeita conta da sua missão, recebeu como recompensa a permissão para jantar na cozinha de mestre Pastrini, aonde se reuniam todas as noites alguns malandros que ele empregava como seus informantes.

— Sangue de Cristo! — exclamou Peppino, levantando-se e pegando na sua capa, assim que o espião saiu.

— Que é isso? — perguntou Pastrini, notando que Peppino se dispunha a sair. — E o jantar? — Quando me acabas de contar tão estranha história a respeito do meu salvador, crês que o teu jantar me detém, imbecil? Até amanhã, agora vou surpreender o agente francês! Dizendo isto, fez o gesto de profunda resolução tão próprio dos bandidos romanos em face das mais difíceis empresas, saindo imediatamente do pequeno escritório do estalajadeiro para se dirigir a casa do barão arruinado, porteiro do teatro Argentino.

— Ah! — murmurou Pastrini, vendo-o sair. — Eu sempre disse que um homem tão rico e rodeado de tantas fantasias como o tal conde de Monte Cristo, não podia ser bom cristão, apesar do seu título! Relacionado com bandidos, servido por um núbio que era mudo... Para que havia de ser mudo o seu criado particular? Quando não se fazem coisas que o mundo repudia, não há necessidade de se ter como concubina uma grega que não entendia nem italiano nem francês, nem inglês! Estou convencido que o homem é um refinadíssimo traficante! Agora vamos ao quarto do outro agente francês.

CAPÍTULO 10

Surpresa

ENQUANTO o precedente diálogo se travava entre Pastrini e Peppino, Benedetto meditava profundamente sobre o mistério em que parecia envolvido o seu vizinho do primeiro andar. De repente, como se tomasse uma resolução, sentou-se e preparou-se para escrever.

"Vou finalmente saber quem é o meu vizinho!" disse ele para si. "O meu plano é ótimo desde que lhe assegure bom resultado." Em seguida escreveu a seguinte carta:

Uma pessoa que muito preza e respeita V. Exa., acaba de saber que o segredo de V. Exa. está descoberto em Roma. Permita-me que o avise, pois de maneira alguma desejo que passe pelo menor vexame.

Seu muito afeiçoado

Conde de Monte Cristo

"Esta ideia é maravilhosa!" pensou Benedetto, ao assinar aquele título na carta. "Este homem é conhecido em toda a parte e por toda a gente, e o meu misterioso vizinho dará mais crédito ao aviso que lhe envio. Se for alguém que deseje ocultar o seu verdadeiro nome, há de tremer e agitar-se; de contrário, porá de lado este papel, alcunhando de intrigante aquele nobre senhor."

Neste momento apareceu mestre Pastrini que, com toda a cortesia, pedia licença para entrar.

— Entre — respondeu Benedetto.

— Aqui está o bilhete que V. Exa. me encomendou para o teatro Argentino. A ópera é a Semíramis, em que as jovens d'Armilly aparecem pela segunda vez.

— Muito bem.

— Quer dar-me as suas ordens, excelentíssimo?

— Esta carta é para ser entregue sem demora ao seu hóspede do primeiro andar.

— Como, se ele não recebe cartas?

— Ora vamos, mestre Pastrini, nada de gracejos. Quando eu lhe digo que é para ser entregue é porque o há de ser.

— Sim, excelentíssimo — tornou Pastrini com toda a finura, depois de olhar para a carta. — Porém não vejo aqui nenhum nome e um papel sem nome é uma coisa muito rara. Como quer que eu lhe faça entender que V. Exa. lhe dirige esta carta?

— É cabeçudo, mestre Pastrini! Não tem por aí qualquer coisa em que embrulhe a carta, metendo-a entre a massa dum pudim? O estalajadeiro coçou a cabeça, murmurando embaraçado: — Isso é nada menos que um abuso vergonhoso, que poria mancha no crédito da minha cozinha.

— Descanse que o seu hóspede não falará deste caso, e o crédito da sua cozinha ficará por este lado sem a menor mancha. Vamos, mestre Pastrini, com o seu escrúpulo faz-me acreditar na existência de negócios misteriosos entre o senhor e o seu hóspede. Eu que sou, como sabe, um estudante natural da Picardia, que viajo para me instruir em belas artes, examinando minuciosamente os monumentos de arquitetura antiga e moderna, estou habituado a conhecer as pessoas e desconfio muito do seu hóspede. Julgo-o eminente em química e física, além de ser um dos melhores arquitetos da Europa, e necessito absolutamente falar-lhe. Portanto, vá, mestre Pastrini, porque talvez ganhe assim uma ocasião única de falar àquela espécie de nigromância infalível.

O estalajadeiro que ansiava por falar ao hóspede do primeiro andar, incumbiu-se da remessa da carta.

Peppino, seguindo a indicação da casa onde habitava o barão arruinado, atual porteiro do teatro Argentino, chegou ali sem o menor incidente, depois de ter ido procurar o seu banqueiro para lhe pedir uma certa quantia de florins. Como pessoa hábil no seu mister de salteador, observou a casa, a porta e as janelas, e reconhecendo que não lhe seria possível introduzir-se ali por meios violentos, recorreu então à astúcia e bateu à porta.

Momentos depois, ouviu-se a voz de Danglars perguntar: — Quem é?

— Uma pessoa que tem uma carta para lhe entregar.

— Uma carta? De quem?

— Não sei, excelentíssimo, mas vem da França.

— Da França? — repetiu Danglars em voz baixa, sentindo a fronte banhar-se em suor. — Deve haver engano.

Peppino ficou um pouco embaraçado com a resposta; porém, concebendo logo um pensamento, disse: — É um senhor que está a residir na estalagem de mestre Pastrini, na via del Corso.

"Ah, é o tal Cavalcanti!", pensou Danglars, abrindo a porta.

Peppino entrou no quarto do porteiro do teatro Argentino, depois de haver fechado rapidamente a porta da rua. Depois avançou para ele, colocando-lhe na garganta a ponta dum punhal.

— Se dá o mais pequeno grito que seja, senhor barão, corto-lhe as goelas.

A surpresa do barão foi tal, que por momentos lhe roubou a fala. Fez-se extremamente pálido. e entrou num tremor nervoso que fazia dó vê-lo.

— Sossegue, senhor barão — disse-lhe Peppino com toda a suavidade. — Isto não quer dizer que terei a honra de cortar-lhe as goelas. É uma simples advertência que ficará em esquecimento, no caso de V. Exa. haver por bem não gritar.

— Então que me quer? — É simples, senhor. Eu sei tudo e conheço melhor do que ninguém o motivo da sua presença em Roma. Todavia, existe em tudo isto um pequeno segredo que lhe quero comprar em nome do senhor Luigi Vampa, em cujas mãos já V. Exa. teve a bondade de entregar seis milhões de francos.

— É boa — murmurou Danglars, voltando pouco a pouco a si da surpresa. — o amigo comete o erro imperdoável de confundir o verbo roubar com o de entregar.

— Então que quer, excelentíssimo? A nossa literatura é assim, e já agora segui-la-ei sem lhe fazer alteração nenhuma. Voltemos ao caso: V. Exa. sofreu aquele revés que lhe preparou o senhor conde de Monte Cristo, ou por outra, Simbad o Marujo, ficando sem dúvida muito indignado contra ele, o que eu não levo a mal, porque

o sentimento é livre, senhor barão. Eu, pelo contrário, estou inclinado a favor dele, e por esta circunstância pode conhecer que caminhamos em sentido diverso. O senhor julgou, sem dúvida, abalar o rochedo, e eu jurei ampará-lo. Em conclusão, senhor barão, Luigi Vampa tem a honra de propor a V. Exa. o seguinte contrato: V. Exa. dar-me-á os nomes dos seus sócios, convoca-os para uma sessão muito misteriosa no Coliseu, durante a noite, recebendo mil florins, dos quais eu tenho a honra de deixar aqui alguns por conta.

O discurso do bandido era mais extravagante e estranho do que o barão Danglars podia ter esperado. Abriu muito os olhos e procurou convencer-se de que não estava a ser vítima de um sonho. Peppino compreendeu isto e elevou a mão, fazendo brilhar a lâmina do punhal, com a outra mexeu nos florins que tinha no bolso e cujo som agradável produziu no coração de Danglars uma sensação de deleite.

— Onde tenho eu esses sócios? — disse ele. — Ignora que atualmente sou porteiro do teatro Argentino? Eu não negocio.

— Histórias, senhor barão! Isso é disfarce que não tem valor algum neste momento. Sabemos que é agente do governo francês que trabalha para a ruína do senhor conde de Monte Cristo.

— Eu? Tudo o que sei a respeito desse homem, é que sofrera um rombo considerável que o deixou muito mal.

Peppino sorriu, abanando a cabeça.

— Então, quanto lhe roubaram?

— Não foi dinheiro, mas sim uma coisa pela qual alcançava quanto desejava, satisfazendo as suas vinganças terríveis!

— Que espécie de talismã era esse? — inquiriu Peppino.

— A mão de um finado! — respondeu Danglars.

Peppino estremeceu, fazendo-se muito pálido.

— Diz-se — continuou o barão — que o conde de Monte Cristo, que por muito tempo gozou pela sua magnificência e extravagantes caprichos a admiração da Europa, caiu num ridículo extremo depois que lhe roubaram o seu talismã. É o que eu sei.

Peppino possuía o grau de superstição, próprio dos italianos das classes baixas.

Bandido audaz e atrevido, que no seu perfeito estado Intelectual e completa lucidez de espírito faria saltar os miolos de um homem em cujo bolso houvesse pressentido a existência de ouro, não teria ânimo de picar com um alfinete o braço de um cadáver; e com todo o respeito vê-lo-iam ajoelhar ao lado desse cadáver para murmurar uma oração pela alma que dali tinha saído. Portanto, a narração que acabava de ouvir, combinada com o que lhe disse mestre Pastrini, produziu-lhe viva impressão muito em desabono do conde de Monte Cristo, a quem ele devia a vida.

Todos os sentimentos de simpatia que esse homem lhe inspirara pelo seu poder sem limites, acabaram para logo no coração do bandido no momento em que se deixou convencer de que esse poder que parecia o melhor atributo daquele homem extraordinário se baseava num fato horroroso, como o de possuir a mão de um finado que ele sem dúvida teria cortado sem pejo e sem religião, profanando assim o segredo dos mortos e perturbando o sossego da campa! Todavia, restou-lhe o dever da gratidão, e Peppino jurou salvar a vida do conde, assim como ele lhe havia salvo a sua.

— Senhor barão, posto que me pareça estranho o que acaba de dizer, não destrói o que eu lhe disse a respeito dos seus sócios.

— É boa! Então quem são esses sócios? — Não percamos tempo — tornou Peppino. — Hei de matá-lo se recusar o que lhe proponho.

— Juro-lhe que está enganado, informaram-no mal, porque eu não persigo o conde de Monte Cristo.

— Então diga-me quem lhe roubou a tal relíquia, que lhe darei mil florins.

Esta proposta não desagradou a Danglars.

— E poderei fiar-me na sua descrição? — perguntou ele.

— Pode, sim, excelentíssimo.

— Muito bem, queira contar o dinheiro.

— É para já — tornou Peppino, colocando o dinheiro nas mãos de Danglars. — Porém, senhor barão, se V. Exa. não disser a verdade, pagará o engano com a vida! Aqui está o dinheiro.

— Na estalagem de mestre Pastrini — disse Danglars — num quarto do primeiro andar, está hospedado um homem natural de França, o qual possui a relíquia roubada, segundo ele diz, ao conde de Monte Cristo. Eu vi com os meus próprios olhos dentro de um cofre de ébano, com braçadeiras de aço polido, a mão do finado envolta num pequeno véu cor de fumo, e notei num dos dedos dessa mão já mirrada um anel de ouro, no qual me pareceu distinguir um nome gravado.

E o barão guardou o dinheiro, admirado de que tão pequeno número de palavras lhe rendessem aquela soma de belos florins.

— Agora, senhor barão — disse-lhe Peppino — se V. Exa. quiser dar-se ao incômodo de continuar a esclarecer-me acerca do homem que possui a mão do finado, eu, Peppino, imediato de Luigi Vampa, asseguro-lhe que triplicarei a quantia que recebeu agora, mas previno-o de que no momento em que eu souber que faltou à verdade, pagará impreterivelmente com a vida!

— Mas eu nada sei desse homem.

— Poderá sabê-lo amanhã, ou depois...

— Se souber alguma coisa, onde o encontrarei?

— Não é necessário dar-lhe um ponto de reunião, excelentíssimo, porque no momento em que souber alguma coisa, poderá revelá-la sem escrúpulo ao homem que lhe der esta senha: "Dedicação de Vampa e de Peppino".

— E o dinheiro?

— Receberá das mãos dele.

Dizendo isto, o salteador despediu-se e retirou-se muito satisfeito da sua diligência, contando que a ambição de Danglars seria um belo motor da sua espionagem.

CAPÍTULO 11

A mãe e a filha

Quando a senhora Danglars saiu de Paris foi com o firme propósito de deixar a França, pois acostumada desde a sua infância

aos prazeres, ao luxo e às etiquetas de uma capital, a província não podia oferecer-lhe comodidade alguma. Portanto, depois de ter caminhado até Lyon, aí se demorou enquanto Debray lhe mandava vender o seu palácio em Paris e lhe enviava uma ordem para receber o dinheiro. Em seguida, destinando esse dinheiro para as despesas da viagem, saiu de França e entrou nesse pequeno braço que a terra parece ter lançado com indolência nas tranquilas águas do Mediterrâneo, no qual os homens marcaram os estados pontifícios e o reino de Nápoles.

Finalmente, o zimbório soberbo do edifício de S. Pedro, desenhando-se com majestade no azulado céu de Itália, patenteou-se aos olhos da senhora Danglars, cujo peito se dilatou de prazer como se ali tivesse entrado uma nova existência.

No dia seguinte, a senhora Danglars encontrava-se instalada na estalagem de mestre Pastrini de um modo muito particular, que lhe custava o dobro, mas que muito lhe convinha por alguns dias, enquanto não sabia com certeza se sua filha e seu marido estavam naquela mesma cidade e com que caráter ali viviam. O seu passaporte era o de um mancebo da família Servières que estava doente, que viajava para se distrair, tomando unicamente a sua forma de mulher para de noite se dirigir aos teatros.

Logo na segunda noite em que esteve no Argentino, foi pelo acaso constrangida a presenciar a estreia de sua filha, e desde então não tornou a aparecer no teatro, não saindo do seu quarto da estalagem, onde, movida ainda por um resto de orgulho, começou a traçar um plano para dissuadir Eugènie da sua carreira de artista.

Deliberou apresentar-se e, com efeito, logo no dia seguinte à representação da Semíramis, a senhora Danglars dirigiu-se a casa de uma velha onde tinha um quarto alugado mediante uma pequena mesada, fez aí a sua metamorfose de mancebo doente para mulher sadia e bela e entrou para uma carruagem, dando ao cocheiro a morada das jovens d'Armilly.

As duas amigas tinham acabado de receber o presente do empresário e abraçavam-se com entusiasmo, quando ouviram parar uma carruagem e logo em seguida o som da campainha.

— Isto começa a ser enfadonho, minha amiga, não te parece?
— exclamou Eugènie. — Vinte e cinco carruagens num dia à mesma porta! Com efeito, dir-se-ia que mora aqui um ministro de Estado, um oficial superior da polícia ou um conde de Monte Cristo. Porém, nem todos sabem que és tu, minha boa amiga — continuou Eugènie, abraçando-a e beijando-a. — A noite de ontem não será esquecida tão cedo pelos romanos, porque eles conhecem melhor que ninguém o valor da música que executaste, a bela e inspirada expressão do teu gesto.

— Eugènie, acaso crês que produzi mais efeito do que tu? — Não, mas creio que sem ti eu não teria representado a contento aquele difícil papel.

— Fazes a meu respeito uma ideia superior, levando a tua generosidade ao ponto de te esqueceres do teu próprio merecimento, Eugènie, estão ali as tuas coroas, as quais não são inferiores às minhas nem em qualidade nem em quantidade, e não quererá isso dizer que o teu merecimento é igual ao meu? Eugènie não respondeu, mas abraçou com respeito e amor a sua mestra, amiga e companheira.

Neste momento abriu a porta da sala, aparecendo a governanta. — Que é, Aspásia? — perguntou-lhe Eugènie. — Parece-me ter-lhe recomendado que não queríamos ser interrompidas no momento em que nos preparamos para estudar!

— Desculpem-me, minhas senhoras, se venho interrompê-las, mas não é por culpa minha, pois bem conheço que a estas horas não querem que as perturbem; porém, chegou uma senhora francesa, que apesar de eu lhe ter exposto a impossibilidade de ser recebida, insiste absolutamente em falar-lhes.

— Insiste em falar-nos? — repetiu Eugènie muito admirada.

— Disse que é uma senhora francesa? — interrompeu Luísa.

— Sim, minha senhora.

— Ela não terá ao menos um bilhete na sua carteira para no-lo mandar? Vá, senhora Aspásia, e não volte. Se lhe der um bilhete, junte-o aos que lhe têm entregado hoje e ponha-os no meu toucador. Vá! Eugènie pronunciou esta última palavra juntando-lhe um gesto tão imperioso, que a senhora Aspásia se viu obrigada a

retirar-se imediatamente. As duas amigas aproximaram-se do piano para iniciarem o seu ensaio, e um momento depois, encetavam um dueto da Semíramis quando, indignadas, viram a porta abrir-se e a governanta aparecer de novo.

— Oh! — exclamou Eugènie com aborrecimento. — Deste modo, hoje não poderemos estudar! — Mil perdões, minhas senhoras — respondeu Aspásia. — A senhora de quem lhes falei quis por força que lhe trouxesse este bilhete.

E Aspásia avançou, entregando um inflexível e bonito cartão, onde estava gravado em letras de ouro, o nome aristocrático de uma mulher.

— Será possível? — murmurou Luísa, passando-o a Eugènie.

— A baronesa Danglars — disse ela, lendo o bilhete e soltando uma pequena risada. — Oh, minha amiga, empalideces!? Crês acaso que esta senhora venha visitar-me? Pela minha parte, conheço-a bem, e estou inclinada a crer que virá apenas cumprimentar as duas d'Armilly. Mande entrar a senhora baronesa — acrescentou com indiferença, fazendo sinal à governanta que saiu imediatamente.

Por momentos as duas amigas ficaram pensativas, com o olhar cravado no bilhete que lhes vinha perturbar a paz íntima. Eugènie de quando em quando corria os dedos pelo teclado do piano, e os sons espontâneos, rápidos e consecutivos de escala em escala, disfarçavam um suspiro, que lhe fugia do peito, e o qual a artista não queria que fosse ouvido pela amiga.

A baronesa não tardou a apresentar-se. Vinha esmeradamente vestida de veludo preto, com romeira guarnecida de preciosas rendas. Eugènie caminhou vagarosamente para ela, inclinou-se com respeito como para lhe beijar a mão; porém a senhora Danglars permaneceu estática e Eugènie fez-se vermelha como um pimentão.

— Vamos, Eugènie — disse por fim a senhora Danglars. — Para conseguir descobrir-te em Roma, foi necessário dar o nome de Eugènie d'Armilly, e não há dever algum que obrigue uma Eugènie d'Armilly ao testemunho de respeito que querias prestar-me.

Dizendo isto, a senhora Danglars lançou um olhar oblíquo para a amiga da filha, a qual parecia ter aproveitado a parte que lhe dizia respeito daquelas palavras: depois, como para começar a cena, dando uma lição a sua filha, olhou em volta de si como se procurasse uma cadeira.

— Mas sente-se — disse-lhe Eugènie vivamente, no momento em que a baronesa lhe ia também dizer: — Não sei se em casa de atrizes há os mesmos costumes de toda a outra gente. Todavia, advirto-a de que não estou habituada a falar de pé.

A estas palavras, pronunciadas de um modo que pareciam filhas de um profundo desprezo, Eugènie fez-se lívida como um cadáver.

— Minha senhora, — disse a artista fazendo um grande esforço para dar firmeza às palavras. — Em casa de atrizes há os mesmos costumes de toda a outra gente e muito principalmente na Itália, onde, como deve saber, a aristocracia da arte quase se iguala à do nascimento.

— Persuado-me de que não só quase a iguala, como diz, como também a excede — tornou a senhora Danglars com um sorriso irônico — de contrário, creio que não teria merecido tão grande simpatia. Porém, Deus sabe como isso foi! Muitas vezes os ruins conselhos imperam de um modo tal sobre as pessoas inexperientes que as obrigam às mais extravagantes loucuras.

A baronesa tornou a lançar o seu olhar oblíquo para Luísa, como para observar o efeito das suas palavras. Eugènie estremeceu de raiva e orgulho ofendido e ia falar, mas a voz de sua mãe cortou-lhe a palavra.

— Vamos, Eugènie, tencionava talvez perguntar-me o motivo da minha visita? Asseguro-lhe que não será difícil de ser compreendido. Quando se pertence pelo nascimento a uma das classes da sociedade distinta, não podemos seguir todos os nossos caprichos com a mesma facilidade e sem cerimônia dos filhos de famílias plebeias que nada têm a perder, mas tudo a ganhar no mundo. Sim, Eugènie, posto que adotando a carreira de artista, ocultaste o teu nome de família sob outro de menos consideração, não foste bastante forte para mudar toda a tua essência e ficaste

sendo aos olhos de quem já te conhecia a mesma Eugènie de Servières e Danglars. Ora, estes nomes não podem de modo algum pertencer a uma atriz, por muito nobre que seja o seu estado, principalmente quando eu, que sou tua mãe, me considero ainda no direito de reclamar.

— Reclamar? — retorquiu Eugènie, com voz sumida e o olhar fixo no chão. — Não a compreendo, minha mãe.

— É na verdade bem simples! Quando eu empreguei a palavra reclamar, quis dizer: curar, pelos meus conselhos, o louco desvario da minha filha. É este o meu dever, Eugènie, e se tu esqueceste quanto me devias, não me sucede o mesmo a teu respeito.

— Minha mãe — murmurou Eugènie, em cujas pálpebras tremulavam lágrimas. — É boa e generosa, por isso esperei sempre o seu perdão; porém não julgue que eu abandone a minha carreira de artista pelas etiquetas enfadonhas e pela monotonia insípida da mocidade vulgar. Sim, quando concebi o meu plano de fuga, quando o realizei com determinação e coragem, arrostando com muitas contrariedades e alguns perigos, não foi com a ideia de entrar no dia seguinte na casa materna como criança arrependida de haver cometido uma maldade. Respeito-a e estimo-a muito, mas esta vida livre e gloriosa é toda a minha ambição!

— Basta, Eugènie! — exclamou a baronesa levantando-se. — Eu sei a quem devo a tua loucura. A quem devo o desgosto que experimentei naquela noite maldita! Oh, se eu o tivesse suspeitado então! Não teria agora de ser mãe de uma atriz cômica. Mas não o serei por muito tempo, porque não quererás matar-me com esse desgosto, não é verdade, minha filha? — Minha mãe, por piedade! Não compreende o que seja dizer-se a uma cantora de natural vocação artística que ela leva vida de mulher vulgar.

— Fazes uma alta ideia de ti mesma, Eugènie! — interrompeu a baronesa Danglars com um sorriso de escárnio. — Saberás tu o que é para uma senhora de bom nascimento e de escolhida sociedade, ter uma filha sobre o imundo palco de um teatro? Uma filha a quem ela amava, educava com desvelo e orgulho. Eugènie, isto é muito pior! Uma de nós há de consumir o sacrifício,

entendes? Eu não venho aqui fazer uma cena de sentimentalismo, não, isto não é um enfeite com que as atrizes se adornam para brilhar. Elas, à força de representar, à força de adotar o que os seus papéis lhes exigem, já não podem avaliar a verdadeira dor ou o verdadeiro prazer que nos afeta.

— Minha mãe! — gritou Eugènie estremecendo e rasgando com os dentes o seu lindo lenço bordado.

— Não me disseste que eras uma atriz? Falo-te como falaria a qualquer outra.

Voltando-se em seguida para Luísa, dirigiu-lhe a palavra diretamente.

— Senhora Luísa d'Armilly, permita que lhe agradeça o desvelo com que ensinou música a minha filha. Com efeito, a discípula honra a mestra e será difícil distinguir qual é hoje a discípula e qual a mestra.

Luísa lançou um olhar suplicante para a amiga, a qual imediatamente avançou um passo, colocando-se entre ela e a baronesa, como para responder.

— Hoje somos amigas íntimas, companheiras de trabalho, de estudo, de glória e de fortuna — disse Eugènie. — A minha mãe, que pelo seu nascimento nunca terá ocasião de trabalhar, de estudar, para comprar um nome e alcançar os meios de subsistência, não compreende o que é esta grande amizade que nos une! Pois bem, respeite-a ao menos. Nos salões da sua sociedade, não há destas amizades, nos faustos da nobreza não existe esta singeleza sublime... É por ela que eu desprezo o nome da ilustre família de que descendo, é por ela que desprezo a fortuna que me pertencia.

A baronesa estremeceu ao ouvir estas palavras.

— É por ela, finalmente — continuou Eugènie, abraçando-se a Luísa — que lhe digo, minha mãe, que serei sempre sua filha; mas sendo sua filha, não deixarei de ser artista.

A baronesa vendo que não tinha mais que fazer naquela primeira visita, murmurou algumas palavras e saiu precipitadamente de casa das duas amigas. Para uma pessoa como a senhora Danglars, que não podia conformar-se com a ideia de se

retirar da sociedade em que sempre tinha vivido, para uma senhora tão cheia dos preconceitos de raça, que por simples instinto de mal fundado orgulho desprezava a mediania social e as classes proletárias, nada havia pior do que a horrível vocação de Eugènie.

A baronesa teria de sair de Roma, pois dentro em breve algum jornalista ávido de um artigo sensacional, publicaria sem reboço a vida da nova cantora e esta seria então reconhecida em todas as cidades como Eugènie Danglars, a qual por uma vocação sublime abandonara a mãe, a família, honras e riqueza, para seguir a brilhantíssima mas difícil carreira de Talma, que era toda a sua dedicação.

A senhora Danglars durante um momento meditou numa fatalidade que parecia persegui-la desde certo tempo. A fuga do marido, a aparição do infeliz mancebo a quem ela havia dado o ser, a carta fatal escrita pelo seu antigo amante à hora da morte, a extravagância de sua filha Eugènie, tudo parecia combinado para a oprimir; porém a baronesa não era pessoa que se deixasse vencer pela fatalidade, o seu orgulho e amor-próprio revoltavam-se com esta ideia e prescreviam-lhe o caminho que devia seguir. Ela jurou impedir a carreira de Eugènie e dispôs-se a começar o trabalho misterioso, no qual empregava toda a sua inteligência e fina perspicácia de mulher.

CAPÍTULO 12

A carta de Benedetto

A visita da baronesa Danglars a casa da filha, verificou-se antes de Benedetto lhe ter escrito a carta em nome do conde de Monte Cristo, por isso os acontecimentos que vamos narrar consecutivos à mencionada visita, também tiveram lugar antes da referida carta, cujo resultado se verá mais tarde.

Como dissemos já, a baronesa tinha alugado um quarto em casa de uma pobre velha, onde fazia as suas metamorfoses de mancebo doente para mulher sadia e bela. A senhora Danglars, que

a troca de uma pequena quantia comprara o silêncio da velha, aumentou essa quantia para ter o direito de exigir dela o mais absoluto segredo, o que muito agradou à mulher.

— Não haverá em Roma um homem determinado que seja capaz de uma empresa difícil, mas lucrativa?

— Há vários.

— Muito bem. Esse homem terá de frequentar o teatro como pessoa habituada àquele gênero de espetáculo e também de consumir uma espécie de rapto.

— Um ou dois, quantos quiser.

— E quem garantirá a sua obediência?

— O seu próprio interesse.

Qual o motivo por que devo confiar em sua sinceridade?

— O mesmo que me garante da sua. A senhora, quando veio aqui eu julguei que fosse um homem, mas quando a vi vestida de mulher não lhe fiz pergunta alguma. Não sei quem é nem o indago. Se for criminosa e a capturarem, espero que não falará em mim.

Ao anoitecer, o mancebo doente da família Servières, muito bem embuçado no seu capote, saiu furtivamente da estalagem e dirigiu-se a casa da velha sibila, a qual ficou bastante surpreendida ao ver que a senhora Danglars não mudara de vestuário, o que acontecia pela primeira vez.

— Arranjou o homem? — Sim, está à espera.

— Quem é? — Não interessa saber quem é. Pague-lhe a senhora e deixe o resto por conta dele.

— Muito bem. Amorteça a luz do candeeiro e mande-o entrar, mas não lhe diga que sou mulher.

A velha obedeceu imediatamente e o suposto Servières envolvendo-se bem na capa, afastou-se para a extremidade do quarto e sentou-se numa cadeira estofada muito maltratada.

Ainda não eram decorridos cinco minutos, quando à entrada da porta apareceu um homem alto em cuja fisionomia se lia a astúcia da raposa e a coragem do leão, o qual lançando um rápido olhar a Servières, adivinhou com quem tinha a tratar, antes que este pudesse suspeitar o mesmo a seu respeito.

Depois de alguns momentos de silêncio, que o recém-chegado aproveitou para tirar o chapéu e passar a mão pelo cabelo, Servières perguntou em voz contrafeita: — Está disposto a desempenhar um trabalho difícil?

— Sim, excelentíssimo! — respondeu o homem.

— Ainda que se trate de um rapto? Ele sorriu e fez um gesto de tédio, como se esperasse coisa mais difícil.

— Muito bem! — continuou Servières depois de pensar um instante. — Alguém nos ouve?

— Eu só — respondeu o bandido.

— Costuma frequentar teatros?

— Todos quantos há em Itália.

— Então conhece bem a Itália?

— Conheço este braço da terra desde Régio até Aosta, tanto para o lado do mar da Córsega como para o Adriático.

— Conhece as duas novas cantoras do teatro Argentino?

— Em Roma quem não conhece já as duas d'Armilly!?

— Refiro-me à mais nova.

— Eugènie? Conheço.

— Imagine um homem que a ama apaixonadamente. Um desses sentimentos que fazem remover tudo para lograr o objeto desejado, que fortalece com o frio desprezo desse objeto e que, semelhante ao raio atravessando regiões de gelo, é forçoso que atinja o seu ponto determinado.

— Pois bem...

— Trata-se do rapto de Eugènie d'Armilly.

— É fácil. Marque o dia e a hora.

— Como?

— Marque o dia e a hora para o rapto.

— Todavia, antes disso quero recomendar-lhe uma coisa — disse Servières hesitando por um momento, como se receasse suprimir a liberdade de Eugènie.

— O que é? O maior respeito e a menor violência possível...

— Fique descansado.

— Como saberei que cumpre a sua palavra?

— Pagará depois do trabalho feito, excelentíssimo, depois de se certificar que tudo foi feito consoante as suas ordens.

— Onde o encontrarei?

— Conhece as catacumbas de S. Sebastião?

— Não — respondeu Servières, acrescentando logo em seguida: — Mas a missão é um pouco mais extensa. Depois do rapto, conduzirá Eugènie a Nápoles.

— Disso não me encarrego.

— Então ao convento que eu lhe indicar?

— Isso sim, contanto que abram as portas.

— Hão de abrir!

— Indique-me o dia do rapto.

— No primeiro em que se representar a Semíramis, antes de começar o espetáculo.

— E o convento?

— Amanhã, ao meio-dia, dir-lhe-ei o nome.

— Então até amanhã — disse ele, preparando-se para sair.

Assim que se viu sozinha, a baronesa murmurou: "Muito bem, Eugènie, no convento acabará o teu delírio de uma liberdade que me compromete. Hás de arrepender-te de haver abandonado tua mãe!" No dia seguinte, o estalajadeiro entregou à senhora Danglars a carta que Benedetto lhe dirigira. A baronesa abriu-a e começou a ler.

Uma pessoa que muito preza e respeita V. Ex.^a, acaba de saber que o segredo de V. Ex.^a está descoberto em Roma. Permita-me que o avise, pois de maneira alguma desejo que passe pelo menor vexame.

Seu muito afeiçoado Conde de Monte Cristo Se a cabeça da medusa, com as suas serpentes em lugar de cabelos e com toda a hediondez que lhe deu a vingativa Minerva, houvesse aparecido suspensa no ar aos olhos da pobre baronesa, não a tornaria por certo mais estática do que ela ficou quando finalizou a leitura da carta, assinada com o nome de conde de Monte Cristo.

Seria aquilo um sonho mau? Leu segunda vez.

Não havia ali mais do que a realidade. Uma carta na qual se lhe dizia estar descoberto o seu segredo. A que podia ela atribuir

aquelas palavras senão ao seu recente projeto de raptar Eugénie? Sim, era forçosamente a isto que o conde de Monte Cristo se referia. Mas onde estava ele? De onde lhe escrevia? Como pôde saber que ela se encontrava em Roma? "Ah!" dizia ela para consigo com um sorriso amargo. "Esquecia-me que esse homem extraordinário tem o segredo de ver nas trevas, de prever o futuro e de adivinhar o presente, ainda que este se julgue encoberto com um espesso véu de mistério! Para aquele homem não há segredos, não há mistérios no mundo! Porém onde está ele? Preciso vê-lo e ouvi-lo. Ele é grande, é poderoso, há de valer-me!" Dizendo isto, sentou-se à secretária e escreveu rapidamente, depois dobrou o papel, pôs-lhe o sinete e acrescentou no sobrescrito: Ao Ilmo e Exmo Sr. Conde de Monte Cristo. Com muita urgência Quando mestre Pastrini recebeu esta carta para a entregar ao vizinho do segundo andar, foi grande o seu espanto ao ler o sobrescrito. Esteve para rodar sobre os calcanhares ao observar que semelhante pessoa não estava ali, nem se encontrava em Roma; porém, lembrando-se das palavras de Benedetto e refletindo que este lhe explicaria o enigma, subiu rapidamente ao segundo andar e entrou no quarto do seu hóspede.

— Excelentíssimo, venho muito fatigado. — Porquê, andou muito? — Não, excelentíssimo.

— Subiu a escada a correr? — Venho fatigado com o peso de uma carta. — Ora essa! — Se lhe parece! Quando a carta tem escrito o nome do conde de Monte Cristo...

— Dê-me — disse vivamente Benedetto. E antes que o estalajadeiro tivesse tempo de dizer uma palavra, estava a carta na mão agitada do assassino.

— Mas, excelentíssimo, o senhor não é o conde.

— É o mesmo, pois sou o seu secretário.

— O senhor? — perguntou mestre Pastrini, espantado. — Não tinha dito que...

— Ah, mestre Pastrini, declaro-lhe que não fico nem mais uma hora em sua casa, porque o senhor é um curioso insuportável.

O estalajadeiro não compreendendo nada do que se passava ali desde há uns tempos a esta parte, viu-se obrigado a retirar-se

para o seu pequeno escritório, onde esperou ocasião de falar a Peppino, a fim de lhe contar que o secretário do famoso conde de Monte Cristo estava em Roma.

Benedetto saiu da estalagem levando o seu misterioso cofrezinho e uma pequena mala de couro que formava toda a sua bagagem, no firme propósito de se aproveitar hábilmente da feliz descoberta que tinha feito. Dirigiu-se a casa do porteiro do teatro Argentino e bateu na aldrava com tal violência, que o pobre barão deu um pulo na cadeira.

— Olá, barão! — gritou Benedetto.

— Ainda a mesma teima? Quer comprometer-me, não é isso?

— Meu amigo, quando eu lhe chamo barão é porque estou convencido de que readquirirá a sua fortuna — respondeu Benedetto subindo e colocando a um canto a pequena mala, mas conservando sempre o cofre debaixo do braço.

— Que é isso? Vai viajar?

— Não. Simplesmente, quando a gente se muda, não costuma deixar os trastes na antiga casa.

— Ah! Vai mudar-se?

— É verdade. Diga-me, não tem aqui um quarto devoluto?

— Pela minha vida lhe juro que não tenho! — exclamou o barão.

— Histórias, senhor barão! Ah, agora me recordo que tenho de trabalhar! Dê-me papel, pena e tinta.

— Repito-lhe que não tenho um quarto vago nesta casa!

Veja: sala, casa de jantar e cozinha.

— Meu caro amigo, eu não pretendo levantar o plano da sua casa, quero simplesmente papel, pena e tinta.

— Vai escrever?

— Vou escrever a seu respeito.

— Isso é mais sério. E a quem?

— À senhora baronesa Danglars — respondeu Benedetto.

O barão estremeceu violentamente.

— Escrever à baronesa?

— Por que se admira, senhor barão? Não lhe prometi eu entregá-la com os seus três milhões, uma vez que tem remorsos de

os ter deixado? Pois bem, ela está em Roma, escreveu-me e vou responder-lhe.

— Escreveu-lhe?

— Conhece a letra dela?

— Perfeitamente.

— Será esta? Mostrou-lhe a carta que a baronesa havia dirigido ao suposto conde de Monte Cristo.

— Ah! — exclamou o barão, lendo este nome no sobrescrito.

— A letra é dela, mas acaba de dizer que ela lhe escreveu e eu vejo aqui um nome que não é o seu.

— Não é o meu! — retorquiu Benedetto sorrindo, acrescentando logo: — Caro barão, vejo que esquece a minha relíquia milagrosa. Com licença, deixe-me arrumar o meu cofre. Não lhe toque! Contém a mão do finado!

Danglars estremeceu, malgrado seu, e Benedetto continuou: — Meu amigo, ordenei à baronesa que vendesse o seu palácio e a sua baixela em Paris e que viesse para Roma. Ela obedeceu, espera as minhas ordens, e eu venho consultá-lo a esse respeito.

O modo persuasivo com que Benedetto pronunciou estas palavras, deixou o pobre barão estupefato.

— Creio que estou sonhando — murmurou ele.

— Vamos senhor barão, saia desse estado de torpor que não serve agora para nada. Vou escrever à baronesa a anunciar-lhe a sua visita.

— Isso nunca! — Compreendo. Teme que a baronesa lhe jogue no rosto o seu procedimento, mas asseguro que não será assim; pelo contrário, será a primeira a se lançar em seus braços.

— Ora, isso foi coisa que ela nunca fez de bom humor.

— Fá-lo-á agora, deixe-me escrever-lhe — tornou Benedetto com modo imperioso.

Em seguida sentou-se e começou a escrever o seguinte: Minha senhora: Não estou em posição para dar-lhe conselhos, todavia o meu parecer é que não se assuste com coisas que não valem nada. Hoje almocei com o senhor barão Danglars na sua lindíssima casa de campo, onde me fez observar objetos de muito preço e muito gosto, entre os quais notei um retrato da senhora

baronesa. Ao vê-lo, disse para comigo: "Bela senhora, é má, mas a sua maldade agrada a quantos a conhecem".

Dei ao senhor barão a feliz notícia da sua presença em Roma e estou convencido que ele tenciona fazer-lhe uma surpresa amanhã à noite.

Quanto ao rapto, já não se realizará, porque foi atraçoada. Porém o homem nada dirá que a comprometa.

Assinou com o nome de conde de Monte Cristo e fechou a carta, sobrescritando-a em seguida.

— Agora preciso dum portador.

— Isso é que não há — respondeu o barão, que não tinha deixado de passear pela casa enquanto Benedetto escrevia.

— A pobre senhora está ansiosa por se reconciliar consigo e o senhor até quando se trata de arranjar um simples portador para esta carta se mostra indolente. Escute, bateram à porta. Seja quem for, há de servi-lo.

O barão franziu o sobrolho e perguntou quem era.

— Dedicção de... Ah, diabo, senhor barão! Abra, porque há coisas que não se dizem assim da janela para a rua — disse fora uma voz de homem.

— Que maravilha é esta, meu caro? — perguntou Benedetto. — Não sou só eu que lhe chamo barão.

— Por amor de Deus, tire daqui a sua bagagem e passe para aquele quarto, ou antes para a cozinha! Talvez seja melhor que se retire.

— Está perturbado, senhor barão! — Ora isto! — exclamou este.

Repetiram-se as pancadas e o barão parecia estar sobre brasas.

Benedetto correu à porta e abriu-a, enquanto Danglars, não podendo evitar este movimento, fez um gesto de profundo embaraço e adotou de momento uma fisionomia que explicasse bem a situação ao seu interlocutor.

CAPÍTULO 13

O suposto secretário do conde de Monte Cristo

A inesperada visita que se apresentava era Peppino, o qual tendo ouvido dizer a mestre Pastrini que o secretário do conde de Monte Cristo estava em Roma, correu ao encontro do barão para saber por seu intermédio mais alguma coisa, pois, como dissemos, os elementos que compunham a quadrilha de Vampa professavam profundo respeito pelo conde.

Danglars estava agora numa posição difícil e tremia com receio de se sair mal dela. Peppino ficou um tanto embaraçado ao encontrar-se na presença de um estranho.

O barão lançou-lhe um olhar significativo e patético, como se quisesse dizer-lhe: "Seja prudente, não me comprometa". Por sua vez, Benedetto, notando pelo traje de Peppino que este seria um homem a aproveitar, ficou satisfeito, calculando que tinha ali um portador para a sua carta. Avançando um passo, disse: — Será capaz de se incumbir de uma missão? — Que missão? — perguntou Peppino, olhando fixamente para ele.

— Levar uma carta para ser entregue hoje mesmo na estalagem do Globo — respondeu Benedetto, sustentando com estoica indiferença o olhar investigador do outro.

— A quem, signor? Danglars fez um gesto suplicante, mas Benedetto respondeu sem o menor escrúpulo: — A senhora baronesa Danglars. Deve entregá-la a um hóspede que ocupa os quartos nº 3 e 4 do primeiro andar, o qual a receberá.

— Não tenho dúvida alguma em ir, mas se me perguntarem quem me envia, que devo responder? — Dirá simplesmente: o secretário do conde de Monte Cristo.

Tentar descrever as diversas emoções que se revelaram na fisionomia de Peppino ao ouvir estas palavras, seria impossível. Estremeceu involuntariamente, fazendo-se muito pálido, como se o nome que ouvira lhe despertasse uma lúgubre recordação: depois olhou para Danglars com o olhar perspicaz que o caracterizava, e segunda vez olhou para Benedetto, que se conservava impassível.

— Perdão, signor, conhece a pessoa de quem fala? — O secretário ou o conde? — perguntou Benedetto.

— Um e outro.

— Conheço, porque um deles sou eu.

— É então o secretário do senhor conde? — Já lhe disse, meu amigo, e a insistência da sua pergunta faz-me acreditar que conhece o meu amo.

Peppino baixou a cabeça.

— Serviu-o em algum tempo? — Oh! Foi S. Ex." quem teve a bondade de nos servir.

— De nos servir? Esse nos quer dizer muito e faz-me sentir desejos de lhe falar em ocasião mais oportuna.

Estou às suas ordens, signor, todavia parece-me que deverá ter um sinal.

98 — 99 — Tenho.

— Então? — Meu caro barão — disse Benedetto — faça-me o favor de me deixar só com este homem.

Danglars passou para outro compartimento.

— Muito bem — continuou Benedetto. — Sabe que qualidade de homem é o conde? — Extraordinário.

— Como se pode conhecer por este sinal que lhe marca o destino no mundo, onde ele caminha radiante como um raio de sol. Veja.

Abriu o pequeno cofre e Peppino recuou estupefato, levando a mão aos olhos.

— A mão de um defunto! — murmurou.

Benedetto ocultou em seguida a macabra relíquia, notando com prazer o efeito que ela produzira em Peppino.

— Será de hoje em diante a palavra de ordem.

— Qual ordem, signor? Não há entre nós palavras desta natureza, nem nunca existiu outra que não fosse o nome de Sua Excelência! Eu pedia-lhe um sinal, uma palavra qualquer, pela qual me certificasse. Porém, acredito agora, porque isto é próprio de um homem que parece superior à vida e à morte, como o signor conde.

— Quem é você? — Sou um homem a quem Sua Excelência salvou a vida e que jurou obedecer-lhe em tudo e por tudo! — Todavia parece-me que pertence a uma associação, pois empregou o termo nós, quando falou a primeira vez do conde de Monte Cristo.

Peppino olhou em volta de si e, aproximando-se mais de Benedetto, murmurou: — Sou amigo de Luigi Vampa.

— Aí está um nome que conheço muito bem, por ouvi-lo repetir ao conde de Monte Cristo e a Bertuccio.

— Bertuccio? Sei quem é.

O conde me encarrega de levar algumas instruções para Luigi Vampa.

— Então dirija-se ao Coliseu, que ele aí estará para as receber.

— Seja assim, mas você acompanhar-me-á, porque não o conheço nem ele a mim. O nosso ponto de reunião será aqui depois de amanhã. Agora vá entregar esta carta à baronesa. Não tem resposta.

Peppino inclinou-se e saiu sem a menor réplica.

— Barão! Barão! — gritou Benedetto.

— ó homem, você é o diabo! — Serei. Mas diga-me quem é o homem que acaba de sair.

— É Peppino, o segundo chefe da quadrilha de Luigi Vampa. Benedetto soltou um grito.

— Que aconteceu? — Nada, barão, não é nada. Quero dizer que a mão do finado não chegará muito tarde ao ponto que demanda, pois não devo esquecer que o finado a quem ela pertence, tinha uma missão a cumprir na terra. Sim — continuou ele com exaltação — lá do fundo do teu silencioso túmulo de mármore, ergue a vingança do teu braço justiceiro à face da terra! E, dizendo isto, arrancou do cofre a mirrada mão e beijou-a com entusiasmo e respeito, derramando algumas lágrimas.

Danglars contemplava-o com espanto e terror, não compreendendo nada do que dizia Benedetto.

— Barão, que gênero de homem é Luigi Vampa? — inquiriu ele depois de haver fechado no cofre a macabra relíquia que tanto horrorizara Danglars.

— Eu tenho razão para o conhecer bem, porque foi ele quem me despojou de seis milhões.

— Sim, os tais seis milhões que Monte Cristo teve o mau gosto de dizer que não eram positivamente seus.

— Havia engano na verdade. Não me recordo como foi isso.
— Voltemos a Luigi Vampa.
— É homem capaz de cumprir a sua palavra e, segundo me pareceu, muito determinado ao comando dos seus satélites.
— Alto?
— De estatura mediana.
— Robusto?
— Regularmente, creio que possuirá a força natural de outro qualquer homem.

Benedetto parecia muito satisfeito com as respostas de Danglars. A sua imaginação planejava sem dúvida algum grande projeto, pois por vezes sua testa se enrugava e o olhar assumia expressão sombria e sinistra, como no tempo em que planejava a morte do seu carcereiro, na cadeia da Force.

— Agora, meu caro senhor — disse Danglars, levando a sua liberalidade ao ponto quase fabuloso de tirar do pó de um armário uma garrafa de lágrima-cristi, que constitui um dos ramos preciosos de contrabando em toda a Itália — aqui temos com que molhar a palavra e posso também oferecer-lhe para entreter a debilidade alguns bons biscoitos da Jamaica.

— É um belo anfitrião e faz-me crescer o desejo de prolongar a minha estadia. Felizmente não o incomodarei com isso, porque não tarda o momento em reunir-se a sua esposa e então...

— Que diz? Oh, é encantador! O seu desinteresse em tudo isto é sublime! — Obrigado, barão. Gosto destas comoções, e desde já me parece que muito deverá deleitar-me a cena do seu encontro com a interessante baronesa; depois não me procure, porque desaparecerei em seguida à maneira das lindas aves que cegavam com o brilho da plumagem e deslumbravam com a melodia da voz as aves de Juvenal, as fênix.

— Para onde vai? — Pergunte ao raio das procelas o ponto que deve atingir quando rasga o seio da nuvem, fende os ares e se projeta a nossos olhos, rápido e potente. Eu irei aonde a mão descarnada me conduzir.

— Pela minha alma! — replicou Danglars. — A sua história aborrece-me muito. Eu não tenho a menor queda para o

maravilhoso e será difícil fazer-me acreditar que o seu caminho seja designado pela mão ressequida de um cadáver! — É porque não sabe que sensações produz em mim aquela relíquia! Que ideias desperta neste cérebro requeimado pelo ardor do sofrimento e pela febre da raiva! Desculpe, barão — continuou Benedetto mudando de tom e sorrindo com ironia.

Estas coisas de nada valem, conversemos de outras.

— De acordo.

— Segundo me parece, tem relações com os bandidos de Vampa, meu caro Danglars! Mas sossegue, homem, o hábito não faz o monge. Que importa que existam negócios entre eles e o senhor? Por isso não deixará de ser barão e de possuir os três milhões de sua esposa.

— Não tenho quaisquer relações com eles. Foi desde aquela célebre ocasião que fiquei a conhecer Peppino e ele às vezes passa por aqui para beber um copo de vinho.

Benedetto convenceu-se que o bandido em lugar de ir ali para esse fim, desempenhava as funções de fornecedor de vinhos em casa do barão.

— Que tal o acha? — ótimo.

— Muito bem. Agora faça favor de me falar acerca da visita que devo fazer à baronesa, porque bem sabe que estou com os olhos fechados em todo este negócio.

— Eu abrir-lhos-ei — respondeu Benedetto depois de meditar um instante, durante o qual, com muita mágoa do barão, despejou quatro cálices de vinho e consumiu quase todos os biscoitos que estavam na bandeja. — Amanhã, às seis horas da tarde, apresentar-se-á no primeiro andar da estalagem do Globo, com o seu título de barão Danglars.

— Minha mulher mora aí? — perguntou Danglars num tom que não escapou a Benedetto.

— Não lhe disse que habitava aí, mas sim que tem um quarto alugado na estalagem de mestre Pastrini.

O barão suspirou, como se aquelas palavras lhe contraíssem uma ideia despertada pelas primeiras.

— Bem, vamos por partes — disse ele pausadamente. — Anuncio-me com o meu título, e depois? — Boa pergunta. Depois é recebido.

— E...

— Quer que lhe ensine tudo o mais que um homem de tino será capaz de fazer em face da esposa, de quem estava apenas separado e que possui três milhões de francos? — atalhou Benedetto com uma gargalhada. — Nesse caso, ver-me-ei obrigado a declará-lo um verdadeiro parvo! O barão não insistiu e despejou o resto da garrafa. Benedetto, por seu turno, tratou de arranjar uma cama, depois meteu o cofre debaixo do travesseiro e pôs-se a combinar bem as suas ideias para os trabalhos do dia seguinte.

CAPÍTULO 14

Roubo

AJUDADO pelo acaso, o filho do antigo procurador-régio parecia prosseguir sem dificuldade no seu caminho de crimes. Assim como a felicidade tem por vezes o capricho de fazer um homem seu favorecido, a desgraça lança suas poderosas garras sobre sua vítima e marca-lhe com um ferrete de ignomínia toda a vida desde a nascença até ao derradeiro suspiro. Para este homem não há nem Deus, nem amor, nem pátria; filho do crime, o seu legado no mundo é o crime, a maldição! Benedetto parecia não ser mais do que um desses filhos da fatalidade, para quem os outros homens não são irmãos, pois lhe haviam atirado ao rosto com uma gargalhada de escárnio, os laços civis e religiosos que os deviam ligar na mesma família.

E quantas vezes acreditamos que estes homens, filhos da Providência como todos os outros, são pelos misteriosos decretos do Eterno excluídos da comunhão da virtude, para com eles castigar aqueles que, julgando-se eles próprios missionários de Deus, abusam da força e do poder que esse Deus lhes havia concedido,

deixando-se arrastar pelo poder de uma paixão que os domina? Benedetto perseguia um desses homens que tinha abusado do seu poder e da sua força, desmentindo por isso na terra um dos mais belos atributos do Eterno, a misericórdia! Ah, criaturas mesquinhas, que vós julgais tão iluminadas como Deus e acreditais ser tão poderosas como Ele! E no fim, o fogo que sentis em vós e que tomais pela chama sagrada da inspiração, não é mais do que o delírio excessivo de uma paixão terrestre que vos domina e arrasta! Então, com o vosso procedimento, prostituís a justiça infinita e a bondade inefável do Criador! Então, lançais a discórdia, a morte e o martírio em redor de vós, como a semente da maldição, dizendo que é essa a justiça infinda e sublime, dum Deus Onnipotente que vos inspira! Eis, como o homem, que mais justo se crê sobre a terra, possui um dos maiores defeitos da humanidade, a vaidade! A baronesa Danglars, tendo recebido a carta que lhe enviara o suposto conde de Monte Cristo pela mão do seu secretário, acreditava firmemente que o conde estava em Roma e que, por um dos muitos caprichos familiares daquele homem, ele queria obter daquele modo o seu bom agrado, antes de se lhe apresentar. Depois de haver estremecido quando na primeira carta ele lhe declarava estar descoberto o seu segredo em Roma, restabeleceu completamente o seu sossego habitual quando, na segunda, lhe afirmava que podia estar descansada, porque o seu nome não ficaria comprometido no louco projeto do rapto de Eugénie. Deste modo, pensou maduramente na conveniência de se reconciliar com o marido, cuja fortuna parecia favorável, pois o astucioso Benedetto havia escrito na sua segunda carta estas palavras: "Almocei ontem na linda casa de campo do barão, onde ele me fez admirar objetos de grande valor." Estas palavras foram estudadas, analisadas e comentadas pela senhora Danglars durante quatro horas.

É claro que para possuir uma linda casa de campo e objetos de grande valor que mereceram a atenção de um homem como o conde de Monte Cristo, o barão devia estar rico e, neste caso, a linda baronesa que tinha o seu fraco, não achava desvantajoso esquecer-se do passado, depois de um pequeno monólogo de

reclamações, para se reconciliar com aquele que afinal de contas era o seu marido.

Assente este primeiro juízo, eis que o futuro começava a se mostrar vagarosamente, à maneira dos panos dos teatros que pouco a pouco se vão erguendo a fim de nos mostrar um paraíso inteiramente novo. A baronesa viu a cidade de Londres, mas não a viu sombria e triste como ela é, viu-a pelo contrário alegre de prazer, de luxo e de representação, como ela se torna para aqueles que a fortuna colocou no grau de respirarem ali o ar da sociedade distinta.

Diferentemente do que acontece em França no que diz respeito a normas de etiqueta, aquelas que regem esta sociedade são um pouco mais severas do que em outros países: a crítica e a censura perseguem muito de perto qualquer senhora estrangeira que não possa apresentar-se ali numa posição completamente definida. Era esta a razão pela qual a senhora Danglars não se dirigira a Londres quando saiu de Paris.

Ela temia três perguntas a seu respeito, e ainda mais do que as perguntas, três respostas, que os críticos e os censores forçosamente haviam de procurar noite e dia.

— Era casada? Era viúva? Era solteira? Ora, as respostas e as perguntas não eram tais que pudessem dar-se em plena sociedade.

A senhora Danglars conhecia bem o mundo e a sociedade dos diferentes países; por isso preferiu dirigir-se a Roma, onde, como vimos, se preparava para unir-se ao barão Danglars, depois de uma espécie de divórcio que durava havia quase dois anos.

O misterioso mancebo Servières que habitava no primeiro andar da estalagem Globo na via del Corso, tinha acabado de jantar e de desaparecer para ceder o seu lugar a uma senhora de magnífica presença, vestida com elegância, a qual não era outra senão a interessante baronesa Danglars.

Mestre Pastrini não sabia desta metamorfose, pois quando fazia servir o jantar encontrava a sala deserta, acontecendo o mesmo quando ia levantar o serviço. Portanto, habituado já a esse gênero de vida, nunca perguntava pelo seu hóspede; além disso, ele pagava bem e sem a menor dificuldade, por consequência,

mestre Pastrini, apesar dos estranhos boatos que circulavam a respeito de Servières, limitava-se a dizer que o tempo havia de esclarecer todo aquele mistério.

A senhora Danglars estava pois à espera da visita de seu marido, a qual lhe fora anunciada pelo conde de Monte Cristo, quando ouviu a voz de Pastrini dizendo da parte de fora da sala: — Signor, signor...

— Che cosa? — perguntou a senhora Danglars, engrossando a voz e dando-lhe a inflexão própria da pronúncia italiana.

— Permessso?

— Entra.

Mestre Pastrini que fazia sempre aquela pergunta e obtinha em resposta uma negativa formal, ficou deveras surpreendido por ver que a barreira até àquele momento interdita à sua curiosidade se tinha quebrado finalmente e, abrindo a porta rapidamente, apresentou-se, mergulhando em toda a sala o seu olhar inquieto e perspicaz.

"Sangue de Cristo!" disse ele para consigo, notando a presença da senhora Danglars. "O tal Servières tem lindas joias no seu quarto. Aquilo talvez seja alguma irritante para os seus momentos de mortal apatia!" — Que é isso, mestre Pastrini, que deseja? — Signora, eu procurava... — disse ele, olhando espantado em volta de si.

Mas a senhora Danglars interrompeu-o: — O senhor de Servières saiu, mas se quer anunciar alguma visita, pode fazê-lo.

"Será isto obra de feitiço?" pensou Pastrini. "A voz desta dama é muito parecida com a de Servières." — Então? — Queira ver este bilhete...

E Pastrini estendeu o braço para evitar aproximar-se da senhora Danglars.

A baronesa pegou no bilhete e leu: "O secretário do senhor conde de Monte Cristo." Fez um pequeno movimento de surpresa, e logo depois um sinal com a mão a mestre Pastrini, o qual saiu imediatamente.

Enquanto isto se passava no andar superior, na sala de entrada da estalagem estava um homem que parecia esperar

alguém. Peppino, que andava sempre ali a farejar notícias, viu-o e, tirando imediatamente o chapéu, foi colocar-se na sua passagem com a cabeça inclinada para o peito.

— Signor! — disse ele, quando Benedetto passava.

— Ah, é você, Peppino? Que deseja? — Receber as suas ordens.

Benedetto deu uns passos na sala sem lhe responder, depois parou em frente dele e disse-lhe: — Para serviço do senhor conde, preciso de uma carruagem com bons cavalos, dentro de meia hora. Ficaré estacionada a pequena distância da estalagem e será escusado recomendar-lhe que o cocheiro deve ser discreto.

— Como um mudo e um surdo! — disse Peppino. — Eu sei como Sua Excelência gosta de ser servido! — Espere! — ordenou Benedetto. — Conhece algum capitão de navios? Peppino sorriu.

— Bem sei que conhece muitos — atalhou Benedetto imediatamente. — Sua Excelência tem-me dito que você é homem quase universal. Pois bem, preciso de um pequeno barco ou iate, que possa navegar para...

— Para a ilha de Monte Cristo, aposto! — exclamou Peppino em ar de triunfo.

Benedetto franziu o sobrolho, respondendo depois como se compreendesse bem o assunto de que lhe falavam por acaso.

— Acertou, Peppino.

— Descanse, signor. Conheço alguns homens que não terão dúvida em servir Sua Excelência, antes se mostrarão muito satisfeitos pela honra que recebem.

— Portanto, bastaria acrescentar que o navio deve estar pronto a fazer-se de vela ao primeiro sinal, de amanhã em diante.

— Compreendo, signor. Corro ao porto e esta noite lhe levarei o nome do capitão...

— Aonde? — perguntou Benedetto com um sorriso, como se quisesse dizer-lhe "não sabe aonde", ao que Peppino de novo se inclinou em sinal de esperar a indicação do lugar.

Benedetto aproximou-se dele, disse-lhe umas palavras ao ouvido e ele partiu.

Neste momento apareceu mestre Pastrini.

— Per la madona! — exclamou o italiano, amachucando nas mãos o seu barrete de peles. — Declaro-lhe que vi com os meus olhos o senhor Servières, a quem o senhor procura, transformado em mulher.

— És um visionário, mestre Pastrini! — respondeu-lhe Benedetto em tom de escárnio.

— Signor, juro-lhe que se admirará tanto como eu próprio...

— Ora adeus, o meu caro amigo é teimoso! — retorquiu Benedetto, passando pela frente dele a fim de se dirigir aos aposentos da senhora Danglars, a qual, sentada com toda a graça num divã, esperava o secretário de Sua Excelência, tendo composto, para recebê-lo, um dos seus mais adoráveis sorrisos.

Benedetto entrou com desembaraço, depois inclinando-se diante da baronesa em sinal de profundo respeito, disse-lhe: — Tenho a honra de cumprimentar a senhora baronesa Danglars.

— Jesus! — bradou ela no momento em que nos seus lindos lábios se desenhava um sorriso motejador.

Por momentos a baronesa permaneceu extática, ainda mais pálida do que habitualmente, e com o olhar cravado naquele homem que a fatalidade parecia trazer ali para a fazer sofrer.

— Senhora baronesa — disse Benedetto, fingindo não prestar atenção à surpresa da sua interlocutora — há bastante tempo que não tinha o prazer de cumprimentá-la. Como tem passado? — Perdão, senhor! — balbuciou a baronesa. — Tinham-me anunciado outra pessoa e por isso me causa certa surpresa.

— Não, minha senhora, a pessoa que lhe anunciaram sou eu mesmo.

— O senhor é o secretário do conde de Monte Cristo? — Talvez.

— Todavia, é o senhor Andréa Cavalcanti — continuou a baronesa, fazendo-se lívida como um cadáver.

— Também sou Andréa Cavalcanti, como diz — respondeu Benedetto com audácia, notando sem assombro que a baronesa cobria o rosto com as mãos. — Sou Andréa Cavalcanti, que esteve prestes a casar com a sua varonil filha Eugènie Danglars, a qual fugiu de casa na noite em que deveria assinar-se o contrato,

interrompido pela chegada do comissário da polícia que ia prender Andréa Cavalcanti, fugido das galés de Toulon.

— Então, senhor — disse a baronesa depois de breve silêncio — espero que tenha feito conhecer o engano do comissário? — Não era possível, minha senhora, porque eu tinha com efeito fugido da prisão — respondeu ele com incrível descaramento. — Além disso, tinha assassinado um homem às portas do palácio que o conde de Monte Cristo ocupava nos Campos Elíseos, em Paris. Como tudo isto pesava sobre mim, eu devia ser guilhotinado.

— Com efeito, senhor, não o compreendo! — Não duvido, senhora baronesa...

— Mas o que pretende de mim? — inquiriu ela visivelmente contrariada.

Quero repetir-lhe o que tive o gosto de dizer-lhe por escrito, isto é, que o barão Danglars virá hoje aqui.

— Oh, meu Deus! — exclamou a baronesa, levantando-se como impelida por um pensamento oculto. — Confesse-me francamente, o senhor não é secretário do conde de Monte Cristo! — Porquê? — Porque o conde não tomaria para seu secretário um homem fugido das galés e acusado de um assassinio, desmascarado por ele mesmo em frente de numerosa assembleia, naquela noite terrível. Meu Deus, meu Deus! Que fatalidade pesa também sobre o senhor, Benedetto? — Como sabe que me chamo Benedetto? — bradou ele.

— Nem eu própria o sei, não me recordo de como foi que o soube; porém, o senhor chama-se Benedetto e tem sofrido muito, não é verdade? — Senhora baronesa, o estado de perturbação em que a vejo é muito singular! Que lhe importa o que tenho padecido? Falei-lhe acaso desses sofrimentos? — Não, porém creio que quando por acaso encontramos uma pessoa que parece condoer-se de nós, em vez de nos recriminar, não lhe respondemos com a frieza que o senhor mostra.

— E quando foi que lhe pedi que tomasse parte na minha dor? Para que falamos deste modo, quando o assunto que me conduz aqui é bem diferente? — O assunto que o conduz aqui! — repetiu a baronesa com amargura. — Julga acaso que o ignoro,

acreditando por mais tempo num embuste astucioso de que lançou mão para descobrir o que lhe convinha a meu respeito? Não, não acredito que seja secretário do conde, mas sim que é o que sempre foi...

— Então o que fui eu sempre? — perguntou Benedetto estupefato, notando que ela usava de uma reticência.

— Desgraçado ao último ponto! — murmurou a baronesa, fazendo esforços para conter as lágrimas.

— E qual é o assunto que me conduz aqui? Disse que também o conhecia.

— É triste — tornou a baronesa.

— Senhora...

— Veja como eu adivinho tudo. ultimamente alcançou a liberdade em Paris, mas... o senhor tem alguma coisa horrível a dizer-me, não é assim? perguntou a baronesa com a voz enfraquecida e sofrendo um abalo de nervos.

— Não compreendo o sentido da sua pergunta, senhora baronesa, e acho muito estranho tudo quanto me tem dito durante o último quarto de hora. Não tenho coisa alguma a revelar-lhe, e peço-lhe que me diga qual é o assunto da minha presença aqui, uma vez que disse conhecê-lo.

Dizendo isto, Benedetto introduziu a mão direita na algibeira interior do casaco. A baronesa estremeceu.

— Senhor Benedetto, a sua estrela é muito sombria! Se encontrasse uma pessoa que pudesse fazê-lo feliz, isto é, assegurar-lhe o futuro, abandonaria a vida errante que tem vivido até hoje? — Oh, não existem dessas pessoas! A caridade é uma mentira irrisória ou uma impostura. — Não blasfeme.

— Tenho tido exemplos.

— Mas se o que lhe disse tivesse lugar, não por simples caridade, mas por um dever, suponhamos... Benedetto soltou uma gargalhada.

— Dever — repetiu ele — quem há no mundo que entenda o dever, que o entenda por inspiração? Senhora baronesa, não falemos disso. Sabe que a minha estrela é má, sê-lo-á assim até ao meu derradeiro momento. Filho da desgraça, votado à morte e ao

inferno apenas aspirei a vida, o que poderei eu ser de bom na terra? O crime e o desespero foram os únicos padrinhos ao meu batismo, e eu fui batizado com sangue e lágrimas.

— Basta, basta! Por piedade, está a matar-me! — murmurou a baronesa, comprimindo o peito com as mãos e deixando-se cair sobre o sofá.

— As minhas palavras assustam-na? Isso é muito singular, porque me parecia mais animosa quando soube que tentava expor a sua filha Eugènie ao perigo de um rapto. Vamos, senhora, chegamos a um ponto que eu não tinha previsto quando pensei em vir aqui; entretanto, conversemos mais alguns momentos, porque também serei breve. Benedetto tirou do bolso um manuscrito e apresentou-o à baronesa.

— Poderá fazer-me a honra de assinar este papel? — O que significa ele? — perguntou a baronesa com a voz bastante agitada.

— Uma coisa muito simples. É uma ordem pagável à vista sobre o seu banqueiro, quem quer que ele seja, na quantia de três milhões de francos. — Com que direito o exige? — Nenhum.

— Então posso recusar.

— Matá-la-ei — respondeu Benedetto com frieza, apontando um punhal ao peito da baronesa e sentando-se com rapidez ao lado dela. — Este ferro está envenenado, e a mais pequena ferida que ele lhe faça bastará para matá-la no curto espaço de cinco minutos.

— Mas não terá a minha assinatura — disse a senhora Danglars, fazendo um esforço sobre si mesma e mostrando na imobilidade do gesto os sinais da mais completa resignação.

— É o mesmo, roubarei tudo quanto encontrar na secretária. Houve um momento de silêncio.

— Senhor Benedetto, eu não tenho banqueiro nem possuo o crédito de três milhões de francos. Estou pobre e creia que de modo algum poderei assinar esse papel sem iludi-lo.

— Histórias, baronesa. Quando o seu marido a abandonou, deixou-lhe milhão e meio, o seu gênio empreendedor soube dobrar o capital, e hoje deve possuir três milhões de francos. Bem vê que sei tudo e advirto-a de que tenho pressa. Assine e reconcilie-se depois com o barão, porque está riquíssimo.

— Não posso assinar — murmurou ela.

— Quer então morrer? A senhora bem sabe que mais um crime não me pesar­á na consci­ência! — Esse seria um crime que ofuscaria todos os outros! — murmurou a baronesa, dando livre curso às lágrimas que lhe corriam pelo rosto. — Benedetto, se tal fizesse seria preso, justi­çado...

— Está enganada, senhora! O barão não tardará aí, e enquanto espera que o mande entrar, eu retiro-me e partirei imediatamente numa carruagem que estará à minha espera. Entretanto, impaciente pela demora, ele virá até aqui e deparará com o seu cadáver ensanguentado, o qual o deixará horrorizado. Nesse instante entrará nesta sala um funcionário da polícia para o prender, acusando-o de ser o seu assassino. Como vê sou previdente, baronesa. Agora assine, senhora, pois já perdi muito tempo.

— Oh, meu Deus! Meu Deus! Perdão...

— É inútil, assine.

— Benedetto, este roubo é outro crime que vai praticar, mas oxalá que depois dele consumado, entre no caminho da razão! Vou dar-lhe tudo quanto possuo, ficarei pobre e terei de pedir esmola a meu marido ou a minha filha. Calcule quanto isto me custará. Para que tal não suceda, deixe-me ao menos os sessenta mil francos que o procurador-régio lhe entregou em Paris.

Benedetto estremeceu, mas incapaz de um sentimento de gratidão, respondeu: Como a caridade moveu quem me entregou este dinheiro e levou a semelhante dádiva anônima, acreditando que o fez mais por capricho do que por caridade, estou disposto a retribuir-lhe esse dinheiro como se pagasse uma dívida.

— Pois bem, aqui tem as chaves da minha secretária. Roube-me, talvez um dia se arrependa! — Eu? Quem é a senhora para assim falar? — exclamou Benedetto com um sorriso de escárnio. — Quando até hoje não entrou em mim a menor sombra de arrependimento, espera a senhora despertá-lo? A senhora, uma mulher tão vulgar, que talvez não seja estranha a trapaças nem a crimes? Se tem paixões criminosas, como por exemplo o orgulho, a indigência que em breve a alcançará, será um castigo; e se na sua

vida passada cometeu um crime, o que eu hoje cometo, é uma retribuição razoável em nome daqueles que foram suas vítimas. Vamos, baronesa, venha a senhora mesma abrir a secretária, porque algumas há que dependem de segredo, não desfeche ela quatro tiros sobre quem a abrir.

A baronesa, trêmula, arquejante e lívida, caminhou para a secretária, abriu-a e patenteou aos olhos de Benedetto grande quantidade de dinheiro em papel e ouro. Momentos depois todo esse dinheiro se encontrava nas algibeiras do assassino e a baronesa apenas possuía os sessenta mil francos que em Paris havia enviado ao senhor Beauchamp, para entregar a Benedetto quando este estava preso.

— Agora, mate-me! — disse ela. — Porque adivinho que é isso que acontecerá.

— Longe de mim semelhante ideia neste momento; porém, já que é tão amiga de fazer vontades, dê-me o braço e acompanhe-me à sala imediata, onde a estas horas deve estar o seu marido, o senhor barão Danglars.

Soaram seis horas.

— Com efeito, não me enganei. Vamos, senhora baronesa, se se lembrar de me acusar quando sair daqui, reflita que, além de fazer triste figura, ninguém acreditará, porque não é o jovem Servières, doente, que viaja para se distrair e que reside nestes aposentos. Ora esse moço é uma pura ficção, e esse gênero de ficções são em extremo ridículas para uma senhora.

A baronesa caiu de joelhos e exclamou: — Deixe-me ficar aqui, não me constranja por mais tempo! Fuja, desgraçado! Retire-se, porque eu juro-lhe por Deus que não soltarei o menor grito contra o senhor. Vá, e o céu permita que esse dinheiro possa fazer de si um homem de bem! Neste momento ouviu-se a voz de mestre Pastrini, do lado de fora, anunciar o senhor barão Danglars.

A baronesa soltou um suspiro e Benedetto saiu rapidamente da sala. No caminho encontrou-se com o barão que pretendeu detê-lo para lhe falar; porém ele disse-lhe que não tinha um minuto a perder, pois ia arrendar em nome da baronesa um dos palácios da via del Popolo, onde ela pretendia dar um baile.

— Recomendo-lhe silêncio, senhor barão, e felicito-o desde já pela felicidade que o espera. A baronesa está riquíssima. Que belos negócios fará o barão com tal capitalista! — Com os diabos! Que papel representa o senhor junto dela? — perguntou o barão um pouco inquieto.

Benedetto não respondeu; apertou-lhe a mão e afastou-se rapidamente, enquanto o barão se encaminhava para o interior da estalagem. Depois vendo uma carruagem parada a certa distância, fez sinal ao cocheiro, saltou para dentro e partiu.

CAPÍTULO 15

Mulher e marido

O barão Danglars voltou ainda uma vez a cabeça achatada como a da raposa, a fim de dizer qualquer coisa a Benedetto mas o miserável descendo os degraus da escada a quatro e quatro, acabou por se deixar escorregar pelo corrimão e desapareceu com rapidez, sem lhe dar tempo de completar o sentido de qualquer frase. Vendo-se só, Danglars começou a caminhar para o quarto da baronesa, a cuja porta encontrou mestre Pastrini, a quem perguntou: — Já anunciou a minha visita? — Vossa excelência quer sem dúvida dizer se já anunciei o seu nome? — respondeu o italiano.

— Não fazamos questão de palavras, mestre estalajadeiro — observou Danglars, com um gesto de aristocrata ofendido.

— Perdão, excelentíssimo, porém a causa não é tão insignificante como parece. Para eu ter a honra de anunciar a sua visita, devia ser expressamente a alguém...

— E então? — Esse alguém é quem falta! — Como? — Creio que Vossa excelência procura o meu hóspede, não é assim? O barão fez um movimento.

— O senhor de Servières? — Está doido, mestre estalajadeiro? O nome de Servières deve pertencer a uma senhora, pois eu conheço bem essa família e sei que não existe nenhum descendente varão. É essa senhora que procuro.

Mestre Pastrini abanou a cabeça e retorquiu: — Porém essa senhora não reside na minha casa.

Estes aposentos são ocupados por um cavalheiro da família Servières, e creio que a senhora é visita dele, pois apenas aqui está desde esta manhã.

— Repito-lhe que está doido e doido varrido! O nome de Servières não pode pertencer atualmente a nenhum homem, e a

senhora que eu procuro é sua hóspeda. É uma senhora muito agradável — continuou o barão compondo um sorriso de satisfação, a fim de se apresentar à baronesa. — Vamos, mestre Pastrini, deixe-me entrar.

— Sangue de Cristo! — bradou Pastrini, ousando deter o barão. — Mais uma palavra, excelentíssimo.

O barão lançou-lhe um olhar colérico que parecia querer dizer: "COM que direito embarga o passo dum marido à porta dos aposentos de sua mulher?" Porém conteve o seu despeito e exclamou: — Fale, mas seja breve! — Senhor barão, V. Exa. tem a certeza de que a senhora em questão é positivamente uma mulher? — Pois não hei de saber isso?— exclamou o barão.

— Senhor — murmurou Pastrini empalidecendo. — Atrevo-me a dar-lhe um conselho: não entre! — Porquê? — Porque o meu hóspede não pode ser boa pessoa.

— Que diabo diz você?

— Tem relações com um homem que conserva dentro dum cofre a mão de um finado.

O barão sobressaltou-se, malgrado seu, inquirindo: — Quem é esse homem?

— Dizem ser bruxo e a senhora sua cúmplice!

— Ora, mestre estalajadeiro, parece que chegou há pouco da aldeia para acreditar nisso.

— Que quer, excelentíssimo? Nós vemos coisas tão estranhas, que não nos podemos esquivar a certas crendices antigas. Juro-lhe que este quarto estará devoluto amanhã por estas horas, ou eu não me chamo Pastrini.

O barão encolheu os ombros, transpôs a porta e, atravessando a primeira sala, encontrou-se nos aposentos da baronesa.

A senhora Danglars ocupava-se em compor uma das suas lindas madeixas de cabelo em frente dum grande espelho, e na sua fisionomia ninguém teria podido notar o menor indício da comoção que lhe agitara o peito meia hora antes. Os olhos, negros e cintilantes, fechados debaixo de uma só ruga em que se lhe desenhavam as sobrancelhas, expressavam a firmeza de caráter

mais própria das mulheres romanas do que das francesas. Os lábios, cerrados com altivez, não deixavam fugir daquele peito agitado pela dor o menor gemido de angústia; finalmente, os braços firmes, as mãos ágeis e flexíveis, acabavam de constituir a senhora de Servières, baronesa Danglars, como ela sempre tinha sido aos olhos do mundo, isto é, firme de caráter, ativa e nobre.

Antes que o barão pudesse ver-lhe o rosto, já ela o tinha visto a ele, pois a sua figura reproduzia-se no espelho, e a senhora Danglars notou o modo acanhado com que o marido se apresentava, apesar dele fazer um grande esforço para o vencer.

Acabando de compor o cabelo, a baronesa dirigiu-se para a secretária, a fim de pôr em ordem algumas coisas, e finalmente voltou-se.

— Ah, estava aí, senhor!? — exclamou ela, como se não tivesse visto o marido apenas desde o dia antecedente. — Dir-se-á que se dispõe a sair de novo, pois, segundo me parece, nem sequer olhou ainda para uma cadeira.

Estas palavras produziram o efeito desejado. O barão, animando-se, avançou alguns passos e foi sentar-se em frente do sofá.

— Hoje faz bastante frio! — murmurou ele, apertando a sobrecasaca sobre o peito.

— Não tive ainda tempo de reparar em semelhante coisa! Creio que a ação de escrever e de pensar aquece-nos sobremaneira! — Tem então escrito muito? — Acabei há pouco não sei se oito ou nove cartas para diferentes praças, exigindo numas a remessa dos meus capitais e noutras o andamento de certos negócios.

Um copioso suor inundou imediatamente a fronte do barão.

— Não sei como pode passar sem uma dessas máquinas de escrever a que chamam secretários, senhora baronesa.

— Desde que vivo só, não gosto de coisas de que possa desconfiar um só momento, senhor barão.

Seguiu-se um profundo silêncio. Foi a baronesa que o quebrou, perguntando: — Teve a gentileza de vir cumprimentar-me. Poderei acaso ser-lhe útil em alguma coisa? — Minha senhora,

julga-me de tal modo interesseiro? — Não admira isso — tornou ela, rindo. — Um banqueiro, perdão, não sei se continua em Roma o seu ofício de Paris; todavia, creio que os seus seis milhões não terão existido guardados num mealheiro. Ah, a propósito de Paris! Nunca mais lá voltou? Gostava tanto daquela cidade! — Negócios importantes têm-me retido em Roma — respondeu o barão, mastigando muito as palavras.

— Creio que o clima da Itália lhe é favorável — continuou ela.

— Passava melhor em França, porém agora tenho a certeza de me sentir bem em Roma, se a baronesa tenciona demorar-se.

— Oh, não! Vou para Civita Vecchia — respondeu logo a baronesa, fingindo não ter percebido o sentido das palavras do barão, que suspirou tristemente.

— Tem hábitos novos, senhor barão! Em Paris nunca o ouvi suspirar.

— Então, minha senhora, eu em Paris não sofria.

— E sofre em Roma? Não há cá bons médicos? Creio que a Itália é mais fecunda em cantores.

— Minha senhora, o meu mal é superior à inteligência de quantos médicos existem não só em Roma, como em todas as cidades da Europa — disse o barão Danglars carregando muito nas palavras, como para chamar sobre elas a atenção da baronesa.

Esta perguntou: — Então qual é o seu mal? Nervoso, talvez? É a doença dos nossos dias.

— Nervoso, sim, minha senhora — respondeu ele. — O excesso das sensações produz essa doença que denominam de um modo demasiado vago.

— Oh! Isso agora é mais sério, barão. Tem sensações excessivas... É mau.

— Faça ideia, a saudade — disse Danglars, acompanhando as palavras com um dos seus mais profundos suspiros.

A baronesa franziu o sobrolho, como se lhe tivessem dito uma coisa fora do alcance da sua inteligência.

— A saudade? — repetiu ela. — Saudade de quê? — Oh, senhora baronesa, saudade de quê!? — Perdeu acaso alguns fundos? — Perdi mais do que isso.

— Parece-me que não compreendo. Foi alguma joia de grande valor e estimação? — Ainda mais.

— Então não sei.

— Perdi, quero dizer que tive um tempo em que perdi...

— Acabe.

— Perdi-a, minha senhora — disse por fim o barão, fazendo um gesto tão desastrado, que fez rir a baronesa.

— Sim? — retorquiu ela. — E não soube mandar pôr editais? Creio que sempre esperou tudo do tempo e da paciência.

— Oh, sim, esperei tudo! É um anjo! Descendo um pouco mais à terra, é uma mulher como há poucas, e a sua inteligência toca as raias do maravilhoso.

— O barão é um homem muito amável — disse ela. — Sabe que estou a gostar de conversar com o senhor? — Muito bem. Disse-me que tencionava partir para Civita Vecchia? — Talvez o dissesse, porém já não tenho ânimo. Viajar só é tão triste! — É verdade, baronesa, é muito triste. Eu aborreço tudo quanto é isolamento, e uma vez que por este modo ajustamos o nosso gosto, levo a ousadia ao ponto de lhe oferecer uma companhia.

— Isso é tão vago! — Ofereço-lhe a minha.

— Deveras? É encantador! Aceito-a, barão, aceito-a com prazer.

— Oh, baronesa! — exclamou ele levantando-se e abrindo os braços, como se pretendesse abraçá-la.

Ela fez o mesmo: porém, detendo-se imediatamente, recuou um passo e tornou a sentar-se com todo o sossego.

Este esfriamento foi como que uma punhalada para o barão, que se julgava já a abraçar nada menos de três milhões de francos.

— Espere, senhor — disse a baronesa com imperturbável sangue-frio. — Se o sentimento da saudade lhe produzia tão forte sensação como a que me confessou, eu sofro neste momento outra não menos poderosa que a sua. É produzida pela recordação de um fato passado, o simples fato de uma carta.

Estas palavras eram uma espécie de estocada seca e imprevista, que o barão não pôde evitar, empalidecendo de súbito.

— Logo que saiu de Paris, recebi uma carta com a sua assinatura, a qual continha palavras muito estranhas de que talvez se recorde.

— Não tenho ideia nenhuma.

— Ainda conservo essa carta.

Dizendo isto, tirou da algibeira uma carteirinha de marfim e dela uma carta, dispondo-se para a ler em voz alta.

— Esta carta faz-me duvidar de muitas coisas, e entre elas, da sua existência, barão. Ora ouça: Minha senhora e muito fiel esposa: Quando receber esta carta já não terá marido. Oh, não se admire! Não terá marido como também já não tem filha, quero dizer, nessa altura seguirei por uma das trinta ou quarenta estradas que conduzem para fora da França. Devo-lhe explicações, e como é uma mulher que as saberá compreender perfeitamente, eu as darei. Esta manhã apareceu-me um saque de cinco milhões: paguei. Em seguida veio outro da mesma importância e então pedi espera para amanhã. Hoje parto para evitar o dia de amanhã, que me será muito desagradável. Compreende isto, não é verdade, minha senhora e muito preciosa esposa? Eu digo: A senhora compreende, porque conhece os meus negócios melhor do que eu próprio, atendendo a que, se me perguntassem onde se tem sumido uma boa parte da minha fortuna, não saberia dizê-lo, ao passo que, pelo contrário, a senhora, estou certo, sabê-lo-ia perfeitamente, pois as mulheres têm instintos duma segurança infalível e explicam a si próprias até os mais maravilhosos projetos por meio de uma álgebra de que são inventoras. Eu, que não conhecia senão os meus algarismos, confesso-lhe, minha querida amiga, que fiquei sem saber nada desde o dia em que esses algarismos me enganaram.

Tem por acaso pensado na rapidez da minha queda? Não a acha admirável, minha senhora? Não foi um pouco ofuscada pela incessante fusão do meu numerário? Eu, confesso, não vi mais que o fogo; espero, no entanto, que a senhora tenha encontrado algum ouro nas cinzas. É com esta consoladora esperança que me afasto, 'minha senhora e muito prudente esposa, sem que a minha consciência me reprove esse passo. Ficam-lhe por amigas as cinzas

em questão, e, para cúmulo da ventura, a liberdade, que me apresso em restituir-lhe. Enquanto supus que trabalhava pelo bem-estar da nossa casa, pelo futuro de nossa filha, fechei filosoficamente os olhos; mas como fez da casa uma vasta ruína, não quero servir de alicerce à riqueza alheia. Aceitei-a rica, mas pouco honrada. Perdoe-me falar-lhe com esta franqueza, mas como provavelmente estas palavras serão somente do nosso conhecimento, não vejo razão para dar às minhas palavras outro colorido.

Aumentei os nossos bens, que durante quinze anos prosperaram consideravelmente, até ao momento em que catástrofes desconhecidas ainda para mim os derrubaram, sem que eu possa acusar-me de ter contribuído para isso. Ao mesmo tempo, a senhora trabalhava, tão somente para aumentar a sua fortuna, coisa que sem dúvida conseguiu, estou moralmente convencido disso. Deixo-a pois como a encontrei: rica, mas pouco honrada. Adeus. Também eu quero, de hoje em diante, trabalhar por minha conta. Creia no meu reconhecimento pelo exemplo que me deu e que vou seguir.

Seu marido dedicado Barão Danglars Durante a leitura desta carta, o barão mudou de cor repetidas vezes e, por instinto, olhou duas ou três para a carta.

A baronesa não despregava o olhar fino e penetrante do rosto do marido, o qual começava a compreender quão ridícula era a figura que fazia ali. Com a confusão e o embaraço do antigo capitalista, a baronesa saboreava lentamente a sua vingança.

— Senhor barão — inquiriu ela. — Como, sendo eu pouco honrada, segundo a sua confissão, se oferece para me acompanhar?

— Baronesa — replicou ele procurando um sorriso rebelde na extremidade dos lábios roliços — acredite que essa carta foi simplesmente filha de um terrível momento de alucinação. Eu via-me perdido, e a baronesa que é, como já tive o gosto de dizer, muito superior em inteligência ao vulgar das mulheres, deveria ter compreendido isso.

— Desejaria então que eu lhe perdoasse a loucura desta carta? — perguntou ela.

— Minha senhora, confesso-lhe que é esse o meu mais ardente desejo! — exclamou o barão, sentindo entrar-lhe no peito um novo raio de esperança.

— Poderei acreditá-lo?

— Pode, baronesa. Ofendi-a, peço-lhe perdão — tornou Danglars, pondo um joelho na alcatifa e curvando a fronte calva quase aos pés de sua mulher.

A senhora Danglars, que parecia ter gozado o seu maior triunfo, soltou uma gargalhada estridente, cujo eco vibrou por muito tempo nos ouvidos do barão.

— Homem vil e desprezível! — bradou a baronesa. — Eis-te finalmente rastejando a meus pés, solicitando-me com os teus lábios imundos o perdão das tuas grosseiras palavras! Mas eu não te perdo, porque também sou culpada. Levanta-te, miserável! A tua riqueza está acabada e aniquilada para sempre na terra. Vejo que não tens um real, porque solicitas unires-te comigo supondo que eu possuo ainda os fundos que me deixaste em Paris. Estou pobre, e de hoje em diante só poderei antever um futuro de mediocridade, ou antes, de completa miséria! Vai-te, barão Danglars, pois ainda que assim não fosse nunca te conviria a mulher que te desonrou e a quem abandonaste. Não te recrimino por esse abandono, porém escarneço-te pelo procedimento de hoje, o qual me revela que não existe em ti o menor sentimento de pundonor e probidade! E a baronesa soltou uma nova gargalhada convulsa e delirante. o barão estava aniquilado.

— Um Deus ou um homem jurou a total ruína da tua casa, desmoronou-a pedra por pedra — continuou ela, em cujo olhar ardente mas variado, parecia transluzir o fogo de um súbito e terrível delírio. — Um Deus ou um homem jurou a minha vergonha, a minha miséria, e eu vejo a miséria! Retira-te, Danglars, porque os nossos hálitos envenenam-nos mutuamente, como se se combinassem para produzir no ar um veneno horrível... Ah, miséria, miséria! Com todos os teus horrores e aviltamentos, tu descobres um fantasma pálido e ameaçador, que a opulência oculta a meus

olhos! o remorso... é o remorso! A baronesa ocultou o rosto nas mãos e assim permaneceu por muito tempo, de pé, com o corpo inclinado para trás e a cabeça descaída sobre as espáduas. Quando voltou a si, tinha as forças animadas pelo triste vermelho febril dos alienados. Lançando um olhar pelo aposento, demorando a vista em cada objeto como para se orientar, caminhou para a sua mesa, onde se sentou solenemente, juntando o dinheiro que Benedetto ali deixara.

O barão, aproveitando o estado de torpor em que sua mulher parecia ter caído, pegou no chapéu e saiu sem fazer o menor ruído.

CAPÍTULO 16

O salteador romano e o ladrão parisiense

DEPOIS do roubo cometido por Benedetto, não restava à senhora Danglars senão uma vida de miséria.

Ela tinha apurado os seus fundos e guardava-os no firme propósito de os colocar em qualquer negócio, a fim de viver dos seus rendimentos; este objetivo estava pois destruído mesmo antes de se realizar, e agora via-se sem recurso algum, logo que lhe acabasse aquele que podiam oferecer-lhe os sessenta mil francos. A baronesa não era mulher para recorrer a sua filha, principalmente depois da visita que lhe fizera e, portanto, tomou o único partido que naquele momento se lhe podia oferecer, isto é, ofereceu uma pequena quantia a um convento pobre e pediu que a admittissem sobre as sacras abóbadas do claustro, na qualidade de recolhida provisória.

Ali, no silêncio e na solidão, viu ela todo o seu passado ruidoso e irregular; conhecendo os erros em que caíra, reconhecia no presente um dulcíssimo castigo desses erros. Tinha sido altiva e orgulhosa, e toda a sua altivez, todo o seu orgulho, estavam sepultados na humildade e na singeleza do claustro. Ali, vertia muitas lágrimas sobre o filho do seu adúltero amor de outrora, e

das suas escandalosas relações com o senhor de Villefort, filho do crime e da corrupção, a quem o céu parecia ter recusado a bênção no mundo, como os pais lha haviam recusado. O futuro desse rapaz fazia-a estremecer, e ela, pressentindo talvez o fim daquela existência criminosa e agitada, perguntava a si própria, ao claustro, a Deus, se teria de se arrastar de miséria em miséria, de ir recolher aos pés de um cadafalso, a cabeça decepada de um infeliz a quem dera o ser e a desgraça! O barão Danglars não tornou a encontrar Benedetto, apesar de ter feito todas as diligências.

O ladrão, ajudado pelo poder que dá quase três milhões de francos, soube de tal modo subtrair-se às pesquisas do barão, que este teve de conformar-se com a ideia de solicitar novamente o seu emprego de porteiro do Teatro Argentino, com o pensamento na única tábua de salvação que se lhe oferecia, isto é, a generosidade de Eugène d'Armilly.

Agora senhor dos três milhões de francos roubados à baronesa Danglars, Benedetto não parou no seu caminho de crimes, antes concebeu novo atentado, para o qual começou a trabalhar. Tendo conhecimento de elevado prêmio que o governo oferecia pela cabeça do célebre salteador Luigi Vampa, cujo esconderijo era ignorado, e que assolava com incrível audácia os arrabaldes de Roma, dispôs-se a fazer uma misteriosa visita ao comissário da polícia. Porém, refletindo melhor no caso e vendo que a baronesa Danglars o não fazia perseguir, talvez por lhe haver perdido o rasto, ordenou a Peppino que fizesse esperar o navio mais alguns dias, esperando ele também uma ocasião oportuna para trabalhar sem perigo.

A entrevista ajustada no Coliseu tinha-se realizado e Luigi Vampa acreditou, como Peppino, que Benedetto era secretário do conde de Monte Cristo.

Todavia, o modo como Benedetto falava desse homem, ao qual um destino fatal o havia ligado, influiu tanto no salteador que, a pouco e pouco, foi quebrando o prestígio do conde entre aquela gente extremamente supersticiosa, apesar do seu terrível modo de vida.

Benedetto atreveu-se a dar a conhecer ao salteador, o ardente desejo que tinha de se livrar do poder do conde de Monte Cristo, apoderando-se de alguns importantes segredos que ele possuía nas artes nigromânticas. De tal modo o fez, que Luigi Vampa começou a pensar muito seriamente nas conveniências que lhe resultariam ser ele a submeter o conde à sua vontade, em vez de ser ele submetido à vontade do conde.

Vampa era ambicioso como todos os ladrões da sua espécie e as cinzas de Monte Cristo começavam a fazer-lhe inveja. Deste modo a conspiração não tardou a desenvolver-se, dirigida pela embusteira imaginação de Benedetto.

— O poder do conde está na minha mão — dizia ele a Luigi Vampa e a Peppino. — A mão do finado é que lhe indicou o segredo do caminho que o conduziu às suas minas de inesgotáveis tesouros. Eu deveria partir de Roma para ir entregar ao conde, meu senhor, o precioso cofre que lhe tinha sido roubado; porém, se me ajudarem, ficarei em Roma e trabalharei para o interesse geral.

Vampa e Peppino aprovaram a proposta de Benedetto, o qual, pelo que eles disseram, soube que o conde de Monte Cristo estava no Oriente.

Entretanto, o filho de Villefort trabalhava para entregar à justiça o temível salteador romano, esperando a ocasião propícia de negociar esta pequena transação com a justiça de Roma.

Benedetto observava com profunda admiração que o salteador, longe de se ocultar, aparecia com frequência nos espetáculos públicos, principalmente no teatro; concluindo disto que, ou Luigi Vampa tinha grande confiança em si ou nos agentes da polícia. Logo, dando-se este segundo caso, que era o mais provável, seria preciso grande subtileza no trabalho da premeditada traição, a fim de que Luigi Vampa não fosse avisado por algum desses agentes, a quem ele sem dúvida fazia pagar com generosidade as diligências favoráveis à sua conservação.

Durante algumas noites em que acompanhou o salteador ao Teatro Argentino, Benedetto que lhe espiava todos os movimentos e gestos, notou que Vampa não era insensível aos encantos de Eugénie d'Armilly.

Com efeito, Luigi Vampa sentia-se fortemente impressionado com o aspecto varonil e arrogante da jovem d'Armilly; esta impressão transformou-se com rapidez num sentimento de tal natureza, que agitava de noite e de dia o coração do bandido, o qual devorado pelo fogo enérgico do seu caráter audaz, empreendeu possuir ainda que por momentos, essa mulher que o fascinava.

Um sorriso de triunfo errou nos lábios de Benedetto, quando reconheceu no olhar incendiado de Luigi Vampa, a paixão que o dominava.

Foi então que o espiou nos seus menores movimentos, seguindo-o por toda a parte, passo a passo, até que ao fim de alguns dias o viu entrar numa casa de aparência modesta, onde habitava a velha que favorecia as antigas metamorfoses do suposto Servières. Depois de indagar quem era essa mulher, Benedetto compreendeu sem a menor dificuldade, o objeto das visitas de Luigi Vampa. Combinando em seguida todas as suas ideias, adotou um plano que passou de pronto a pôr em prática.

No dia seguinte, quando Benedetto se encontrou com Luigi Vampa, dirigiram-se para um café pouco frequentado e sentaram-se num recanto escuro, como dois homens que tinham de tratar de negócios e não queriam ser incomodados. Benedetto permaneceu um momento pensativo, depois disse: — Sabe que acabo de encontrar em Roma uma francesa que fugiu com o pai de Paris, depois de roubarem um tal príncipe de Cavalcanti com quem estava para casar? — E que tem isso? — perguntou Luigi Vampa.

— É porque não sabe de dois casos de suma importância em todo este negócio. o príncipe Cavalcanti era riquíssimo e o conde de Monte Cristo era muito amigo do príncipe, o qual está hoje desgraçado.

— Quer dizer, roubado? — Está visto! — tornou Benedetto.

— Pois bem, que me importa que o príncipe fosse riquíssimo e o conde amigo dele? — Eu lhe explico, mestre — disse Benedetto com importância. — Primeiro, sendo o príncipe de Cavalcanti riquíssimo, deve compreender que o roubo foi considerável! Segundo, sendo o conde muito amigo do príncipe, tinham-me dado

o nome da mulher que a roubou, recomendando-me que a fizesse prender em qualquer lugar que a encontrasse, pois jurara reabilitar o pobre Cavalcanti. Agora, declaro-lhe que essa mulher está em Roma com o pai: e eu, em vez de recorrer à justiça dos tribunais para a acusar, venho propor-lhe este bico de obra.

— Como se chama a mulher? — perguntou Luigi Vampa, em cuja fisionomia se notava um princípio de interesse.

— Oh! O nome — respondeu Benedetto tranquilamente — não é um nome plebeu e obscuro. Ela pertence à família de Servières por parte da mãe e à de Danglars por parte do pai, aquele célebre barão a quem roubou seis milhões de francos, por instrução do conde de Monte Cristo; finalmente, chama-se Eugénie Danglars, e é conhecida em Roma por Eugénie d'Armilli.

A estas palavras, Luigi Vampa fez um involuntário movimento de surpresa, que tentou disfarçar depois com imobilidade do gesto e do corpo.

Benedetto fingiu não ter prestado a menor atenção ao movimento de Vampa e continuou: — É nada menos do que a formosa cantora do Argentino que se apresenta ali com os seus modos de pomba, enganando bem o povo de Roma, não lhe parece? _Engana-o em quê, vamos a saber? — disse Luigi Vampa.

— Oh! Em nada, mestre! — tornou Benedetto. — Eu queria simplesmente dizer que, ao vê-la, ninguém dirá ter ela sido capaz de conceber a ideia que concebeu e de a realizar com delicadeza e coragem, Luigi Vampa permaneceu um momento em silêncio, depois perguntou: — O que faz o pai? Disse-me que também estava em Roma.

— O pai é um refinadíssimo patife, capaz de tudo! Encontrei-o há dias durante um pequeno passeio que dei à cidadela do Aquapendente, perto da qual possui uma casa com um pequeno jardim.

— Vive em boas relações com a filha?

— Que lhe importa isso, mestre? — respondeu Benedetto.

— Essa é boa! — respondeu o salteador, forçando um sorriso.

— Você propôs-me um bico de obra e estranha que lhe peça esclarecimentos?

— Aceita a empresa?

— Explique e veremos.

— Precisa de explicações? Pois bem, já que assim o quer, eu explico bem o negócio. Parece-me que devemos confiar um no outro. Você pode perder-me e desgraçar-me no momento em que se lembrasse de fazer contar ao conde, meu amo, o modo pouco fiel como o sirvo aqui em Roma, e eu poderia também agarrar-me a você e gritar bem alto: ecoe-homo! Todavia, nem você fará uma coisa nem eu a outra, pois nos entenderemos às mil maravilhas. Pois bem, o meu plano é de comum interesse para ambos.

— Diga.

— Está claro que, tendo Eugènie d'Armilly roubado o príncipe de Cavalcanti, com quem estava para casar, deve possuir hoje esse capital que não é pequeno; nesse caso, faz-se uma pequena violência sobre a liberdade dela e propõe-se o resgate equivalente ao que ela vale e depois faremos contas.

— Eugènie d'Armilly! — exclamou Luigi Vampa inconsideradamente, batendo com o punho fechado sobre a mesa.

— Então? — perguntou Benedetto.

— Quer trabalhar de acordo comigo? — perguntou também Luigi Vampa.

— Quero.

— Muito bem — tornou ele, estendendo-lhe a mão. — Amanhã, à mesma hora de hoje, no Coliseu.

— No Coliseu! — repetiu Benedetto, apertando a mão de Vampa.

— Junto à quarta coluna do pórtico interior. — Lá estarei.

— Vá só!

— Até amanhã, mestre! Benedetto e Vampa que a este tempo já tinham saído do café, afastaram-se com rapidez, cada um por caminho oposto.

— Oh! — murmurou Vampa, vendo-o afastar-se. — Traíste a quem servias e trair-me-ás quando assim te convier. Terás pois o fim de traidor depois de me teres servido de degrau.

Esta terrível ameaça do salteador romano teria feito estremecer Benedetto, se ele houvesse notado o gesto

determinado que a acompanhara.

CAPÍTULO 17

A coroa

Os preconceitos das classes aristocráticas não convêm à imaginação livre de um artista qualquer, no qual existe um princípio de subida inspiração; portanto, um abismo existia entre Eugène Danglars e sua mãe.

Eugène nunca havia conhecido esse desvelo, esse carinho maternal, durante a sua educação, pelo qual a filha contrai para com sua mãe uma dívida ainda mais sagrada do que a do seu nascimento; desde muito criança que a palavra mãe lhe exprimia o ente que lhe havia dado o ser e nada mais. Logo, qual seria a força poderosa de simpatia que pudesse arrojá-la aos braços dessa mulher que a escarnecia no mais intenso dos votos da sua alma? Eugène desviou os olhos do passado, em cujas sombras se perdiam os dois entes que lhe haviam dado o ser, por uma simples lei de reprodução, e agora, ao lado da mulher a quem devia instrução e amizade, encarava risonha o futuro imenso que tinha diante de si e no qual lhe parecia distinguir ao longe, em letras de fogo, estas palavras: "Arte e Glória".

Oito dias depois da conversa travada entre Luigi Vampa e Benedetto num café pouco frequentado, parecia haver em Eugène d'Armilly um pensamento que lançava na sua frente uma pequena nuvem de tristeza. Luísa, já por diversas vezes tinha notado que Eugène, contra todos os seus costumes, procurava a solidão e o isolamento; nesses momentos, uma lágrima corria nas faces da cantora, como sinal evidente de um grande acontecimento misterioso na sua vida íntima, e Luísa em vão procurava extinguir essa lágrima com um beijo; mas havia indiferença na outra, como para advertir a desinteressada amiga de Eugène, que a causa que

a promovia não podia ser destruída pelos afagos e desvelos de uma mulher.

Numa das tardes em que Eugènie fugindo da companhia de Luísa se fora sentar triste e pensativa em frente da janela do seu quarto, olhando com desassossego os últimos raios de sol que pouco a pouco iam subindo no zimbório do majestoso edifício de S. Pedro, deixando em sombras a metrópole do mundo cristão, um pequeno gemido se lhe escapou do peito e duas lágrimas tremulavam-lhe nas espessas pestanas negras dos seus lindos olhos, como duas pérolas matutinas nas folhas de uma flor.

Luísa tinha entrado sem que Eugènie a sentisse e havia já alguns minutos que a contemplava com interesse, adivinhando-lhe nos gestos lânguidos o que já suspeitava desde alguns dias; aproximando-se dela, apoiou-se ligeiramente em seu ombro e deu-lhe um beijo na face, murmurando: — Minha amiga...

— Luísa — respondeu Eugènie sem sobressalto, mas corando.

— Ei-la finalmente respirando no ar da Itália o doce veneno de Corinna ou de Tasso, não é verdade, minha querida amiga? — disse Luísa.

— Devo eu ter segredos contigo, Luísa? Quando chego a convencer-me de que não é simples ideologia quanto sinto! — E faz-te mal esse sentimento que não é simples ideologia, porque ele é superior à tua vontade e lança uma nuvem triste sobre o teu rosto outrora animado e enérgico.

— Dizes a verdade, Luísa! Ele é superior à minha vontade, como eu fui superior a todos os outros sentimentos que poderiam dominar-me. Lembras-te quando eu zombava desses protestos loucos de um amor súbito e poderoso, cujas confissões se levantavam em volta de mim e de ti? Quando eu respondia com um sorriso incrédulo a quantos suspiros acompanhavam os olhares apaixonados que nos admiravam! Lembras-te desse tempo tão livre de pesares, em que a minha alma se julgava isenta do tributo a que todas são condenadas! Afinal de contas, sou como todas as mulheres; começo a sofrer, porque começo a amar.

— Respeito o teu sofrimento, minha querida, e ofereço-te um peito amigo onde podes desabafar.

— Aceito, Luísa, aceito! — respondeu Eugènie tomando-lhe as mãos e beijando-a. — Eu não tinha forças para te confessar o sentimento que me domina, mas tu adivinhaste-o. Agora escuta-me.

Ficou um momento em silêncio, como se coordenasse bem as ideias para fazer a sua narração.

— Disseste-me muitas vezes que nunca fitasse um homem só quando estivesse no palco, mas que corresse sempre a vista pela plateia sem procurar distinguir nem conhecer ninguém, como se toda aquela gente estivesse a uma grande distância do proscênio. Pois assim o fiz sempre: na minha frente estava um grande auditório e eu não o via senão como se vê confusamente uma nuvem negra que passa a nossos pés quando nos achamos no cume de elevado rochedo. Porém, uma noite, encontrava-se lá um homem que se elevava acima daquela massa viva e indeterminada; no rosto desse homem havia expressão e beleza, havia dois olhos que me devoravam, me queimavam, me enlouqueciam! Quando romperam os aplausos, esse homem conservou-se imóvel e só com o olhar parecia dizer-me mais do que os mil lábios delirantes que me chamavam ao proscênio. Desde essa noite, aquela figura aparecia sempre a meus olhos, no mesmo lugar, com a expressão e o mesmo olhar de fogo que arrebatava! — Quem é ele? — Que importa? É um homem a quem amo, que me inspira um sentimento profundo e verdadeiro, que não posso nem quero suplantar! Houve outro momento de silêncio, durante o qual Eugènie escondeu o rosto nas mãos, desatando a soluçar.

Luísa lançou um olhar inquieto para a amiga e os seus lábios agitaram-se brandamente, como se murmurassem a palavra "infeliz".

— E não sabes quem é esse homem, Eugènie? — Não! Sei apenas que é senhor do meu pensamento desde a primeira vez que o vi. Quem sabe se ele me segue há muito tempo sem que eu o tenha visto? Ah! Luísa, minha boa Luísa, eu que escarnecia desta palavra inventada pelos homens para batizarem com ela as suas loucuras, desta palavra "amor", ornato perpétuo dos lábios, de todos estes homens e mulheres da moda; eis-me, tendo não só nos

lábios mas no coração, o sentimento que esta palavra exprime, eis-me vulgar como outra qualquer rapariga da minha idade! — Enganas-te, Eugènie, uma rapariga vulgar da tua idade não saberia sentir como tu sentes agora. Essa paixão profunda que se desenvolve no teu peito sob o olhar ardente de um homem, dar-te-á mais poesia, novos atrativos, porque te elevará acima de ti própria, se esta frase é admissível. Todavia, devemos encarar as coisas como elas são, e lembra-te de que o simples fato de deixar conhecer a um homem o império que ele exerce sobre o espírito de uma mulher, antes dessa mulher lhe conhecer a fundo o caráter, pode originar grandes desgraças.

— Oh, ele nunca há de conhecer o poder do sentimento que me inspira! — exclamou Eugènie com orgulho.

— Talvez — murmurou Luísa.

Neste momento, Aspásia veio preveni-las da chegada da carruagem do teatro para as conduzir ao espetáculo.

Eugènie enxugou os olhos que estavam umedecidos pelo pranto dulcíssimo que o amor derrama, por um dos seus caprichos loucos, sobre as rosas de um rosto virgem; depois lançou o xaile sobre os ombros e, acompanhada de Luísa, desceram a escada e entraram na carruagem, a qual partiu velozmente.

Assim que entraram no palco, Eugènie deteve-se um momento na frente do pano que por enquanto a ocultava aos olhos da plateia, parecendo querer vencer o desejo que a impelia de examinar a sala pelos olhais do pano; porém não pôde vencer esse desejo e avançou. Luísa seguiu-a e colocou-se a seu lado, sempre muda e imóvel.

Um ligeiro estremecimento agitou o corpo de Eugènie, seu peito dilatou-se e os lábios se entreabriram para deixarem sair um pequeno gemido: — Lá está ele! — murmurou Eugènie. — Oh! Sempre superior à plateia, pronto a lançar sobre mim o seu olhar expressivo e apaixonado! Então não é isto uma loucura, minha amiga? — continuou ela. — Deixar-me vencer pelo olhar de um homem que não conheço, sem sequer lhe ouvir o som da voz? Mas ele é realmente belo! No rosto moreno, na sua barba negra como ébano, vê-se o tipo da força! Nos olhos rasgados e cheios de brilho,

estão expressas a nobreza e a altivez do caráter! Vê-o, Luísa. Como ele é nobre e belo e como parece olhar com desdém e frieza para essa plateia que o cerca, mas que parece existir longe dele! Luísa ia a responder, mas o apito do contrarregista dando o sinal de fora da cena, evitou que ela tivesse tempo de examinar o homem que Eugènie designava com entusiasmo. Entrando vagarosamente nos bastidores, as duas amigas ouviram com certo abalo os primeiros sons da orquestra, que começava a sinfonia de abertura.

Naquela noite era a última representação da Semíramis, por isso o teatro apresentava uma enchente extraordinária.

Os apreciadores não queriam perder a última dessas noites delirantes de Arsace e de Semíramis, em que a voz e o gesto das duas jovens d'Armillly pareciam levantar do pó dos séculos aquelas duas personagens, com os sentimentos verdadeiros que as agitavam no amor e no crime.

Eugènie cantou naquela noite melhor do que nas antecedentes; porém, o seu olhar, que Dantès corria altivo pela plateia sem todavia corresponder aos que procuravam surpreendê-la, parecia fixar-se em alguém e dizer que esse alguém era o eleito da sua alma apaixonada.

Ao terminar o espetáculo, uma magnífica coroa de flores, arrojada repentinamente por mão invisível, fende o ar e vai cair aos pés de Eugènie, que a apanha e beija como é do estilo.

O pano desce ao som de repetidas palmas e bravos que a pouco e pouco se vão extinguindo, à proporção que o entusiasmo cede o lugar aos frios comentários dos críticos.

A coroa que Eugènie recebera e na qual parecia ter sido esquecido o nome de Luísa, era a mais opulenta e maravilhosa de todas as que lhe haviam já sido oferecidas.

— Com efeito, só um príncipe poderia ter a lembrança de oferecer-te esta coroa tão rica! — disse Luísa examinando a coroa sem o menor gesto de inveja, antes possuída de vivo prazer.

— Talvez seja o brinde de uma nova sociedade, das que por costume se organizam para estes fins — murmurou Eugènie, imaginando porém coisa muito diferente do que dizia.

Assim que se viu só, beijou com entusiasmo as fitas e as flores, entre as quais procurou com mão trêmula qualquer coisa cuja existência ela pressentia ali.

Com efeito, um pequeno papel cuidadosamente dobrado e colocado entre as flores, patenteou-se aos olhos de Eugènie, que imediatamente se apoderou dele dispondo-se a abrir e ler. Um ligeiro rubor lhe tingiu as faces e os braços caíram-lhe sem ousarem elevar à altura dos olhos a amorosa epístola, mas o desejo da alma venceu o seu temor.

Eis o conteúdo do papel: Minha senhora: Na primeira vez em que a vi, senti-me preso e fascinado como todo o auditório que me cercava e perante o qual aparecia, pela expressão enérgica do seu olhar e do seu gênio. Julgando que essa sensação que senti fosse simplesmente como a sensação geral que tem produzido até hoje, busquei disfarçá-la e até esquecê-la; porém a sua imagem seguia-me sempre, e reconheci que no meu peito havia alguma coisa de real e positivo, despertada por essa imagem bela. Hoje, não tenho um pensamento que não lhe respeite, e levo a minha loucura ao ponto de fazer-lhe uma declaração como terá recebido muitas, mas não é como todas elas ditada simplesmente pelos lábios.

Minha senhora, nas trevas e no silêncio existe um homem poderoso que a ama do íntimo da alma e que daria uma eternidade de tormentos, por uma só palavra dos seus lábios.

CAPÍTULO 18

O banqueiro retirado

No dia seguinte, quando as duas jovens d'Armilly acabavam o seu estudo, Aspásia entrou na sala e anunciou um nome que fez empalidecer Luísa e teria feito soltar uma risada dos lábios de Eugènie se ela não estivesse então dominada por um sentimento profundo que lhe causava uma forte sensação.

O nome era o do barão Danglars. Eugènie tinha já visto o modo com que a mãe a cumprimentara na sua nova carreira artística, e logo imaginou que o pai formaria o antídoto daquele orgulho de raça que havia na baronesa Danglars; assim, voltando-se para Luísa, disse-lhe com o sorriso nos lábios: — Sossega, minha boa amiga, conheço muito bem o meu pai para assegurar-te que a sua visita será mais agradável do que a de minha mãe. Vais ver.

Fez um sinal a Aspásia, a qual se retirou logo, para momentos depois introduzir o barão Danglars. O barão vinha vestido com certo apuro, que muito bem evidenciava encontrar-se em boas circunstâncias. Na sua fisionomia grosseira estava estampado o prazer e expressa com toda a clareza a ambição da sua alma avara.

— Minha filha — disse ele em voz de falsete e gesto repassado de estudada importância. — Inútil seria perguntar-lhe como passa, porque a saúde e a felicidade brilham-lhe no rosto.

Eugènie, a estas palavras, trocou rapidamente com a amiga um olhar de inteligência.

— Ainda que eu sofresse — disse ela beijando-lhe a mão — meu pai não o poderia notar, porque no meu rosto só brilharia o gosto de o ver. Além disso, o prazer que sempre me causou a companhia da minha querida Luísa d'Armilly e o estudo da arte que professamos, tudo concorre para animar-me.

— Permita que a cumprimente, senhora d'Armilly, e que a felicite pelos desvelos com que forma a alma da sua discípula — disse vivamente o barão Danglars, inclinando-se em frente de Luísa.

— Sente-se, meu pai —olveu Eugènie, indicando-lhe uma cadeira e sentando-se ao lado de Luísa.

Houve um momento de silêncio durante o qual o barão Danglars passou as mãos pelos cabelos e olhou inquieto em volta de si, como para distinguir o recanto onde se refugiara a sua presa, pois lhe sentia a falta.

— Então meu pai está há muito tempo em Roma? — perguntou Eugènie com um excessivo gesto de curiosidade.

— Há algum tempo que estou aqui, porém um pouco retirado, quero dizer, retirado de Roma e mesmo do comércio. Felizmente, vi ontem com grande prazer a bela Semíramis, que tem enchido de pasmo esta cidade.

— Perdão, meu pai, mas viu também a minha amiga Luísa! — Decerto que vi. Mas eu sou pai, Eugènie, e no meu coração não havia outro sentimento que não fosse para ti, posto que logo à primeira vista reconhecesse o talento da senhora d'Armilly.

Luísa inclinou lentamente a cabeça e o barão prosseguiu: — Ora como os olhos de um pai extremoso são dotados de vista dupla quando se trata de seus filhos, fácil me foi conhecer, sob o diadema soberano da nobre rainha dos Assírios, a filha que sempre amei do íntimo da alma! Forma agora uma ideia do que eu senti, Eugènie, quando vi a melhor sociedade de Roma aplaudir com entusiástico delírio o gênio elevado de minha filha. Ah, que grande orgulho eu senti! — Como está minha mãe? — perguntou Eugènie de repente, sem deixar de observar o sobressalto que o barão experimentou ao ouvir tal pergunta.

Eugènie havia notado que a mãe não lhe falara do barão nem este da baronesa, e supondo que eles estivessem em desinteligência, quis certificar-se.

— A baronesa... — respondeu o barão Danglars com um pequeno ataque de tosse que o afetava desde há algum tempo em certas ocasiões — a baronesa anda a viajar.

— É um belo passatempo — retorqui Luísa d'Armilly.

— Não quis acompanhá-la? — perguntou Eugènie.

— Não, minha filha. Sinto-me cansado e não dou valor aos pequenos prazeres que se desfrutam nas viagens a troco de grandes incômodos! Na verdade — acrescentou ele, tossindo muito — não me dou bem com as viagens.

— Não me tinha dito que vivia fora da cidade?

— Resido próximo da cidade de Aquapendente, onde tenho uma pequena vivenda que desde já ponho à vossa disposição, minhas senhoras.

— Agradecida, meu pai, infelizmente não podemos aceitar o seu oferecimento, porque o impedem os consecutivos trabalhos a

que nos obrigamos pelo nosso contrato.

— Oh! Todavia espero que me darão o prazer de uma visita!

— Tem grande empenho nessa visita?

— Boa pergunta! — exclamou o barão. — Fico a esperá-la com todo o interesse, e desde já acredito que não tardarás a ir com a tua amiga dar uma vista de olhos à pequena propriedade, a qual te pertencerá de ora em diante.

— É muito amável, meu pai!

— Asseguro-te que não encontrarás ali os enormes livros, os volumosos maços de papéis, os intermináveis algarismos que tanto te incomodavam a vista no meu gabinete de Paris. Agora estou retirado do comércio.

— Felicito-o, pois nos algarismos não existe a menor poesia.

— Tornam-se aborrecidos — acrescentou Luísa. — Todavia creio que não deixarão de lhes sacrificar alguns momentos, por exemplo, quando receberem a importância respeitante aos vossos contratos, o que não deve ser tão pouco como isso.

— Pelo amor de Deus, meu pai! — exclamou Eugènie. — Não creio na boa fé dos empresários. Além disso, que valem dez ou doze piastras a menos? O barão franziu o sobrolho e disse: — Porém, essa falta repetida dez vezes, faz a conta de cem piastras; depois mais outras dez, perfaz duzentas, e finalmente multiplicando isto em períodos sucessivos...

— Pouco importa — respondeu Eugènie com toda a frieza, para fazer entender ao barão que a sua posição pecuniária era boa e que por isso ela não teria necessidade de aceitar dele coisa alguma, nem ele havia mister de oferecer-lhe nada.

— Muito bem, minha filha, eu respeito os diferentes modos de pensar. Agora o que me resta depois de te abraçar, é dar-te a direção da minha casa, pois estou certo da tua delicadeza para que me atreva a duvidar um só instante de que recuses o prazer que me darás de ali te abraçar novamente muito em breve.

Dizendo isto, tirou da carteira um bilhete e entregou-o a Eugènie.

— Espero, senhora Luísa d'Armillly — continuou ele, com um sorriso que parecia ser amável — que não se recusará a

acompanhar a sua discípula.

— Nunca nos separamos, senhor barão — respondeu Luísa.

O barão despediu-se delas e retirou-se muito satisfeito do modo com que havia ganho as simpatias de Eugènie.

— Então, minha amiga — perguntou esta a Luísa logo que o barão se retirou — não achas que o meu pai está muito amável? — Não compreendo bem esta diferença — respondeu Luísa. — Em Paris era muito econômico de palavras, e dos seus lábios nunca saiam expressões de ternura.

— Ora, em Paris ele era banqueiro!

— E então?

— Um banqueiro não tem filha, nem mulher, nem amigos. Tem apenas os algarismos.

Agora devemos explicar a maneira pela qual o barão Danglars passou rapidamente da extrema penúria ao ponto de possuir uma pequena vivenda próximo de Aquapendente.

Logo que saiu de casa da filha, dirigiu-se apressadamente em direção da Praça de Espanha, a qual atravessou. Metendo-se pela via Fattina, passou por entre os palácios Fiel e Rospoli e, continuando sempre com o mesmo passo apressado, viu enfim diante de si a grande praça del Populo, pela qual espraizou o olhar inquieto como se procurasse distinguir alguém conhecido.

Instantes depois, viu encaminhar-se na sua direção um indivíduo que sorria com desdém para o lugar em que se costumava colocar o tablado para os atos de justiça.

Era Benedetto.

— Olá, senhor barão! A sua visita à casa da menina Eugènie foi muito rápida! Parece-me que deveria demorar-se mais tempo em abraçar uma filha que não via há alguns anos. Todavia, espero que não faltasse aos deveres de bom pai.

— Vi-a, abracei-a e falei com ela. Era tudo o que tinha a fazer.

— Nem ao menos lhe ofereceu a sua nova casa?

— Sem dúvida.

— Espero que não aceitasse.

— Pelo contrário.

— Oh! Então felicito-o, senhor barão, pois seria muito triste que entre um pai e uma filha, tão dignos um do outro, não reinasse perfeita harmonia. Vamos, senhor barão, a carruagem espera-nos, e eu quero instalá-lo na sua nova posição, porque tenho pressa de desempenhar as ordens da senhora baronesa, sua esposa.

— É muito amável! — retorquiu o barão caminhando ao lado dele. — Eu sei fazer a devida justiça aos seus merecimentos; todavia possuí um pequeníssimo defeito, o ser pouco determinado nas suas palavras, isto é, fala quase sempre num sentido vago, de maneira que não compreendo ainda muito bem o verdadeiro papel que desempenha para comigo. Creio que é um pouco reservado, meu caro senhor Andréa de Cavalcanti.

— E o senhor é uma coisa muito semelhante à tina das Danaides, junto da qual a fortuna parece desempenhar o voto a que elas se haviam sujeitado para o seu castigo.

— Não o compreendo — disse o barão abrindo muito os olhos.

— Quero dizer que quanto mais a fortuna o enche dos seus favores, tanto menos satisfeito se mostra! — replicou Benedetto. — Em Roma vivia quase miseravelmente com o seu pequeno salário de porteiro dum teatro: alcancei-lhe uma entrevista com a sua esposa e foi tão infeliz ou desastrado que não soube advogar a sua causa.

— Asseguro-lhe que me portei o melhor possível! — exclamou o barão. — Porém a baronesa estava como a pólvora quando lhe chegam o lume e eu evitei a terrível explosão sem compreender como aquilo fosse e sem poder evitar o desastre.

— Pois bem, suponhamos isso, meu caro — continuou Benedetto, caminhando sempre. — Quando há oito dias o fui procurar e lhe expliquei pormenorizadamente as intenções da senhora Danglars, o senhor concordou com a sua nova independência. Agora atreve-se a dizer que não compreende o papel que eu represento para consigo. É muito casmurro, barão! Entretanto, chegaram junto de uma pequena carruagem que estava estacionada a esquina de uma rua próximo das portas da cidade.

Benedetto fez sinal ao cocheiro e, abrindo a portinhola, entrou, seguido do barão.

A carruagem partiu imediatamente, e dentro em breve rodava numa estrada que a afastava de Roma.

Enquanto durou o trajeto, o barão embebido na meditação dos seus projetos, não dirigiu palavra a Benedetto, o qual, calculando bem o fio do enredo que tinha premeditado, também não interrompeu o seu companheiro de jornada. Ao fim de algumas horas, a carruagem em vez de seguir a estrada que levava à pequena cidade de Aquapendente, voltou para a esquerda e entrou numa espécie de azinhaga, na qual se elevavam as ruínas de um desses famosos aquedutos que abundavam nas vizinhanças de Roma.

As pedras deslocadas pelo tempo daquelas enormes massas de cantaria, haviam rolado pela campina, e os seus fragmentos, dispersos ou amontoados aqui e ali, obstruíam o caminho.

A carruagem diminuiu a velocidade e o barão, olhando pelas janelas das portinholas, distinguia perfeitamente tudo que o rodeava: a pequena distância, alvejavam as paredes dum prédio meio arruinado que parecia fechado dentro dum jardim inculto, onde as ervas e o musgo tinham crescido por toda a parte.

Dentro de poucos instantes, a carruagem parou junto da porta de grades desse jardim e os viajantes apearam-se.

— Entre, barão — disse Benedetto — e não repare no aspecto desleixado, pois esta propriedade está desabitada há muito tempo.

Em seguida, atravessaram a inculta ruela do jardim e subiram uma pequena escada de pedra, cujos degraus estavam alcatifados de musgo. Chegados ao cimo, o barão deteve-se um instante, lançando em redor um olhar que abrangeu todo o jardim que cercava a casa; por entre os arbustos crescidos das ruas e as ervas espigadas que abundavam nos canteiros, elevavam-se figuras de mármore de diferentes dimensões e muito deterioradas; havia também um lago, em cuja água limosa se ouviam os saltos e o coaxar de muitas rãs que se escondiam rapidamente, despertadas pelo som da voz e pelo ruído dos passos do barão e de Benedetto. Tudo ali eram ruínas e solidão.

Benedetto abriu uma das portas e patenteou aos olhos de Danglars uma sala, cujas paredes eram forradas de panos de raz, onde se viam tecidas algumas passagens da fábula.

Os móveis desta sala eram antiquíssimos e não apresentavam o aspecto de ruína que se notava no jardim, se bem que estivessem cobertos de espessa camada de poeira. Das janelas pendiam cortinas de veludo, desbotadas pela ação do sol; o fogão parecia não servir há muito tempo, e as tenazes, cobertas de ferrugem, estavam lançadas para ali, sem a menor ordem, atestando o movimento brusco da última pessoa que lhes havia tocado.

O barão, depois de olhar minuciosamente para o aspecto que lhe oferecia este recinto, aproximou-se de Benedetto e ousou interromper a profunda meditação a que ele parecia entregar-se em frente de um dos quadros que se viam pendentes das paredes.

— Aqui está representado o tribunal incorruptível, que nunca julgava as ações pelos homens, mas sim os homens pelas ações! — disse Benedetto, sem atender ao barão. — Ali, não havia amigos nem dinheiro, havia unicamente a lei que rege o universo, perante a qual descia a coroa ou o cutelo sobre a cabeça do criminoso, embora esse criminoso fosse onnipotente como Deus! Soltou uma gargalhada e continuou: — Um tribunal assim não podia existir senão na fábula e os homens deram-lhe o seu devido lugar, depois de reconhecerem quanto eles mesmos são incompletos nos seus atos de justiça! — Olá, senhor Andréa! — exclamou o barão Danglars, muito admirado de escutar a linguagem de Benedetto. — Parece-me que se entrega profundamente ao estudo da moral dos homens! — Estudo um pouco de tudo, senhor barão, porque o meu caminho neste mundo é muito difícil e eu preciso chegar ao termo da minha espécie de romaria! Deixemos, entretanto, as reflexões e vamos ao que interessa. Esta casa pertence-lhe de hoje em diante, aqui tem os seus títulos de posse.

E apresentou-lhe um papel que o senhor Danglars examinou com avidez, fazendo em seguida um gesto de amabilidade.

CAPÍTULO 19

A via Apia

BENEDETTO, por uma das suas engenhosas invenções, explicou ao barão Danglars o comportamento da baronesa, de tal modo que o barão acreditou cegamente quanto ele lhe dizia.

Referiu-lhe que a baronesa, ferida de um desgosto oculto, determinara desaparecer da sociedade. Entretanto, vendo que o marido estava pobre, quis assegurar-lhe certa independência; portanto havia encarregado Benedetto de lhe transmitir os títulos de posse da vivenda, aos quais a boa senhora juntava um pecúlio razoável que nas mãos especuladoras do barão, poderia transformar-se em rendimento razoável e suficiente para as despesas diárias dum banqueiro retirado.

Restava agora conhecer a causa das supostas relações entre Benedetto e a baronesa: porém o barão conhecia bem os caprichos da interessante esposa, e pouco lhe importava essa circunstância, uma vez que ela tinha servido de veículo à sua medíocre fortuna. Portanto, não interrogou Benedetto a esse respeito e só fez perguntas relativas ao seu novo estado.

Benedetto satisfez-lhas o melhor possível, e o senhor Danglars estava encantado de tudo quanto lhe sucedia e só achava uma coisa extraordinária: a escolha daquela casa tão distante de Roma. Todavia, entregando-se aos seus novos projetos de banqueiro retirado, em breve se esqueceu do que o inquietava nos primeiros dias.

Ao fim de uma semana, já a pequena propriedade tinha uma aparência confortável: o jardim estava limpo, a poeira dos móveis sacudida, os fogões tinham lume, e dois criados serviam o novo proprietário com todo o respeito.

Benedetto fez algumas visitas ao barão, sendo recebido sempre com a maior solícitude. Numa dessas visitas ele achou o senhor Danglars muito ocupado com os arranjos da casa, e o ex-

banqueiro anunciou-lhe que no dia seguinte esperava a visita de sua filha.

— Senhor Andréa, não sei se devo rogar-lhe o obséquio da sua companhia, pois desde aquele caso de Paris, talvez não queira encontrar-se com ela! — Não posso de maneira alguma dispor do dia de amanhã, senhor barão — respondeu Benedetto — mas posso dar-lhe um conselho que valerá mais que a minha presença.

— E é? — Mandar preparar um quarto capaz de receber por uma ou duas noites uma senhora.

— Uma senhora?! — exclamou o barão, estupefato. — Bom hóspede, não haja dúvida! Mas quem é essa senhora? — É sua filha.

— Que diz? — O que disse, barão.

— É então adivinho? — Talvez.

— Será efeito da mão do finado?

— Senhor barão! — exclamou Benedetto com um modo imperioso, que fez gelar nos lábios de Danglars o riso escarnekedor que ali assomara. — Se alguma vez compreendesse o que faz a mão do finado erguida ainda sobre a terra que o cobre, estremeceria com a ideia da missão horrível e misteriosa que ela tem de cumprir! A justiça não deve ser uma figura vã, exposta à irrisão dos homens! A lei não deve ser uma palavra de sentido vago como os homens a repetem, quer se refiram à lei do céu ou da terra! E para evidenciar essas verdades, houve um poder absoluto, uma vontade superior e onipotente, que levantou do sepulcro a mão do finado sobre o vivo soberbo e vaidoso! Dizendo isto, Benedetto saiu arrebatadamente da sala, deixando o barão fortemente impressionado com a rápida mudança que parecia ter-se operado no espírito daquele homem.

Saindo de casa do barão, Benedetto montou a cavalo e dirigiu-se a toda a pressa para a cidade; porém, em vez de franquear a barreira, continuou o seu caminho extramuros e entrou na famosa via Apia, indo parar em frente do circo de Caracalla.

Era noite. A lua acabava de se desenvolver, lançando os raios da sua luz pálida e incerta naquela imensa escavação circular que ficava aos pés de Benedetto e na qual uma alma timorata julgaria

ver grande quantidade de fantasmas brancos, repetindo nos bafejos da brisa os horrores que nos recorda o nome do famoso tirano.

Benedetto, porém, não prestava a menor atenção a essas visões, apenas procurava distinguir ali a figura do homem que procurava.

Poucos minutos depois, apareceu um homem embuçado numa capa escura, seguido de outros dois. Fazendo um misterioso sinal aos dois homens, estes afastaram-se rapidamente e ele caminhou na direção da via Apia.

Benedetto, vendo-o, avançou e perguntou-lhe: — Peppino? — Sim, excelentíssimo! — respondeu, parando e olhando em redor de si.

— A respeito das instruções que te dei? — Estão cumpridas, senhor! — Vejamos. Que faz Luigi Vampa? — Arrebatado por uma paixão misteriosa, pela qual parece dominado, há oito dias que não aparece nas catacumbas de S. Sebastião, onde habitualmente fazemos o nosso quartel-general. Os homens murmuram deste abandono e muitos deles, receosos de que o chefe os atraísse, fugiram. Eu, que na ausência de Vampa estou à testa do bando, apenas tenho oito homens, e estes mesmos estão dispostos a retirar-se, se Luigi Vampa não aparecer em breve.

— Acaso te esqueceste de alimentar as suspeitas contra Luigi Vampa? — murmurou Benedetto.

— Pelo contrário! Tenho empregado todos os meios; até já lhes falei de partilhas, mas o cofre está vazio, pois Luigi Vampa teve a lembrança de o despejar! — Pouco te deve importar isso, Peppino.

— Sim, excelentíssimo, uma vez que me assegurou a independência! — respondeu Peppino. — E o navio? — Está fretado e pronto ao primeiro sinal. — A tripulação? — É segura e determinada.

— O capitão? — Ah, excelentíssimo! — exclamou Peppino, suspirando. — Tinha-me dito que o navio não deveria ter mais do que o piloto para governar a manobra.

— É verdade — tornou Benedetto. — Agora escuta com atenção o que vou dizer-te.

Peppino fez um leve movimento com a cabeça, e Benedetto continuou: — Depois de amanhã, às cinco horas da manhã, embarcarás. O navio, pronto a partir, esperará por mim até às seis. Portanto, abandona as catacumbas, e os teus subordinados que procurem vida.

— Se os conhecesse, excelentíssimo, talvez os aproveitasse, porque todos eles são homens capazes — atalhou Peppino rapidamente. — Declaro-lhe que o momento de lhe ganhar as simpatias é dos mais favoráveis.

— Que queres dizer? — perguntou Benedetto em ar solene.

— Quero dizer que se digne descer comigo às catacumbas, onde eles o esperam, pois atrevi-me a prometer-lhes a sua proteção.

— Isso foi uma grande asneira, porque podemos ser surpreendidos.

— Veja, senhor — tornou Peppino, designando em direções opostas dois vultos que apareciam ao longe por entre os monumentos da via Apia. — Estão ali dois homens que não deixarão aproximar ninguém, nem o próprio Vampa se ele tentasse voltar.

— Para que me servirão os teus homens? — Olhe que são oito e todos escolhidos por mim para tripularem o navio. Entre eles há quatro que já foram marítimos e que conhecem todos os portos do Mediterrâneo como eu conheço as estradas de Itália. Irão com o senhor para toda a parte, e quando já não precisar deles nem de mim, arvoramos carta de corso pelo Mar Negro, Mármara e Arquipélago, onde se fazem bons negócios.

— Vejo que és homem de inteligência, Peppino — respondeu Benedetto depois de um momento de silêncio.

— Ainda agora o sabe? — Caminha adiante que eu acompanho-te. A estas palavras, o salteador romano começou a caminhar à frente de Benedetto, dirigindo-se para um caminho em declive que conduzia a uma abertura praticada no terreno e a cuja entrada estava postado um homem de sentinela.

Benedetto seguindo sempre o bandido, desceu uma escada já deteriorada, a qual se entranhava numa abóbada escuríssima.

No topo de um corredor brilhava um archote, cuja chama vermelha, agitada pelo vento, espalhava os seus trêmulos raios pelos muros do subterrâneo. Benedetto notou que havia nesses muros muitas escavações que pareciam feitas para acomodar um féretro em cada uma delas.

No fim do corredor havia uma sala espaçosa e sobre um altar de granito estava colocado um archote: em frente do altar via-se uma comprida mesa de mármore negro que parecia ter sido destinada, noutra tempo, para servir de mesa aos caixões dos bem-aventurados que ali eram depositados, mas que naquele momento servia de tabernáculo ao festim de alguns homens em cujas fisionomias avermelhadas pelo reflexo da chama e do vinho estava marcado o sinal evidente da sua vida criminosa.

Estes homens entoavam em coro uma canção grosseira, cujas últimas palavras eram: la vendetta, la vendetta, la vendetta, repetidas com ênfase e entusiasmo.

Peppino parou e, sorrindo, disse em voz baixa ao seu companheiro: — Deixemo-los acabar, porque eles juram vingar-se de Vampa.

Depois avançou para o centro do espaçoso subterrâneo e, tirando do cinto uma pistola e um punhal bradou: Amigos, levantem-se que está ali o nosso chefe! Preparemos-lhe a abóbada forte, para lhe mostrarmos que entre nós pode ter a sua segurança.

A estas palavras os bandidos calaram-se, levantaram-se com rapidez e, colocando-se uns em frente dos outros, elevaram os braços armados de pistolas e punhais, formando entre si um caminho pelo qual Peppino conduziu Benedetto.

Este passou com firmeza pelo terrível arco formado com os punhais e as pistolas dos salteadores. Cerimônia bem conhecida, ali reproduzida por um simples instinto daqueles homens que queriam assim dar a entender ao seu chefe o apoio dos seus braços e das suas armas para lhe defenderem a vida.

— Amigos — disse Benedetto, voltando-se para os bandidos — uma vez que confiam em mim, confiarei também em vocês.

— Sim, sim, ordene que nós obedeceremos! — clamaram eles.

— Luigi Vampa atraçou-os e dentro em breve serão aqui perseguidos pela justiça; portanto, é absolutamente necessário abandonar para sempre este retiro. Peppino já tem as minhas instruções sobre este ponto, podem segui-lo.

— E a nossa vingança? — replicou um dos bandidos. — Não sairemos sem nos vingarmos de Vampa.

— Fiquem descansados — tornou Benedetto. — Vampa receberá o seu castigo. A sentença que proferi contra ele será executada pela polícia de Roma, que a esta hora já está prevenida e se prepara para o surpreender.

Os salteadores aplaudiram.

— De hoje em diante, serão a minha única família, e eu me encarrego de os conduzir aonde o pedirem os nossos interesses. Peppino — continuou Benedetto — dá-me um copo de vinho, pois quero beber com estes valentes, em cujos corações existem sentimentos mais nobres do que no de muitos homens que por aí oferecem sem receio o seu rosto à luz do sol.

Peppino apresentou-lhe um copo cheio de vinho, e os salteadores prepararam-se com entusiasmo para esta saúde de uma aliança pavorosa.

O filho de Villefort soltou um grito e elevou o copo, despejando-o em seguida de um só trago; todos o imitaram. Acabada a saúde, Benedetto atirou o copo de encontro à parede do subterrâneo, exclamando: — Meus amigos, seja esta a vossa despedida às catacumbas de S. Sebastião, a Roma, à Itália, pois que um porvir de delícias os espera longe daqui. Querem ouro? Tê-lo-ão com abundância! Querem sangue? Vê-lo-ão derramado sem misericórdia! Um Deus vingador me chama às praias do Oriente, onde prepara os altares para os sacrifícios de uma vingança justa e desapiedada! Os salteadores aplaudiram com feroz alegria as palavras de Benedetto, e, momentos depois, as catacumbas de S. Sebastião estavam desertas. O facho esquecido sobre o altar ardeu até ao fim e, com um último clarão, rápido, momentâneo, pareceu repetir o triste adeus dos bandidos ao recinto que por muito tempo haviam profanado.

Benedetto aproximou-se do seu cavalo que deixara preso a um dos monumentos da via Apia e, saltando para a sela, dirigiu-se a galope em direção a Roma.

— Corre, corre! — murmurava ele, desaparecendo por entre os tristes monumentos como uma sombra sinistra. — Um demônio guia os meus passos e me inspira, me favorece com a sua inteligência maldita! Amanhã terei nas minhas mãos o ouro de Luigi Vampa, o preço de muitas lágrimas e angústias das suas vítimas; terei mais o prêmio da cabeça daquele salteador. e tudo isto será empregado numa obra feita também de lágrimas e de angústias! Edmond Dantès, o triste ludíbrico da tua paixão abominável, da tua vingança horrível, aparecerá a teus olhos depois de te haver feito sentir o desespero que espalhaste com a tua mão maldita no coração de meu pobre pai! Não soubeste perdoar, pois em vão solicitarás que te perdoe. Tiveste o orgulho de te julgares poderoso como um Deus, pois verás o teu orgulho quebrado nas minhas mãos como um brinquedo de vidro nas mãos de uma criança. Edmond Dantès, o raio que dispara a nuvem e desce no espaço, não respeita o alcantil elevado, antes o fere com maior fúria! Momentos depois, Benedetto chegava às proximidades do magnífico edifício de Flávio Vespasiano.

Apeou-se e não tinha ainda dado meia dúzia de passos, quando se viu rodeado por seis ou oito desses industriais sem indústria que abundam em Roma, junto das igrejas, dos teatros, dos monumentos e das ruínas, cujo modo de vida consiste em repetir aos ouvidos dos estrangeiros a origem, fundação e destino desses famosos restos da antiguidade, que são por assim dizer o livro dos séculos. Um dos cicerones tomou as rédeas do cavalo, por ser talvez aprendiz no ofício de montar, ao passo que os seus companheiros cercaram Benedetto, dizendo-lhe com toda a cortesia: — Excelentíssimo, a noite está bela. Pode seguir-me.

— Para quê? — Para ver — respondeu ele.

— Ver o quê? — Per la madona, o monumento de Flávio, o monumento mais célebre de Itália e da Europa inteira, onde podiam acomodar-se à vontade 80.000 espectadores. Mostrar-lhe-ei o circo

das feras e explicar-lhe-ei com acerto a providência que então se tomava para impedir que elas se lançassem sobre os espectadores.

Benedetto respondeu com um gesto de profundo desprezo à solícitude do cicerone e passou por ele, dirigindo-se para as famosas ruínas.

CAPÍTULO 20

O Coliseu

ESTE célebre anfiteatro, onde outrora o suplício dos cristãos servia de recreio aos romanos, parecia tomar a denominação que desde alguns séculos se lhe dá, de uma estátua colossal de Nero que lhe ficava ao pé. Logo depois de concluída a sua construção, aquele vasto edifício onde está bem expresso o orgulho selvagem dos romanos antigos, teve sucessivamente três diferentes denominações: Praça de Flávio, Circo romano e Circo das feras.

Benedetto subiu a escadaria que conduzia aos restos da tribuna imperial, e daí olhou para o vasto anfiteatro, como se o seu olhar pudesse vencer as sombras que a noite espalhava.

Nos lugares menos favorecidos do luar brilhavam alguns archotes no centro de pequenos grupos de analisadores, aos quais um cicerone explicava a fábrica do faustoso edifício decadente.

O filho de Villefort desceu a escada que o havia conduzido à tribuna imperial e, evitando o encontro com os grupos de curiosos, caminhou pelo centro das ruínas em direção ao chamado círculo das feras, que então parecia deserto; porém o rumor de passos fê-lo parar, e ocultou-se com a sombra de uma das colunas gigantescas que sustentam o famoso entablamento dos pórticos.

Em breve, um homem embuçado numa capa escura apareceu aos olhos de Benedetto, iluminado por um dos raios tristes e melancólicos da lua. Este homem olhava para a chama vermelha e trêmula de um dos archotes dos cicerones que brilhava a pouca distância.

— É ela — murmurou o desconhecido sempre com o olhar inquieto, examinando os movimentos da chama — é ela, a mulher a quem eu não posso esquecer nem um momento. Infeliz de mim! Arrastado por este delírio louco, aonde irei? Oh, Eugénie d'Armilly, há de ser minha! — É Vampa", disse consigo Benedetto no

momento em que o salteador, olhando inquieto em volta de si, expôs o rosto aos raios da luz, na direção em que ele estava oculto.

A luz do archote que brilhava nesta parte das ruínas, começou a aproximar-se do circo das feras e Luigi Vampa estremeceu involuntariamente, dirigindo-se para a coluna em que Benedetto se tinha ocultado. Neste momento, apareceram à entrada do circo duas senhoras precedidas pelo incansável cicerone que estendeu o braço com o archote, cuja luz agitada lançou os seus raios incertos para as profundidades do circo, onde as duas mulheres deixavam descer o seu olhar curioso.

— Vejam — disse o cicerone — ali era o circo das feras, onde lançavam os seus urros de raiva e de fome antes de serem conduzidas à praça e onde depois se recolhiam fartas de carnagem, com as fauces ensanguentadas e olhar medonho. Além — continuou, designando um lugar iluminado pelo luar — era a porta pela qual entravam os condenados para nunca mais saírem. Ali era a tribuna dos imperadores, onde eles vinham examinar a raiva das feras e escutar com desprezo as súplicas dos cristãos e dos escravos destinados aos jogos bélicos.

O cicerone calou-se, conservando o braço elevado com a luz, enquanto as duas senhoras, apoiadas no braço uma da outra, se entregavam às sensações que lhe produziram o lugar e a explicação dada pelo homem.

— Luísa — disse a mais nova — tenho desejo de ir lá abaixo, ao lugar onde tantas vítimas tremeram na última agonia sob as garras dessas feras temíveis da Ásia e da África; quero meditar sobre aquele chão regado pelo sangue e pelas lágrimas das mulheres que se abraçavam pela derradeira vez com uma filha, uma amiga, tentando defendê-las da sanha dos monstros. Vem comigo, Luísa, minha amiga.

O cicerone lançou um olhar investigador e inteligente sobre as duas mulheres e conservou-se imóvel, esperando que lhe fizessem sinal para descer também, mas as duas amigas não lhe fizeram sinal algum e ele, habituado já aos caprichos dos visitantes, contentou-se em iluminar com o archote os degraus da escada: em seguida sentou-se, encostou o archote às pedras e esperou com

toda a paciência que elas regressassem, aproveitando o tempo em passar pelos dedos da mão direita as contas de um rosário e a fumar um cigarro com a esquerda.

Eugènie Danglars e Luísa d'Armilly chegaram ao circo, em cuja extensão a primeira alongou o seu olhar enérgico, e a segunda o rápido golpe de vista trêmulo que a caracterizava fora da cena.

— Minha amiga — disse-lhe Eugènie — porque estás a tremer? Não vês que estamos completamente sós? Fazem-te mal as tristes recordações que o lugar nos desperta? Reconheço que fiz mal em te propor inopinadamente esta visita ao Coliseu. Julgava-te menos tímida! Pois quem havia de supor que a sombra da noite e um montão de cantaria tivessem o poder de te abalar a alma! Eu, pelo contrário, amo tanto esta noite e estas ruínas, este silêncio majestoso e solene, estas sombras produzidas pelas gigantescas colunas de todo este edifício que os séculos têm olhado sempre com admiração! As recordações que cada uma destas pedras desperta, este solo, teatro verdadeiro em que o despotismo e o sofrimento representavam os seus horríveis papéis, tudo isto se casa intimamente com a minha alma! Oh, Luísa, se tu alguma vez houesses amado como eu amo, se tivesses alguma vez consagrado o teu pensamento a um ser que o destino encadeou por um capricho ao nosso ser e que faz, por assim dizer, 160 — 161 uma parte essencial de nós mesmas! Então amarias a sombra, o silêncio, o isolamento! Vampa escutava as palavras de Eugènie e Benedetto ouvia distintamente o arfar violento do salteador romano, porque a coluna em que Benedetto se havia ocultado era a mesma a que o famoso salteador estava encostado.

— Eugènie — respondeu Luísa — compreendo bem o que te inspira este silêncio, esta sombra e este isolamento, onde a tua alma, livre de outra imagem, se entrega livremente à contemplação daquela que a interessa hoje: mas eu, que não estou aqui sofrendo a impressão desse sentimento excessivo que domina e prende todos os teus pensamentos; eu, que não tenho a energia e a força do teu carácter, vacilo e tremo ao ouvir a menor viração; cada pedra me assusta, em cada uma me parece ver elevar-se uma figura triste que nos lança o seu olhar sinistro e feroz como o das feras. Que

queres? Sou medrosa, sou como todas as mulheres, e só me diferencio delas em não amar.

Eugènie, sem escutar a amiga, avançava triste e pensativa pelo circo, pelo que Luísa se viu obrigada a segui-la.

— Eugènie! Eugènie! — exclamou repentinamente Luísa, agarrando com mão trêmula o braço da amiga.

— O que é? — perguntou Eugènie, detendo-se. Aflige-te alguma visão? — Não é apenas visão — respondeu Luísa depois de breve pausa e fazendo esforço para falar.

— A tua mão está fria como o gelo — murmurou Eugènie. — Tens medo? — Quisera não o ter, mas não posso vencê-lo — tornou Luísa.

— Vamos, o que te assusta tanto? — Olha naquela direção — disse Luísa surdamente, designando-lhe com um gesto uma das colunas. — Está ali um homem! — Aonde? — Ali, na quarta coluna, contando da esquerda do pórtico.

— Não o vejo — respondeu Eugènie seguindo com os olhos a indicação que Luísa lhe dava.

— Talvez se ocultasse. Oh, não, não se ocultou! Vejo alia figura de um homem.

— Não será ilusão? O que tu viste foi a sombra de uma coluna. Aposto que era um gigante! — Eugènie! Eugènie! Retiremos! Luísa dando o braço a Eugènie, voltou-se na direção da escada para se retirar, mas recuou rapidamente soltando um pequeno grito de susto.

— Meu Deus! — murmurou Eugènie.

Luigi Vampa estava diante das duas cantoras.

Imóvel como se fora uma estátua, o salteador cravou o olhar fino e penetrante no rosto de Eugènie, e esse olhar parecia dizer mais do que os lábios seriam capazes de expressar. Entretanto a situação carecia de algumas palavras, pois que Luigi Vampa parecia disputar o passo às duas amigas. Ele tirou o chapéu, deixou cair a capa e falou: — Minha senhora, bem lhe disse eu que nas sombras e no silêncio da noite existia um homem que dava uma eternidade de tormentos por uma simples palavra dos seus lábios. Procurou a sombra e o silêncio da noite, encontrou-me. Agora deverei eu

esperar essa palavra ou antever um futuro de tormentos para a minha alma? O susto sofrido por Luísa d'Armilly produzira-lhe uma ligeira síncope como sucede às pessoas nervosas, e a pobre senhora apoiada a um pedaço de cantaria com o rosto oculto pelas mãos, não via nem ouvia o salteador.

Eugènie, pelo contrário, via-o e ouvia-o, não com tremor mas com um misto inexplicável de susto e de prazer, porque acabava de reconhecer no homem do Coliseu o misterioso espectador do teatro Argentino.

— Senhor — murmurou — aproveito simplesmente esta ocasião inesperada para agradecer-lhe a dádiva com que nos brindou na última récita da Semíramis. Quem quer que seja, acredite no meu profundo reconhecimento.

— Nada mais? — perguntou Vampa em voz alterada.

— É quanto devo dizer-lhe.

Eugènie recuou um passo a fim de despertar Luísa, mas o salteador avançou rapidamente e, ajoelhando, pegou-lhe na mão, exclamando: — Minha senhora, paga muito mal o profundo sentimento que me inspira.

— Esqueça-o — murmurou Eugènie, esforçando-se por tirar a mão dos lábios ardentes de Vampa, mas faltando-lhe as forças para o sacrifício.

— E será isso possível? — continuou Vampa. — Sabe que terrível palavra pronunciou agora? Que a esquecesse! Oh, não, não é possível! — Levante-se e retire-se — disse Eugènie. — O impulso momentâneo do sentimento que me confessa pode ser classificado como loucura, se quiser prolongá-lo.

— Ao menos uma palavra de esperança. — Julga-se com direito a exigi-la? — perguntou Eugènie.

— Suplico-a! — Senhor, isto não passará de uma dessas entrevistas inacreditáveis de alguns romances. Espero que a rapidez do pensamento a deixe esquecida nas sombras e nas ruínas que nos cercam, onde sem dúvida já têm ressoado palavras semelhantes às suas e que não foram repetidas fora deste recinto. Amanhã rir-se-á de si próprio, mas não de mim.

— Compreendo-a — disse Vampa, com um sorriso repassado de amargura. — Só poderá acreditar nas minhas palavras quando se convencer que o tempo não as desmente! — Bem vê, nem sequer o conheço! — tornou Eugènie.

A estas palavras, o salteador levantou-se e o rosto cobriu-lhe duma espessa nuvem de tristeza. O seu olhar ardente e apaixonado caiu sobre o rosto de Eugènie.

— Tem razão. Todavia, segui-la-ei por toda a parte! Dizendo isto, envolveu-se na capa e afastou-se, embrenhando-se na escuridão das ruínas. Benedetto que presenciara toda a cena, saiu também do seu esconderijo e seguiu as pisadas de Vampa, murmurando: "Estou a fazer progressos no meu estudo arqueológico. Reconheço que o Coliseu é lugar certo de encontros amorosos, tão certo que os interessados não precisam designá-lo." — Minha querida amiga, como te sentes? — perguntou Eugènie.

— Ah, o susto gelou-me! — murmurou Luísa. — Asseguro-te que foste vítima de pânico insensato.

— E o homem? — Qual homem? Bem vêes que aqui não há homens, há — Cinicamente — noite, sombras, isolamento. Vamos embora.

As duas amigas dirigiram-se para a escada, no cimo da qual estava o paciente cicerone que se levantou com um sorriso encantador para as receber, o que lhe granjeou da parte de Eugènie o dobro da esportula convencionada para a explicação sobre Flávio Vespasiano.

Entretanto Benedetto apressando o passo, em breve alcançou Luigi Vampa.

— Ah, já desesperava de tanto esperar! — disse-lhe com estudado enfado. — Julguei que tivesse ido primeiro a uma entrevista amorosa, mestre! — Desculpe — murmurou Vampa. — Embrenhei-me nas ruínas e nos desencontramos.

— Começava a pensar que não estava interessado neste encontro.

— Pelo contrário, pois creio que me prometera dar-me os devidos esclarecimentos.

— Sem dúvida, e vou dar-lhos. Recebi da sua mão oito mil piastras para comprar com elas o bom-humor daquele velhaco do barão Danglars; o homem aceitou o dinheiro e recebê-lo-á com toda a delicadeza, ocultando o seu nome verdadeiro. Agora pode apresentar-se em casa do seu antigo hóspede das catacumbas. Eugènie, a filha dele, deve visitá-lo amanhã.

O salteador estremeceu de prazer ao ouvir estas palavras. Benedetto continuou: — Estamos pois de acordo. Efetuará o rapto de Eugènie e propor-lhe-á o resgate proporcional aos haveres que lhe atribuímos. Depois faremos contas, mestre.

— Muito bem — disse o salteador, refletindo um momento.

— Agora vou a casa do barão. Entretanto, é necessário passar algumas ordens a Peppino, o que só poderá ser feito por pessoa de confiança.

— Quer desempenhar essa missão?

— Estou pronto. Onde encontrarei Peppino?

— Nas catacumbas de S. Sebastião — tornou o salteador. — Já não devo ter segredos. Seguindo ao longo da via Apia, encontrará à sua esquerda a escavação profunda do circo de Caracala, e aí encontrará um atalho tortuoso que desce por entre a rocha; no topo do atalho, à sua direita, é a entrada secreta das catacumbas.

— E se encontrar alguma sentinela que me vede o passo?

— Dê a senha e passará.

— Diga, então.

— Al su comando! — respondeu Vampa.

— E as instruções para Peppino?

— Estão aqui. — Deu-lhe um papel manuscrito.

— Conte com o meu zelo.

Benedetto afastou-se rapidamente e saiu do Coliseu, ao passo que Vampa o seguia com um olhar sinistro, murmurando: "Vai, porque não voltarás. o meu segredo ficará sepultado contigo!"

CAPÍTULO 21

Comédia

BENEDETTO não se dirigiu às catacumbas de S. Sebastião, conforme Luigi Vampa lhe havia recomendado. Todavia, o famoso salteador que desde há muitos anos assolava os arrabaldes de Roma, que era misteriosamente protegido pelas autoridades civis, o homem que possuía uma inteligência tão vasta quanto fatal, acreditou cegamente que os seus planos iam de tal maneira combinados, que lograria impunemente os seus desejos, ao passo que Benedetto acabaria às mãos dos salteadores à entrada das catacumbas, logo que os seus lábios pronunciassem a falsa senha que lhe dissera.

Luigi Vampa andava positivamente alucinado pelo delírio do sentimento que o dominava; o sangue, elevado a uma temperatura febril, ofuscava-lhe a razão; o olhar, inflamado, não via nem conhecia os homens e as coisas com a perspicácia superior que outrora o caracterizava.

O delírio do salteador assemelhava-se ao delírio fatal que precede a morte, que a pouco e pouco se extingue e deixa o homem num entorpecimento brutal, sem dor, sem sofrimento, e durante o qual se efetua a separação eterna entre a alma e o cadáver.

Benedetto, pelo contrário, sem o menor sentimento que o alucinasse, combinava com placidez as suas ideias e calculava com firmeza até que ponto devia caminhar, sem o perigo de cair em Scylla ou em Caríbydes, isto é, sem acabar às mãos de Vampa e sem se descobrir aos olhos da justiça.

De um destes perigos estava ele salvo. Vampa, contando que o assassinassem no momento em que se apresentasse à entrada das catacumbas, não pensou mais em Benedetto, o qual já havia visitado o intendente da polícia e nada receava por este lado.

Vampa saiu pois do Coliseu meia hora depois das duas cantoras e envolvendo-se bem na sua capa, dirigiu-se à estalagem de Londres, na via del Corso.

Procurou mestre Pastrini e este recebeu-o imediatamente no pequeno gabinete que lhe servia de escritório.

— Ah, signor Luigi! — exclamou ele. — Há muito tempo que não tenho a honra de o receber. Que deseja? — Uma carruagem com os requisitos necessários para me servir bem — respondeu Vampa.

Creio que a última que o serviu preencheu em tudo esses requisitos, signor Luigi. Foi há bastante tempo, mas recordo-me bem. A carruagem saiu daqui conduzindo um francês que levava na sua carteira uma quantia elevada recebida na casa bancária Thompson & French havia meia hora. A carruagem rodou com velocidade até às proximidades de Aquapendente, onde fez as suas mudas, voltou depois por outras estradas na direção de Roma e foi parar à estrada de...

— À estrada de?... — interrompeu rapidamente Vampa, que escutava o estalajadeiro com inquietação.

— Lá isso é segredo, segredo que o postilhão não revela sob perigo de morrer — respondeu mestre Pastrini.

— Muito bem, nem você leva a curiosidade ao ponto de pretender conhecer coisas que não lhe interessam! — Sangue de Cristo! — exclamou Pastrini. Diz a pura verdade, signor Luigi.

— Apronte-me pois uma carruagem como a que mencionou e um postilhão tão inteligente como o que conduziu o francês ao seu palácio.

— Carruagem e postilhão podem ser os mesmos.

— Tanto melhor.

— Quando precisa deles? — Imediatamente.

— Anda muito depressa, signor Luigi.

Assim é preciso! — disse Vampa com modo imperioso.

— Todavia há de dar-me tempo para lhe dizer duas palavras sobre vários assuntos que julgo urgentíssimos.

— Fale.

— Em primeiro lugar — disse mestre Pastrini — saiba que o seu imediato não tem aparecido aqui.

Teria desobedecido às minhas ordens, se abandonasse por um momento que fosse o nosso quartel-general — respondeu

Vampa com enfado.

— Ora, como o Peppino não tem aparecido, recebi uma importante confiança de um agente particular da casa Thompson & French que, como sabe, se interessa muito pela sua segurança.

— Pudera! — exclamou Vampa. — Muitas vezes tenho feito reverter nos cofres, com um pequeno lucro, os capitais que os seus depositantes aqui vêm extrair deles! A casa Thompson & French não pode comigo.

— E o caso é que está sempre alerta com a sua segurança — tornou Pastrini. — O agente particular de quem lhe falei veio aqui ontem à procura de Peppino a fim de lhe comunicar que um desconhecido, natural de França, se havia apresentado ao 168 — 169 intendente da polícia para receber o prêmio oferecido pela sua cabeça.

— Então esse homem já conseguiu a minha cabeça? — perguntou Vampa sem o menor abalo.

— Todavia espera consegui-la, porque pediu o auxílio da polícia, prometendo guiá-la ele próprio ao seu encontro.

— Em que ponto? — perguntou Vampa.

— Isso é o segredo do traidor.

— Como se chama? — É também segredo entre ele e a polícia. — E quando terá lugar essa surpresa? — Com a maior brevidade, signor Luigi. Deve estar alerta, pois a cabeça não é coisa que se possa perder como um punhado de piastras! Vampa soltou uma estridente gargalhada, cujo sentido mestre Pastrini não entendeu.

— A esta hora o traidor já recebeu o prêmio! — exclamou Vampa. — Vamos, mestre Pastrini, eu disse-lhe que queria uma carruagem e um postilhão inteligente.

Mas... e o que eu lhe contei? — perguntou o estalajadeiro estupefato.

— De nada vale.

— Como? — Pastrini — retorquiu Vampa — é muito curioso e isso é mau, porque me desagrada.

O estalajadeiro murmurou uma desculpa e rodou sobre os calcanhares, saindo imediatamente do seu pequeno escritório, onde o salteador ficou esperando a chegada da carruagem.

Meia hora depois, Vampa saía da estalagem de Londres e lançava-se para o interior de uma carruagem puxada por excelentes cavalos, enquanto Pastrini aproximando-se do postilhão, lhe dizia em voz baixa: — Para fora das barreiras em andamento moderado. Sua Excelência lhe dirá o resto.

O postilhão picou os cavalos e a carruagem começou a rodar ao longo da via del Corso. Eram nove horas da noite.

Meia hora depois, já longe das portas da cidade, chegaram a um ponto em que a estrada se desdobrava por três caminhos diferentes. O postilhão susteve os cavalos e esperou as ordens do viajante.

Vampa deitou a cabeça pela portinhola e disse: — Estrada de Aquapendente.

A carruagem pôs-se em movimento, porém com o dobro da velocidade que até ali tinha trazido.

O barão Danglars, seguido por um criado que levava nas mãos um castiçal com uma vela acesa, acabava de passar revista à sua nova propriedade, desde a loja até quase ao telhado. O barão mandara fazer limpeza geral ao pequeno edifício, com a ideia de no dia seguinte receber a visita de Eugénie e da sua amiga d'Armilly; portanto examinava escrupulosamente o trabalho dos dois criados, mostrando-se todavia pouco satisfeito.

— Devo dizer-lhes que não me agrada o que vi — disse ele entrando na sala e aproximando-se duma enorme cadeira de madeira dourada em relevo e forrada de veludo roxo que, pelo seu gosto e estado de velhice, anunciava pertencer a uma época afastada. — As minhas ordens foram cumpridas, porém mal executadas.

— Fizemos quanto era possível, excelentíssimo — respondeu o criado — mas por muito asseadas que estas salas estejam, sempre lhes hão de parecer empoeiradas, com a aparência triste destes móveis caducos e das paredes cheias de mofos! Se tudo isto tivesse sido modificado como o foram as cortinas das janelas, V. Exa. veria como estas salas brilhavam.

— É um homem sem conhecimentos! — bradou o barão. — De contrário, daria mais apreço a estes antiquíssimos móveis,

restos únicos duma ilustre família de Roma. Quanto às paredes, imbecil, dir-lhe-ei que apresentam um quadro magnífico de toda a fábula.

— V. Exa. tem profundos conhecimentos — tornou o criado — por isso não me admiro que preste tanta atenção a estes restos de antiguidade.

— Sim, que não lhes seria necessário muito para remontarem talvez à época de Alexandre VI. Ora, já vê que estes móveis, estas cadeiras onde poderia ter-se sentado algumas vezes um Spada, por exemplo, um descendente dessa famosa família de príncipes, cuja riqueza se tornou proverbial por muito tempo em Roma, estas cadeiras não são para desprezar. O dourado está denegrado? O veludo safado? Pois tudo isto lhe aumenta o valor. Vamos, resta-me perguntar-lhe se cumpriu o que determinei a respeito duma mulher de meia idade, capaz de exercer as funções de criada de quarto de minha filha durante os dias que ela se demorar aqui.

— Já veio, excelentíssimo. É uma boa mulher da cidadela próxima e respondo por ela como por mim próprio.

— Muito bem, ao menos você não tem o defeito de ser esquecido. É o que vale.

— Faço a diligência para lhe agradar.

— Então ilumine o caminho, porque a ceia deve estar na mesa.

— Estava para preveni-lo disso mesmo, senhor. — Vamos.

O barão, seguindo o criado que alumiava o caminho saiu da sala, e atravessando um pequeno corredor, entrou na casa de jantar, onde outro criado o esperava junto do aparador.

A ceia estava na mesa. O barão tomou o seu lugar em frente do único talher, lançando em redor de si um olhar satisfeito, acompanhado de um profundo suspiro.

"Vamos, Danglars", disse ele consigo mesmo. "Estás só, mas estás bem, e poderás melhorar de 172 posição em pouco tempo. Decididamente, há alguma coisa boa neste mundo, a cuja influência eu devo grandes benefícios. Acreditei por um momento que essa coisa boa fosse minha mulher, que me dava a desforra do tempo em que foi má; porém, já passou o prestígio, e agora creio que..." O

som agudo da sineta do portão do jardim interrompeu bruscamente o raciocínio do barão Danglars. Os criados fizeram um movimento mas detiveram-se, olhando indecisos para o ilustre banqueiro retirado.

Antes que houvesse tempo para pronunciar uma palavra que fosse, o sinal repetiu-se segunda vez com tal violência, que todos julgaram que a sineta tivesse caído de encontro às grades de ferro da porta.

— Que vem a ser isto? — inquiriu o barão, levantando-se e tornando a sentar-se com um só movimento.

— Batem à porta — disseram os criados.

— Batem à porta — repetiu o barão — e batem de modo que fariam fugir as sombras de Lethes. Batem terceira vez sem a menor cerimônia. Ah! Corram imediatamente, imbecis! — continuou ele inspirado por nova ideia. — Amanhã ponho-os na rua! Estão a bater e ficam aqui pasmados? É sem dúvida a menina Danglars, a minha filha, que aproveitou a beleza da noite para acordar amanhã em minha casa. Isto é por certo uma surpresa agradável! Vamos, mais dois talheres nesta mesa, acendam todas as velas daquela serpentina, aproximem cadeiras. Ah! Mostrar-lhe-ei que o coração de um pai está sempre prevenido para receber a filha única! O barão passeava agitado pela casa, observando como os criados executavam as suas ordens. Pelo cérebro passavam-lhe mil pensamentos. Entretanto ouviu ranger a porta do jardim e viu que uma carruagem parava junto da escada que conduzia à sala.

Encaminhava-se para ali quando se encontrou com o criado que voltava.

— Então? — perguntou com ansiedade.

— Excelentíssimo, é um cavalheiro que me assegurou ser da intimidade de V. Exa. e que mandou entrar imediatamente a carruagem no pátio, apenas eu abri a porta.

— Um cavalheiro!? — exclamou o barão. — Espero ao menos que tenha dito o nome? — Não, excelentíssimo, não disse.

— Miserável! Nunca passará de um criado de aldeia! Isto é imperdoável! Ah! Um cavalheiro que diz ser da minha intimidade! Tragam-me um roupão mais decente do que este. Depressa!

Mandem subir, iluminem a sala! Corja de tratantes, hei de ensiná-los! Dizendo isto, Danglars tinha já despido uma das mangas do roupão e estava a ponto de despir a outra, quando o mencionado cavalheiro que o procurava, apareceu de súbito à porta da sala de jantar, dizendo com ironia: — Devagar, devagar, senhor barão, o hábito não faz o monge.

— Ah! — exclamou Danglars, recuando um passo e mudando subitamente de cor, esquecendo-se ao mesmo tempo de vestir o novo roupão ou despir totalmente o que já tinha.

o recém-chegado sorriu, e caminhando com toda a confiança, foi sentar-se à mesa, em frente de um dos talheres.

o barão, que mal podia ter-se nas pernas, recuou um passo para buscar apoio contra a parede.

— Senhor barão Danglars — disse o cavalheiro — vista o seu roupão, do qual parece ter-se esquecido. Precisa de dar algumas ordens aos seus criados, e espero que o amigo os não demore, porque teremos o desgosto de comer a ceia totalmente fria.

— É verdade, teremos esse desgosto — repetiu o barão, com a voz presa na garganta.

— Senhor barão, dê as competentes ordens. Parece-me tanto! — Sim, senhor. Então eu devo dar algumas ordens? Não compreendo.

— Ora, mande recolher a minha carruagem na cocheira que está ao lado do jardim, pois não quero que os cavalos se constipem! — O senhor conhece bem esta casa não é verdade? — perguntou o barão com o olhar pasmado fixo no rosto do recém-chegado.

— Parece que sim, senhor barão, porém está a perder tempo sem necessidade. Se não quer dar as suas ordens, irei eu próprio fazer esse serviço.

— Recolham a carruagem e os cavalos de... — Ah, é quanto basta! Em seguida, dirigindo-se ao criado que se dispunha a sair, continuou: -O postilhão que volte para cear com vocês. Depois dê-lhe uma lanterna e uma manta para se cobrir enquanto dorme.

Voltou-se para o outro criado.

— Pode retirar-se, o senhor barão dispensa-o.

O criado notando que o barão não o contradizia, inclinou-se e saiu. Ficaram ambos sós.

— Estou persuadido — disse Danglars com esforço — que não nos entendemos bem. O senhor sem dúvida está enganado.

— Em quê? — Parece-me que em tudo.

— Eu é que não o entendo, meu caro. Mas ceemos, entretanto, porque lhe declaro que ainda não comi esta noite.

O barão dispensaria a ceia sem o menor desgosto, porém era necessário mostrar ânimo; assim, começou a caminhar encostado à parede e sentou-se à mesa, deixando entre si e o imprevisto companheiro um lugar e um talher.

— Pelo que vejo, não contava estar eu só. julgaria que eu viesse acompanhado? — Para falar a verdade, eu não esperava uma coisa nem contava com a outra; isto é, julgava que cearia esta noite sem companhia.

— Eu, porém, resolvi o contrário: gosto mais de viajar durante a noite.

— E esta está realmente bela! Faz um pouco de calor, não acha? — perguntou o barão, limpando o rosto com o lenço.

— Ai, senhor barão, olhe que pôs o lenço no prato em lugar de o meter na algibeira.

O barão corou e desfez logo o engano.

— Não nos víamos há bastante tempo, senhor Danglars, desde aquela noite em que tive o gosto de o hospedar no meu palácio.

— Bom palácio, pela minha alma! — murmurou o barão. — Estes malditos salteadores romanos têm a mania de chamar palácios às covas em que se escondem! — Sofreu ali aquela pequena, peça que lhe pregou o conde de Monte Cristo, mas no fim de tudo há de confessar que lhe apresentei uma boa ceia, senhor barão! Porém, que vale o passado que já não tem remédio, e o futuro que não nos pertence. Tratemos do presente, que é nosso. Eu desejo que a minha cama, esta noite seja no seu quarto.

Desta vez, o barão sentiu os cabelos se levantarem no crânio e um frio extremo correr ao longo da espinha dorsal.

— A sua cama? — exclamou ele.

— Então que é isso, meu caro? Será costume não se dormir em sua casa? — Sim, senhor. Porém o que não é costume, é... É?...

— Tudo aquilo que for extraordinário! — respondeu por fim o barão, largando o garfo e a faca sobre o prato com um gesto de enfado.

— Concordo! tornou Vampa. — Todavia, deveria esperar que eu pernoitasse em sua casa.

— Eu, nunca. — respondeu ele.

— É verdade — continuou o salteador. — Compreendo-o e hei de saber desvanecer-lhe o escrúpulo. Agora não seria má ideia que nos recolhêssemos. Tenho necessidade de descansar.

— Ah! Mate-me de uma vez! — exclamou Danglars, levantando-se todo trêmulo. — Porém, acredite que não encontrará em minha casa uma quantia igual à que já me roubou no seu covil.

— Que é isso, senhor barão? está alucinado! — retorquiu Vampa, levantando-se também. — Já esqueceu o que se lhe disse? — Então que foi? Que nova ideia terá em mente? — A sua memória é fraca, senhor barão, mas eu vou avivar-lha. Veio aqui um homem, seu compatriota, chamado Benedetto, o qual, depois de conversar algum tempo com o senhor, teve a honra de lhe passar para as mãos alguma coisa de grande valor. Não sei se foi papel, se metal, talvez uma e outra coisa.

— E depois? — perguntou o infeliz barão, mudando alternadamente de cor.

— Depois? Com os diabos! É muito esquecido, senhor Danglars. O homem de quem lhe falo, aquele amável Benedetto, falou-lhe de mim. Pois aqui me tem.

— Mas o que há de comum entre o senhor e Benedetto? — inquiriu o barão.

— Agora, não há nada — respondeu Vampa com frieza.

— Que quer de mim? — O cumprimento do que ajustou.

— Pois eu ajustei cumprir alguma coisa? — Acabemos com isto, senhor barão — disse Vampa, começando a impacientar-se. — Acha pouco o dinheiro que recebeu e meditou sem dúvida que a minha visita poderia render-lhe mais. Eu não 176 — 177 faço

questão de uma ridicularia assim, porque já fui banqueiro como o senhor. Aí tem a minha bolsa, senhor Danglars, porém seja discreto.

Dizendo isto, Luigi Vampa atirou com uma bolsa para a mesa em frente do barão, o qual estava cada vez mais embaraçado.

— Oh! — continuou o salteador, vendo que o barão hesitava. — Asseguro-lhe que contém talvez o dobro do que recebeu. É a bolsa de um romano — acrescentou ele com orgulho selvagem, despejando a bolsa com rapidez e espalhando o ouro em frente aos olhos esbugalhados de Danglars. — Estaremos agora de acordo? — O que pretende então, senhor Vampa? — Uma coisa muito simples: hospedagem por hoje e amanhã.

O barão estremeceu; porém, mal as suas mãos entraram em contato com o ouro, a influência daquele metal apaziguou-lhe totalmente o espírito agitado.

"OS diabos me levem, se entendo alguma coisa de todo este negócio", pensou o barão guardando o dinheiro. "Deixa-lo. Imaginarei que esta noite fui à Comédia de Paris e não vi senão o segundo ato, ficando por consequência sem compreender o princípio da história".

— Estou às suas ordens, senhor Vampa — acrescentou ele em voz alta, acompanhando as palavras com um sorriso amável.

— Eu espero as suas, senhor barão — disse Luigi Vampa.

— Terei muito gosto em lhe ceder o meu leito.

Eu acomodar-me-ei num canapé que tenho no meu quarto e onde costumo deitar-me durante o dia.

— Ficaria incomodado.

— Pelo contrário, senhor. Deitar-me-ei mais tarde, pois ainda tenho de escrever algumas cartas para França.

— Como quiser.

Vampa chamou os criados, ordenando-lhes que iluminassem o quarto e preparassem a cama.

Decorridos alguns minutos, sem pronunciarem uma só palavra, ambos saíram da casa de jantar para se recolherem.

Vampa, sem se despir, cobriu com a roupa da cama e conservou-se de vigília, espiando os movimentos do barão, o qual

depois de arranjar uma folha de papel se sentou, começando a escrever.

Quando acabou de escrever, recostou-se na cadeira e refletiu: "Esta visita de Vampa transtorna-me o prazer que eu esperava gozar amanhã. Enfim, quatro mil piastras valem o sacrifício, e Eugènie, prevenida por esta carta de que um pequeno negócio me chama longe daqui, reservará a sua visita para qualquer outro dia".

Interrompeu-se e olhou disfarçadamente para Vampa, dizendo para consigo: "Creio que conheço agora o primeiro ato da comédia. As autoridades romanas, cansadas de tolerar as habilidades do senhor Vampa, andam-lhe na pista e o famoso salteador obrigado a refugiar-se, procura asilo em minha casa. Vamos, não levei muito caro pela hospedagem de um bandido temível, cuja cabeça tem um preço considerável! Decididamente, Danglars, a fortuna protege-te!"

CAPÍTULO 22

A comédia complica-se

Ao amanhecer do dia seguinte, um dos criados do barão depois de haver recebido dele uma ordem particular, saía de casa e dispunha-se a atravessar o jardim, quando a voz de Luigi Vampa o deteve.

— Queira servir-me numa coisa! — Em tudo, excelentíssimo.

— Segundo vejo, vai passar pela porta da cocheira: bata com força para despertar o patife do postilhão que ainda dorme, e entregue-lhe este dinheiro para que vá consertar o estômago a uma venda qualquer.

— Sim, excelentíssimo.

O criado recebeu uma pequena moeda de prata e partiu, enquanto Vampa subia a escada e entrava na sala onde encontrou o barão, que o procurava.

— Não posso dormir a manhã na cama — disse-lhe Vampa — o ar da manhã faz-me bem.

— A mim sucede-me o mesmo, senhor Vampa. Apenas vejo raiar o dia, levanto-me.

— É um costume bem impróprio de um milionário.

Entretanto, o criado batia desapiedadamente à porta da cocheira, e cinco minutos depois, o postilhão, acordando sobressaltado, correu a abrir.

— Que temos? — perguntou ele.

— O seu patrão manda-lhe este dinheiro, meu amigo. Creio que é para lhe evitar o frio da manhã.

O postilhão recebeu o dinheiro e sorriu com ironia, lançando ao criado um olhar irrequieto e medindo-o dos pés à cabeça.

— Espere, amigo — disse, abotoando a capa e pondo o chapéu. — Uma vez que é o portador, gostaria de oferecer-lhe do meu almoço.

— Obrigado, mas estou com pressa.

— Ora, histórias! Isso recomendam sempre os patrões, mas nós devemos calcular bem o tempo, de modo que fique um pedaço livre para beber uma pinga. Venha daí.

— Já lhe disse que é impossível.

— Aonde vai? Aposto que leva uma carta para entregar.

— Diz a verdade, vou à cidade. É um bom pedaço de caminho.

— Vai a pé? — Vou. Tenho quatro horas para fazer o caminho e talvez que não seja preciso chegar positivamente" a Roma.

— Então porquê? — Se tiver a felicidade de encontrar a pessoa para quem levo a carta do senhor barão.

— Meu amigo, fez bem em falar, porque posso ser-lhe mais útil do que julga.

— Como? — Eu vou partir para a cidade, e neste caso, como os meus cavalos andam mais depressa do que as pernas de qualquer de nós, temos tempo de beber primeiro uma pinga; depois, salta para a almofada da carruagem e faz o seu caminho sem se cansar.

— Isso parece-me um bom arranjo e desde já lho agradeço.

— Então, vida alegre! — bradou o postilhão, agarrando-lhe no braço e correndo ambos para a estrada, na direção de uma

pequena venda que ficava a certa distância.

Entretanto, as horas foram correndo. As sete, o barão Danglars estava a almoçar com a melhor vontade em companhia de Luigi Vampa, quando ambos viram, pela janela que lhes ficava em frente da mesa, entrar no jardim uma carruagem que foi parar, como a de Vampa na noite antecedente, junto da pequena escada que conduzia à sala.

O barão sobressaltou-se e Vampa, conservando a sua fisionomia impassível, limitou-se unicamente a perguntar: — Esperava alguma visita, barão? — Eu? Ah! Asseguro-lhe que... Mas quem será? Não posso imaginar.

— Ouço os passos do criado, ele dirá quem é. — Com efeito! Mas seria incrível, eu não esperava...

— As senhoras Eugènie Danglars e Luísa d'Armillly — anunciou o criado, abrindo a porta.

— Como! — exclamou o barão, como fulminado por um raio.

— Creio que será sua filha, a senhora Eugènie Danglars? — É, é, não há dúvida! "Oh! Esta cena é difícil!" dizia o barão consigo mesmo.

Depois em voz alta, acrescentou: — O senhor talvez não queira aparecer, nesse caso permita que...

— Pelo contrário, terei muito gosto em cumprimentar a senhora Eugènie Danglars.

— Mas o seu nome — disse-lhe o barão em voz baixa e tremendo de susto. — O seu nome é tão conhecido! Ocorreu-me uma ideia, adote de momento um nome suposto.

Vampa sorriu e respondeu: — Aprovo, senhor barão. Imagine o senhor qual deve ser.

— o de uma família ilustre, por exemplo, um Spada! — Seja — respondeu Vampa, cuja fisionomia se obscureceu subitamente.

— Assim tudo irá bem — continuou o barão, preparando-se para sair e fazendo sinal a Vampa, que se deixou ficar sentado.

As duas amigas estavam na sala e olhavam com curiosidade para os antiquíssimos móveis que decoravam o sombrio recinto.

— Minha amiga — disse Eugènie — profetizo que teremos um dia agradável. Meu pai é um bon vivant e há de fazer-nos rir com as

suas novas ideias. Conheço que este dia me fará muito bem e foi por esse motivo que o apressei.

Tinha ela acabado de dizer estas palavras, quando o barão apareceu na sala. A fisionomia do senhor Danglars se bem que apresentasse a expressão do mais completo regozijo, tinha um não sei quê de sobressalto e inquietação que não escapou aos olhos de Luísa d'Armilly. Eugènie correu a beijar-lhe a mão e Luísa saudou-o com modo afável.

— Veja, meu pai — disse-lhe Eugènie — veja como lhe pago a sua visita sem a mínima demora. Não julgue que é pelo receio de lhe ficar em dívida.

O barão ia responder, mas fazendo um gesto como se mudasse completamente de ideias, perguntou: — Não recebeste uma carta minha? Não, meu pai.

"Todavia, escrevi-a e enviei-a", disse o barão para consigo. "Felizmente o portador desencontrou-se com a carruagem".

— Qual era o assunto da carta? — perguntou Eugènie.

— Não vale a pena, não falemos mais disso. Dava simplesmente um conselho.

— Os seus conselhos serão sempre bem recebidos.

— Querida filha! — exclamou o senhor Danglars, abraçando-a. — Senhora d'Armilly, que tal lhe parece a minha pequena propriedade? Comprei tudo isto em muito mau estado, como vê. Porém esta antiguidade inspira-me tão profundo respeito, que determinei não as sujeitar ao gênero da nossa época.

— Eu prezo estas relíquias dos séculos — respondeu Luísa — e creio que Eugènie é do meu parecer.

— Estimo isso — volveu o barão muito inquieto e olhando furtivamente ao longo do corredor que dava para a sala de jantar, onde viu a sinistra figura de Vampa sentado à mesa, sobre a qual apoiava os braços, escondendo o rosto nas mãos.

Fazendo um esforço sobre si mesmo, Danglars tomou a mão da filha e disse: — Minha filha, a visita não é de cerimônia e por isso não está aqui na sala. O almoço está na mesa. Vamos, que eu terei o gosto de o apresentar.

— Não entendo bem, meu pai! — retorquiu Eugènie, notando a maneira com que o barão confundia as palavras, almoço e visita, de maneira tal que não era possível entender a qual delas se referia quando empregara o verbo apresentar.

— Fala da nossa visita, que não é de cerimônia — acrescentou Luísa. — Senhor barão, muito estimamos que assim seja.

— Não, Luísa — disse Eugènie — meu pai não se referia à nossa visita! Todavia, se fizer cerimônias conosco, eu por mim escandalizo-me! De quem falava, meu pai?

— Pois eu ainda lhes não disse que tinha um hóspede?

— Não, senhor.

— Quem é ele?

— É um desconhecido de família principesca — respondeu o senhor Danglars, limpando o suor que lhe escorria do rosto. — É um Romanelli Spada.

O barão ficou prostrado quando acabou este imprevisto.

— Não conheço — disse Luísa.

O barão, cabisbaixo, aproximou-se das duas amigas, e pouco depois dirigiram-se para a sala de jantar.

Logo que chegaram à extremidade do corredor, Luigi Vampa levantou-se, parecendo esperar o momento de ser apresentado a Eugènie.

— Minha filha, senhora Luísa d'Armilly, tenho o prazer de lhes apresentar o senhor Romanelli Spada.

Eugènie olhou para Vampa e estremeceu violentamente, apoiando-se ao braço do barão, o qual notou com desassossego a comoção da filha.

"Isto se complica!" disse ele a si mesmo. "Eles se conhecem!"

Eugènie, notando a situação difícil em que se encontrava, revestiu-se de toda a presença de espírito e saudou o suposto Spada com um sorriso cheio de doçura.

Nunca a filha de Danglars passara uma manhã tão agradável. Estava ao lado de seu pai, o qual parecia ter-se despedido do antigo rigorismo adquirido no árido terreno dos algarismos em que constantemente trabalhava. Estava também na companhia da sua

amiga sincera, por quem professava a maior amizade, e na frente dos seus olhos tinha o homem que lhe inspirava um amor profundo, como o que se sente uma só vez na vida, para sempre! As horas, essas irmãs inseparáveis que voam constantemente sobre a terra, tão vagarosas quando trazem consigo a dor e o sofrimento e tão velozes quando conduzem o prazer e a alegria, passaram rápidas como o pensamento do homem e Eugènie via com desassossego fugir aquela manhã, aquele dia, que era o mais belo de toda a sua vida.

CAPÍTULO 23

O rapto

SEM que Eugènie dissesse uma palavra à amiga acerca do hóspede do barão, Luísa conheceu bem que era aquele o homem que inspirava a Eugènie o sentimento que ela já lhe havia confessado. Luísa sorriu com doçura para a amiga e companheira, quando esta, no decurso do dia, lhe descansava no seio a fronte abrasada, ou a apertava contra o peito agitado. Naquele sorriso doce de mulher, naqueles olhares amigos que elas trocavam entre si, ia mais expressão, mais verdade do que nas palavras que pronunciassem.

Luigi Vampa conservou-se sempre sombrio e triste, e na sua fronte criminosa estava estampado o sinal dos sentimentos brutais que o dominavam. O seu olhar impuro, mergulhava com avidez no seio palpitante de Eugènie e ateava ali um fogo poderoso que o agitava. Eugènie sentia em si própria esse domínio fatal! Resistir-lhe era impossível. Disfarçar a perturbação que ele lhe causava, já não cabia nas suas forças. Vampa conheceu com alegria todo o poder do sentimento que inspirava a Eugènie.

— Oh! Ama-me! Ama-me! — exclamou ele com delírio, vendo-se completamente só no jardim. — Já não pode ocultá-lo. A sua vaidade de mulher, o seu orgulho de cantora soberana, tudo

cede e verga ao peso do meu olhar, que a fascina! Vampa cruzou os braços sobre o peito arquejante e por muito tempo permaneceu isolado. A sua fronte enrugada e sombria parecia meditar o crime; o seu olhar turvo e incerto, revelava ali a fera toda entregue ao desejo brutal que a devora.

Entretanto, o barão Danglars passeava com as duas amigas pela sala, cujas portas estavam abertas e deixavam ver o jardim com as suas figuras de pedra e os seus últimos raios frouxos, quase em linha horizontal, esses raios que atravessando a Ásia e o Mediterrâneo pareciam vir ali dizer a Roma um adeus até ao dia seguinte.

Eugènie acabava de dizer ao pai que teria muito gosto de pernoitar em sua casa e que se retiraria no dia seguinte às três horas da tarde.

Danglars, vendo que se cumpria a profecia de Benedetto, começou a refletir maduramente acerca daquela comédia, cujo mistério ele sabia não ter decifrado como o supusera na noite antecedente. Desde o jantar que não via o salteador. Esta ausência começou a inquietá-lo, a ponto de o fazer correr as casas e o jardim à procura dele. O barão pediu que o dispensassem um momento, sob pretexto de ir dar as competentes ordens para se preparar o quarto em que Eugènie e Luísa deviam ficar. Em seguida saiu da sala, e guiado por um vago receio, quase um instinto natural, subiu apressadamente ao seu quarto para examinar as gavetas da secretária.

Eugènie vendo-se só com Luísa, deu-lhe o braço, e ambas desceram ao jardim, em cujas estreitas veredas se embrenharam.

Um pensamento tão vago como o receio do barão, guiou Eugènie por entre aqueles caminhos sombrios e solitários. As folhas secas que cobriam a terra rangiam-lhe sob os pés; outras, que a viração da tarde desprendia sem vida dos ramos onde ia acabando a seiva, caíam-lhe sobre a fronte, como se quisessem fazer-lhe uma misteriosa advertência.

Lágrimas involuntárias borbulhavam nas pálpebras de Eugènie que se extinguíam depois no fogo das faces. Luísa não ousava despertar a amiga daquele sonho lânguido que ela gozava,

caminhando silenciosa a seu lado; apenas lhe respondia com um meigo sorriso quando Eugènie lhe lançava um suplicante e terno olhar.

De repente, ao virar uma das ruas, Luísa estremeceu, vendo a certa distância a figura de Vampa; o seu olhar, cheio de fogo, brilhava na sombra que começava a entrar naquela parte do jardim.

Eugènie também o tinha visto.

Houve um momento de silêncio e de indecisão.

Recuar seria uma desfeita declarada a um homem cujas maneiras e nome indicavam ser um perfeito cavalheiro; portanto, Luísa continuou o seu caminho ao lado de Eugènie, enquanto Vampa avançava para lhes falar.

— Um ar puríssimo se respira neste jardim — disse ele — e creio que não tive mau gosto em vir respirá-lo, porque me parece que também o procura, minha senhora.

— É verdade senhor — respondeu Luísa — porém a tarde vai arrefecendo e a noite de Outono 186 — 187 convida antes para a atmosfera temperada da sala do que para o ar livre do jardim.

Eugènie lançou-lhe um olhar suplicante.

— Terei muito gosto em acompanhá-la — disse Vampa.

Eugènie teria preferido o ar fresco e vivificante do jardim à atmosfera temperada da sala; porém, não teve forças para proferir uma palavra, e deixou-se conduzir pela amiga.

Vampa caminhou ao lado delas.

quando chegaram próximo da escada, ele deixou subir primeiro Luísa, mas quando Eugènie se preparava para segui-la, falou-lhe: — Minha senhora, permita que lhe diga adeus — disse com voz trêmula, mas profunda. Eugènie parou e voltou-se, perguntando: — Deixa-nos? — Talvez para sempre.

— Que diz?

— A Itália me mata!

— Que procura então fora da Itália?

— Esquecer, se for possível, um sentimento forte que me domina. Na Itália será impossível esquecê-lo!

— E que motivo tem para procurar esquecer esse sentimento?

— Ah! — disse Vampa com um sorriso amargo. quando se ama e sofre como eu, minha senhora, não há senão dois extremos marcados em toda a enxurrada das nossas sensações: recompensando essa dor, esse sofrimento, ou o esquecimento total da felicidade perdida.

— Então acha que não deve procurar senão o esquecimento total?

— Ainda o pergunta, minha senhora?

— Haveria por acaso alguém que o fizesse mudar de ideia, de semelhante resolução?

— Havia, sim, minha senhora, e com uma simples palavra.

— Seria muito feliz essa pessoa! — murmurou Eugènie.

— O que posso assegurar-lhe é que ninguém, exceto eu e a Providência, será capaz de calcular a ventura que experimentaria no momento em que ouvisse uma só palavra tão forte e positiva que tivesse força para mudar a minha resolução desesperada! Ah! Imagine o homem que voltava da morte tormentosa, se a morte não é um aniquilamento total de corpo e alma à vida enriquecida com um prazer inexplicável! Qual seria a sua sensação?... Poderá por acaso alguém concebê-la?

— Senhor, tome cuidado, pois excede os limites do verossímil! Um amor profundo como os homens o sentem, acredita-se sem dificuldade por uma simples palavra; porém, o amor expresso nos idílios de uma imaginação engenhosa ou exaltada... quem há aí para lhe dar crédito?

— Tem razão, minha senhora — tornou Vampa — ninguém o acredita, é uma loucura expô-lo ao riso indiscreto de toda a gente. Faz como todos, ri também do sentimento que honestamente lhe confessei.

— Como quer que o acredite? Que provas me dá?

— Quer talvez um ano dessas provas compassadas para as quais concorre quase sempre o cálculo e o estudo? Ah, não farei tal! Vou partir.

Vampa deu um passo e Eugènie seguiu-o.

— Espere — disse ela involuntariamente.

— Que deseja de mim, senhora? — inquiriu Vampa com um gesto sombrio.

— Ah, perdoe! A falar a verdade, o que haverá que o possa deter ao lado de quem lhe é indiferente?

— Senhora — disse Vampa — não duvide por esse modo do sentimento que lhe confessei, pois será melhor zombar da mais perfeita obra da natureza! Amo-a! Limito a minha ambição nesta linda mão, porque dela depende toda a minha felicidade ou a desgraça que deve ferir-me.

Dizendo isto, Vampa se apoderou da mão alvíssima, depondo nela um beijo ardente, sem que Eugènie fizesse o menor movimento para retirá-la.

— Insensato! — continuou ele. — No seu gênio o nobre soberano não cede à confissão de um amor sincero, o qual não deixará de ser a seus olhos um simples capricho. Adeus para sempre, Eugènie, é para sempre! Ainda a vi uma vez, respirei o mesmo ar que respirou, foi um dia feliz. Agora vem a desgraça!

Vampa largou-lhe a mão e rapidamente deu uns passos na direção da cancela do jardim. Eugènie seguiu-o e, dominada por um impulso irresistível, exclamou: — Não, não partirá sem que eu saiba o dia do regresso! Que delícias de ilusões me embriagaram hoje! — continuou Vampa, detendo-se um instante e pegando novamente a mão de Eugènie. — Que delícias de ilusões me servem hoje! Que valem elas agora quando a desgraça me fere! Eugènie, pense no homem que a amou como se ama uma única vez na vida! depois, abrindo rapidamente a cancela, saiu do jardim. Eugènie que não lhe largara a mão, continuava a seu lado, trêmula, arquejante e dominada por um sentimento poderoso que aumentava grandemente, queimando-lhe o sangue e produzindo febre e delírio.

Vampa olhou em volta de si e viu a sua carruagem estacionada a pequena distância.

— Senhora, esta porta separar-nos-á para sempre. — Amanhã talvez já não se lembre de mim! Agora volte para dentro.

— Amo-o, amo-o. Não me abandone!

— Não! — exclamou Vampa cingindo-a fortemente a si.

Depois desatou a correr na direção da carruagem. Eugènie soltou um grito, onde havia a expressão mista e incompreensível do prazer e da surpresa.

O barão Danglars, tendo acabado de passar revista às gavetas da sua secretária e de se certificar que as fechaduras estavam em perfeito estado, dirigiu-se para a sala. Deparando com Luísa d'Armilly, perguntou-lhe por Eugènie.

— Eugènie passeava agora mesmo no jardim. Todavia, a noite avizinha-se e eu vou pedir-lhe que se recolha.

— Acompanho-a, senhora d'Armilly — disse o barão.

Luísa inquieta com a presença do barão, caminhou com rapidez e desceu a pequena escada onde supunha encontrar Eugènie a escutar as palavras amorosas do suposto príncipe Spada; porém ficou surpreendida não vendo nem um nem outro.

— Então onde está Eugènie? — perguntou o barão, descendo também a escada.

— Talvez ande a passear no caminho que conduz ao lago.

— Eugènie! — gritou o barão. — Ninguém responde.

Continuemos a procurar.

Danglars e Luísa avançaram pelo caminho que havia em frente da escada. Haviam chegado quase à porta do jardim, quando o grito de Eugènie lhes feriu os ouvidos.

— Meu Deus! Meu Deus! Senhor Danglars, houve aqui uma desgraça, pois acabo de reconhecer perfeitamente a voz da minha amiga! O barão, movido pelos rogos de Luísa, abriu a cancela e avançou um passo, mas deteve-se e recuou bruscamente para não ser esmagado pelas patas de dois possantes cavalos que avançavam velozmente puxando uma carruagem.

— Ah, senhor barão! — exclamou Luísa assustadíssima, aproximando-se dele. Eugènie não aparece, e aquela carruagem... Ah, meu Deus, valei-nos! Senhora d'Armilly, diga-me sinceramente o que sucedeu.

— Eu?

— Sim, a senhora. Eugènie estava no jardim e não era só pelo prazer de gozar a frescura da noite.

— Que diz!?

— Pergunto-lhe se Eugènie estava só!
— Meu Deus! Deixei-a com o príncipe Spada.
— Infame! Celerado! — gritou o barão.
— Jesus! — disse Luísa aterrada, apoiando-se no braço de Danglars.
— Senhora d'Armilly — continuou ele — há dias que começou em minha casa uma comédia terrível! O desfecho é este, acabo de o reconhecer!
— Qual?
— Um rapto! Um rapto!
— Minha querida Eugènie! — exclamou Luísa caindo de joelhos.
O barão cruzou os braços sobre o peito, olhou com desassossego na direção da estrada, pela qual a carruagem do saltador romano rodava velozmente e murmurou consigo mesmo: "Se eu tivesse adivinhado isto!"

CAPÍTULO 24

Campi Lugentes

ERA ainda noite quando a carruagem de Vampa, entrando na via Apia, foi parar em frente do círculo de Caracalla, lugar medonho pelas fábulas que dali tiravam origem e pelo nome temível do saltador que no silêncio da noite e na hora do crime ressoava naquelas sombrias abóbadas calcárias.

Vampa, completamente entregue ao sentimento que o dominava, não reparara que nem um só vigia lhe havia pedido a senha desde que a sua carruagem rodava por entre os tristes monumentos da via Apia. Tomou nos braços possantes o frágil corpo de Eugènie e, qual novo Plutão, desceu com o seu precioso fardo por entre as sombras da noite até à entrada do seu antro medonho.

Chegando ali, deteve-se um momento como para descansar. Nenhuma voz lhe chegava aos ouvidos: em redor dele esvoaçavam espavoridas as aves noturnas, cujas asas rijas e ásperas lhe batiam nas faces ardentes pela febre. Nenhuma luz o guiava ao longo daquela abóbada subterrânea; todavia, ele caminhou com firmeza até ao lugar espaçoso onde se encontravam os restos do antigo altar e a mesa que servira outrora de tabernáculo aos festins bacanais dos bandidos. Vampa caminhou na direção da mesa e ali depôs o corpo de Eugènie, em cuja face de gelo ele colocou os seus lábios ardentes de voluptuosidade.

Todo o horror daquela hora tenebrosa do crime se apresentou à imaginação do salteador, apenas saciou com o pranto amargo da mulher violada a sede abrasadora que o devorava.

Um gemido profundo, cavernoso, rouco e lúgubre como o rugir da fera se lhe escapou do peito. Lançou o olhar incendiado em redor de si, notando com receio, a sombra e o silêncio que os rodeavam.

Nem um dos seus sicários se aproximara para iluminar aquele quadro de violência, nem pedir-lhe em nome dos seus companheiros o quinhão que lhe pertencia daquele crime.

— Não! — bradou Vampa. — Esta mulher será só minha! Desgraçado do que ousar disputar! Com uma das mãos trêmulas, apertou as de Eugènie, enquanto a outra descansava ameaçadora sobre o punho de uma pistola que tinha no cinto.

— Peppino! — bradou ele, ouvindo apenas em resposta o eco noturno das abóbadas.

Depois de uns momentos de expectativa, repetiu, elevando mais a voz: — Peppino, será que sintam tanto sono que a voz do vosso chefe não os desperte? Malditos, que se deixaram adormecer, esquecendo a vigilância do seu único asilo! Vampa tirou a pistola do cinto e disparou os dois tiros que restavam, cujo clarão momentâneo se refletiu sobre o rosto de Eugènie. O salteador, com o ouvido atento, recolheu até o último som que sucede ao eco das rochas, quando repercute o som repentino e forte de um tiro.

De súbito, ao reconhecer que estava só, estremeceu. A sua mão, agitada e fria, apertava ainda a coronha da pistola

descarregada.

Ao ver-se desarmado, o sentimento de um vago receio se apoderou dele. Um suor frio lhe inundou a fronte. Era a primeira vez que Luigi Vampa sentia medo, todavia o seu corpo estremecia e resfriava.

"Ter-me-á Peppino atraído?" perguntava a si próprio. "Serei eu vítima de uma cilada imprevista? Não! Não! Isto é incrível! Peppino talvez saísse com os homens para fazer uma boa presa, contando que eu não viesse tão cedo. Mas as catacumbas parecem desertas. Peppino não devia ter saído sem me deixar aqui duas sentinelas; a minha cabeça está desde há longo tempo a prêmio, e ainda que eu tenha pessoas interessadas na minha segurança, tenho também muitos inimigos! Todavia, a polícia ignora a entrada secreta das catacumbas, nem tem interesse em descobri-la, porque já algumas vezes os seus miseráveis agentes têm ficado estendidos nas profundidades do circo de Caracalla ou na via Apia, em cujos monumentos eu mando emboscar muita gente. Esperemos, pois, porque Peppino há de voltar".

Vampa sentou-se ao lado de Eugènie, iludido ainda pelo último raio de esperança que a sua imaginação concebia, como sucede a todos os homens fracos e pusilânimes que não podem convencer-se da força dessas palavras "tudo está acabado".

O salteador esperava tudo menos a sua ruína.

As horas decorreram lentamente e Vampa em vão esperava a volta de Peppino. O seu pensamento repellido pelo tempo e pela verdade, de ilusão em ilusão, chegou à derradeira.

Essa foi gradualmente acabando como as outras. Vampa soltou um grito feroz.

Notou pela primeira vez o sono profundo que parecia ter-se apoderado de Eugènie. O corpo que jazia estirado sobre a mesa em que outrora eram colocados os mortos, sobre o mármore que ele e os seus salteadores haviam profanado com as suas bacanais, horrorizou-o. Levantou o braço em direção da mesa, como para despertar Eugènie, mas o braço não tocou no corpo da vítima, e um riso amargo contraiu os lábios do verdugo.

"De que servirá acordá-la?" disse para consigo. "Os seus gritos, os seus lamentos ecoariam logo nestas abóbadas desertas e tenebrosas como para lhes aumentar o horror que elas me causam agora! E se o sono que lhe cerra as pálpebras for a morte?! Se estou na companhia de um cadáver? Não, não, o seu coração palpita. Ela vive, está apenas cansada de susto e de prazer. Que durma, amanhã acordará".

Momentos depois, continuou: "Esta noite não terá fim? Estarei eu condenado para sempre às trevas e ao horror? Será um capricho de uma potência infernal, dar-me por companheira eterna esta mulher que dorme como se estivesse morta, cujos braços me não apertam, cujos lábios permanecem imóveis quando eu os beijo? Esta mulher que não goza comigo que não sente quanto eu sinto? Que me importa o seu corpo! Eu só o quisera animado em meus braços, palpitante contra o meu peito! Oh, Eugènie!... És a mesma que eu ainda ontem amava com todo o delírio? A que me fascinava, me enlouquecia com o seu gesto determinado e arrogante de atriz? Eugènie, onde está a flexibilidade e elegância do teu corpo? Ei-lo inerte e pesado como o de um cadáver! Onde está o fogo sublime que se revelava na expressão lânguida do teu olhar apaixonado, ou no gesto enérgico da tua fisionomia? Aquele fogo que te dilatava o peito e parecia fazer-te superior a ti mesma? Oh! Nada, nada existe aqui! Será talvez que te sufoque e aniquile o ar coado destas abóbadas subterrâneas e úmidas? Será possível que vivas aqui ao meu lado, como eu te vi lá fora? A terra também guarda tesouros e tu serás de hoje em diante o mais precioso que ela esconde aos olhos dos homens! Mas que me importa a tua beleza, se esta noite for eterna! Como poderei eu ver-te e embriagar-me com o teu pranto de prazer? Venha muito embora a morte, mas venha a luz, ainda que seja por um instante! As trevas deprimem-me! Esta atmosfera úmida como a do sepulcro gela-me o sangue nas veias! Agora, estas abóbadas não são mais do que sempre foram, um sepulcro! Aí por essas paredes jazem os esqueletos no seu sono eterno! Oh! Quantas vezes eu com as minhas orgias e os meus crimes, perturbei este augusto repouso dos finados! E eis-me ainda a perturbá-lo com o último dos meus

crimes! O último — repetiu rapidamente como notando o que tinha dito.

— E por que há de ser o último? Ah, sim, desde há muito tempo que eu penso abandonar o ferro homicida que até hoje tenho empunhado!" Arrojou para longe a pistola descarregada que ainda conservava na mão e prosseguiu: "Para longe, arma mortífera e fatal! Agora, Eugènie, vais acordar para me conduzir à felicidade verdadeira. Insensato! Poderá alguém repetir sem horror, sem raiva, o nome do salteador que por muito tempo roubou, assassinou e desflorou sem piedade, que não poupou velhos, nem crianças, nem mulheres, para satisfazer a sua ambição e os seus desejos brutais? Não! Serei condenado! Infeliz! Espero que esta mulher acorde, espero que os seus lábios falem e os seus olhos vejam, sem pensar que o seu primeiro grito, o seu primeiro olhar, será de surpresa e de maldição! Eugènie, perdoa-me!" Vampa caiu de joelhos ao lado da mesa, escondendo o rosto entre as mãos. Instantes depois, um raio de luz vermelha, brilhando na galeria subterrânea, surpreendeu-o.

Ergueu-se com firmeza, e respirando como se lhe houvera entrado no peito uma nova existência, bradou: — Peppino!

Ninguém lhe respondeu.

A luz avançava.

— Peppino! — repetiu.

O mesmo silêncio.

Estremeceu. Estava desarmado, sozinho, não podendo fazer frente a qualquer surpresa. A ideia de se ocultar passou-lhe rapidamente pela cabeça. Conhecia bem a construção do subterrâneo, e ia esconder-se num dos seus profundos recantos, quando de súbito um homem apareceu na entrada do subterrâneo e o deteve com estas palavras: — Acabo de te reconhecer, é escusado! A luz do archote que esse homem trazia iluminou o triste recinto. Vampa ficou imóvel.

O desconhecido avançava rapidamente: na mão direita brilhava-lhe o cano de uma pistola, na esquerda empunhava o archote.

— Benedetto! — exclamou Vampa, recuando cheio de assombro e horror.

— Silêncio, Vampa, ou morrerás! — disse ele, apontando a pistola e elevando o archote acima da cabeça para melhor distinguir o salteador.

"Dar-se-á o caso que os mortos se levantem para me atormentarem?", pensou Vampa.

— Saciaste a tua danada paixão — continuou Benedetto — e eu venho receber a parte que me pertence.

"Peppino atraçou-me", pensou Vampa.

Depois acrescentou em voz alta: — Ah! Vens para esse fim? É cedo, Benedetto! Acabo de consumir o rapto e o resgate receberei mais tarde.

— Todavia, preciso hoje mesmo do dinheiro.

— É impossível!

— Não tanto quanto dizes.

— Como assim?

— Exijo-o imediatamente!

— Que me importa?

— Importará a tua vida, meu caro Vampa! Eu sou rápido em todas as minhas ações e palavras. Bem vês que estou armado.

— E eu?

— Bem sabes que não!

— Tens-me espiado — murmurou Vampa com raiva, afetando todavia a maior tranquilidade, posto que naquele momento se recordasse do terrível aviso que mestre Pastrini lhe havia dado em nome da casa Thompson & French. — Se estou desarmado — prosseguiu — careço acaso de algumas armas contra ti, quando ao menor dos gritos que soltasse, correriam aqui vinte homens prontos para executar as minhas ordens? Benedetto abanou a cabeça e com um riso de desprezo, respondeu-lhe: — Experimenta.

Vampa estremeceu, mas recobrando logo a sua energia, bradou com audácia: — Miserável! Benedetto soltou uma gargalhada como se zombasse da raiva impotente de uma criança, e retorquiu: — Miserável és tu! Tu que te deixaste arrastar por uma paixão brutal, olhando sem ver e ouvindo sem escutar. Vampa,

ignoras que eu sei tudo? Estás desarmado e só nestes subterrâneos, tendo por única companhia a vítima da tua paixão violenta! Desde que para aqui entraste, entravas no sepulcro, e esperei a ocasião de me apresentar como coveiro para te despojar da tua mortalha; ouvi os tiros que disparaste e então descí, porque o dragão já não tinha dentes; restar-te-á talvez um punhal... porém eu tenho nesta pistola boas balas para te estender! Vamos, amigo Vampa, ao menos poupa-me o trabalho de te despir pelas minhas mãos, o que equivale a poupares um resto da vida que tenhas ainda no peito. Sei que apuraste quanto dinheiro havia no cofre da quadrilha e é isso que eu quero. Vampa, larga o teu cinto ou morrerás! — Traidor! — bradou Vampa.

— Tu sabes melhor do que eu o que isso quer dizer. Não faço mais do que tu tens feito. Roubar. Mas não te demores, Vampa. A vida ou o dinheiro!

— Não o tenho!

— Vampa! Vampa!

— Espera — disse o salteador, olhando com desespero em redor de si. — Tu és o francês que prometeu a minha cabeça à polícia romana? Bem vês que também sei isto.

— Não fiz tanto.

— Benedetto, queres vender-me? Onde está então a tua fé? Qual é a tua nova escola de crime? De onde vieste, demônio traçoeiro, tão empreendedor e resoluto? Lembra-te que eu roubei sempre os viajantes, assassinei mesmo alguns, cometi muitos crimes: porém nunca vendi a cabeça de ninguém! — Aborreço a tua história e a tua arenga, porque não sei quem te fez acreditar que eu me lembrei de vender a tua cabeça! Eu não sou vendilhão de cabeças! Vamos, resigna-te com a tua sorte, porque tu próprio preparaste a situação em que te encontras. Arrastado pelo teu delírio, pela tua paixão, chegaste a este lugar chamado Campi lugentis, que a fábula nos descreve: agora, deixa as tuas lágrimas correr neste chão fatal; sofre, porque chegou a tua vez, assim como eu já tive a minha. Ficarás pobre? Tanto melhor para a tua alma. Irás, se puderes, de porta em porta, de estrada em estrada, de pessoa em pessoa, pedir uma esmola cheio de humildade. Vampa,

tudo isto é uma boa obra, eu roubo a ladrão e terei mais anos de perdão do que aqueles que poderei viver; tu vais fazer penitência dos teus crimes e alcançarás também um perdão, porém não nos demoremos. Vampa, o teu dinheiro ou a tua vida! Tu conheces bem a força desta expressão, porque eras grande mestre do ofício.

— E quem me assegura que depois de te dar o meu dinheiro, não me assassinarás? — Já o devia ter feito, mas se te demorares um só minuto que seja, desta vez não escaparás. — Pois bem, aproxima-te.

— Põe-no sobre aquele mármore, ao lado da tua vítima, e afasta-te imediatamente.

Seguindo com olhar sombrio os movimentos de Vampa, murmurou: — E tu, Eugènie, também recebeste o castigo por abandonares a proteção de tua mãe, para te lançares só no mundo. Enquanto outros desejariam essa proteção sincera, os carinhos que tu desprezaste! Eugènie, se o teu sono não foro da morte, sofre porque o mereceste! Entretanto, Vampa, tendo colocado o cinto sobre o mármore, recuou alguns passos.

Benedetto retirou o dinheiro do cinto, examinou-o e guardou-o.

Se bem que o salteador romano observasse com toda a atenção os movimentos de Benedetto, esperando o momento propício para o surpreender, este portou-se de tal modo que não deixou de ter um só instante a cabeça de Vampa sob a mira da sua pistola.

Acabando de guardar o dinheiro, Benedetto recuou até à entrada da galeria, levando consigo o archote e deixando o salteador novamente entregue à escuridão e ao martírio.

Vampa caiu ao lado da mesa, arrancando ao mesmo tempo dois punhados de cabelos.

O filho de Villefort chegando ao extremo da galeria e passando pela abertura praticada na rocha, encontrou-se com um grupo formado por dez ou doze homens, entre os quais se ouvia o tinir de armas. Um pouco mais longe, notava-se um piquete de cavalaria.

— Senhor — disse Benedetto, dirigindo-se a um desses homens. — Ele está só.

— Viu-o?

— Sim, senhor.

Afastando-se silenciosamente para um dos ângulos do caminho, continuaram a conversa.

— Eu presto sem dúvida um importante serviço à cidade de Roma — continuou Benedetto. — Todavia reconheço que não me deixará retirar sem a companhia de alguns dos seus soldados, posto que a polícia nada tenha a desconfiar de mim. Entretanto, já recebi o prêmio oferecido pela cabeça do salteador, e basta isso.

— Que quer dizer?

— Aceite a quarta parte e diga que me evadi por alguma das passagens secretas das catacumbas.

— O seu receio não será talvez infundado; enfim, o senhor que não deseja pôr-se em contato com a polícia, lá sabe o que tem na consciência. Dê-me a quarta parte do prêmio que recebeu, não pelo fato de eu deixar de cumprir as ordens que me deram, mas por o deixar retirar depois do que me disse.

— Eu tinha recebido ordem de o deixar em Jade logo que nos apoderássemos de Vampa.

Benedetto fez um movimento de surpresa e passou um pequeno rolo de papel para as mãos do chefe da polícia.

— É ouro?

— Examine.

— Estamos perfeitamente de acordo; agora, espere ainda um momento até que os meus homens se apoderem de Vampa, depois poderá retirar-se. O chefe dirigiu-se para o grupo, bradando: — Acendam os archotes e desçam! As luzes brilharam logo e o piquete de cavalaria aproximou-se rapidamente da entrada das catacumbas. As espadas saíram das bainhas e os agentes desceram em procura de Vampa. Um grito desesperado, grito rouco, frenético e cheio de raiva, ecoou, momentos depois, no interior da abóbada subterrânea.

— Ouviu? — Sim.

— É o grito do leão que cai para não mais se levantar! É o famigerado Luigi Vampa que está finalmente em poder da justiça romana!

— Então vá em paz! O filho de Villefort não se fez rogado e desapareceu imediatamente nas trevas da noite.

CAPÍTULO 25

Perfeição da justiça de Deus

Luigi Vampa, o salteador que por muito tempo havia andado pelos arrabaldes de Roma, estava finalmente em poder da justiça, e dentro em breve receberia o prêmio devido aos seus crimes.

Não havia em Roma nenhuma voz que se elevasse em seu favor, e o homem que fora sempre mudo às súplicas das suas vítimas, indiferente à agonia desses infelizes, via com terror erguer-se em frente dos seus olhos o terrível tablado para o seu suplício, sem notar entre os curiosos espectadores, nem um só em cuja fisionomia houvesse um sinal de compaixão! A mudez, a indiferença que ele usara sempre em presença das suas vítimas, notava-as ele significadas ali em cada sinal, em cada palavra que ouvia, como se a Providência quisesse fazer-lhe compreender quanto custa o derradeiro momento desta existência humana, quando não é consolada pelas palavras sublimes de uma amizade verdadeira, ou pelo bálsamo consolador duma religião pura.

Logo que os agentes da polícia penetraram na abóbada subterrânea das catacumbas de S. Sebastião, Vampa, soltando um grito feroz, ao qual Benedetto respondeu com uma gargalhada, tentou ainda uma defesa desesperada; porém, reconhecendo a impossibilidade de lutar contra oito homens armados e decididos, submeteu-se à prisão que estes lhe impunham.

O salteador compreendeu qual seria a sua sorte. O cadafalso e o algoz, com a sua comprida maça de ferro, apareciam-lhe no centro da praça del Populo e, por mais que fechasse os olhos, parecia-lhe ver sempre aquele triste aparato do próximo suplício.

Nada o podia salvar! Amigos? Não os tinha.

Dinheiro? Fora-lhe todo roubado.

O seu rosto sinistro voltou-se ainda uma vez para o lado onde estava o corpo de Eugènie; um sorriso amargo lhe errou nos lábios,

e o seu olhar espantado como o de quem sai de um sonho inexplicável e opressor, parecia amaldiçoar a hora em que aquela mulher lhe havia aparecido.

Enquanto o salteador era conduzido para a prisão entre a escolta de cavalaria, o filho de Villefort, envolto na sua comprida capa, acabava de se apejar dum cavalo à porta da pequena propriedade do barão Danglars.

procurou o cordão da campainha e puxou com tanta violência, que um criado veio indagar a causa de tal procedimento.

Mal despontava o dia.

— Diga ao senhor barão Danglars que venho comunicar-lhe uma coisa de grande importância. todavia, espero que não me fará esperar aqui fora! — Tenho ordens severas de não abrir senão a pessoas conhecidas. Creio até que S. Exa. não receberá um estranho a esta hora, portanto não faria mal se me dissesse o seu nome.

— Ainda que dê o meu nome, estou certo que não deixarei de passar por um estranho; todavia, diga ao senhor barão que sou um agente da polícia que pretende obter alguns esclarecimentos acerca de uma catástrofe sucedida esta noite a alguém que por certo muito lhe deve interessar.

O criado retirou-se e Benedetto ficou à espera. Luísa d'Armilly, que durante aquela noite fatal não tinha podido conciliar o sono, estremecendo ao menor ruído e julgando ouvir os gritos da sua pobre amiga trazidos ali pela viração da noite, sentou-se imediatamente no sofá em que estava encostada, no momento em que ouviu a sineta da grade, que tinham tocado com violência. Mil ideias extravagantes se apresentaram confusamente; o seu coração palpitava com esforço, como sucede a quem sofre um ataque violento em todo o sistema nervoso, e a voz se lhe faltava na garganta como se nos pulmões não houvesse a menor coluna de ar.

O barão Danglars, se bem que em extremo preocupado pelo rapto da filha, não pôde esquivar-se do peso que a noite parece colocar-nos sobre as pálpebras e que as obriga a fechar, mau grado nosso. Deitara-se vestido sobre a cama e adormecera

imediatamente. Portanto, Luísa d'Armillly soube primeiro do que ele quem era o desconhecido que se apresentava ali tão cedo.

Às palavras "agente da polícia" proferidas pelo criado, Luísa teve um bom pressentimento e calculou que os gritos da sua amiga tinham chamado a atenção dos estranhos e que a carruagem do suposto Spada teria sido detida pela polícia, sempre vigilante em rondar os lugares onde eram frequentes estes casos de violência.

Ela própria correu ao quarto do barão e despertou-o precipitadamente, depois de ter dado ordem ao criado para introduzir na sala o agente da polícia.

O barão acordou em sobressalto, e tendo conhecimento da tão inesperada quanto feliz visita, preparou-se para descer.

Saindo do quarto de Danglars, Luísa ocultou-se no vão de uma porta, disposta a não perder uma só palavra que saísse dos lábios do agente; mas quando o procurou com a vista, viu, admirada, que a sala estava deserta. Dirigindo-se então ao encontro do criado, perguntou-lhe se o desconhecido havia sido introduzido na sala.

— Foi, sim, minha senhora.

Julgando ter-se enganado, ela voltou à sala, abriu a porta, entrou e falou, mas ninguém lhe respondeu.

Entretanto, o barão Danglars preparava-se para descer quando uma voz conhecida o deteve.

— Com efeito, senhor barão, sempre é muito vagaroso nos seus movimentos.

Danglars voltou-se rapidamente, como se tentasse desmentir aquela acusação e soltou um pequeno grito de espanto.

— O senhor aqui? Por onde entrou? — perguntou ele. — O quarto só tem esta porta.

— Esquece que a mão do finado sabe procurar sombras à porta que outra não saberia abrir?

— Está a gracejar! Explique-me que razão o leva a violar assim o meu domicílio. Fale ou gritarei.

— Não gritará, porque ninguém lhe fará mal. SE aqui não viesse por bem, poderia ter sido por mal.

— Mas que deseja de mim? Por onde entrou? perguntou o barão inquieto.

— Responderei só à primeira pergunta e espero nos arranjaremos convenientemente. Feche bem a porta, senhor barão, porque podem vir incomodar-nos! — Mas sou esperado lá em baixo, não o deve ignorar.

— Nada ignoro, senhor. O seu amigo Vampa ou a sua filha Eugénie.

— Meu amigo? — Deu-lhe dinheiro e o senhor aceitou-o.

— Eu?! — Sim, o senhor. Então que esperava recebendo dinheiro das mãos de um bandido e tendo em casa uma filha? Parece-me que sabe trabalhar melhor com os Algarismos do que com os homens! — O que eu não sei entender são os homens que não explicam, como, por exemplo, o senhor. — Vou satisfazê-lo, mas feche primeiro essa porta.

— Desça antes comigo, e espere enquanto eu falo a um agente da polícia que veio procurar-me para me dizer sem dúvida que o raptor está preso, que espera pelo meu testemunho para se saber quem ele é. Ah, a vida do senhor Vampa está agora em minhas mãos! — Histórias, senhor Danglars. Se é homem de inteligência, evite o encontro com o agente da polícia. — Então porquê? — Ao menos por instinto.

— Que quer dizer? o barão fez-se pálido e a sua mão agitada deu rapidamente uma volta à chave na porta.

— Muito bem, senhor barão, agora aproxime-se e escute.

Neste momento bateram à porta e ouviu-se a voz da senhora d'Armilly.

— Senhor Danglars? — O barão ia responder, mas Benedetto impôs-lhe silêncio com um gesto.

— Senhor Danglars? Oh! Que mistérios há aqui? Meu Deus, tudo isto me assusta! Luísa d'Armilly tornou a descer e, momentos depois, ouviu-se a voz dela chamando um criado.

— Senhor barão, eu sei tudo — disse Benedetto. — Vampa acaba de ser preso. Declarou que esteve aqui, mencionou o seu nome e agora poderá compreender que a justiça não deixará em

sossego um homem em cuja casa pernitoiu o salteador Luigi Vampa.

O suor gotejava na espaçosa fronte de Danglars.

— Então? — perguntou ele assustado e olhando inquieto para o lado da porta.

— Ora, o caso é dos mais simples — respondeu Benedetto com todo o sossego. — Logo que eu soube esta novidade, corri a preveni-lo.

— Mas que devo fazer? — perguntou de novo Danglars, na maior agitação.

— É um pateta, senhor barão!

— Não duvido, meu amigo; porém, há certas coisas tão imprevistas, que me produzem um efeito singular. Todavia reconheço que não há tempo a perder.

— Que fez em Paris, quando compreendeu a dificuldade da sua situação e a enormidade do déficit dos seus livros de caixa? — Ora! Enquanto o procurador dos órfãos e das viúvas esperava a sua esmola de cinco milhões, evadi-me.

— Que mais quer? Enquanto o agente da polícia espera na sala o momento de lhe deitar a mão, diga a tudo isto um adeus extremo e faça-se de vela!

— Isso mesmo estava eu agora a pensar, meu amigo, mas o caminho?

— Eu o guiarei.

— Promete isso? — perguntou o barão com modo suplicante.

— Juro-o! Vamos, despache-se pois em breve Abrirão aquela porta, e não poderá fugir! — Ah, maldito Vampa! — exclamou o barão, indo-se para a sua secretária e examinando à luz da lâmpada o lugar onde tinha o dinheiro.

— Deixe essa ninharia — disse-lhe Benedetto. — Tenho aqui dinheiro e empresto-lho.

— O quê? Deixar o que tenho, para a justiça se haver com ele? Isso nunca! — respondeu o barão, pondo na algibeira todo o dinheiro e valores que encontrou na secretária. — Nós podemos fazer a evasão com toda a limpeza e não temos necessidade de deixar de aproveitar dois ou três minutos a troco de uma ou duas

moedas de má qualidade de piastras. Eis-me pronto, vamo-nos! Dizendo estas palavras, Benedetto acionou a mola do painel que decorava uma das paredes do quarto, a qual girou imediatamente sobre uma das arestas uma moldura, patenteando uma escada que descia, até perder-se na sombra, pelo interior da parede.

— Por aqui, senhor barão! — disse Benedetto. — mas cuidado, porque a escada é em espiral e os degraus estão escorregadios pela umidade. — Ah, o senhor é precioso! — respondeu o barão deixando-se conduzir e vendo com prazer o painel ir ocupar o seu lugar na parede. — Eu nem por diabo teria dado com esse segredo. É maravilhoso! Entretanto, Luísa d'Armilly acompanhada pelos dois criados da casa, chamara novamente o barão Danglars, mas a porta conservou-se fechada e nenhuma voz respondeu ao chamamento de Luísa.

Então começou a imaginar mil casos extravagantes e entre eles só um quadrou aos dois criados: era o de o barão Danglars ter sofrido algum ataque imprevisto que lhe não tivesse dado tempo de abrir a porta; porém Luísa já tinha estado no quarto do barão e não compreendia o fim que o tinha obrigado a fechar a porta. Os criados decidiram arrombá-la. Luísa deteve-os ainda um momento, chamando em altas vozes pelo barão Danglars; depois, vendo que os seus gritos não obtinham resposta, fez um sinal, e os criados começaram a sua tarefa.

Ao fim de alguns esforços dos dois homens, a velha madeira da porta começou a ceder, a fechadura saltou e o batente rodou com violência.

Luísa d'Armilly penetrou no quarto ainda aclarado pela fraca luz da lâmpada que estava sobre a secretária e olhou em redor de si.

O quarto estava deserto.

Ficou paralisada de medo, pálida como um cadáver e o peito arfava-lhe com violência.

Um homem, inculcando-se agente de polícia, entrara naquela casa e desaparecera como por encanto. O barão não estava no seu quarto, mas este encontrava-se fechado, porque se via a chave na parte de dentro da porta. Como poderia explicar estes dois casos

extraordinários, principalmente o último? — Ah! — exclamou ela, fazendo um esforço para não dar a conhecer aos criados o medo que a agitava. — O senhor barão terá sem dúvida saído, portanto é escusado procurá-lo mais.

— Mas como havia ele de sair, minha senhora? — disse um dos criados. — Só pela janela e essa mesma está trancada! — Não sei! — respondeu Luísa. — Entretanto, assim devo supor. Vá dizer ao postilhão que prepare a carruagem, 208 — 209 porque vou voltar à cidade; e quando o senhor barão voltar, apresente-lhe as minhas desculpas por me ter retirado sem o esperar, atendendo à necessidade que tenho de não me demorar mais tempo longe do teatro.

Os criados obedeceram e, momentos depois, Luísa d'Armilly, gelada de susto, tremia no fundo da carruagem que a conduzia para Roma.

Quando entrou em casa, a senhora Aspásia correu logo a preveni-la de que a sua amiga tinha chegado de madrugada, mas que se sentia um tanto incomodada e por isso não a esperava fora do leito.

Luísa, apesar do aviso, com as lágrimas nos olhos, correu ao quarto de Eugènie e, lançando-se sobre o leito, abraçou-a com expressão da mais sincera amizade. As duas amigas trocaram os seus beijos com entusiasmo e confundiram as suas lágrimas. Eugènie escondeu o rosto no peito amigo que Luísa lhe oferecia, sem outro sentido alheio àquele que as ligava havia muito tempo.

Quando as amigas se abraçavam, quando Eugènie, mil vezes arrependida do sentimento de que se deixara possuir, bania da alma qualquer imagem que não fosse a de Luísa, já o barão Danglars conhecia a sua verdadeira posição, tremendo de raiva e de desespero em frente de Benedetto.

Estavam ambos no fim da escada tortuosa, pela qual o barão julgou salvar-se, guiado pelo filho de Villefort.

Em frente deles havia uma pequena porta que dava comunicação para uma casa ao nível da terra.

A luz da manhã entrava pelas fendas de uma pequena fresta praticada em grande altura na parede.

Ao chegarem ali, Benedetto voltou-se rapidamente para o companheiro, apontando-lhe uma pistola e ordenando-lhe em tom breve que lhe entregasse todo o dinheiro e valores que tinha consigo.

O barão estacou de súbito, ficando sem fala; mas, fazendo um grande esforço, conseguiu dizer: Deixe-se de caçoar comigo, meu caro. Conheço muito bem o seu feitio.

— Então deve saber que o matarei sem o menor escrúpulo e sem a menor dificuldade, se não me entrega todo o dinheiro que trouxe da sua linda secretária. Vamos, senhor barão, essa estupefação em que o lança a surpresa seria muito conveniente, se fosse capaz de me horrorizar a ideia de matar um homem para o roubar.

— Senhor — balbuciou o barão — decerto quer divertir-se à minha custa. Todavia, o momento não é muito propício! — Diz a verdade, porque podem cercar a casa, descobrir esta passagem secreta e prenderem-no.

— E prenderem também o senhor! — retorquiu vivamente o barão, encostando-se ao umbral da porta mais morto que vivo.

As suas palavras são as de um bom profeta, senhor Danglars. Por isso vou abreviar este assunto — respondeu Benedetto em tom calmo, engatilhando ao mesmo tempo a pistola: — Oh, quer então roubar-me!? — murmurou o barão com desespero.

— É um traidor!

— Ora essa! — tornou Benedetto. — E você o que é? O que foi? O que será sempre? Eu? Já lhe fiz algum mal?

— Ainda lhe não perguntei isso, nem o farei. Barão Danglars, o seu dinheiro ou a sua vida! — Então é um ladrão!? — Você já o sabia, meu amigo.

— Sim, já o sabia, mas esquecia-me de que o sabia — respondeu Danglars. — Não sei que cegueira foi a minha. Ah! Fatalidade! Fatalidade!

— Não, senhor, eu lhe explico a sua cegueira. Quando lhe fui útil para alguma coisa, quando o tempo redobrou os meus serviços e reconheceu não ser de todo má a posição que lhe fez experimentar de viver sem trabalhar, você teve a fraqueza natural

de desculpar as minhas pequenas faltas e de chamar amigo a um homem que não veio a este mundo para ser amigo de ninguém. Teve aquela fraqueza porque a sua consciência nunca esteve pura! Ah! Não era possível estar pura a consciência de um homem que premeditou roubar o dinheiro das tristes viúvas e dos órfãos! A consciência de um homem que, depois de insultar a sua mulher, teve o arrojo de se lhe apresentar para se valer de alguns bens que lhe atribuiu, duplicados desde algum tempo, não se sabe como! A consciência de um homem que recebe em sua casa o maior salteador romano, aceitando-lhe dinheiro da mão criminosa sem procurar conhecer bem o fim de tão estranha generosidade. Compreende agora qual foi a venda que lhe cobria os olhos, senhor barão?

— Ah! E você que diz de tudo isso, quem é, donde veio, o que pretende? — Muito bem: três perguntas, três respostas. Sou um homem sem nome, sem família, sem Deus, sem religião, sem pátria e sem amigos! Surgi uma noite de um túmulo, trazendo no peito a chama maldita do desespero, nos lábios a maldição e na mão uma relíquia singular, a mão que pretendeu sufocar-me quando absorvi o primeiro sopro de vida, a mão que depois me abençoou, a mão que eu beijei e reguei com as minhas lágrimas! Agora, senhor, falta dizer-lhe que pretendo uma vingança justa e implacável!

— E quando o ofendi eu? — perguntou Danglars sentindo os joelhos se dobrarem.

— Nunca.

— Todavia, rouba-me!

— Roubo porque o caminho que tenho a seguir é difícil e dispendioso. O homem a quem me dirijo é poderoso, e para o combater preciso de ouro. Roubo por absoluta necessidade mas não sacrifico a esta necessidade as pessoas que julgo alheias ao crime, ao latrocínio! Senhor, a sua situação é irremediável: portanto escolha, o ouro ou a vida! Dizendo isto, Benedetto estendeu a mão esquerda e foi recebendo os valores que o barão Danglars lhe entregava, acompanhados por gemidos.

O barão Danglars voltou a chamar-se apenas Danglars, porque estava-mais pobre do que nunca.

Houve um momento de silêncio, durante o qual Benedetto guardou a pistola e foi examinar o exterior por uma fenda da porta.

— Não está ninguém — murmurou. Vamo-nos.

O barão, pálido e agitado, caminhou encostado à parede até junto de Benedetto e embargou-lhe o passo, suplicando: — Por piedade! Os meus cabelos brancos devem merecer-lhe alguma compaixão. Que quer que eu faça? Aonde quer que eu vá ganhar o meu pão? Sabe bem que ao menor passo que der, serei preso! — Terá a casa paga, o que já não é mau! — respondeu-lhe Benedetto, dispondo-se a abrir a porta.

— Valha-me Deus! Benedetto parou e cravou em Danglars o seu olhar cintilante, exclamando: — Está muito devoto, meu velho! A miséria é irmã bastarda da devoção, nunca a abandona.

— Ao menos, pela honra do ofício! — tornou Danglars.

— Aí está o que é mais inteligível! Que pretende mais de mim? — Que me valha! — Em quê? — Em tudo. Salve-me, proteja-me! — Quer também que lhe pegue ao colo, velho impertinente? Vou sair de Itália. O meu navio espera-me no porto.

— Um navio! — repetiu Danglars, respirando profundamente como possuído por nova existência.

Então que é isso? — perguntou Benedetto, notando o gesto de Danglars e metendo rapidamente a mão no bolso a fim de retirar a pistola.

— Disse-me que um navio que lhe pertence o espera no porto? — É verdade.

— Tem piloto? — Decerto. — Ah! — Então? — Pedia-lhe esse lugar para mim.

— Para você? — Sim, para mim! Uma vez que se dispõe a viajar, vai sem dúvida negociar. Tomará talvez artigos de contrabando no Mediterrâneo e, nesse caso, ainda me ofereço para sobrecarga.

— Visto isso, percebe de mareação de um barco e também dos interesses mercantis da marinha? — Se percebo!? Nasceram-me os dentes no mar, estando entre os fardos que carregavam o navio! — Que diz? E o seu berço brasonado? E o nome dos seus antepassados? — Começando por marinheiro, elevei-me até ao

ponto a que cheguei. Agora desço e vou acabar no ponto donde parti.

— Assegura-me pela sua vida que diz a verdade? — Juro! — Olhe que uma vez no mar, reconhecida que seja a sua incapacidade, terá um cemitério digno de você: o ventre de um tubarão.

— Respondo por mim.

— Então guarde os seus títulos e venha comigo. A sua história parece muito interessante e me contará quando estivermos no mar. Asseguro-lhe que ninguém reconheceria debaixo de sua sobrecasaca estofada a casca ordinária e grosseira de um marinheiro.

CAPÍTULO 26

Uma noite no Mediterrâneo

QUANDO o homem sem categoria social consegue elevar-se e criar um nome inteiramente seu, à força de um trabalho louvável e de um estudo conveniente à classe a que aspira chegar um dia, quem pode lançar-lhe em rosto para o vilipendiar, o estado obscuro em que nasceu? Quem desejará vê-lo recair nesse estado pela miséria ou pela intriga? Mas se o homem do nada social se eleva sobre o estado obscuro pela cabala e pelo crime, ninguém deixará de aplaudir o salto brusco desse homem, que desce do ponto culminante da sua fortuna até se confundir na poeira que o viu nascer.

Todavia, esta bela teoria não explica a prática deste mundo nem exprime o caráter da sociedade nos diferentes pontos. A intriga, a fraude, e muitas vezes o crime, valem tanto quanto a ciência, o estudo e a virtude. Aqueles alcançam com avidez o lugar que ambicionam e o defendem com pertinácia uma vez nele estabelecidos. Estes recebem a indicação desse lugar, antes como

esmola do que como recompensa, e aí se conservam sem pretensão enquanto lho não invejam.

É que a justiça dos homens, contraditória e absurda em quase todos os seus atos, não preenche nem substitui nunca essa sublime crença que eles mesmos, por um caso singular concebem mas não explicam, de uma justiça Divina e perfeita a que chamam a justiça de Deus! Quantas vezes este título sublime cobre um ato de violência, de carnagem, de latrocínio? Quantas vezes o homem na sua alucinação, deturpa, destrói e aniquila as provas evidentes dessa justiça divina que se nos revela por uma singular e inexplicável combinação de fatos, tendentes ao fim único de ferir o impostor, o malvado, que se nos apresenta sob a máscara do hipócrita? O barão Danglars recebia um destes golpes supremos que ferem para sempre e conduzem o homem à necessidade de meditar em todo o seu passado criminoso. Todavia nenhum outro homem teve poder de lhe descarregar esse golpe, ninguém se interessou em preparar as situações, em combinar os fatos, para o fazer cair, de degrau em degrau, até sumir-se na poeira. Houve uma vontade superior à dos homens que o impeliu, uma inteligência divina que o condenou, julgando-lhe com placidez as ações da vida! Houve um braço onnipotente que o feriu...

Homem vil, saído do nada, começou pela traição, chegou ao latrocínio e achou-se grande e orgulhoso do que era, esquecendo-se do que havia sido! Então atraçoaram-no. Mais tarde foi vítima do roubo e da intriga, isto é, desceu os mesmos degraus pelos quais subira, e estes conduziram-no novamente ao nada donde havia saído! Esta era a justiça de Deus.

Danglars havia acompanhado Benedetto e, no dia seguinte, achava-se a bordo do barco que viajava em direção da Córsega, tendo saído do Tibre. A tripulação não pareceu estranha aos olhos de Danglars; o imediato era Peppino, o qual conhecia o barão há algum tempo.

O barco, com as suas velas umedecidas pela brisa da tarde inclinava com elegância a amurada sobre a branca espuma das águas pacíficas em que navegava, afastando-se com ligeireza das costas de Itália. Depois de se executar a manobra, de estarem

colhidos os cabos, tendo laborado nas competentes malaguetas os oito marinheiros que tripulavam o barco, passaram a barlavento e aí se lançaram com indolência sobre o convés, preparando os seus cachimbos para fumar.

Peppino, embuçado no seu gibão, estava de pé encostado ao mastro da popa, olhando com certa curiosidade para o homem do leme, o qual não despregava os olhos ora do catavento ora da pequena bússola.

Benedetto, que se encontrava junto desse homem, observava os movimentos que ele fazia.

A brisa foi refrescando pela aproximação da noite e o barco, oferecendo mais a borda, começou a deslizar com velocidade.

Notando isto, o homem do leme falou, dirigindo-se a Benedetto: — Olhe que a noite refresca, nós vamos entrar na linha do vento e creio que poderíamos muito bem navegar só com os traquetes, ferrando as latinas.

— Tudo isso para mim é grego, mestre Danglars! — respondeu Benedetto. — Porém, vou chamar quem entenda. Olá, Peppino, manda chamar o piloto da companhia.

— Aqui estou! — exclamou um homem, levantando-se com presteza do círculo de marinheiros e dirigindo-se para a ré.

— Mestre Danglars fala em ferrar as latinas — disse Benedetto.

O piloto sorriu com desprezo, lançando um olhar oblíquo sobre Danglars e perguntando: — Para quê?

— Vamos entrar na linha do vento e assim correremos bem com o traquete — respondeu Danglars.

— Ora essa! Não gosta de poupar os braços à tripulação! Para que entraremos na linha do vento?

— Não conhece a situação da ilha de Elba. Não vê que o sudoeste está a refrescar?

Entretanto, o barco aproximava-se cada vez mais da linha do vento, diminuindo por isso a velocidade, pois ia perdendo a bolina.

O piloto encolheu os ombros, murmurando algumas palavras, entre as quais Benedetto percebeu estas: — Não entendo este

governo e também não pretendo entendê-lo. Parece-me que este amigo tem medo de bolinar.

— Vamos — disse então Benedetto — a postos, rapazes, mestre Danglars vai dirigir a manobra! Em seguida, aproximando-se de Danglars, continuou: — Veja bem o que vai fazer! Lembre-se que no instante em que eu perceber a sua nulidade a bordo, envio-o de presente aos peixinhos! Já lhe disse que não tenho pressa de chegar à ilha de Monte Cristo.

— Descanse — respondeu Danglars com serenidade — eu conheço bem o Mediterrâneo, e ainda que ignore a posição da ilha, havemos de encontrá-la.

A tripulação estava a postos.

Uns pegavam nas carregadeiras, outros nas trilhas da retranca, escota das velas e adriças da carangueja da ré.

Danglars olhou para a bússola, carregou o leme e, quando o barco começou a entrar na linha do vento, ordenou em voz clara e forte: — Ala a retranca a meio! Arreia a carangueja grande! Depois de cumprida esta ordem, continuou: — Larga o traquete, amura!

O barco endireitou logo o costado sobre as águas, o pano inchou imediatamente, enquanto a bujarrona e a latina da proa começaram a bater. — Carrega a latina da proa! Arreia a bujarrona! Volta a tudo! Deixar...

Dizendo isto, Danglars olhou para Benedetto, o qual parecia estar satisfeito.

O piloto começou a passear, olhando com gesto sombrio na direção de Danglars.

O barco, deslizando com rapidez à flor das ondas, não mais ocupou a atenção de Benedetto, o qual soltando um profundo suspiro, aspirou com sofreguidão o ar livre do espaço.

Os marinheiros reunidos à proa, entoavam um coro compassado e monótono, respondendo às coplas que Peppino cantava no meio deles. O som daquelas vozes parecia perturbar a imaginação de Benedetto, pois sentia absoluta necessidade de estar só, de ouvir apenas em redor de si o sibilar do vento pelas obras do navio e o murmurar das águas cortadas pela quilha. Depois de uma vida tumultuosa, em frente de uma empresa difícil e

arriscada, tendo na alma o desespero, talvez o remorso, e uma sede horrível de vingança, estando então sobre um abismo e tendo ante os olhos o espaço infinito, queria recolher-se em si e meditar na justiça e na razão da causa que lhe movia o ânimo a uma obra de martírios, de lágrimas e de sangue.

Chamou Peppino e ordenou-lhe que fizesse recolher imediatamente a tripulação sem a dividir em quartos, pois ele se encarregaria de vigiar o navio durante aquela primeira noite.

— Então já confia nos conhecimentos de mestre Danglars? — perguntou Peppino.

— E daí, por que não? — continuou. — Não sou completamente leigo no ofício, e posso assegurar-lhe que se o vento não mudar, faremos as nossas boas seis milhas e meia por hora. Amanhã, quando o sol nascer, estaremos a ponto de dobrar a ilha de Elba!

— Sai, Peppino! — ordenou Benedetto.

Peppino obedeceu e, daí a momentos, a tripulação estava recolhida.

Só duas pessoas ficaram no convés.

Benedetto e Danglars.

Ambos pareciam entregues a profunda meditação: o primeiro, de pé, com os braços cruzados sobre o peito e a fronte descoberta, tinha os olhos cravados na imensidade do mar, que se agitava e revolia em redor dele sob o manto escuro da noite; o segundo, com o braço direito apoiado na roda do leme e a mão esquerda enfiada na algibeira, mostrava na fisionomia a expressão viva de quem recorda todos os atos da sua vida. Um meditava no porvir, o outro no passado.

Benedetto caminhou vagarosamente em direção de Danglars e, contemplando-o por momentos, bateu-lhe levemente no ombro.

— Não há novidade! — disse vivamente Danglars, estremecendo e olhando logo para a agulha. — O navio corre na linha de um vento favorável...

— Estávamos ambos agora muito longe do navio! — retorquiu Benedetto sem o deixar acabar.

— Asseguro-lhe...

— Basta, meu caro Danglars! — tornou Benedetto. — Que nos importa o navio e o mar, neste momento de solidão e de trevas? Eu meditava no que há de vir... você sem dúvida, recordava a sua vida passada! Isto é justo! Um de nós tem de entregar-se de corpo e alma a perseguir um ente de quem jurou vingar-se a um pai moribundo! O outro tem de indagar em todos os atos da vida passada, qual foi o que lhe mereceu o peso terrível da fatalidade que desde algum tempo experimenta! Fale, senhor... fale... preciso de ouvir alguém que tenha cometido crimes! Quero estudar o crime em todas as suas diferentes aparências... quero compreender os diferentes modos, pelos quais um homem pode sofrer! Fale... Oh! Eu tenho de extinguir, sopro a sopro, todas as mais caras afeições de um homem, tenho de inventar martírios e suplícios para lhe arrancar do peito gemidos dolorosos!... Ai de mim, se o golpe me falhar! Se o meu braço cair inerte, se a minha inteligência se extinguir!... Meu pai! Meu pai! Então não serás vingado! Danglars olhava estupefato para Benedetto. Nunca lhe ouvira uma linguagem semelhante, nunca lhe sentira a voz entrecortada pelos soluços de um amargo pranto.

Houve um momento de silêncio, durante o qual Benedetto deu livre curso às suas lágrimas, passeando agitado pelo navio, até que parou de novo junto de Danglars, perguntando: — Quem é o conde de Monte Cristo, esse Edmond Dantès, e de onde surgiu assim poderoso, vingativo, desapiadado? Danglars estremeceu.

— Posso eu revelar-lhe um segredo que só existe entre ele e Deus?

— Porque não diz entre ele e o inferno? — exclamou Benedetto.

— Porque vou acreditando num princípio sublime, de onde dimana a verdadeira justiça! — Então crê que Edmond Dantès era inspirado por esse princípio sublime de que fala? — perguntou Benedetto com uma pequena risada de escárnio.

— Creio! — murmurou Danglars.

— Você? — Sim, e faço-o acreditar também, se quiser ouvir-me.

— Fale.

CAPÍTULO 27

Um naufrágio

CONCENTRANDO por momentos as suas ideias, Danglars prosseguiu: — Decorria o ano de 1815. Em Marselha havia uma pequena galera pertencente à casa Morel & Filho, na qual eu tinha lugar de sobrecarga. Ora, em Fevereiro desse ano, sucedeu morrer o capitão da galera por alturas de Porto Ferrajo, e a 25 do mesmo mês, o navio entrava no porto de Marselha comandado por um jovem marinheiro, no qual o capitão depositava a sua confiança. Como deve calcular, o lugar deixado vago pela morte do capitão, despertou cobiças em muitos peitos e o meu foi um deles; por consequência, comecei a trabalhar para alcançar o posto de capitão. A minha antiguidade a bordo, a minha experiência marítima, tudo devia concorrer em meu abono; porém, quis o caso que o tal jovem marinheiro fosse o preferido. Então jurei perdê-lo! Esse jovem era Edmond Dantès. Namorava uma rapariga catalã, e a preferência que ela lhe concedia, despertava sobre um seu patrício, violento ciúme. Conhecendo bem o caráter do catalão e calculando até onde poderia chegar a chama que lhe ardia no peito, procurei atear-lhe de um modo que se tornasse fatal a Edmond Dantès.

— E como o conseguiu? — perguntou Benedetto.

— Aproveitando-me de um caso particular da recente viagem, escrevi uma denúncia contra Edmond Dantès, dizendo que ele, na volta para Marselha, havia tocado na ilha de Elba, onde desembarcara o capitão. Entreguei esta denúncia nas mãos das autoridades competentes, e Edmond Dantès foi preso como bonapartista no momento em que se sentava à mesa para celebrar os seus esponsais com a formosa catalã.

"Depois desse dia da face da terra desapareceu o homem que me fazia sombra. Mas note bem, apesar disso nunca consegui alcançar o lugar de capitão da galera! "Passaram anos e a catalã, tendo casado com o rival de Edmond, estava feita condessa de

Morcerf, ao passo que eu, aliando-me com a viúva do senhor de Nargone, tinha o meu título de barão Danglars e uns bons milhões de francos.

"Eis que um dia surge, não se sabe donde, talvez do seio da terra, talvez do fundo do mar, um homem imensamente rico e poderoso! Esse homem era o conde de Monte Cristo. Desde então, a fatalidade começou a oprimir-nos. Eu, comprometido pelo crédito ilimitado que ele alcançou sobre a minha firma, tive de abandonar Paris para salvar o resto da minha fortuna. A condessa de Morcerf, que outrora fora sua namorada, viu a poderosa mão da desgraça abalar o edifício da sua felicidade! — Espere! — exclamou repentinamente Benedetto. — Porque motivo quis Edmond Dantès reduzir à miséria e ao sofrimento a mulher a quem tinha amado? Qual era o crime dessa mulher para merecer o castigo terrível que o homem que se dizia inspirado por Deus lhe fez descer sobre a cabeça? Acaso pretenderia Edmond Dantès que ela ficasse para sempre sujeita aos votos que a sua longa ausência tinha aniquilado? Pretenderia que uma perpétua viuvez fosse o estado de uma pobre mulher que nem tinha chegado a pertencer-lhe como a mulher pertence ao marido? Ah! Aí está a tua primeira falta, Edmond Dantès! Aí se vê a tua alucinação bem expressa! — Esquece que Edmond Dantès queria vingar-se do conde de Morcerf? — respondeu Danglars.

— E aquele homem que se julgava superior a todos os outros, que se dizia justo como um Deus, não sabia que a misericórdia é o mais belo atributo da divindade cristã? — tornou Benedetto. — Aí está como ele era inteligente e justo, sacrificando a uma vingança terrível a pobre mulher que o tinha amado e que daria talvez a vida por ele! Insensato, no centro da tua suposta glória! Miserável, no apogeu da tua sonhada grandeza! Hipócrita, no cumprimento da palavra de Deus!...

— Não! Não! — exclamou Danglars, trêmulo e agitado. — Deus fizera-o poderoso para castigar o crime. Eu creio neste mistério.

— Pois então renego os seus deuses, sejam eles quantos forem, se os seus atos de justiça são como os que nos revelou

Edmond Dantès! — bradou Benedetto, elevando os punhos fechados contra o céu.

Danglars, com o braço esquerdo, deteve-o com rapidez.

— Que diz? No momento em que nos encontramos sobre o abismo, entregues ao capricho dos ventos e das águas... assim repele a única esperança do marinheiro? um insensato! Calcule os fatos e reconheça na sua perfeita ligação_ que há, na verdade, um Deus poderoso acima de nós! Eu, que fui milionário, e me julguei muitas vezes longe deste estado obscuro em que nasci, vi os meus milhões desaparecerem como as nuvens de poeira ao sopro do vento, e eis-me tal qual estava, quando meditei o meu primeiro passo na senda do crime! Há um Deus onnipotente... creio-o do íntimo da alma! — Seja! disse Benedetto, depois de um momento de profundo silêncio. — Eu quero acreditar em Deus! Sim, há um Deus justo e onnipotente, porque é ele quem me envia a ferir o homem que zombou da sua infinita misericórdia, negando-a a todos sobre a terra!... Preciso de acreditar nesse Deus poderoso, porque não sinto em mim nem força nem poder! Sou um pequeno miserável no centro deste espaço infinito que nos cerca!... Preciso de acreditar em Deus, porque sinto em mim um princípio superior à matéria terrestre e que, por consequência, a terra não poderá extinguir!... Oh!... Deus!... Deus!... Se os meus sentimentos são criminosos neste instante, se a vingança que eu jurei não é inteiramente justa, sepultai-me para sempre no abismo que está debaixo dos meus pés! E, pela primeira vez na sua vida, Benedetto caiu de joelhos, elevando os olhos ao céu.

Neste momento, começou a declarar-se extrema calma. A superfície das águas tornou-se como um vasto espelho e, antes que Benedetto tivesse tempo de chamar os homens para a manobra, antes que Danglars pudesse determinar essa manobra, uma fita vermelha lançada com rapidez no espaço, seguida de um estampido assustador, anunciou de súbito uma dessas trovoadas secas que não são estranhas no Mediterrâneo.

De quatro pontos opostos, o céu parecia rasgar-se para vomitar esses raios terríveis que vinham mergulhar nas águas em redor do pequeno barco parado no centro delas. Os trovões

eminentes sucediam-se com pequenos intervalos, e dentro em breve o firmamento apresentava a aparência de um vasto incêndio! Atônitos por este incidente inesperado, todos os que tripulavam o pequeno barco subiram apressadamente ao convés. Danglars, segurando nas mãos trêmulas e frias a roda do leme, olhava com terror para Benedetto, o qual estava de pé, com os braços cruzados sobre o peito, e cuja figura se destacava no horizonte de fogo que parecia ameaçá-lo.

O piloto aproveitou a ocasião para perder Danglars no conceito do dono do navio. Homem acostumado a presenciar aquelas raivas terríveis dos elementos, não estremecia de medo, nem perdia a esperança senão no último momento. Correndo com atrevimento para o leme e tirando bruscamente o governo das mãos de Danglars, bradou com toda a força dos seus pulmões: — A postos, gente! Este velhaco treme de medo e quer perder-nos por isso! — Misericórdia! — bradou Danglars inconsideradamente, pois notava com terror que, para seu completo castigo, até havia ali um homem que lhe disputava o posto como ele o havia disputado a Edmond Dantès.

— Pedes misericórdia? — tornou o piloto puxando pela faca e largando o leme.

— Piedade! Piedade, meu Deus! — exclamou ainda Danglars, recuando espavorido na frente da figura ameaçadora do seu rival.

— A ele, gente! A ele, que está a amedrontar-vos com os seus gritos fora de tempo! — continuou o piloto. — A ele, que treme como um cão, por ver brincar o fogo com a água em redor de si! A estas palavras do piloto, Peppino, lançando mão de uma machadinha, acometeu Danglars.

No centro do combate dos elementos, começou então outro combate parcial e medonho como o primeiro.

Ao clarão sucessivo dos relâmpagos distinguia-se um homem, levado ao último grau do desespero, subido à amurada do barco e seguro com o braço esquerdo às enxárcias, ao passo que com o direito, armado de um machado, se defendia contra os golpes que lhe dirigiam o piloto e Peppino.

A tripulação corria desordenadamente de um para outro lado, pedindo piedade em altos brados e abandonando-se sem reflexão ao medo que lhe havia inspirado o primeiro grito de Danglars.

O barco pairava sem governo sobre as águas, enquanto durou aquela cena de confusão.

Finalmente, um grito agudíssimo repassado de extrema angústia, ressoou acima de todos os mais.

Após este grito, todas as vozes se extinguíram, ouvindo-se logo em seguida a do piloto que dizia: — As obras, gente! As obras, a fim de meter o traquete nos rizes, pois é provável que não tarde o tufão! -Ânimo! Isto não é nada... e quem está ao leme é um homem do mar! A tripulação obedeceu, e o navio dirigido por mão hábil, conservou-se de capa, durante a procela, à qual não podia fugir por falta de viração.

Benedetto estava ainda no mesmo lugar, como se uma vontade poderosa ali o houvesse detido. Em redor dele havia sucedido alguma coisa terrível que ele adivinhava, sem contudo a compreender bem, pois o seu espírito, harmonizando com a procela, prendia-lhe o pensamento num ponto único.

— Meu Deus! murmurou Benedetto. Reconheço o poder sem limites da Tua vontade que revolve os elementos desde o fundo do abismo até à altura dos céus! Nunca havia presenciado este espetáculo terrível e belo em que se mostra a força do Teu braço! Perdoa-me, pois, se eu neguei muitas vezes a existência do Teu ser espiritual! Se não condenas o homem a quem persigo, se ele merece a Tua proteção, apesar do sangue inocente em que manchou as mãos... despedaça e aniquila aqui para sempre este frágil barquito em que me elevo sobre o abismo do mar!... Porém, os raios de fogo que mergulham nas águas, em redor de mim, parecem respeitar-me. Sou portanto o eleito terrível da Tua vontade justa para castigar sem piedade o ímpio que Te ofendeu na pessoa de um menino, o qual era a criatura mais fraca da terra, como Tu és o mais poderoso nos céus! Eduardo! Eduardo! Meu irmão, nunca te conheci nem abracei, mas o teu sangue que era também o meu, pede vingança! E Deus não deixará impune o assassino! Quando

Benedetto desceu e reparou nos objetos que o cercavam de perto, outro incidente havia ocorrido.

Como o piloto previra, o vento, revolvendo e agitando as águas, havia aumentado o horror da procela.

O barco, com o seu pequeno traquete colhido nos últimos rizes, bailava sobre os cachões de água que se formavam sob a quilha, avançando e recuando alternadamente, como ludíbrico triste, que era, dos furores da tempestade.

O piloto, firme no seu lugar, havia algum tempo que escutava com desassossego certos gemidos e gritos que as rajadas de vento pareciam trazer de longe. Os gritos umas vezes fracos e quase ininteligíveis, assemelhavam-se aos gemidos de seres humanos na agonia: outras vezes eram fortes, agudos, penetrantes e revelavam então o desespero extremo de quem pede pela última vez um socorro de homens antes de solicitar o de Deus.

O ouvido apurado do piloto recolhia os menores sons que pudessem indicar-lhe a direção positiva da catástrofe, pois ele já tinha compreendido que sucedera desastre a algum navio. Cravando o olhar na bússola, mandou bracear um pouco o traquete por sotavento e esperou com profunda atenção que o barco obedecesse ao leme.

De repente, os gritos que ele tinha escutado repetiram-se mais fortes e mais expressivos por barlavento, e reconheceu imediatamente pelo movimento do seu barco, a proximidade terrível de um grande navio.

Com efeito, ao rápido clarão de um relâmpago, todos notaram com terror um corpo negro que uma vaga elevava sobre o seu dorso ondulante, muito acima do barco, deixando de permeio um abismo em que este descia, jogado com violência da proa à popa. Então ouviram-se muitas vozes aflitivas pedindo socorro com insistência.

Benedetto, agarrado ao mastro do seu barco, escutou com profunda atenção um grito que sobressaía de todos os mais, e uma voz que dizia com o acento da mais profunda aflição: — Minha mãe! Minha pobre mãe! Deus não permite que nos abracemos! Estas palavras caíram no coração de Benedetto como um eco doloroso. A

palavra mãe fê-lo estremecer. Era sem dúvida um filho, o qual depois de longa separação, voltava aos braços de uma extremosa mãe, e que, talvez no termo da viagem, via preparar-se sobre a sua cabeça o golpe terrível que deveria feri-lo.

Ah! O destino também não permitiu por enquanto que eu visse a mulher que me deu o ser! — murmurou ele. — E Deus permita que não acabe sem conhecê-la, ainda que seja só por um instante! Ai de mim! Quem poderá arrancar aquele infeliz à sorte que o ameaça? Com a notável presença de espírito própria do homem do mar habituado a lutar constantemente com o perigo, o piloto, reconhecendo a impossibilidade de salvar as pessoas do naufrágio eminente, tratou de evitar o choque terrível das duas embarcações por meio de uma hábil manobra, a qual foi executada com presteza: essa manobra porém foi inútil, porque o navio que as ondas elevavam sobranceiro à pequena embarcação, desapareceu imediatamente no abismo formado pela separação daquelas montanhas movediças, que em seguida se despenharam com estrondo sobre o frágil lenho.

Após o derradeiro grito de toda aquela gente, nenhuma outra voz humana ressoou no espaço, pelo tempo de meia ampulheta.

Em silêncio, cada qual parecia entregar-se às tristes reflexões que lhe inspirava aquele quadro de horror, quando a voz de Benedetto, imperiosa e audaz, despertou os marinheiros do estado de torpor em que os havia lançado a presença da tragédia.

— Lancha ao mar! — exclamou ele, cortando rapidamente os cabos que prendiam a lancha.

Lancha ao mar! — repetiu o piloto com um riso de escárnio. Acaso não repara na vaga? — Quem é que me fala? — inquiriu Benedetto com ar ameaçador, voltando a cabeça na direção de onde partira a voz.

Como ninguém lhe respondesse, Benedetto continuou: — Vamos, Peppino! Experimentemos agora o valor dos teus homens! Quem for valente que salte para a lancha e reme com vigor! Ah, gente de sangue fraco! Pois bem, descerei eu, porque o mar não me inspira medo, nem as trevas me horrorizam! Peppino, vem comigo! Desçamos... desçamos... ouço ainda a voz aflita de um

homem que nos pede socorro! Peppino, seguindo o seu chefe, saltou para dentro da lancha sem hesitar. Benedetto mandou-o arrear as tralhas, enquanto pegava nos remos, com que premeditava triunfar das águas revoltas.

Todos a bordo viram desaparecer a pequena lancha com os dois homens, os quais nem se lembraram de pensar no seu regresso, pois o mar estava fortíssimo e o piloto asseverava ser morte certa semelhante audácia.

Incansável e cheio de coragem, Benedetto ajudado_ por Peppino remou na direção em que supôs escutar os gritos sufocados de um homem que pedia socorro.

Nem o fogo, que as nuvens lançavam com estrondo no mar encapelado, nem as torrentes de chuva atemorizavam Benedetto, o qual se via só com Peppino no centro da procela.

Peppino, notando com espanto a intrepidez daquele homem, sentia-se por ele inspirado e fortalecido para lutar corajosamente contra os elementos em fúria...

Erguidos no cume das ondas espumantes, sepultados no seio do abismo, ei-los remando sem cessar na direção em que se ouviam os gritos, os quais eram agora mais inteligíveis.

Benedetto respondeu com um brado potente ao infeliz que pedia proteção: — Coragem! Deus envia-lhe um socorro!

CAPÍTULO 28

A mulher sem nome

Num dos pontos mais afastados das praias de Marselha, dessa pequena cidade não pouco interessante ao comércio, cujos veículos cruzam constantemente as águas do Mediterrâneo, desde Túnis a Veneza e de Málaga a Constantinopla; sobre um morro de granito pouco elevado onde as águas deixavam os seus limos pendentes, havia uma pequena barraca de alvenaria, cujas paredes, vistas do lado da cidade, se destacavam no horizonte.

Em redor dessa casinha, arejada pela brisa suave do Mediterrâneo, um observador poderia notar os restos, ou antes, os sinais de outras frágeis embarcações, tais como as cabanas de alguns desses pobres homens que nascem e morrem entre o céu e o mar, alheios a qualquer sentimento que não seja o de ganhar o pão quotidiano de seus filhos, e aos quais se dá o nome de pescadores.

É que em tempos distantes, por alturas dos cem dias do império, era ali o pouso de uma miserável tribo de pescadores que, semelhante a um bando de aves de arribação, um dia desembarcaram naquelas praias, vindos não se sabe de onde e falando um dialeto estranho, que não era nem francês, nem espanhol, nem biscainho de qualquer das duas nações.

Esta gente, obtendo das autoridades de Marselha licença para construir habitação naquelas paragens, ali vivia do seu pobre trabalho, sob a denominação de Catalães que lhe davam os marseheses; porém, quando Bonaparte, saindo da ilha de Elba, entrou novamente na península, chamando às armas os homens sem distinção de classes, os catalães, obrigados a seguir a bandeira do valente corso, abandonaram os seus tristes albergues.

Desde então, a pequena aldeia chamada dos Catalães, ficou deserta e daquela tribo errante e misteriosa, apenas existe hoje uma simples recordação que nos desperta o lugar em que ela pousou um momento em frente das águas.

Era naquele mesmo lugar que se elevava a casinha, habitada por uma pobre mulher.

Um leito ordinário, uma mesa, duas cadeiras e um grande crucifixo, em que se via a imagem do Redentor talhada em marfim, compunham a mobília do seu quarto. Em frente do leito havia uma grande janela, pela qual quem estivesse deitado, poderia distinguir as águas do Mediterrâneo e contar as velas que o cruzavam.

Ao lado deste quarto havia outro com o seu leito preparado, uma mesa e uma cadeira. Seguia-se a sala de jantar, depois uma pequena cozinha. e eis feito o simples plano daquela casa.

A respeito da mulher que ali residia, corriam entre os curiosos de Marselha diferentes versões, mais ou menos exatas. Afirmavam

uns que aquela mulher era uma fidalga, cuja ruína total a obrigara a procurar a solidão, o silêncio, o esquecimento do seu antigo esplendor; outros juravam ter notado e reconhecido no rosto dela o sulco profundo e denegrado de um pranto amargo, afiançavam que era vítima de uma desgraça mais terrível do que a ruína total da sua casa: pois esta última desgraça nunca poderia ferir de um modo semelhante a alma de uma mulher, muito principalmente quando essa mulher tivesse ainda um nome ilustre e sem mancha.

Desta última cláusula, estabelecida pelos analisadores que mais se aproximavam da razão, tiraram o seguinte raciocínio: Aquela mulher que chorava constantemente na solidão absoluta a que se entregara, não lamentava por certo uma dessas desgraças que o tempo nos traz e cuja recordação amarga o mesmo tempo leva consigo; logo, havia outra causa que promovia aquele pranto constante. E que causa poderia ser? O que há nesta vida que o tempo não gaste, não apague, não extinga em nós, antes aumente, fortifique engrandeça, senão o remorso? Entretanto, aqueles que uma só vez lhe tinham ouvido o som mavioso e terno da voz ou sentido a impressão meiga do seu olhar franco e resignado, esses não podiam crer que o remorso devorasse o peito daquela criatura misteriosa.

A esta incredulidade respondiam os autores do citado raciocínio que o arrependimento é um bálsamo que destrói as feridas do remorso, restituindo à criatura a sua placidez e à alma a pureza que se revela no olhar e no falar; porém, isto era ainda contestado pelos que entendem alguma coisa da alma e da influência, que ela sofre dos diferentes sentimentos de que nos possuímos, pois o arrependimento consumado seca também as lágrimas dos nossos olhos e coloca-nos nos lábios o sorrir doce de uma esperança tão infinita, quão infinita é a bondade que atribuímos ao Criador.

Sobre controvérsias semelhantes se fundavam então os diferentes boatos relativos à dama da aldeia dos Catalães, e como não era possível colher de quanto se dizia um resultado preciso, todos lhe chamavam a mulher sem nome.

Como aquela criatura vivia todos o sabiam: umas vezes, sentada em frente de uma das janelas abertas, olhava com tristeza para o mar, deixando correr as lágrimas livremente; outras, debruçada sobre o rochedo, em cuja base as ondas vinham quebrar as suas orlas de espuma, parecia recolher com atenção o vago murmurar das águas, que a um ouvido estranho não tem significado algum, mas que os infelizes compreendem e traduzem como se ele correspondesse à voz misteriosa da sua alma. Sempre que o sol começava a tingir as nuvens de um roxo brilhante, aquela pobre mulher erguia ao céu os olhos turvos pelo espanto, e os lábios agitando-se brandamente, pareciam murmurar uma súplica. Depois quando os últimos raios do sol desapareciam da superfície das águas, quando a natureza parecia cobrir-se com o seu denso manto de trevas para repousar, um gemido doloroso fugia do peito da infeliz como expressão verdadeira de uma esperança malograda.

Era isto todos os dias. De noite iludia-se deixando para o dia seguinte o momento esperado da véspera: vinha esse dia e, silencioso e triste como todos os mais, passava monótono e vagaroso ainda como eles. Depois chegava a noite e com ela nova ilusão... e assim sucessivamente.

A pobre senhora em vão esperava. Parecia que a terrível mão da desgraça se empenhava em prolongar-lhe o martírio até que chegasse ao desespero.

Este não se fez esperar muito tempo.

Ela sentiu então a necessidade de ouvir a voz consoladora de alguém que lhe falasse de Deus e da sua bondade infinita! Escreveu algumas linhas numa folha de papel e enviou-a para Marselha.

Uma hora depois um sacerdote, homem velho, cuja fisionomia tinha o cunho perfeito da obrigação e da caridade, aproximou-se da pequena aldeia dos Catalães e dirigiu-se à única habitação ali existente.

Vendo a porta entreaberta entrou e, como não descortinasse viva alma, bateu as palmas.

Ninguém respondeu.

Esperou ainda um momento, depois, olhando por acaso para a janela, distinguiu no pequeno rochedo uma mulher de joelhos,

com os braços estendidos para o mar e os olhos fitos no céu.

Um instante mais tarde, o sacerdote estava junto dela sem ousar interrompê-la e recolhendo com interesse as palavras que proferia, entrecortadas por amargo pranto.

— Nunca mais o verei! — dizia ela. — Quer a fatalidade que eu esgote ainda as últimas fezes desse cálice de amargura que desde há longos anos não se tem retirado dos meus lábios. Albert! Albert! Vivo ou morto recebe este abraço de tua mãe, pois sinto que a morte se aproxima! Oh, não, não hei de morrer sem te apertar nos meus braços! Seria impossível duvidar, na minha hora extrema, da existência de um Deus consolador, o Deus dos aflitos! — Isso nunca senhora! — bradou o sacerdote, elevando o braço para o céu e mostrando-se aos olhos da pobre mulher, a qual soltou um pequeno grito ao notar a figura solene daquele homem. — Existe um Deus justo e onnipotente que está no trono dos céus, invisível a nossos olhos, mas perceptível à nossa inteligência! Quer duvidar de Deus? Duvide antes de si mesma, se puder! — Oh, reverendo! — exclamou ela. — Mas o meu sofrimento sem fim...

— Há bem pouco tempo me falou na morte; a morte é um termo poderoso para o sofrimento! — Que diz!?... Ai, meu Deus, a morte sem ver uma última vez o meu filho! Não sabe o que é o amor de mãe!... Ignora que, separada dele, que é a minha única afeição na terra, há muito tempo que o espero dia a dia, de hora a hora, de minuto a minuto... e sempre em vão! Ignora todo o meu sofrimento, não pode calcular a minha dor! — Vim para a ouvir e estou disposto a sustentar-lhe a fé depois de a ter escutado.

— Venha, reverendo... Eu preciso de o ouvir também! A minha fé vai fraquejando... ao peso de uma fatalidade horrível! O sacerdote seguiu em silêncio a misteriosa mulher até à pequena casa em que habitava.

Ela subiu ao seu quarto e, sentando-se em frente da janela, olhou ainda para o Mediterrâneo, cujas águas se estendiam a perderem-se de vista, depois dirigiu o olhar resignado para o crucifixo pendente na parede e pareceu murmurar uma oração.

— Reverendo, permita que lhe oculte os sucessos dos primeiros anos da minha vida — disse ela um instante depois. —

Existem neles segredos entre mim, Deus e um homem que certamente nunca mais verei! Calou-se por um momento, em seguida murmurando o nome de Edmond Dantès, continuou: — Vítima de uma vingança poderosa, recebi o golpe terrível de uma repentina desgraça! Viúva e pobre, tendo por único amparo um filho, quis ainda a fatalidade que esse filho fosse constringido a abandonar-me por alguns anos, como se eu devesse chorar em completa solidão um erro involuntário da minha vida passada! Hoje, que sou mãe... não choro, não devo chorar o erro de que lhe falei, porque ele consistiu em me haver esquecido de um homem a quem votara o meu primeiro amor; depois de ter esperado durante muitos anos a volta desse homem, sobre a sua suposta sepultura lancei a última lágrima de amante, no dia seguinte dei a mão de esposa ao seu antigo rival e então meu único apoio no mundo. Hoje choro, como vê, porém é a ausência do meu querido filho... choro, porque sinto que esta existência finda antes de meu filho voltar a meus braços. Oh, se ele voltasse, eu havia de viver! — Espere, senhora, porque a bondade de Deus é infinita! Esperar? O que tenho feito eu durante todo este tempo? — perguntou ela com um sorriso repassado de angústia. — Esperar! Não calcula o que é esta palavra repetida ainda, a quem sempre tem esperado em vão na bondade de Deus! Serei eu esquecida por esse Deus supremo e votada à fatalidade? — Isso que diz é uma blasfêmia! Deus não esquece as suas criaturas! — murmurou o sacerdote.

Porque motivo não me concede então o Eterno o prazer único de abraçar o meu filho? Ele que soube criar este sentimento perfeito, que um filho desperta em sua mãe, não vê que é um martírio este que eu sofro? A estas palavras de aflição, um doce sorriso errou nos lábios do sacerdote.

— Calcule — disse ele — qual seria o mistério cruento da Virgem Maria, quando em seus braços estava o corpo exangue do Redentor, que era a sua única esperança e consolação! Encare, se tem ânimo que chegue a tanto, a noite perpétua de supremo sofrer que se desenrolou pavorosamente aos olhos da sacrossanta mãe!... E todavia, ela, em cujo peito estava a fé, senão a esperança, com

resignação profunda era a primeira a enxugar o pranto nos olhos das piedosas mulheres que a rodeavam.

-Ai, reverendo! O exemplo é sublime, porém as forças abandonam-me! — A Virgem lhas dará. acredite e tenha esperança na sua infinita misericórdia... e quando chegar o momento derradeiro em que o Eterno a chamar a si antes de abraçar seu filho...

— Então, reverendo... quando chegar esse momento... — disse ela com exaltação febril - quando chegar esse momento fatal... deverei ainda ter fé... e conceber ainda a esperança além do túmulo? — Deve, sim, senhora! Deve então resignar-se e fazer sacrifício da sua dor, para antever a glória Eterna! — Ore por mim! — murmurou ela. Eu já vejo terra neste mar de aflição.

— acredite na justiça de Deus...

— Que quer que lhe responda? — Senhora! Ela é infinita e tão perfeita que nós não podemos compreendê-la! — Ah, sim, também eu não a compreendo! — Por piedade! — exclamou o padre, levantando-se e estendendo o braço na direção do crucifixo. — Olhe para aquele sacrossanto lenho da nossa Redenção e duvide, se puder, da justiça e da bondade infinitas daquele mártir que se deixou sacrificar por nós! Ali tem a sua imagem! O sangue inocente que parece ainda gotejar de seu peito, é o preço da nossa remissão!... Aquela fronte soberana que está humildemente curvada sob a coroa do martírio, é a fronte que concedeu a obra generosa e sublime da regeneração dos povos!... De joelhos, senhora! De joelhos! Ele pode perdoar-lhe o que tem feito! A estas palavras, a infeliz senhora caiu de joelhos em frente do crucifixo, o pranto sulcou-lhe as faces e entre soluços, exclamou: — Ah! Deus de bondade! Qual foi a minha culpa? Porque vos mereço eu este castigo severo? Seguiu-se um momento de silêncio, durante o qual apenas se ouvia o sacerdote murmurar uma prece.

A senhora levantou-se. Na sua fisionomia estava pintada a resignação, as lágrimas haviam cessado, e no olhar tranquilo via-se o verdadeiro sentimento dessa profunda resignação.

A fé estava no seu coração.

Durante muitos dias, o sacerdote repetiu as suas piedosas visitas à habitante da aldeia dos Catalães, e a pobre senhora parecia agora mais sossegada de espírito, esperando resignada a vontade do céu. Todavia, no meio dos seus males, houve um que se apresentou de súbito, e tal não admitia remédio.

O dinheiro acabara-se, e ela não tinha recurso algum senão a caridade pública.

Entretanto, tomara a firme resolução de não recorrer à caridade; morresse muito embora à míngua, mas não se faria o alvo da curiosidade de Marselha, pedindo de porta em porta o pão quotidiano.

Com um sorriso amargo, ela dispôs da sua última moeda de prata para comprar alimento: em vão foi diminuindo proporcionalmente as suas refeições diárias... os dias iam passando e já não lhe restava senão meio pão e alguma fruta seca.

Estes tristes mantimentos foram ainda divididos de modo que chegassem para oito dias, durante os quais esperava um socorro qualquer.

Os oito dias passaram como os primeiros e o socorro não chegou.

Ela teve o seu primeiro dia de fome. Dia terrível, que trouxe em cada uma das suas horas lentas, recordações amargas de um passado que queria esquecer! No segundo dia, sentiu-se fraca e abatida: o seu peito arquejava com violência e o calor duma febre morna produzia-lhe afrontamentos.

O delírio não tardava.

Levantou-se com rapidez e foi colher com os lábios as migalhas de pão que estavam ainda sobre a mesa. Não tardaria talvez o momento em que ela as procurasse no chão. Todavia estava ainda disposta a morrer à míngua! Projeto louco! Ao fim do quarto dia de fome, entrou-lhe por assim dizer no peito um raio de esperança.

"Quem sabe se daqui a oito dias mais, chegará o meu filho?" dizia ela para consigo. "E daqui até lá terei morrido de fome! Não, não, esperemos ainda estes oito dias, esperemos enquanto houver alento no meu peito, esperemos, esperemos..." E a pobre senhora,

saindo da sua habitação guiada por um pensamento vago, encaminhou-se para o porto de Marselha. Muitas vezes se deteve para descansar e cobrar alento, estendendo a mão para o caminhante que por ela passava, mas os lábios ficavam-lhe hirtos e o olhar cravado na terra.

Assim foi até à cidade sem obter uma esmola. Sentia a fome no seu auge, bebia água, e a água redobrava-lhe essa fome terrível que a devorava. O seu olhar enfraquecido já não distinguia os objetos a distância; uma espécie de véu de poeira não tardou em cercá-la e os edifícios, as pessoas que a rodeavam, parecia que se moviam e giravam sobre esferas, de modo que a entonteciam.

Por um instinto natural, a pobre senhora dirigiu-se ao cais; caminhou até ao parapeito olhando sem distinguir e ouvindo sem entender.

Perguntou, por acaso, se já era noite e obteve em resposta uma gargalhada motejadora, pois o sol brilhava no seu zênite.

Já não via, já não conhecia nada; tinha fome, tinha o instinto poderoso de todo o animal levado ao último extremo de desespero com o sentido de satisfazer uma vontade única! Dando alguns passos precipitados, caiu de joelhos em frente de dois homens que desembarcavam, bradando em extrema agonia: — Tenho fome! Pelo amor de Deus, valei-me! Era o seu primeiro grito, pedindo esmola.

CAPÍTULO 29

Socorro do céu

Os dois homens que acabavam de desembarcar dum pequeno escaler, ouvindo o supremo grito da miséria, pararam em frente da mulher que lhes pedia esmola com os joelhos no chão.

Um deles, tirando do bolso uma pequena moeda dirigiu-se à infeliz, dizendo: Levante-se, senhora! Tem aqui um pequeno auxílio.

O dinheiro caiu na mão da pobre mulher, que se conservou de joelhos, e os dois homens continuaram o seu caminho. Porém um deles, o que parecia mais novo, deteve-se.

— Perdão, senhor — disse ele olhando na direção em que ficara a mulher. — Não quero deixar de cumprir o meu dever.

— Qual dever? — Ao primeiro passo que dei em terra, depois da tempestade terrível de que me salvou como se fosse um anjo enviado por Deus, creio que não devo escutar com indiferença o grito da miséria.

— Que quer então fazer? Repartir com aquela infeliz algum dinheiro que salvei do meu cinto.

— Não o contradigo, senhor, antes aprovo essa ideia, porque me produz sempre extrema sensação a voz da miséria.

Dizendo isto, os dois recém-chegados ao porto de Marselha voltaram atrás, aproximando-se da infeliz que ainda se conservava de joelhos.

O mais novo inclinou-se para ela, perguntando-lhe: — Que faz aqui, senhora?

— Espero o meu filho! — respondeu ela elevando o rosto.

— Meu Deus! É minha mãe! Minha mãe!... Oh! Isto é ilusão... estarei eu doido? — exclamou ele, tomando nos braços a infeliz senhora em cujos lábios se via agora um meigo sorriso, única resposta às palavras do mancebo.

— Que diz, senhor de Morcerf?

— Oh! Venha, venha, conduzamos esta infeliz... meu amigo, o céu fere-me sem piedade! É minha mãe! O mancebo não pôde continuar; abraçou a pobre senhora e beijou-a na fronte ardente pela febre, como se procurasse reanimá-la com um beijo.

Benedetto contemplou por momentos aquele quadro enternecedor.

Em seguida fez as necessárias diligências para transportar a infeliz senhora a uma casa próxima, impedindo que os curiosos a seguissem.

Depois de a deitarem e graças aos desvelos de uma caridosa mulher, passado algum tempo ela abriu os olhos, dando sinais de vida.

O mancebo queria falar-lhe, beijá-la, chamar-lhe muitas vezes mãe com aquele sublime sentimento que a saudade e a alegria despertam na nossa alma; porém Benedetto, explicando-lhe que a pobre senhora não estava em condições de poder resistir ao abalo de tão viva sensação devido ao seu estado de abatimento e de fraqueza, conseguiu que o companheiro esperasse o tempo necessário para o seu completo restabelecimento.

Albert, assim se chamava o mancebo que aparecia acompanhado de Benedetto, não se retirava da porta do aposento onde se encontrava sua infeliz mãe. Um médico, que acabava de a observar, assegurou-lhe que não havia perigo e que garantia o seu completo restabelecimento dentro de poucos dias, desde que em sua volta houvesse o maior sossego.

Albert pareceu animado pelas palavras do clínico, e lançando ainda um olhar inquieto para o interior do aposento, foi ao encontro de Benedetto, o qual dava algumas ordens a Rocca Priori, imediato do seu pequeno navio.

— Meu amigo — disse o mancebo, apertando-lhe a mão. — O médico acaba de me afirmar que não deverei recear o menor perigo quanto à saúde de minha mãe. Oh, meu Deus, eu vo-lo agradeço! — murmurou ele, elevando ao céu o olhar puro em que a alma exprime todo o seu reconhecimento ao Criador.

— Muito bem, senhor de Morcerf — respondeu Benedetto — estimo que assim seja. Agora mesmo acabo de dar ordem ao meu imediato para arranjar mantimentos e fazer aguada sem a menor demora.

— Por quê? Tenciona deixar-me? — perguntou Albert interrompendo-o precipitadamente.

— A minha missão está cumprida no que lhe diz respeito — tornou Benedetto. — Está em terra, ao lado de sua mãe... feliz... posso partir.

— Já! — murmurou Albert, pregando o olhar no chão e apertando efusivamente a mão de Benedetto. — Eu quisera que minha mãe o visse e lhe agradecesse também o desvelo com que me procurou no centro da procela para me salvar!

— Não fui eu que o salvei, senhor — respondeu Benedetto — foi a mão de Deus que o arrancou às ondas e o suspendeu sobre o abismo! Tenho-lhe dito esta verdade bastantes vezes e deve entendê-la para sempre! Que interesse me teria despertado o seu grito agonizante, a ponto de me fazer desprezar a própria vida para salvar a sua, que instinto me teria guiado pelo centro do fogo e da água até ao lugar em que os seus braços cansados em vão tentavam elevar-lhe o corpo à flor das ondas, se Deus não me houvesse determinado quanto eu executei? Nada tem que agradecer-me! A sua hora marcada no livro dos destinos não estava ainda na página fatal que se voltou! — — Todavia, faça-me o obséquio de se demorar alguns dias mais. A delicadeza com que se tem esquivado a fazer-me perguntas acerca da minha vida, obriga-me a explicar-lha. Eu sei que não tenho-o menor direito à sua estima porque, enfim, sou um estranho para o senhor, mas peço-lhe que fique.

Um sorriso irônico assomou aos lábios de Benedetto, quando ouviu a última palavra.

— Ignora que tenho todos os minutos contados e que não posso desviar-me do caminho que sigo? — Sempre assim me tem falado, isto é, de um modo que não o posso compreender, mas que me revela alguma coisa de terrível na sua existência... Se alguma vez me houvesse feito perguntas, eu não hesitaria também agora em perguntar-lhe com interesse qual é o desgosto que o atormenta. Olhe que sei avaliar com exatidão isso a que se chama um desgosto profundo — disse Albert, suspirando.

Benedetto dirigiu-lhe um olhar investigador, como se procurasse ler-lhe na fisionomia, algum sentimento ali expresso, uma ruga qualquer.

— O caminho que eu sigo — disse ele, depois de breve pausa — não é segredo: Ando à procura de um homem que não sei onde se encontra! Serei indiscreto perguntando-lhe quem é que pode então guiá-lo até junto dele?

— É simples: a mão do finado! — respondeu Benedetto com toda a frieza.

Albert lançou-lhe um olhar receoso, pois julgou que tais palavras só poderiam ser filhas do delírio.

— As suas palavras terríveis fazem-me talvez curioso demais — disse-lhe. — Agora que recebi, como sabe, um golpe violentíssimo da fatalidade, elas produzem-me um efeito singular.

— Pois bem, meu amigo, acredite que não estou doido quando lhe afirmo que está erguida à face dos vivos a mão de um finado, que estremece ainda com raiva que não pôde morrer com ele! — Deve forçosamente ser poderoso o homem a quem o guia tão estranho motor! Benedetto olhou em volta de si, como para se certificar de que ninguém mais o escutava, depois agarrando no braço de Albert, disse-lhe em voz baixa mas expressiva: — Já ouviu falar no conde de Monte Cristo? A este nome, proferido por Benedetto com expressão feroz, Albert recuou um passo, fazendo-se pálido como um cadáver; depois juntando as mãos e elevando-as acima da cabeça, deixou cair logo os braços com violência, bradando ao mesmo tempo: Maldito! Benedetto recolheu com um gesto inexplicável aquela palavra proferida contra Edmond Dantès: — Conhece esse homem? perguntou ele com visível interesse, aproximando-se de Albert.

— Pergunta ao condenado se conhece o algoz! — retorquiu ele. — Esse espectro poderoso surgiu da poeira e provocou a fatalidade sobre a minha família. Maldito! Mil vezes maldito! — Em seguida, enxugando uma lágrima, murmurou: — Oh, minha mãe, perdoa se não posso respeitar como tu o nome do homem cujo procedimento terrível é ainda para mim um mistério.

Benedetto limpou o suor frio que lhe deslizava em grossas bagas pela frente e murmurou por sua vez: — Oh, Deus! Aqui também há um brado que condena esse homem singular! A sua sentença está portanto escrita em toda a parte pela tua mão poderosa! Seguiu-se um momento de silêncio.

Benedetto compreendeu pelo gesto de Albert que este conhecia de perto o conde de Monte Cristo. Portanto dispôs-se a indagar com precisão a causa daquele brado de maldição que ouvira.

— Meu amigo — disse ele, dirigindo-se a Albert que parecia sofrer ainda o efeito singular que lhe produzira o nome de Edmond Dantès — desculpe a minha indiscrição, perguntando-lhe que gênero de relações existiram entre o senhor e o conde de Monte Cristo. Entre mim e ele existe uma dívida de sangue e eu preciso de conhecer bem o homem contra quem me dirijo.

— Vou satisfazê-lo, senhor. Deixe-me primeiro ir saber de minha mãe, pois desejo retirá-la daqui quanto antes.

— Vá, mas aconselho-o que não premedite por enquanto causar-lhe o menor abalo. Poderá demorar-se nesta casa até ao seu completo restabelecimento.

Albert, sem responder, dirigiu-se ao quarto da mãe, e pé ante pé aproximou-se do leito onde ela dormia; contemplou-a por momentos, deu-lhe um beijo na fronte e voltou depois à sala onde Benedetto o esperava.

— Eis-me, senhor, agora vou desabafar todo o ódio que me inspira esse homem chamado conde de Monte Cristo! Disse-me que existia entre o senhor e ele uma dívida de sangue, pois bem, a dívida que há entre mim e ele, posto que não seja como a sua, não é todavia menos terrível! Entretanto, eu prestei um juramento solene de não me vingar.

— E quem lhe exigiu esse juramento? — Foi minha mãe.

— E depois? Albert cruzou os braços sobre o peito, encostou-se na cadeira e continuou.

CAPÍTULO 30

A serpente

— EM 1838 havia em França uma pequena família, cujo chefe era o conde de Morcerf, meu pai. Esta família era composta simplesmente por minha mãe e por mim. Nesse ano eu, que pertencia então, como minha família, à chamada sociedade escolhida de Paris, tentei ir passar o carnaval em Roma com um amigo meu, Franz d'Epinau, e parti para Florença, onde combinamos encontrar-nos. Foi em Roma que conheci o conde de Monte Cristo, estando eu e o meu amigo d'Epinau numa situação difícil, da qual o conde nos livrou, oferecendo-nos a sua carruagem para o primeiro dia de carnaval em 22 de Fevereiro. Aquele homem, a quem Franz conhecia já por ter estado com ele na famosa gruta de Monte Cristo...

A estas palavras, Benedetto franziu o sobrolho e perguntou com certa desconfiança: — Acreditou alguma vez na existência dessa gruta? — Franz jurou-me que existia — respondeu Albert. — Assim como jurou que fora hospedado nela pelo conde.

Muito bem, continue.

Albert prosseguiu: — Desde o dia 22 de Fevereiro de 1838, que começaram as minhas relações com o conde de Monte Cristo. Imagine uma amizade sincera, como ela o pode ser no completo sentido da frase, tal era o que eu parecia ter inspirado àquele homem fatal! Sabendo que quando saísse de Roma, tencionava dirigir-se a Paris, imediatamente lhe ofereci a casa de meu pai, dedicando-me a servir-lhe de cicerone não só na capital, mas também na sociedade escolhida de que eu fazia parte, como lhe disse.

"O conde aceitou a minha oferta.

"Dali a pouco tempo, no dia e na hora marcados por ele para se apresentar em minha casa, notei a maneira pela qual ele

compreendia a exatidão. Pois quando o ponteiro marcava a hora designada, quando os amigos que estavam reunidos nos meus aposentos se impacientavam com a demora do almoço que eu tencionava oferecer ao conde, este homem entrou no meu gabinete.

"Acabado o almoço, apresentei-o a meus pais. E ele sempre a manifestar-me em tudo e por tudo a amizade que me parecia ter-lhe inspirado.

"Oh! Quantas vezes a minha pobre mãe, ao notar a cegueira em que eu permanecia, me perguntava com os olhos úmidos e um triste sorriso nos lábios, se aquele homem era realmente meu amigo. E outras tantas vezes eu... eu, pobre ignorante do mundo e dos homens, lhe afirmava ser o conde de Monte Cristo meu verdadeiro amigo! Pois o maldito possuía a astúcia da serpente e o poder magnético que se encontra no olhar fascinador deste réptil traiçoeiro, que se arrasta a nossos pés para mais tarde se levantar e nos ferir no coração!...

"Durante alguns meses, fui o companheiro inseparável do conde de Monte Cristo. Parecia-me que aquele homem não tinha segredos para mim e que nas suas horas de melancolia me patenteava todo o seu coração cheio de bondade e de justiça! "Oh! O desengano... o termo da minha ilusão chegou em breve, terrível e fatal! "No meu estado de desolamento, veio ainda em meu auxílio_ o homem que reputava meu amigo, posto que minha mãe me repetisse constantemente que o conde não podia ser comigo tão sincero quanto eu julgava! "Ele instou e quase me obrigou a fazer na sua companhia uma pequena viagem de recreio. Abracei minha pobre mãe e parti com ele.

"Não houve nada que o conde não inventasse para me distrair: a caça, a pesca, os passeios a cavalo, a tudo ele me obrigou sempre com o sorriso traidor nos lábios hipócritas! Passados alguns dias recebo uma carta de um amigo meu, avisando-me de que estava descoberto o autor da acusação contra a honra de meu pai.

"Deixo o conde de Monte Cristo e corro a Paris.

"Com efeito tudo estava aclarado. Li os papéis que provavam um crime no passado de meu pai. Vi o esplendor do seu nome e do meu desfeito e aniquilado para sempre, ante o riso motejador dos nossos inimigos! Vi as portas das melhores salas de Paris fechadas para nós! Eu... eu... que julgava possuir um nome distinto e elevado pelo brio de um guerreiro... eu que julgava poder encarar de frente aqueles que se diziam filhos dos mais nobres e honrados fidalgos, tive de resumir-me às proporções de um homem que não tem o menor nome ou título para a consideração da sociedade! "Louco! Esmagado sob o peso formidável da vergonha, ouvi o sentido soluçar de minha mãe e a voz quase extinta de meu pai, pedindo-me que o vingasse! "E levantei-me, a fim de ferir o inimigo mortal que, sem dó nem piedade, levava ao conhecimento público um erro de meu pai, sem se lembrar que meu pai estava então ligado a uma senhora, da qual tinha um filho que era inocente no mencionado erro; o inimigo desapiedado que para ferir um homem feria também a mulher e o filho desse homem! "Perguntei então quem era o autor da minha desgraça. E sabe o que me disseram? Que era o conde de Monte Cristo! Dizendo isto, Albert levantou-se, ameaçador, como se naquele momento visse diante de si o homem cujo nome acabava de pronunciar.

— Eu não quis acreditar — continuou ele um momento depois — porém aquele nome terrível estava assinado nos papéis que examinava! "Eis como ele era traidor no sentimento que me manifestava desde há muito tempo! Eis, enfim, como ele correspondia à amizade sincera que lhe tributei sempre! Traidor! Mil vezes traidor! Se há no céu um Deus tão justo e bondoso como eu concebo, o crime que cometeste jamais te será perdoado! Desde o primeiro dia em que a tua mão tocou na minha, em que compartilhaste o meu pão, em que me convidaste a compartilhar o teu, em que me faltaste e me recebeste de um modo que triunfou sobre todos os meus escrúpulos, premeditavas a traição que fizeste! Fez uma breve pausa, depois passando a mão trêmula pela frente, continuou: — Eu já não podia reabilitar a honra do meu nome, porém podia vingar-me! "Com este pensamento fui ao encontro do conde.

"Estava ele no seu camarote da ópera e eu apresentei-me para o insultar, pois só assim conseguiria que se batesse comigo.

"O maldito recebeu-me com o seu modo bondoso e cheio de ternura! Isto ainda mais ateou a chama que me queimava! Expus-lhe o objetivo da minha visita e recebi em resposta uma gargalhada, tornando-nos logo no alvo da sala inteira. Como o escândalo tinha sido público, eu quis que a desafronta, se possível, fosse igualmente pública! "A minha luva quase bateu nas faces do conde de Monte Cristo.

"O duelo deveria ter lugar no dia seguinte.

— E o seu braço foi tão pouco firme que não soube sustentar a pontaria? — perguntou Benedetto com interesse.

— Não, senhor — respondeu Albert cheio de placidez. — Fui desarmado no lugar do encontro, e ali, em presença das testemunhas, dei satisfação ao conde de Monte Cristo e apertei-lhe a mão!

— Miserável! — exclamou Benedetto, erguendo-se e olhando com expressão de tédio para Albert, o qual se conservou imóvel. Depois, como arrependido da palavra que dissera, Benedetto tornou a sentar-se e perguntou com voz comovida: — Tinha enlouquecido?

— Não — murmurou Albert.

— O que se passou então?

— Na véspera do duelo, alguém entrou no meu quarto e pediu-me que jurasse que não atiraria no conde de Monte Cristo.

— E quem foi que teve o poder de lhe arrancar um juramento desses?

— Uma mulher a quem eu amava de um modo que talvez ninguém compreendesse se eu tentasse explicá-lo! Uma mulher cuja felicidade de uma hora eu compraria por um ano tormentoso da minha vida! Uma mulher cujas lágrimas me queimavam o coração... Foi minha mãe!

CAPÍTULO 31

Duas vítimas inocentes de uma vingança terrível

QUANDO acabou a primeira parte da sua narração, Albert ficou de tal modo comovido que não pôde continuar.

Levantou-se e foi ver a mãe, notando com prazer inexplicável que a respiração estava mais livre e que o sono não era tão agitado como no princípio; depois voltou à sala e jantou na companhia de Benedetto, o qual parecia resolvido a demorar-se em Marselha o tempo necessário para o completo restabelecimento da mãe de Albert, a senhora de Morcerf.

Sem procurar conhecer a causa primária do procedimento do homem a quem perseguia, o conde de Monte Cristo, o filho de Villefort concebia que não pode haver justo raciocínio algum, pelo qual o homem leve o seu procedimento ao ponto de chamar a desgraça sobre pessoas que nunca o ofenderam.

Teria o conde de Monte Cristo necessidade absoluta de se vingar de uma afronta, de um latrocínio, de uma crueldade qualquer cometida contra ele ou contra alguém do seu sangue? A maior virtude do cristão puro consiste em saber perdoar as injúrias; e ainda que o conde de Monte Cristo não tivesse, assim como todos os homens, esta virtude sublime, exemplificada por Cristo sobre a cruz do seu martírio, restava-lhe a sã filosofia para lhe moderar o excesso de uma paixão violenta.

Vingar-se um homem de outro que lhe causou dano, é ação que pelo costume não estranha o mundo! Porém sacrificar a essa vingança os que não o ofenderam, isso nunca! Sacrificá-los sem dó, sem piedade, roubando-lhes o pai, o amigo, o protetor, esmagando-os sob o peso de uma vergonha perpétua, de uma fatalidade eterna, isto é um procedimento sem nome, sem classificação no mundo culto. O que haveria pois neste mundo capaz de remir Edmond Dantès da sua enorme, monstruosa culpa? Quantas ações boas seriam necessárias no prato da balança do juízo final, para equilibrarem com o seu peso o do seu procedimento fatal? Nem que Edmond Dantès vivesse mil anos votado à prática das virtudes, é de crer que se purificasse de tão grandes erros cometidos no curto espaço de seis meses, que fazem um instante imperceptível da

eternidade! No dia seguinte, Benedetto que prestara grande atenção à narrativa de Albert, pediu-lhe que a terminasse.

Depois de se informar da saúde da mãe, Albert sentou-se como no dia antecedente, ao lado de Benedetto numa das salas da estalagem do Sino e da Garrafa.

Em seguida, parecendo coordenar as ideias sob o ponto que tinha a tratar, prosseguiu: — Quando me retirei do lugar destinado ao duelo, voltei para casa, deixando atrás de mim assunto para os mais graves comentários dos meus amigos outrora.

"O meu plano estava traçado.

"Juntei todo o meu dinheiro, dispus dos móveis que me pertenciam na casa paterna, e quando tinha tudo pronto para a partida, fui aos aposentos de minha mãe. Tinha feito o mesmo que eu; todo o seu dinheiro estava dentro de uma carteira e ela pronta para partir comigo. Adivinhara toda a minha resolução, assim como eu previra a sua. Meia hora depois, apoiada no meu braço, descia a escada do palácio que tinha sido o teatro da sua felicidade e da sua desgraça, para nunca mais ali voltar! — E seu pai? — perguntou-lhe Benedetto. — Seu pai assim abandonado pela esposa e pelo filho! Nem sequer um adeus extremo? — Meu pai — continuou Albert — não era homem que reputasse um bem o adeus doloroso de que fala! Foi ele quem no-lo disse, quando um tiro ressoou no vestíbulo da escada no momento em que eu e minha mãe entrávamos para uma carruagem de praça. O conde de Morcerf tinha feito justiça por suas próprias mãos.

Seguiu-se uma pequena pausa.

Benedetto cruzou os braços sobre o peito, encarando com interesse o moço que lhe contava uma história terrível.

— Era eu o único apoio de minha mãe — prosseguiu Albert — eu, que não tinha nem fortuna nem nome! Eu, ainda tão cheio dos preconceitos da minha passada aristocracia, que nem tinha jeito para pedir uma esmola quando o tempo assim o quisesse! Todavia era necessário encarar o futuro, determinar um modo de vida, escolher uma posição, porque o tempo correria veloz e a miséria não tardaria! "Tomei então uma resolução.

"Corri a alistar-me para o serviço militar, e aumentando com aquele pequeno produto do meu suor o nosso diminuto capital, dispus-me a partir para África com o vivo desejo de mostrar à cidade de Paris que o erro moral não é coisa hereditária da família de Morcerf. Oh, desculpe! — atalhou vivamente. — Deixei de usar este apelido e restringi-me a outro mais simples, mais obscuro, mais popular... chamo-me, desde que estou no exército, Albert Mondego.

— Poderia adotar um apelido da nobreza materna — observou Benedetto.

Albert sorriu com desdém e respondeu: — Minha mãe era filha de modestos pescadores. Um mês depois de eu me ter alistado parti para África, onde me conservei até agora, nutrindo na alma esta saudade pelo único ente a quem amo... por minha mãe! E quando eu voltava risonho para a abraçar, esquecendo por este só prazer, todos os meus pesares e fadigas passadas, eis que o destino me feriu sem piedade, como se ainda não estivesse satisfeita a minha desgraça! "Minha mãe passou fome! A minha querida e boa mãe, foi constrangida a estender a mão para solicitar um pedaço de pão! Sim... isto não pode ser da vontade de Deus! Um demônio nos bafeja com o seu hábito! A desgraça pesa sobre nós! Albert escondeu o rosto nas mãos para disfarçar duas lágrimas que lhe sulcavam as faces crestadas pelo sol de África.

Benedetto contemplou-o em silêncio, como se não tivesse ânimo de interromper aquele solene recolhimento de um filho que chorava as desgraças de sua mãe.

— Agora, senhor — disse Albert — já sabe o gênero de relações que existiram entre mim e o conde de Monte Cristo. Sabe também quem eu sou: chamo-me Albert Mondego e sou filho de Mercedes. Não possuo bens alguns, o pequeno capital que trouxe de África perdi-o quase todo naquele terrível naufrágio de que me salvou; não tenho amigos nem conhecidos em Marselha: porém no que lhe puder ser útil, conte comigo! Dizendo isto, estendeu a mão a Benedetto, o qual a apertou com vivacidade.

— A sua narração comoveu-me — disse Benedetto. — O amor que consagra a sua mãe é uma afeição que pode concorrer muito

para a felicidade íntima de um filho! Muitos há que nem ao menos podem verter uma lágrima de saudade sobre a campa de uma mãe!...

— Como assim? — perguntou Albert.

— Quando, por exemplo, um homem não conhece quem lhe deu o ser! — Ah!.

— Quando sabe que foi abandonado logo depois de ter nascido... Acredite-me que há homens mais infelizes do que o senhor! Há desgraças mais terríveis do que a sua! — Talvez! — murmurou Albert.

Benedetto soltou uma risada irônica, exclamando: — Sabe o que é uma existência de proscrito sem família, sem pátria, sem ao menos uma esperança na alma? Sabe o que é a raiva, o desespero, a vingança? Viu o céu escuro naquela noite de tempestade, as águas revoltas, os raios de fogo fendendo sem cessar as grossas massas de nuvens? Lembra-se da aflição que sentiu quando era o joguete das vagas? Lembra-se de como então lhe pareceu terrível o ribombar dos trovões? Ah! Esteve ali uns instantes sem esperança de sobreviver e viu-se nos braços da morte, mas não era ela a virgem silenciosa e triste que a pouco e pouco estreitava contra o gelado seio, era a fúria desenvolta que o martirizava nos seus braços de ferro e lhe arrancava cada esperança da alma em cada fôlego do peito! Imagine, agora, que semelhante situação era prolongada como o suplício de Prometeu, e diga-me então se um mártir assim não será mais desgraçado do que o senhor? — E existe ele porventura fora das páginas da fábula? — Está na sua presença! — bradou Benedetto. — Não tenho nem amigos, nem protetores, nem pais, porque estes sepultaram-me em vida logo depois do meu nascimento, e já não existem! A minha herança é a proscricção: o meu legado, a vingança. Ah! A vingança... que eu hei de saborear lentamente, estudando suplícios novos, para arrancar do peito de um homem os gemidos dolorosos que os ecos ainda não repetiram! — Como assim!? retorquiu Albert. — Já o ouvi falar de Deus e não Compreendo como sendo o senhor um crente desse Deus poderoso e magnânimo, se deixe possuir do maldito sentimento da vingança! — Porque talvez não lhe dissesse que quem mo inspirou foi um

homem que nunca soube perdoar! Foi um homem que sacrificou a uma vingança particular os inocentes do crime que ele quis punir! Agora é necessário que eu sinta no peito a raiva que me domina e me torna feroz, porque tenho a convicção de que sou o eleito de Deus para castigar o orgulho com que esse homem quis propor e dispor sobre a terra, julgando-se iluminado e justo, quando não era mais do que o ludíbrio de uma paixão predominante da sua existência, e quando o seu poder sobre os homens se baseava simplesmente na sua imensa riqueza! Maldição eterna... sim, peça comigo a maldição eterna sobre ele, porque esse homem é o conde de Monte Cristo! Mal acabara de pronunciar estas palavras, quando um grito rouco e desesperado ressoou pela sala.

Albert e Benedetto ficaram por um momento perplexos.

CAPÍTULO 32

A estalagem da Sino e da Garrafa

MERCEDES estava no limiar da porta.

Na palidez das suas faces destacavam-se as rosas vermelhas da febre, o olhar inflamado e incerto revelava o delírio.

Despertada da sua languidez pelo acesso da febre, animada pela força inexplicável do estado de exaltação de sangue, guiada por um pensamento vago e confuso, arrojou-se para fora do leito, envolta nas roupas da cama. Uma saia curta e mal aconchegada na cintura uma camisa mal unida ao seio palpitante, o cabelo em desordem solto sobre os ombros, tudo isto de acordo com a irregularidade do gesto, acabava de lhe dar uma terrível aparência de louca.

Tendo caminhado até à porta da sala, escutou por momentos as palavras de Benedetto, soltando um grito agudíssimo quando ele pronunciou o nome do conde de Monte Cristo.

Albert, passado o primeiro momento de surpresa, correu para a mãe. Ela repeliu-o e avançou até ao centro do recinto, lançando em redor de si um olhar desvairado.

Edmond! — murmurou ela com um doloroso sorriso. — Assassinate o meu filho! Deste-me em seguida a viuvez, a miséria, o sofrimento, a fome! Como pagaste tão mal as muitas lágrimas que verti pelo homem a quem amei!... Onde está esse homem? Ah! Que não venha, porque me recriminaria o abraço, o beijo que reservo para o meu querido filho! Seguiu-se um momento de silêncio.

Albert estava de joelhos, com os olhos fitos na mãe, os lábios entreabertos, como se o excesso da surpresa e do pesar lhe houvesse cortado estas palavras: — Minha mãe... eis-me aqui! Benedetto, com os braços cruzados sobre o peito, escutava com profunda atenção as palavras que Mercedes continuava a proferir: — Amei-te muito, Edmond, amei-te quanto uma mulher pode amar, e tu não voltaste nunca para me desposar! Partiste na hora das nossas núpcias... e passaram-se quinze anos, quinze séculos, quinze vezes a eternidade... e tu sempre ausente! Quantas angústias sofri, quantas lágrimas derramei. interroga o rochedo dos Catalães e ele te falará de mim e do meu sofrimento! Interroga a coroa que me cingiu a fronte na hora do meu casamento e verás ali uma lágrima que eu te consagrava!... Escuta o meu leito matrimonial e ele repetirá ainda os gemidos que a esposa criminosa votava à memória de um homem que não era seu marido! Esse homem eras tu... E porque te mereci eu a desgraça? que mal te fez o meu filho? A justiça de Deus não é tua... Escutem... Ah! Lá vem o meu filho! filho.. por quem esta alma anseia... Vem! Vem! Mercedes pronunciou as últimas palavras com veemência, abrindo os braços como se esperasse naquele momento estreitar contra o peito o filho por quem chamava.

Com efeito Albert, erguendo-se com rapidez, precipitou-se nos braços de Mercedes, exclamando: — Aqui estou, minha mãe! Um beijo e um abraço frenético, foi a única resposta de Mercedes.

Seguiu-se profundo silêncio, durante o qual mil carícias apenas concebíveis se trocavam sem cessar entre mãe e filho.

Mercedes parecia mais sossegada em consequência do acesso da febre ter diminuído; todavia, as suas ideias ainda imperfeitas, o seu pensamento pouco determinado, eram revelados

no modo com que o olhar lhe corria desvairado por tudo quanto a cercava.

Ela apertava repetidas vezes a mão de Albert, encostando ao mesmo tempo a fronte ao peito agitado do filho, em cujos olhos brilhava o pranto, arrancado pelos sentimentos simultâneos do prazer e do pesar.

— Albert! — exclamou Mercedes. — És realmente o meu filho? Sim, eu sei que és o filho que se vendeu para me sustentar, o filho por quem eu dera sempre a minha existência! E agora não tornarás a deixar-me, não é verdade?

— Sossegue, minha mãe, pois ficarei para sempre consigo — respondeu Albert.

— E se esse homem poderoso e vingativo vier outra vez separar-nos? Não sabes que te corre nas veias o sangue do rival de Edmond, e que este não sente sem estremecer os beijos que te dou? — Não! Não! — retorquiu Albert. — Edmond está longe e deixou de nos querer mal! E falando para consigo próprio: "Oh, meu Deus, tem piedade de minha mãe!" — Dize-me, Albert, onde estamos? — perguntou Mercedes, olhando inquieta em redor.

— Em Marselha — respondeu ele. — Não se recorda de Marselha?

— Sim. E esta casa?

— Esta casa é a estalagem do Sino e da Garrafa. — O quê? — bradou Mercedes, agarrando-lhe o braço com força e estremecendo.

Albert repetiu o nome da estalagem.

— Ah! — fez Mercedes, como se sentisse no peito uma dor agudíssima. — Que terrível cena se passou aqui! Aqui... mesmo nesta sala... Sim... vejo ali a mesa onde se preparava o festim dos meus esponsais... vejo ali o rosto apaixonado de Edmond! Acolá a fisionomia ciumenta e traidora de Fernando Mondego...

— Minha mãe! — bradou Albert com aflição.

— Escuta — continuou ela franzindo o sobrolho e conduzindo Albert a uma das janelas, pela qual se distinguia a praça. — Não ouves os sinos que repicam? É por um casamento. Não vês aquela mulher, vestida de branco, com a fronte adornada com uma coroa branca? É a noiva, que foi receber o seu anel de esponsais. Ela vem

ao lado de Edmond, cujo olhar luminoso exprime o sentimento puro que há no seu peito! Logo após os esposos... vê-se um mancebo caminhando de cabeça baixa e olhar sinistro, cravado no solo, e a fronte enrugada meditando a traição! "Onde está toda essa gente alegre e folgazã que te mostrei atravessando a praça? Ei-los à mesa na estalagem do Sino e da Garrafa! O noivo ao lado da esposa e o traidor mirando-os cheio de ciúmes, com o seu olhar, traiçoeiro! Jesus! — gritou ela. — Arrebatam-me dos braços o meu esposo! Fernando Mondego denunciou-o como bonapartista! Ele é conduzido pelos soldados... fico viúva, mesmo antes de lhe ter pertencido! Acabando de pronunciar estas palavras, Mercedes caiu nos braços de Albert, o qual a conduziu para o leito, entregando-a aos cuidados de uma mulher, enquanto Benedetto corria a procurar um médico.

Felizmente, aquele estado de exaltação febril cedeu aos primeiros remédios aplicados, e em breve pôde Albert fazer conduzir sua mãe para a pequena propriedade dos Catalães.

O seu restabelecimento começou então.

A presença do filho, o ar livre que respirava ali, os desvelos que a cercavam, tudo concorreu para lhe apaziguar o espírito, varrendo-lhe do pensamento as tristes imagens de um passado desditoso.

Recobrou inteiramente o estado normal das suas faculdades intelectuais e chegou a poder dirigir a Benedetto algumas palavras de agradecimento verdadeiro Pelo modo com que ele desprezara a vida para salvar o seu semelhante de uma morte horrível.

Entretanto, Albert reconhecia que a partida de Benedetto se aproximava. Aquele homem tinha-lhe inspirado tão profundo interesse, que ele não teve dúvida em lhe conceder o título de amigo. Com efeito, o dia da separação não tardou. Albert adivinhou-o e apertou a mão de Benedetto, como se lhe dissesse o último adeus.

— Senhor — perguntou-lhe Benedetto uma manhã, entrando no seu quarto — de que modo encara o seu futuro? A esta pergunta inesperada, Albert olhou por momentos para Benedetto, em cuja fisionomia impassível nada havia que traísse o menor dos seus sentimentos.

— Desculpe a minha indiscrição — continuou ele — porém causa-nos sempre um vivo desejo conhecer qual será o futuro de um homem que nos interessa quando o deixamos talvez para sempre! — Agradeço a sua delicadeza — respondeu Albert — e vou satisfazê-lo. Regressava do Ultramar, como lhe disse, com uma bagatela, o suficiente para assegurar o descanso e o sossego de minha mãe. Mas Deus, ou simplesmente o acaso, não quis que isso assim fosse! Perdi quase tudo, e hoje só me resta o necessário para fazer face ao tempo enquanto não arranjo um emprego.

— E se o não arranja? — Trabalharei em qualquer coisa — respondeu Albert tristemente, acrescentando logo a seguir com orgulho: — Porém, asseguro-lhe que minha mãe não sofrerá a menor privação! — Invejo o amor que tributa a sua mãe, invejo o sentimento e a resignação profunda com que recebe a vontade de Deus! — Devo trabalhar para sustentar quem me deu o ser — replicou Albert com toda a simplicidade — pois é esse o meu dever.

— Está portanto disposto a trabalhar?! — Sim, senhor.

— Muito bem, Albert, o senhor tem pouco mais ou menos a minha Idade; todavia, acredite nas palavras que vou dizer-lhe, porque são filhas da experiência. Por mais fatal que o destino pareça ao homem, este deve acreditar que existe um princípio superior e divino, qualquer que ele seja, que nunca se esquece de pesar as nossas ações na balança da justiça, premiando a inocência! — O senhor recebeu prêmio dessa inocência? — perguntou Albert, sorrindo.

— Não, porque sou culpado e acredito firmemente no castigo das minhas culpas, logo que finalizo a minha missão; porém tenho reconhecido que os maus recebem o tremendo castigo dos seus erros e vícios, e por isso lhe afirmo que os inocentes também terão o prêmio das suas virtudes! Fique em paz, Albert, acima do senhor e de mim há sem dúvida um Deus que nos julgará! Dizendo isto, Benedetto retirou-se do quarto de Albert, o qual, vivamente impressionado pelo gesto solene e pelas palavras suaves de Benedetto, não teve a determinação rápida de o seguir nem de lhe responder, apesar de ter reconhecido que as suas últimas palavras

e o tom com que tinham sido pronunciadas, exprimiam o extremo adeus.

CAPÍTULO 33

Partida

MEIA hora depois, Albert ouviu a voz da mãe que o chamava. Subindo ao seu quarto, achou-a sentada em frente da janela olhando fixamente para o mar.

— Dize-me, Albert, que embarcação era aquela que há pouco levantou ferro e se faz agora de vela? Desde ontem que a vi fundeada aqui em frente dos nossos rochedos.

Albert olhou na direção que Mercedes indicava e distinguiu um pequeno barco, ligeiro e leve como o cisne quando oferece as asas ao sopro da brisa, e se deixa deslizar pela superfície das águas dum lago.

— Ah! — murmurou ele, depois de contemplar por momentos o barco que principiava a mover-se. — É o navio de Benedetto! Eu adivinhava que ele ia deixar-nos. Homem singular que me pareceste possuir o segredo de triunfar da procela, correndo ousado pelo centro do fogo e da água, semelhante a um gênio benigno que se empenhava em me salvar! Adeus para sempre!... Adeus!

— Oremos por ele — disse Mercedes, ajoelhando em frente dum belo crucifixo que pendia da parede.

— Sim, minha mãe, oremos... neste momento em que ele se lembra também de nós! Albert distinguira uma pequena nuvem branca na borda do barco e logo depois ouviu a detonação de um dos seus morteiros, no momento em que o navio, dobrando a ponta do rochedo, passava em frente da casa de Mercedes.

Era o último adeus de Benedetto.

Albert conservou-se muito tempo em frente da janela, com os olhos cravados na pequena embarcação que principiava a deslizar velozmente impelida pela brisa da costa.

Mercedes orava ainda ajoelhada junto do crucifixo e as suas palavras suaves imploravam a clemência do céu para o salvador de seu filho.

Terminando a oração, levantou-se e foi encostar a fronte no ombro do filho, dizendo-lhe: — Meu filho, o nosso dever está cumprido para com aquele estrangeiro que tão generosamente salvou a tua vida. Devemos-lhe eterna gratidão. Ele que vá em bem na sua viagem, e nós que fiquemos também em paz! — Sim, minha querida mãe! — respondeu Albert, abraçando-a com extremo carinho. — Possamos nós gozar a paz e o sossego íntimo!...

— Mas por que motivo há lágrimas nos teus olhos, meu filho, quando dizes essas palavras? — perguntou Mercedes com inquietação.

— Porque não posso realizar os meus sonhos, porque não posso fazer-lhe esquecer o passado, conforme eu havia concebido!

— E julgas que as tristes recordações desse tempo de desgraça e de fatalidade não me oferecem um certo prazer amargo, que não podes compreender? Pois acredita-o, Albert.

— Todavia, eu quisera evitar-lhe as lágrimas. Mercedes sorriu; era um desses sorrisos melancólicos do desgraçado, o que lhe descerrava os lábios, sorriso ao mesmo tempo meigo e irônico, despertado pelo sentimento profundo da desgraça. — É como poderias tu evitar este pranto originado por muitos anos de fatalidade? — Deus me ajudaria. Suponha que, a pouco e pouco, eu ia desenrolando a seus olhos uma cortina em que haviam de estar as mais ricas e soberbas paisagens, superiores ainda aos pincéis dos melhores artistas; o aspecto florescente das muitas cidades que há nas margens deste formoso lago, desde Gibraltar até aos Dardanelos: os costumes vários de muitos povos; os seus tipos diferentes desde o Caucásico ao Americano; as cenas magníficas, desde o cristianismo até à mais baixa ideologia!... Depois, essas famosas páginas dos séculos, a que chamamos ruínas, dispersas sobre a terra, com as soberbas inscrições; a meditação, o estudo de tudo isto, minha Mãe, talvez não deixasse lugar às imagens tristes que presentemente lhe arrancam o pranto, que lhe sulcam as faces! Ah! Mas o destino não quis que eu deixasse de ver essas lágrimas

tão amargas e tão repetidas!... — exclamou Albert deixando pender a fronte sobre o peito.

— Pois deixarei de chorar, Albert — disse Mercedes com doçura — fazem-te mal as minhas lágrimas... meu querido filho... já não choro!... sim... eu não devo afligir-te... não devo constranger-te com este pranto que eu mesma recriminaria, se ele não fosse por ti! — Por mim? Mereço eu lágrimas?... Eu, que estou a seu lado; eu que a abraço?... — perguntou Albert, cuja voz se prendeu na garganta como se o sufocasse o excesso do sentimento, a comoção.

— Tu és muito generoso, meu filho; eu sei quanto te devo... eu que vi venderes o teu suor para me sustentares: que vi desprezares o mundo para me seguires na solidão... Albert! E que não possa ver-te feliz! Que não me seja dado morrer ao menos com a ideia de que terás um futuro risonho! Tu, que tanto o merecias! Albert, todos os dias e todas as noites meditava no modo de alcançar uma posição qualquer, na qual pudesse fazer face ao porvir, evitando a miséria, essa companheira inseparável da desgraça; e todos os dias, todas as noites reconhecia a impossibilidade de adquirir essa posição.

Mercedes, que depois dessa extrema desesperança, tinha visto e compreendido até onde chegava a misericórdia de Deus, era então a primeira a repetir-lhe que tivesse esperança; palavra consoladora cujo sentido não compreende aquele que nunca viu transluzir no escuro da desgraça o raio da misericórdia divina.

Este raio brilhou aos olhos de Albert; ele reconheceu pela segunda vez que Deus o não tinha desamparado! O eclesiástico que alguns meses antes tinha sido chamado por Mercedes à aldeia dos Catalães, voltou ali, procurando Albert.

— Eis-me, senhor — disse o rapaz apresentando-se.

— Chama-se Albert Mondego?

— Chamo, sim.

— É filho de Mercedes, a catalã?

— Exato!

— Todavia, dê-me mais alguns sinais de que na verdade é a pessoa a quem um dever me obriga a procurar!

Albert meditou por um momento olhando por vezes para o rosto do eclesiástico, de modo que parecia querer adivinhar ali o sentido da pergunta.

— Voltando do Oriente — respondeu ele depois — sofri um temporal, de que escapei milagrosamente, salvo por um homem cujo nome é Benedetto. Vinha numa galera que, segundo me disseram, pertencia à casa sucessora de Morel, muito antiga em Marselha!

— Fazia parte da guarnição?...

— Não, senhor; vinha de simples passagem. Tendo estado em serviço militar no Oriente, voltava com a minha baixa de serviço.

— Muito bem: é o mesmo a quem procuro.

Dizendo isto, o padre apresentou-lhe uma carta e esperou que Albert a abrisse.

Albert hesitava, posto que tivesse lido no sobrescrito o seu próprio nome.

— Leia — disse o eclesiástico.

— Meu Deus! — bradou Albert, apenas finalizou a leitura. — Eu agradeço!

Houve um momento de silêncio, durante o qual Albert leu segunda vez a carta, como se lhe estudasse cada uma das palavras.

— Todavia, será esta a primeira esmola que recebo pela mão de um homem! Não... não devo aceitá-la. Benedetto... a tua generosidade não me ofende... mas no mundo há homens mais desgraçados do que eu... seja para eles esta esmola, visto que eu posso ainda trabalhar!

— Aí está até que ponto o cega o orgulho! — disse o padre.

— O orgulho? — repetiu Albert. — O orgulho! Quando eu falo de homens mais desgraçados do que eu, com o sentido de reverter em seu favor uma esmola que se me oferece... a mim, que posso trabalhar?

— Ouça! — tornou o sacerdote, sorrindo. — Repito que não é só o sentimento da caridade que o faz falar desse modo! Tem consigo um resto de orgulho! Esse orgulho, com que recusa a esmola, ofende a Deus; ofende o homem generoso que se

interessou pelo senhor, e ofende-me também a mim, porque sou eu quem venho depositar a esmola nas suas mãos.

— Sabe então o conteúdo desta carta? — perguntou Albert.

— Foi ditada a mim, pois assim o exigiu Benedetto.

— Conhecia acaso aquele homem?

— Nunca o tinha visto.

— Compreende ao menos os sentimentos que o dominam?

— Sem dúvida, um sentimento profundo agita a sua

existência, sentimento que é um mistério entre ele e Deus e que não transpira fora do confessional, meu filho! Todavia, posso assegurar-lhe que a mais pura convicção de ter preenchido a vontade de Deus, o animava no momento em que depositou nas minhas mãos a soma que lhe oferece. Aceite-a, portanto; Benedetto não é mais que o órgão, pelo qual se executa, neste momento a lei do céu! Ele está agora longe de nós, e eu posso assegurar-lhe que não leva o menor sentimento de orgulho ou de vaidade pela boa ação que pratica, cedendo-lhe esta pequena fortuna.

Dizendo isto, o padre passou às mãos de Albert um pequeno maço de papel lacrado.

— Agora — continuou ele — prometa-me como Benedetto requer, que um segredo inviolável guardará para sempre no seu peito o sentimento que o procedimento dele pudesse despertar-lhe.

— Homem generoso! — exclamou Albert. — Se há um crime na tua vida, terás por certo o perdão de Deus!...

Momentos depois, Albert estava no seu quarto, e tinha sobre a sua carteira a quantia de um milhão e quinhentos mil francos em moeda papel.

CAPÍTULO 34

Veneza

Quando começava o ano de 1841, achava-se em Veneza um rapaz francês, que, sem pertencer inteiramente à classe distinta e elevada de Paris, era filho de uma boa família e possuía uma educação completa, que o tornava de finíssimo trato social.

Este rapaz chamava-se Maximiliano Morel. Era casado com a filha de um antigo magistrado francês, senhora descendente da ilustre família dos marqueses de S. Méran.

Maximiliano e Valentine, casados havia apenas dois anos e meio, não tinham sofrido ainda entre si a menor discordância; viviam em perfeita harmonia, vazando por assim dizer os seus pensamentos no mesmo molde.

Não havia prazeres para um quando os pesares oprimiam o outro; o prazer e o regozijo, a dor e o sofrimento, eram por ambos compartilhados, como se eles houvessem compreendido bem os deveres impostos pela ligação contraída em frente do altar de Deus abençoada e santificada em seu nome! Valentine não tinha filho algum; no seu pouco tempo de casada, não havia ainda esse desejo íntimo de maternidade: desejo que depois vem como coisa que tem de ser. Ela nunca estava longe de Maximiliano: via-o a todos os momentos, e as carícias que este lhe prodigalizava, não lhe deixavam, talvez, sentir o desejo sublime das carícias de um filho, em cujo rosto infantil, uma mãe gosta de descobrir e imaginar pouco a pouco, o gesto e a imagem do marido, nas horas da sua ausência.

Maximiliano não contava mais de 28 a 29 anos, e Valentine 17 a 18 anos. O primeiro, era uma dessas constituições fortes e sadias: tipo completamente meridional, pálido, de olhos e cabelos negros como o ébano. A segunda, posto que de talhe ligeiro, corpo flexível e delicado, anunciava também uma organização robusta e temperada.

Tendo ambos vivido quase exclusivamente na França, desde a sua união, cediam agora ao vivo desejo de ver e examinar outras sociedades, outros costumes diferentes dos que se podem notar nas salas aristocráticas de Paris. Veneza foi o primeiro ponto a que se dirigiram as suas vistas curiosas. As tradições desta antiga rainha do Adriático e do Mediterrâneo; o prestígio do seu antigo esplendor,

e sobretudo a beleza dos edifícios, canais e pontes, tudo concorreu para merecer a preferência dos jovens cônjuges.

Com efeito, Veneza, que pela sua posição geográfica está em comunicação constante com a Ásia e a Europa, oferece um quadro sempre variado de tipos e de cenas das mais notáveis do cristianismo.

A sua praça, sempre concorrida pelos negociantes de todas as nações, mostra ainda o resto da grandeza do seu antigo comércio, embora o alado leão de S. Marcos haja perdido o prestígio que o cercava; embora as torres de S. Marcos não elevem já com arrogância os bizarros troféus da sua glória, nos quais o estrangeiro poderia ler as cenas sucessivas das conquistas da república; a velha catedral lá está ainda de pé, com o seu aspecto venerável, ocupando o fundo da grande praça, e ostentando a par da sua arquitetura bizantina, a incrível arrogância da arte grega! Lá estão ainda todos os seus mais belos ornamentos; as famosas arcarias, os palácios elegantes dos antigos patrícios, a massa impostora do palácio ducal, as colunas de granito de Piazzeta, o campanário ligeiro e duma engraçada arquitetura composta de basílica cristã; depois os canais e as escadarias de mármore, onde a água mansamente murmura: finalmente, Veneza posto que tenha descaído do seu antigo esplendor, é ainda formosa princesa adormecida nas águas do Lido, como descansando risonha do seu lidar de outrora.

Era pois em Veneza que estavam Maximiliano e Valentine, gozando o ar sem igual e o céu transparente, que é também céu de Itália.

Na hora em que o sol despedia sobre a antiga catedral os seus últimos raios de um fogo brando, descendo rapidamente e ocultando-se com as montanhas de Tirol, Maximiliano e Valentine atravessavam a Piazza, e caminhando ao longo do antigo Broglio, dirigiam-se para o cais, em cujas argolas estavam presas centenas de gôndolas de todas as dimensões.

— Minha querida — disse Maximiliano a sua mulher, depois de ter passeado com ela algum tempo pelo cais — as noites de Veneza são noites calmosas e doces, que convidam a gozar da

frescura dos canais onde a lua parece mirar-se com saudade e mistério.

— Embarquemos, Maximiliano — respondeu Valentine, apertando docemente o braço do marido e olhando ao mesmo tempo receosa para um homem embuçado numa capa e com o rosto oculto pela aba de um enorme chapéu.

Maximiliano não reparou no movimento de Valentine, que seguiu com a vista o homem de chapéu grande e da capa escura.

— Muitas gôndolas vão e vêm pelo canal — disse Maximiliano. -Os canais são as ruas de Veneza, e as suas carruagens as gôndolas. Antigamente poucas carruagens havia em Veneza... Vamos, creio que está ali uma gôndola capaz de nos servir bem, e o gondoleiro, segundo me parece, já compreendeu o nosso desejo.

Valentine caminhou em silêncio ao lado de Maximiliano, na direção das escadas, mas o seu olhar inquieto parecia examinar ainda o estranho que não estava longe.

Com efeito, a pequena distância de Valentine, via-se uma figura triste e pensativa, que seguia também os movimentos de Valentine e de Morel.

Entretanto, eles tinham parado na frente de um gondoleiro, que pelo esmero da sua camisola encarnada e pelo bom estado do seu gorro tricorne, parecia estar ao serviço de alguma casa de visconde ou ainda mais nobre.

— A tua gôndola está pronta, Giacomo? — perguntou-lhe Maximiliano sorrindo.

— Sim, excelentíssimo e eu terei grande honra em recebê-lo dentro dela.

— Eis a delicadeza e a doçura que caracteriza os venezianos e que não é fácil encontrar debaixo de outro céu que não seja o da Itália, principalmente entre as classes laboriosas! — tornou Maximiliano. — Ouviste, Valentine, este bom homem diz-nos que terá grande honra em nos receber na sua barca! — Também o agradeço ao céu e ao antigo patrono de Veneza, o senhor S. Marcos! Eu por mim seria sempre grosseiro e ruim em comparação com vossa excelência e a senhora, que me fez a graça de olhar

para mim! — Ah!... Ah!... É porque sem dúvida está notando o bom estado e elegância da tua camisola, e a nitidez das tuas calças.

— Verdade — acrescentou Valentine — admiro tão grande asseio num homem desta profissão.

O gondoleiro dispensou-se de responder, mas fez uma profunda cortesia — Como se chama a tua gôndola? perguntou Morel.

— Valentine — respondeu o gondoleiro.

— Que diz ele? — perguntou também a senhora Morel, olhando espantada para o marido.

— Diz que se chama Valentine: isto é bem simples, minha querida, e faz-me redobrar o desejo de passear nos canais de Veneza! Vamos... Giacomo, a tua barca! O gondoleiro correu para a escada, puxou por uma corrente de ferro, e atracou a sua gôndola de modo que Maximiliano e Valentine pudessem embarcar.

Valentine, se bem que estivesse desde pouco tempo em Veneza conheceu ao primeiro olhar, que não era simples como todas as outras, a gôndola em que entrava. Esta pequena embarcação tinha a proa dourada com esmero; um lindo toldo de seda, os coxins bem estofados, o xadrez polido.

Todavia, Valentine, como se outra coisa lhe prendesse a atenção, não dirigiu a menor pergunta a tal respeito a seu marido.

Entrou na gôndola e sentou-se: depois, quando o gondoleiro, manejando o remo com destreza, impelia a barca que passava pela frente do cais, Valentine voltou a cabeça e dirigiu ainda para a Piazza um olhar inquieto.

Logo que a gôndola se afastou do cais, deslizando brandamente ao longo do grande canal, o homem, que observava os movimentos de Maximiliano e de Valentine, caminhou com precipitação para o cais, e dando um pequeno grito semelhante ao de uma ave noturna, esperou com paciência alguém, que lhe respondeu pelo mesmo modo.

— Vecchio — disse ele em italiano a outro homem que se lhe aproximou — tens desempenhado as ordens que te dei? — Sim, senhor! — respondeu o recém-chegado, falando em voz baixa e com certo ar de mistério.

— Que apuraste?

— Estive muito tempo conversando com o gondoleiro da camisola escarlate, e soube que o homem está desde há alguns dias ao serviço de um francês rico, chegado há pouco a Veneza.

— E quem é esse francês?

— Ah! O espertalhão quis fingir que não lhe sabia o nome!...

— E então?

— Per la madre de Dio! Que é muito apressado — tornou o interrogado no seu dialeto dúbio entre o romaico e o veneziano. gastei mais de uma hora só em chegar a brasa à minha sardinha... mas enfim, eu tenho algum tino, e por enquanto ainda me considero mais esperto que o tal gondoleiro veneziano.

— Acaba! — disse o primeiro em tom impaciente.

— Então fique sabendo que por mais que batalhasse... não pude saber o nome do francês!

— Disseste-me que te consideras a ti próprio na conta de mais esperto que o gondoleiro veneziano! Queres que eu te ria na cara pela tua bazófia? — Vá ouvindo, vá ouvindo, e depois faça o que quiser. Eu conhecendo que o gondoleiro ignorava o nome do seu patrão, dirigi as minhas indagações por outro lado, e, se não alcancei saber o nome do francês, consegui pelo menos saber-lhe o apelido.

— E é?

— Bem simples; Morel.

— Morel! — repetiu o primeiro, como se conhecesse já aquele nome de família. — Vamos, adiante... É rico esse Morel? Afirmam que sim.

— Onde reside?

— Nas proximidades de Giudecca, num pequeno edifício que tem serventia para o canal e para a vila de S. Martinho.

— Muito bem: a lancha?

— Está pronta.

— Embarquemos, e manda remar na direção de Giudecca.

Os dois homens desapareceram rapidamente pelo centro da multidão que invadia a Piazza e o cais.

Entretanto, a gôndola de Maximiliano estava ao largo, levantando na sua passagem vagarosa, pela superfície das águas, pequenas orlas de prata azul.

Quem não viu ainda o quadro magnífico de uma noite de luar e de calma, em Veneza, não pode talvez calcular a beleza que nela se encerra.

Uma cidade de jaspe e de mármore elevada por encanto na superfície de um lago formoso, onde a luz esparge os seus raios de uma luz temperada e própria para os doces mistérios dos amantes. Essa cidade é Veneza! Os canais, que em todo o sentido a recortam, parecem nas noites de luar muitas fitas de prata com que a gentil princesa adorna o seio.

As torres de S. Marcos, a coluna da grande Piazza, e todos os outros pontos culminantes que embelezam a cidade, não parecem mais do que muitas linhas fantásticas traçadas no céu, aos olhos de quem cruzar as águas de Lido. Depois, a comparação que há entre a cidade elegante e formosa e a tristeza e simplicidade dessa, por assim dizer, outra cidade de pobres pescadores construída perto das lagoas; o ruído folgazão de uma e o sono tranquilo da outra, infunde-nos na alma certa origem misteriosa duma tristeza tão grata e suave, quanto inexplicável! Maximiliano e Valentine, tendo saído do grande canal da cidade, pareciam entregues ao sentimento vago que lhes despertava o formoso quadro noturno. Valentine estava com a cabeça encostada ao ombro de Maximiliano, e o seu olhar doce mirava então com interesse o rosto do homem a quem ligara o seu destino.

A gôndola, como um leito de amores naquele famoso plaino, movia-se brandamente, contribuindo com o seu pequeno e compassado balanço, para a moleza daqueles dois corações apaixonados.

Não tardou que as lágrimas deslizassem pelas faces de Valentine: eram lágrimas de um indefinível prazer íntimo, prazer todo de alma e em_ que a alma se nos revela também.

Maximiliano apertou com ternura a mão de Valentine.

— Tu choras, minha querida? — perguntou ele. — O que é que te causa esse pranto?

— Crês que seja sofrimento? Não! É de felicidade, mas felicidade íntima, que só experimento desde que me uni a ti! Ai! Deus permita que sempre isto assim seja, meu Maximiliano...

— E porque motivo poderia deixar de o ser? Valentine não respondeu, mas depois de breve pausa, exclamou com ansiedade: — Toda aquela riqueza, todo aquele luxo bárbaro me assusta, meu querido Maximiliano! Sim, há muito tempo que queria dizer-te esta grande verdade... mas não tinha ânimo para arrostar com um sorriso teu de incredulidade! Acredita-me, Maximiliano; isto que te digo não é receio pueril de mulher e de criança, é um receio que tem um fundo grande de verdade! — Vejamos, qual é então essa verdade, pela qual te assusta o esplendor e a riqueza da gruta de Monte Cristo? — Maximiliano... — disse Valentine com expressão divina, acompanhando as suas palavras com um sorriso suave — há por toda a parte onde passamos milhares de famílias, para as quais seria uma felicidade completa aquela riqueza que se esconde no seio de um rochedo; famílias às quais falta o pão quotidiano, e que o teriam para um ano a fio, só com o valor de um dos capitéis das colunas magníficas que sustentam o portal da gruta de Monte Cristo. Ah!... Se desses crédito a um sonho que eu tive por três noites sucessivas... se tu me não chamasses visionária... eu te contaria esse sonho terrível!

— Fala, Valentine — respondeu Maximiliano com gesto grave, dispondo-se a ouvir sua esposa.

Valentine falou assim: — Perdoa... eu sou talvez louca se te confessar que um susto vago... indeterminado, me oprime o peito!... Por vezes, lembro-me do nosso benfeitor e estremeço ao mesmo tempo sem saber porquê! Quando eu chamo as bênçãos do céu sobre aquela fronte inteligente; quando invoco a graça de Deus para aquele coração generoso do qual dimana a nossa felicidade... não sei o que há de misterioso e terrível no espaço que me cerca, no ar que respiro... e que me faz estremecer como se eu pressentisse a desgraça de Edmond Dantès.

— Quanto mais estimamos aqueles a quem devemos uma grande felicidade, Valentine — disse Maximiliano — mais receamos a sua desgraça! Porém, esse temor, esse receio é vago; Edmond

Dantès possui a graça do céu e a bênção dos que conhecem a justiça e a bondade do seu pensamento inspirado. Descansa, minha amiga, e para te poupares ao receio infundado que te agita o seio, falemos de outro assunto.

— Não, meu amigo, prefiro este em que estamos. Eu quisera falar-te de Edmond Dantès, ou antes do conde de Monte Cristo. Quisera também falar-te da ilha de Monte Cristo, que hoje nos pertence, e que foi o último legado que recebemos da mão dele.

— Fala, Valentine.

— Dize-me, Maximiliano, é certo que somos muito ricos? — Sim, Valentine, e agradecemos-lo ao céu e ao nosso benfeitor.

— Tu caprichaste em conservar a gruta de Monte Cristo com o mesmo esplendor, a mesma riqueza bárbara, com que o conde nela quis legar.

— A isso me obriga a gratidão, Valentine.

— Pois sim, mas a gratidão, meu amigo, pode exprimir-se de outra maneira...

— Que queres tu dizer, minha querida Valentine?

CAPÍTULO 35

O sonho da gruta do conde de Monte Cristo

— SABES que no momento em que descemos à gruta da ilha de Monte Cristo, acaba, por assim dizer, o mundo para nós, e começa uma existência fabulosa: uma existência que se não pode realizar no mundo exterior. Pois bem, numa das tardes que ali estivemos, lembrar-te-ás de que saíste à caça dos cabritos monteses, que abundam naqueles rochedos escarpados, e que eu fiquei só.

"Não foi a primeira vez que fiquei só, mas foi a primeira que se apoderou de mim um tremor convulso e inexplicável... Cansada, adormeci... então tive um sonho espantoso! "Vi as soberbas salas da gruta iluminadas como se ali penetrassem os raios de um sol brilhantíssimo! "As belas colunas de mármore, com os seus capitéis de ouro fino; a abóbada cravejada de pedras preciosas, o pavimento coberto dos melhores tecidos da Turquia; as estátuas magníficas compradas por alto preço, por serem filhas de cinzés clássicos, desde o de Rafael, até ao de Canova, tudo estava, como te disse, inundado de uma luz que me cegava! "Os perfumes orientais, como de costume, elevando-se das cassoulas de prata que rodeiam o recinto, embalsamavam a atmosfera que eu respirava então, e eu, cedendo ao efeito mágico desses perfumes do Oriente, saía naquela moleza suave, que é a precursora de um sono profundo, tranquilo e cheio de meigas ilusões! Porém daquela vez não gozei eu dessas ilusões! Fora um sonho terrível... e o meu martírio durou, enquanto me durou o sono! "Através das sedas que forram as paredes da gruta, através dos rochedos em que ela foi aberta, eu distinguia uma multidão de mendigos e de proletários reduzidos à última miséria, cercados dos filhos e mulheres, que pediam pão em altas vozes.

"Os seus gritos e choros de fome e de angústia faziam-me estremecer de medo! Via com terror que toda aquela turba, guiada por um homem desconhecido, se aproximava da gruta e andava ao redor dela, procurando a entrada. Quis levantar-me e fugir; mas parece que me fraquejava o ânimo, mesmo 'para evitar o perigo, e não pude erguer-me dos coxins em que me tinha deitado. De momento a momento mais se aproximavam de mim os gritos da miséria e da fome, até que vi com terror aquela onda viva de miseráveis e famintos a precipitar-se pela escada e invadir o recinto! "Ah! Ainda me recordo da aflição que senti, vendo aquele espetáculo; do eco doloroso que encontravam no meu peito, os gritos das crianças, as gargalhadas convulsas das mães, o murmurar raivoso dos homens, deslumbrados pelo esplendor e pela magnificência dos aposentos da nossa gruta! "A um sinal do desconhecido, que parecia conduzir aquela turba, os gritos e as gargalhadas acabaram: o mais profundo silêncio reinou então em redor de mim.

"O desconhecido avançou, e colocando-se em lugar que pudesse ser visto de toda a gente, elevou o braço, em cuja mão brilhava uma chave de ouro.

"— Irmãos — bradou ele com voz sonora, clara e positiva — riquezas amontoadas desde muitos séculos nas entranhas de um rochedo, foram ali engrossando à proporção que os pobres feudatários de uma família avara derramavam as suas lágrimas de fome e passavam os seus dias entregues a um trabalho tão violento quanto infrutuoso para seus filhos! "O castigo que Deus infligiu a essa família avara consistiu no seu próprio pecado, pois ela viveu sempre em miséria, só para alimentar aquela paixão desmedida, que o demônio lhe havia ateadado de pais a filhos! De século a século foram crescendo os seus tesouros, e o rochedo escarpado de uma ilha deserta recebia-os no seu seio de granito, até que o segredo da existência desse tesouro ficou perdido numa geração em que findou aquela família maldita! "Tempos depois, como se Deus quisesse reverter a favor da miséria, o que tinha sido alcançado pelos esforços dos miseráveis escravos do feudalismo, com o seu braço potente escolheu numa classe laboriosa um homem para ser o

intérprete da sua vontade sublime! "Esse homem, cuja paciência, cuja fé, e cuja crença, foram experimentadas em alguns anos de desgraça, recebeu a revelação da existência do tesouro oculto na ilha deserta.

"Mais tarde foi ainda o braço de Deus que o pôs sobre o rochedo que domina essa ilha deserta; e esse homem ouviu então uma voz íntima que lhe dizia: "Desce às entranhas da terra e depois volta ao mundo, onde poderás enxugar o pranto da miséria derramando a felicidade pelo teu caminho." "Assim o fez: isto é, desceu e viu o tesouro que ali existia desde muitos séculos! Porém, nesse momento, Satanás estava a seu lado e Satanás dizia, para o deslumbrar, estas palavras traiçoeiras: "— Tu és de hoje em diante o homem mais poderoso do mundo! Manda e verás que até os reis te obedecem!...

"Estas palavras produziram o seu efeito.

"O homem, vaidoso de si, voltou à superfície da terra, e olhando com desdém para o mundo, viu-se grande e poderoso, sem descontar o pedestal sobre que estava erguido acima de todos os seus irmãos! "Deixando-se arrastar por uma paixão que o dominava e tinha crescido com a sua inopinada riqueza, teve o orgulho de querer propor e dispor dos homens e das coisas, só pelos decretos da sua imaginação exaltada! Finalmente, em vez de repartir com os pobres o que tinha sido alcançado com o suor dos pobres, fez-se opulento e tomou um nome capaz de corresponder ao prestígio imenso dos seus haveres! "Deus abandonou esse homem e procurou outro.

"Sou eu! A chave de ouro que recebi do céu está na minha mão! Eu abri com ela o segredo que esconde o vosso pão! Comei, bebei filhos da miséria, tudo isto vos pertence, porque Deus vo-lo dá! "Após estas palavras continuou Valentine depois de breve pausa — ouvi um grito extremo de prazer e de contentamento! Uma chama precipitada aniquilou para sempre tudo quanto ali havia de riqueza; e da gruta de Monte Cristo, das colunas, da abóbada, das estátuas, joias, alcatifas e aromas, nada mais restou do que as paredes sombrias da rocha e da terra onde elas têm a sua origem!

Valentine calou-se de súbito, ocultando o rosto nas mãos, como para evitar ainda a vista do espetáculo, que acabava de descrever.

Não sei o que havia ali de solene que infundiu por momentos no espírito de Maximiliano um terror vago. A hora, o silêncio, a calma daquela noite e do espaço imenso das águas sobre as quais as palavras tristes de Valentine se elevaram, qual harmonia lúgubre; a expressão ingênua e sentida do rosto de Valentine, no momento em que ela fazia a exposição daquele sonho pueril; tudo concorreu poderosamente para despertar em Maximiliano esse grande temor que bem se expressava na sua fronte inteligente por uma nuvem negra.

Todavia, posto que tudo então concorresse para lhe comover o espírito, Maximiliano um momento vencido pelo receio e pelo susto de Valentine, respondeu-lhe com firmeza e doçura: — Convenho que um sonho desses, tal como o que tu sonhaste, Valentine, é na verdade para agitar o espírito mais forte e resolutivo; porém não o que tiver verdadeira fé na justiça onipotente de Deus! — Crês isso? — perguntou ela, com um sorriso de dúvida, continuando logo em diferente tom de voz, solene e firme: — O que sonhamos, não uma vez só, mas repetidas vezes, sempre conforme o concebemos da primeira vez, é por assim dizer, um aviso que o céu nos envia para nos prepararmos! — Valentine! — exclamou imediatamente Maximiliano, segurando-lhe as mãos.

Valentine fitou os lindos olhos no rosto desassossegado de Maximiliano como se lhe quisesse perguntar estas simples palavras: "Que faremos então"? Seguiu-se novo momento de silêncio.

A gôndola, até ali serena como o cisne que desliza no lago, começou a agitar-se, sacudida pela viração da noite; e as águas, cuja superfície parecia a de vasto espelho onde se reproduziam as imagens da terra e do céu, principiaram a revolver-se sob a pressão da atmosfera.

O gondoleiro, notando isto, puxou para si o remo, e a gôndola fiel ao governo desse remo, voltou logo a proa na direção do grande canal de Veneza.

Pouco tempo depois chegava ao cais, e Maximiliano, fazendo um sinal ao gondoleiro, indicou-lhe o pequeno canal que conduz a

Giudecca.

CAPÍTULO 36

Indagação

Logo que chegaram a casa, Valentine entrou no seu quarto e prostrou-se em frente da imagem da Virgem, painel soberbo de Rafael, colocado na parede principal do aposento.

Entretanto, Maximiliano tinha ido dar algumas ordens particulares aos seus criados.

Valentine, agitada pelo vago receio que lhe suscitou o sonho narrado, orou cheia daquela fé sublime que uma alma aflita e crente consagra à imagem da Virgem; os seus olhos estavam umedecidos pelas lágrimas suaves de quem espera tudo na misericórdia divina, conformando-se com os decretos inexplicáveis de Deus.

Maximiliano abriu a porta do quarto e não ousou interromper Valentine na sua fervorosa oração: esperou que ela se levantasse; foi depois ao seu encontro e abraçou-a com ternura, absorvendo em dois beijos as lágrimas que lhe borbulhavam ainda nos olhos aveludados.

— Minha querida — disse-lhe ele — é ainda a recordação do teu sonho que te causa este pranto? Afasta de ti essas imagens traiçoeiras, que de nada valem quando estás bem certa de mereceres pelas tuas virtudes a clemência constante do céu.

— Chamas imagens traiçoeiras às imagens do meu sonho? Dum sonho tantas vezes repetido? — respondeu-lhe Valentine acompanhando as palavras com um angélico sorriso. -E se te disser, além do que já escutaste, Maximiliano, que eu já vi aquele homem singular, que parecia guiar os famintos e os miseráveis à nossa gruta de Monte Cristo? — Que dizes, Valentine, estás louca? — exclamou Maximiliano ao notar o gesto de terror que apresentava a fisionomia de sua mulher.

Ela soltou uma risada nervosa, continuando em seguida: — Não estou louca, não. Disse-te que tinha visto o homem representado nos meus sonhos. O olhar de fogo com que ele parecia devorar as nossas riquezas supérfluas era ainda o mesmo que mergulhava neste seio, como se pretendesse ler os sentimentos do meu coração. Esse homem não era uma ficção minha, um mito originado pelo terror que ainda me inspirava o sonho! Não... esse homem há três noites que parece observar-me com atenção, quando eu passeio contigo pela Piazza; faz-me estremecer — continuou Valentine com a voz convulsa — sempre que ele com o seu olhar inspirado parece perguntar-me: "Valentine, não cumprirás tu a vontade de Deus? Queres porventura que muitas famílias de miseráveis proletários onde o patrimônio é a fome, amaldiçoem a mulher usurária que esconde nas entranhas de um rochedo isolado quanto para eles seria a suprema felicidade, se com eles repartisse metade dos teus haveres? Valentine, o maior esplendor de que podes cercar-te consiste nas bênçãos de todas essas famílias miseráveis, a quem poderias livrar dos horrores da fome.

Valentine calou-se; o seu olhar firme e resignado interrogou o rosto de Maximiliano, onde havia a expressão mista do receio e do terror.

Por vezes pretendeu ele duvidar do critério que existia nas falas de Valentine, mas a regularidade que havia nos movimentos e no modo de falar de sua mulher era tal que lhe não deixava a mínima suspeita de desordem no seu estado intelectual. Entretanto, homem de educação superior e um pouco temperada pela liberdade do pensamento nas descrenças do século, não podia compreender como era possível que Valentine, no seu perfeito estado normal, se deixasse possuir daquele sentimento exagerado que um simples sonho havia cimentado no seu.

Maximiliano reconheceu que alguma coisa de sublime e superior às coisas da terra se revelava 'na expressão pura de Valentine; e como lhe não era dado combater nem evitar a influência desse princípio inexplicável, abateu o seu raciocínio ante a força formidável que o esmagava.

Valentine venceu.

Desprezando todo o fausto que a opulência podia proporcionar-lhe, quis reduzir-se à mediocridade, repartindo com os pobres a sua fortuna: mas Maximiliano, posto que participasse dos sentimentos generosos de sua mulher, não podia destruir, como ela pretendia, a imensa riqueza; dádiva extraordinária do conde de Monte Cristo.

— Valentine — disse-lhe ele um dia — supõe que amanhã a nossa opulência de hoje terá desaparecido para sempre: qual será o patrimônio de um filho que Deus haja de nos conceder? — E que melhor poderia ser esse patrimônio do que um nome abençoado sobre a terra por famílias inteiras, de pais a filhos? — perguntou também Valentine com indizível expressão de candura, continuando logo: — Acredita-me, meu querido, se eu tivesse a certeza de que a dádiva grandiosa que recebemos das mãos do conde tinha sido alcançada por ele ou pelos seus maiores, de um modo que não tivesse ofendido a desgraça do povo, eu não teria dúvida de conservá-la e engrandecê-la, para a legar aos nossos filhos... mas...

— Que é isso, Valentine, esqueces então o desinteresse e o desvelo com que o conde se empenhou em salvar-nos, não te merece o menor reconhecimento o seu caráter bondoso? Todavia — replicou Valentine — o sentimento, pelo qual. lhe agradeço a proteção que nos deu, nada tem de comum com o desejo de afastar de mim o esplendor de que ele quis cercar-nos. Meu bom Maximiliano, esse esplendor assusta-me: não o mereço, não o quero. Repartamo-lo pois com a miséria, e assim preencheremos um dos mais santos votos da nossa religião, a caridade! Maximiliano não insistiu e Valentine nutrido a esperança de satisfazer a paixão sublime que a dominava, esperou com ansiedade o momento' em que as prodigiosas riquezas da gruta de Monte Cristo haviam de reverter a favor da miséria.

Entretanto, ocupemo-nos em revelar ao leitor quem era o homem que designamos no momento em que Valentine e Maximiliano embarcavam na gôndola.

Logo que Valentine e Maximiliano desembarcaram na Giudecca, logo que a pequena gôndola largou do portal do edifício,

uma embarcação esguia e comprida como um escaler, impelida por dois remos, passando com rapidez por ela, lançou-lhe dentro dois homens.

O gondoleiro veneziano, surpreendido por aquela 74 abordagem, soltou um pequeno grito de surpresa; porém, antes que tivesse tempo de tomar uma resolução, sentiu na garganta a lâmina fria de um punhal.

— Silêncio ou morres! — exclamou o agressor.

— Que pretendem de mim? — perguntou o gondoleiro cobrando o ânimo.

— A tua felicidade.

— Singular maneira de oferecê-la! — replicou o gondoleiro olhando espantado para o homem que lhe oferecia a felicidade apresentando-lhe um punhal. — Se para ser feliz bastasse guardar silêncio, juro-lhe por S. Marcos que por oito dias bem contados, esta boca não diria nem um deus te sabre.

— És discreto? — perguntou-lhe o desconhecido.

— Como o canal Orfano, que segundo as velhas tradições nunca deixava boiar o segredo a par dos cadáveres! — respondeu o veneziano.

— Muito bem — continuou o estranho guardando o punhal e deixando cair algumas moedas de prata sobre a almofada da gôndola; depois voltando-se para o seu companheiro, que segurava a proa do escaler, disse-lhe o seguinte em dialeto romaico: — Rocca, o homem é nosso; passa uma espia à gôndola e rema para o iate.

Esta ordem foi executada e dentro em breve a gôndola, rebocada pelo escaler, fendia as águas do canal dirigindo-se para o quadro em que fundeavam os navios mercantes. Meia hora depois, o pequeno comboio atracava à muralha de uma dessas embarcações ligeiras de dois mastros que abundavam nas águas do Mediterrâneo, às quais se chama iates.

O gondoleiro veneziano que não podia recuar naquela aventura noturna, cuja expressão era assaz significativa para que ele a desprezasse, subiu com resolução a escada de corda que pendia ao longo do costado do iate e saltou no convés seguido

pelos dois homens que o tinham surpreendido. A vigia, depois de saudar com profundo respeito um desses homens, voltou para o seu posto, e esperou as suas ordens sem sequer se dignar olhar para o gondoleiro veneziano.

— Amigo — disse-lhe o que parecia capitão do iate — vou interrogar-te, mas já te previno de que pagarás mui caro pela falta de verdade nas tuas respostas. Quem és? — Giacomo de Lido, por favor de S. Marcos, sou desde alguns dias o gondoleiro particular do signor Morel.

— Que qualidade de homem é esse? Como seu gondoleiro particular deves conhecê-lo.

— Sei que é francês — respondeu o gondoleiro — e segundo todos afirmam na Piazza, possui milhões!

— Tens então algum motivo para acreditar isso? — perguntou o capitão.

— Eu — continuou o gondoleiro — já ouvi falar das riquezas que ele possui... mas não ouvi a localidade.

— Como — interrompeu o capitão — será possível acreditar isso que me dizes? As localidades mencionadas num discurso qualquer é o que mais detemos na memória.

— Suponha o senhor — tornou o gondoleiro — que não se disseram localidades nas palavras que eu ouvi.

— Muito bem, que palavras eram essas? Repete-as.

— Esta tarde — começou o gondoleiro — conduzi o signor Morel e sua esposa para fora do Lido, e foi então que ouvi o que vou contar-lhe sem temer a cólera de S. Marcos, porque não era um segredo.

Dizendo isto, o gondoleiro começou então a contar tudo quanto tinha ouvido dizer a Valentine relativo ao sonho da gruta de Monte Cristo. O capitão do iate não perdeu nem sequer uma das suas palavras.

— Basta — disse ele — sabes tu se com efeito existe no Mediterrâneo a chamada ilha de Monte Cristo? — Poucas vezes tenho saído do Adriático; não conheço senão os principais postos do Mediterrâneo — respondeu o gondoleiro, acrescentando logo: -A ilha de Monte Cristo é desconhecida nas escalas do comércio.

O capitão do iate, depois de meditar por um momento, fez sinal para que acendessem luz na câmara e indicando a escada ao gondoleiro, seguiu-o vagarosamente. Quem tiver uma vez observado o que é um iate, fará uma pequena ideia do que pode ser a câmara dele, onde apenas há o espaço necessário para um homem se mexer e para dois homens conversarem. O capitão olhou escrupulosamente para o gondoleiro veneziano, como se tentasse ler naquele rosto queimado pela brisa das lagoas o fundo de verdade que havia na sua expressão; depois, sentou-se e apoiando a face nas mãos, disse estas palavras sem sequer olhar para o veneziano: — É certo haver na ilha de Monte Cristo um tesouro imenso, ali escondido pelos bárbaros! Este tesouro, que não pertence hoje diretamente a ninguém, é todavia do primeiro que lhe puser a mão. Eu conheço pouco o Mediterrâneo... mas se alguém me indicasse a direção da ilha, juro pelo céu que faria a felicidade desse homem!

— Ah! E como será possível dispor das riquezas que lá existem — replicou o gondoleiro — se elas pertencem ao meu amo?

— E quem as deu? — perguntou o capitão do iate — já te disse que tanto pertencem a ele, como a ti, como a qualquer outro, que saiba o segredo para encontrá-las no seio da terra! Se algum possuidor existe daquelas riquezas... acredita que são os pobres, porque elas não são mais do que o suor dos pobres, convertido em ouro e joias nas mãos de algum antigo senhor, tão bárbaro quanto avarento! Se tu és homem, se tens um pensamento digno da alma que te anima, debes crer que o suor dos pobres deve reverter a favor deles, antes de cair no cofre dos ricos! Deixemos, porém, tudo isto, e vou mandar servir-te uma pinga de Lacrima-Cristi, para te indemnizar do incômodo que tiveste — acrescentou o capitão com indiferença, batendo uma palmada sobre a banca para chamar.

Momentos depois, o gondoleiro, tendo bebido com todos os modos de entendedor, um copo de precioso vinho, acendeu o tabaco do seu cachimbo, e apertando a barba entre os dedos lançou para o seu interlocutor um olhar inteligente, que ele fingiu não entender.

— Eu conheço alguns rapazes do bando! — disse ele.

— Que bando?

— Sim, do bando! — repetiu o gondoleiro sorrindo. — Pois não sabe o que é o bando? Nunca ouviu falar no contrabando? — perguntou ele baixando muito a voz e estendendo o corpo.

— Ah!... Já percebo! — Pois então isto é claro! Conheço algumas pessoas que são capazes de explicar a altura de qualquer das paragens secretas do Mediterrâneo, tão bem como eu explicaria os pontos mais encruzilhados dos canais de Veneza!

— E então?

— Esses rapazes sem dúvida conhecem a ilha de Monte Cristo!

— E depois?

— Eu poderia falar com eles!

— Bem.

— Esta noite mesmo! Porém... pode haver certos escrúpulos... e aquela gente é tão amiga de dinheiro, como um velho abade seria capaz de ser amigo deste belo vinho! — Isso é o menos.

— Será, se o senhor responde desse modo - tornou o gondoleiro — o que posso fazer é entender-me com eles e dar-lhe parte do que disserem: — Muito bem, vai fazer a tua diligência, e se não és tolo, escuso de te recomendar silêncio! O gondoleiro fez um gesto de compreensão e levantou-se para se retirar.

— O nome do seu barco? — perguntou ele.

— A Tormenta — respondeu o capitão.

— Por S. Marcos!... escolheu bem feio nome para o seu barco! — observou o gondoleiro cortejando e subindo a escada da meia laranja.

Logo que saltou para a sua gôndola e se fez ao largo, o capitão do iate chamou o imediato, e designando-lhe o veneziano que já ia longe, disse-lhe: — Amanhã, que tudo esteja pronto a partir ao primeiro sinal. Aquele homem disse quanto eu queria saber!

CAPÍTULO 37

Os contrabandistas

O gondoleiro Giacomo, logo que amarrou a sua gôndola às escadas da Giudecca, próximo do edifício em que habitava Maximiliano Morel, correu com muita ligeireza por uma viela estreita que conduzia ao longo do canal e foi bater na porta de um prédio pequeno que constava de um só andar.

— Madre di Dio! exclamou de dentro uma voz de mulher. — Se eu não esperasse o tratante do Giacomo, iria apostar que a visita da alfândega queria arrombar a nossa porta por denúncia de algum invejoso! És tu, Giacomo?

— Sou, sou! Abre...

— Espera; é preciso dizer isso com maior política! A porta não deixa de ter bem seguros ferrolhos, e as minhas mãos não têm casca de maresia, como as tuas! — Estamos a perder um tempo precioso! — exclamou Giacomo, impacientando-se com a demora.

— Olhem lá!... Vens talvez propor-me o dia do nosso casamento na velha catedral de S. Marcos! Não é assim, Giacomo?

— Talvez que tu não digas senão o que é verdade!...

— Ora até que chegou! — repetiu a mulher, com uma gargalhada sardônica que fez estremecer o coração já agitado do gondoleiro.

— Então, abres a porta ou não? aí está, vejamos o que queres.

A porta abriu e Giacomo achou-se cara a cara com uma bonita rapariga de vinte a vinte e dois anos, cujos braços nus deixavam ver na sua construção muscular, o vigor da bela veneziana.

— Onde está o teu irmão Pietro?...

— Ah! Pois são essas as boas-noites que me dás?... Vai-te puxando, que eu vou deitar-me! Mal empregado tempo que me demorei a esperar por semelhante monstro!

— Minha boa Rosina, bem mal fazes em falar assim! Se soubesses o que vai cá por dentro, não estranhavas que eu me tivesse esquecido de dizer boa-noite!

— Sim, pensavas talvez em alguma taberneira ordinária que te dá o quartilho de graça! Tu sempre hás de ser um grande maroto.

— Rosina — exclamou Giacomo vendo que ela levava a fímbria da saia aos olhos para enxugar as lágrimas — não sejas tão ciumenta, porque o teu Giacomo não to merece! — Ciúme! — tornou ela, levantando-se. — Sempre é bem tolo! Para eu ter ciúmes de você, era preciso primeiro que o amasse, e eu não caio em semelhante esparrela!

— Ora tu, que és uma mulher de tino, estares com essas coisas... Vamos, sejamos amigos, e eu te conto o que me alvoroçou ao ponto de me esquecer de dar-te um abraço e um beijo logo que te vi.

— Um beijo! Ora essa, tinha muita graça — disse Rosina, soltando segunda gargalhada. — Por ora, meus beijos não são para os da sua laia, senhor Giacomo.

— Isso agora é modéstia...

— Se és atrevido, eu chego-te o lume aos fogões! Vê lá como falas, pois tu bem conheces a Rosina.

Giacomo, conhecendo que não poderia tirar partido vantajoso daquele mau diálogo, limitou-se a responder-lhe com um sorriso de compaixão, e sentou-se, para encher de tabaco o seu cachimbo: depois, quando ele se dispunha a acender o tabaco, na luz de um velho candeeiro, Rosina como por demais levantou o candeeiro e começou a espevitar a luz, demorando-se tanto tempo quanto bastasse para impacientar o gondoleiro. Este, porém, atirou com o cachimbo para longe e levantou-se, como pessoa que tomou uma resolução.

— Ora, eu sempre esperava encontrar o Pietro em casa — disse ele — este negócio pede a menor demora e não é coisa que se despreze assim. Em todo o caso, espero por ele.

Dizendo isto, Giacomo dirigiu-se para a mesa e pegou no copo, estendendo ao mesmo tempo a outra mão para a garrafa. Rosina, porém, fingindo-se distraída, encostou-se com todo o peso do seu corpo à banca, de modo que voltou a garrafa, entornando-se o vinho. Giacomo largou imediatamente o copo e deu um estalo

com a língua no céu da boca, voltando logo as costas a Rosina. A paciência e a resignação com que o pobre gondoleiro sofria as interessantes maldades da linda tirana muito concorreu para vencer-lhe o mau humor. Foi ela a primeira a romper o silêncio que se havia estabelecido entre eles: — Com que então — disse Rosina — o senhor Giacomo, gondoleiro do Rialto, está disposto a ficar hoje em minha casa? — Como tu não tens por costume ir para a cama antes de teu irmão chegar, creio que te não incomodo.

— Faça de conta que ele não vem ficar a casa esta noite! — Oh! Eu preciso falar com ele hoje mesmo! -E o que tenho eu com isso? Sempre desejava que o senhor Giacomo mo dissesse.

— Imagina tu que se descobriu um tesouro encantado numa ilha que só o teu irmão será capaz de conhecer! Ah! Temos histórias? Vê lá se a pequena se deixa embalar! Tens de comer muito sal para me fazeres o ninho atrás da orelha!

— Rosina! — disse-lhe Giacomo depois de olhar para ela com seriedade. — Eu não sou dos que se deixam enganar com histórias! Sei o que digo, e também penso como seria capaz de o fazer o homem mais esperto!

— Sim, tu sempre foste muito avisado!

— Acredita-me, Rosina! — tornou Giacomo. Há um ano que te prometi casamento, e desde então até hoje não tenho deixado de pensar no modo de alcançar fortuna.

— Admira-me — interrompeu Rosina com ar ingênuo — como sendo tu tão esperto, não tens achado o modo de ganhar dinheiro!

— Se o nosso divino Patrono me não houvesse dotado desta paciência original, já eu teria feito uma loucura só para te fazer calar! Porém — continuou Giacomo exalando um suspiro — a fortuna, que por aí se representa na figura de uma mulher com os olhos vendados, tenho-a eu por um lindo pássaro de plumagem dourada que anda sempre a esvoaçar diante dos pobres sem que eles possam tocar-lhe com um dedo sequer! Ah, desta vez toquei-lhe eu, e tenho o pássaro na mão, tão certo como certo leão alado estar aos pés do nosso Patrono S. Marcos!

O ar de convicção com que o gondoleiro disse isto, sobressaltou o espírito extremamente curioso da bela Rosina, a

qual, cravando na fisionomia expressiva de Giacomo os seus lindos olhos negros, perguntou-lhe, acompanhando as palavras com um amável sorriso: — Não tens sede, Giacomo? Há mais tempo que eu te deveria servir um copo de vinho, uma vez que este frasco está vazio, mas é o mesmo, esta demora terá aumentado a tua sede, e tu sentirás maior prazer em saciá-la.

Dizendo isto, a interessante rapariga abriu um armário praticado na parede e tirou uma garrafa com vinho e um copo.

— Ora lá vai à tua saúde, minha Rosina; e para a outra vez não tenhas esse mau gênio, que me desgostas!

— Mau gênio— repetiu ela com afetada ingenuidade — isso é cisma tua! Ora conversa comigo, e verás como é verdade o que te digo. Vamos, tinhas-me dito que a fortuna, qual pássaro de rica plumagem, anda sempre a fugir de ti?

— Disse-te que tenho o pássaro na mão! — redarguiu o gondoleiro, sentando-se ao lado de Rosina e passando o braço musculoso em redor da cintura delicada da interessante filha do Lido.

— Como é isso? — perguntou ela.

— Estou convidado para explorar um tesouro imenso que existe numa ilha do Mediterrâneo.

Rosina franziu os sobrolhos, fazendo ao mesmo tempo um gesto de dúvida, mas perguntou: — Qual ilha?

— Guardarás inviolável segredo se eu te disser qual é?

— Ora, ainda o perguntas!

— Desculpa, minha Rosina, porém tenho ouvido dizer e é voz constante, que o segredo em boca de mulher é o mesmo que cortiça no mar.

Tens graça! — exclamou Rosina, deixando-se abraçar pelo gondoleiro. — Bebe mais uma pinga. Parece que não gostas do meu vinho? — Assim como gosto de ti, Rosina! — retorquiu Giacomo despejando segundo copo.

— Então a ilha é muito longe?

— É a ilha de Monte Cristo! — disse o gondoleiro.

— Que dizes? — exclamou logo Rosina.

— Conheces a ilha? — perguntou Giacomo inquieto.

— Não, mas diz-me, a que nação pertence a ilha?

— Isso não sei, mas é certo que encerra um grande tesouro que pertence aos pobres, porque foi ali Colocado à força do suor dos pobres! Ora tu já vês que devemos ter alguma parte daquelas riquezas, e então, minha Rosina, lá está a velha catedral de S. Marcos para nos receber! Agora, só espero pelo teu irmão Pietro, para que me ensine a altura da ilha; pois ele conhece o Mediterrâneo como eu conheço o Lido.

— O Pietro não vem esta noite.

— Então por quê? Tem havido grande faina lá por fora?

— Trata-se de arranjar uma partida de bons vinhos de Chipre e Constança, para o conde Gradenigo, que dará esta semana um excelente baile, a fim de receber um amigo.

— O diabo leve o baile e o amigo do conde! — exclamou o gondoleiro batendo com o punho em cima da mesa.

Rosina lançou-lhe um olhar oblíquo, como se quisesse repreendê-lo, e afastou-se cantarolando uma canção popular.

Giacomo permaneceu em silêncio, com o braço apoiado na mesa e a fronte pendida sobre o peito; parecia entregar-se à cogitação de um meio qualquer de suprir a falta de Pietro.

— Giacomo — disse-lhe Rosina, levantando o dedo como para impor silêncio, e contando as badaladas profundas e vagarosas do sino da catedral que batia meia-noite — a tua visita não deve prolongar-se hoje por mais tempo! É meia-noite, e eu preciso de me levantar com o Sol.

— Então sempre é certo que Pietro não vem esta noite?

— Santa Madre di Dio! Nem amanhã, talvez, quanto mais esta noite, como tu queres!...

— Bem — tornou o gondoleiro passando a mão pelo rosto. — Nesse caso, retiro-me. Boa noite, minha Rosina, e lembra-te do que te diz o Giacomo: o dia dos nossos esponsais já está marcado.

Rosina respondeu com um gesto amável às palavras de Giacomo e fechou cuidadosamente a porta, depois dele ter saído, escutando com atenção se ele se afastava, e quando se convenceu de que Giacomo ia longe, correu apressadamente para um quarto interior, a cuja porta bateu chamando repetidas vezes: — Pietro!

Pietro! — Quem é? — perguntou a voz rouca de um homem, que bocejava como se estivesse tonto de sono.

— Levanta-te, meu amigo, porque, segundo creio, chegou a altura de sermos úteis ao nosso protetor! Rosina repetiu estas palavras duas ou três vezes, até que o seu irmão, compreendendo bem o sentido delas, saltou para fora da cama, embrulhou-se numa manta e veio ao encontro de Rosina. Pietro era um rapaz de vinte e quatro a vinte e cinco anos, de meia estatura: rosto moreno e expressivo, maneiras decididas e gesto ora brando, ora enérgico, como todos os filhos da Itália.

— Então que queres tu dizer, Rosina? — perguntou ele esfregando ainda os olhos.

— Pietro — respondeu Rosina — quando o nosso pai estava prestes a expirar, exigiu de nós a promessa de respeitarmos sempre o homem que protegia o nosso comércio de vinhos!

— Sim... e então?

— A ilha de Monte Cristo, onde ele fazia geralmente a sua descarga, tomando-a de outros barcos, era, como sabes, propriedade de Simbad o Marujo, e todos os contrabandistas juraram eterna dedicação a este homem! Ora, também sabes que Simbad o Marujo tem ali um palácio subterrâneo, que nosso pai afirma ter visto; e que nesse palácio há grandes riquezas.

— Sim, muitas vezes tenho ouvido falar dessa maravilha aos meus companheiros, posto que me pareça não ser ela verdadeira, quando, sentado na praia, olho para aqueles penedos escarpados e áridos que ornem o cume da ilha.

— Isso fica lá contigo, Pietro — tornou Rosina o caso é que há alguém que premedita saquear o palácio.

— Ora! Para lá entrar é necessário saber um certo segredo.

— Deixa-te disso! O Giacomo esteve aqui há pouco e falou-me de modo tal, que faz suspeitar ter-se organizado alguma quadrilha de salteadores para se dirigirem à ilha! Acredita-me, Pietro, será bom que fales com alguém para te dizer o que se deva fazer, uma vez que nós juramos respeitar os interesses de Simbad o Marujo, assim como ele respeitava os nossos! Giacomo perguntou

por ti, e eu disse-lhe que andavas ainda tratando de arranjar a partida de vinhos para o conde Gradenigo.

— Isso, felizmente, já está arranjado! — respondeu Pietro. — Descansa, Rosina, amanhã veremos o que deve fazer-se para evitar o roubo que, segundo dizes, tentam cometer.

— Ah! Eu perco talvez a minha fortuna — murmurou Rosina momentos depois, lançando-se na cama — porém sou fiel à promessa, que todos nós fizemos, de respeitar os interesses de quem não só respeitou, mas protegeu os nossos.

No dia seguinte, Pietro, depois de fazer breve oração na catedral de S. Marcos, atravessou a Piazza e dirigiu-se para o cais, olhando para um lado e outro como pessoa que procura distinguir alguém entre a multidão que o rodeia. Um momento depois de ter interrogado com o seu olhar perspicaz aquela onda viva que afluía e refluía no cais e na Piazza, Pietro distinguiu o gondoleiro Giacomo, que parecia amarrar a sua gôndola ao argolão de ferro cravado na cantaria, e correu para ele.

— Olá, amigo Giacomo!...

— Ah! És tu, Pietro? Supunha-te ainda entretido com a partida de vinhos.

— Despachei isso mais depressa do que julgava...

— Ainda bem, Pietro, porque tenho negócio de grande vantagem para te propor.

— Assim mo disse a Rosina, e por isso corri ao teu encontro, bem certo de que estarias aqui no cais.

Pietro e Giacomo afastaram-se da multidão e foram-se aproximando da escada dos Gigantes, que naquele momento estava deserta por ser ainda muito cedo.

— Então qual é o teu negócio? — Muito simples: estou apalavrado para conduzir um pequeno barco aí para fora para o Mediterrâneo, a uma ilhota chamada Monte Cristo. Eu não desconheço, como sabes, as águas do mediterrâneo, mas ignoro a posição da ilha, pois, segundo creio, ela é muito pouco concorrida...

— Não há muito tempo que eu lá fui receber alguns cascos de Málaga para importar aqui em Veneza — respondeu Pietro.

— Sim, sim — acudiu o gondoleiro — eu sei que os do bando conhecem a ilha como eu conheço os meus dedos! Quisera que tu me indicasses o rumo que deve seguir-se.

— Ah! Querias bem pouco! — retorquiu Pietro, sorrindo.

— Olha lá, Pietro! Isso não é negócio só de palavras...

— Então rende dinheiro? — Isso tão certo, como é certo que S. Marcos nunca quis negócios com os turcos, no tempo em que Veneza era Veneza! Se tu quisesses acompanhar-me hoje cá a um sítio, verias a verdade das minhas palavras.

— Eu estou pronto.

— Bem; então, em sendo Ave-Marias, vou buscar-te na minha gôndola ao embarcadouro do canal Orfano.

— Sempre tenho ouvido tais contos a respeito do canal Orfano, que me fazem estremecer!

— És visionário?

— Eu não! E para provar-te que não o sou, podes contar comigo. Lá estarei.

— Então boa noite.

— Deus fique na tua guarda, Giacomo.

Pietro e Giacomo separaram-se logo, envolvendo-se com a multidão, enquanto um homem, que a alguma distância deles os havia observado escrupulosamente, correu nos passos do gondoleiro e tocou-lhe no ombro.

— Oh! — exclamou o gondoleiro, voltando-se. — O senhor aqui?

— Não te admires, pois estou sempre onde quero estar! Ou por outra, estou em toda a parte, e vejo tudo!

— Dia! — fez o gondoleiro. — Isso não esperava eu de um simples capitão de iate...

— É porque não te lembras de que o iate é a Tormenta, e não sabes que o seu capitão é a vontade de Deus!

O gondoleiro encarou com surpresa aquele homem, cujas palavras lhe pareciam extraordinárias.

— Vamos, Giacomo, desde que saíste do meu barco, o meu olhar não deixou de te seguir por toda parte. Olhei para ti quando

dormias, e vi-te exaltado com o sonho delicioso das riquezas que existem na ilha de Monte Cristo!

— É verdade, senhor, posto que eu nada tenha de invejoso, sempre desejaria ver de perto aquele magnífico tesouro!

— E o verás.

— Eu já consegui o meio de saber a altura da ilha, e o rumo que deve seguir-se para lá chegar.

— Muito bem.

— Esta tarde, depois de tocar o sino de S. Marcos, espere por mim a bordo da Tormenta.

CAPÍTULO 38

Terror

A família Gradenigo era uma das mais antigas e mais nobres de Veneza, e o seu esplendor datava do tempo do Faliero desse doge tão sábio e inteligente quanto infeliz! Todos os antigos chefes desta família nobre, como então eram os nobres, isto é, só pelos brasões heráldicos, tinham sucessivamente ocupado um lugar distinto no senado; e alguns houve, que, se não obtiveram o barrete de doge, foram concorrentes a esse distintivo de um cargo, que simplesmente consistia em simbolizar num só homem a figura soberba e impostora da república.

A magnificência do seu palácio, o esplendor de que faziam cercar-se, e a par disto, a arrogância e o orgulho da sua vida pública, necessária capa da sua vida privada, tudo concorria para que Gradenigo obtivesse o aparente acolhimento com que na boa sociedade se recebe, por deferência, um nome que apenas o berço tornou, senão distinto, ao menos usual.

Quando as belas colunas cinzeladas do palácio de Gradenigo refletiam o brilho das muitas luzes das suas lâmpadas de alabastro; quando as flores entrelaçadas com arte enfeitavam as escadas e galerias; quando a orquestra escolhida fazia repetir as suas

harmonias naquelas abóbadas alterosas; ninguém mais do que Gradenigo tinha o prazer de olhar para as suas salas cheias de quanto havia de bom e distinto em Veneza, cuja alta sociedade ali concorria com o sorriso benévolo de quem vai desfrutar para depois dormir. Tratava-se então de uma dessas noites agradáveis no palácio de Gradenigo. Com efeito, o signor Gradenigo ia dar um baile. A causa desse baile variava conforme as diferentes opiniões, como sempre sucede; porém o que mais constante parecia, era que Gradenigo desejava obsequiar um amigo seu, cuja chegada lhe fora anunciada. Os convites estavam feitos, e o mundo veneziano dos bailes esperava ansioso a notícia prometida.

Quem era esse homem assaz rico para obrigar o senhor de Gradenigo a preparar-lhe uma recepção assim, uma recepção que ficaria registrada nos anais do mundo elegante como um feito ingente de alta política social? Maximiliano, tendo trazido de França algumas cartas de apresentação ao senhor Gradenigo, estava convidado para o sarau em preparação. Se bem que Valentine prescindisse do prazer que lhe prometia aquela noite, ela que não pensava como o geral das mulheres ricas em cujas fronte vaidosas não há a menor ideia do que seja pobreza e miséria, não podia contudo esquivar-se a comparecer nos salões do palácio Gradenigo; e Maximiliano satisfeito pela distração que Valentine poderia encontrar naquele baile, esperou que se afrouxasse nela o pensamento de aniquilar a famosa gruta da ilha de Monte Cristo.

Na semana antecedente àquela em que devia ter lugar o baile no palácio de Gradenigo, umas simples palavras bastaram para agitar de novo o espírito de Valentine.

Uma manhã foi Valentine procurada por uma galante rapariga do povo. A esposa de Maximiliano, com o seu modo bondoso, foi ao encontro dessa rapariga, não querendo recebê-la no seu gabinete onde o luxo e o gosto dos ornamentos poderiam embaraçar o pensamento simples da pobre moça. Apenas Valentine apareceu, a rapariga, erguendo o véu que lhe ocultava o rosto ou, por melhor dizer, desembaraçando-se da mantilha em que tinha a cabeça e o corpo envoltos, correu a deitar-se aos pés.

— Por piedade, minha senhora! — exclamou ela. — Valha-me, que estou perdida!

— Que diz? Quem é? — perguntou Valentine, aflita pela expressão amarga do rosto da rapariga. — Levante-se, minha filha, é só diante da imagem da Virgem Santíssima que deve implorar proteção desse modo humilde!

— Ah! Como é boa, não me enganaram quando me afirmaram a bondade e a doçura do seu caráter — disse a rapariga, erguendo-se e beijando as mãos de Valentine.

— Explique-se, pois aflige-me vê-la nesse estado de precipitação, e as suas lágrimas, o luto que a cobre, anunciam-me que sem dúvida acaba de perder seu pai ou sua mãe. órfã na flor da idade! — acrescentou Valentine, exalando um suspiro do fundo da alma.

— Minha senhora; infelizmente sou órfã de pai e de mãe, vai em seis meses; porém não é a desgraça que me obriga a implorar a sua caridade. Eu tinha um irmão — disse a rapariga — um irmão que era o meu único amparo neste mundo, e esse irmão, creio que foi vítima duma cilada horrível! Estou só, não tenho mais ninguém para quem me chegue! — Jesus, minha filha, mas o que sucedeu a seu irmão? Que gênero de proteção quer que eu lhe dê? Fale e desde já lhe asseguro tudo quanto me pedir.

— Sim, minha senhora: eu falo, eu digo tudo, tudo, e o que quero da sua bondade. O meu nome é Rosa, conhecida geralmente na vizinhança de Giudeca, e no Rialto, pela Rosina — disse a irmã de Pietro continuando, depois de ter olhado rapidamente em redor de si. — Meu pai era gondoleiro, e o meu irmão Pietro herdou a gôndola e o mister do pai, como este os havia herdado do avô. Há quinze dias, foi a nossa casa o gondoleiro Giacomo, que era, ah!, a senhora não conhece o Giacomo!, é o gondoleiro que está ao serviço de seu marido! Ora, este Giacomo tinha, segundo eu acreditei relações misteriosas com alguma quadrilha de salteadores, pois assim me fez julgar pelas suas palavras; e queria que meu irmão lhe ensinasse onde era certa ilha pouco conhecida e desabitada, onde Giacomo afirmava que existia um grande tesouro escondido! Era a ilha chamada de Monte Cristo continuou Rosina

sem reparar na perturbação que parecia crescer em Valentine à proporção que falava.

— Ora, a ilha de Monte Cristo pertence a um senhor a quem a minha família deve eterna gratidão, e por isso não quis que o meu irmão Pietro falasse com o Giacomo; porém, que valeu isso? O Pietro falou-lhe, e posto que muito disposto a evitar as intenções do Giacomo, fez-lhe acreditar que lhe ensinaria a direção da ilha. Oh! — continuou Rosina. — Até que antes de ontem, recebo uma carta do meu pobre Pietro, que eu mostro para a senhora ver o que ela contém.

Dizendo isto, Rosina tirou da algibeira um papel e entregou-o a Valentine que reuniu todas as suas forças para decifrar o que continha aquele papel. Era o seguinte:

Minha irmã: Fui vítima de uma traição que me preparou Giacomo, o gondoleiro do Rialto. Estou preso no Tormenta, barco desconhecido, cujo capitão me obriga a conduzi-lo à ilha de Monte Cristo, onde sem dúvida se efetuará um grande roubo. Não posso dizer-te mais, corre a prevenir os patrões do Giacomo, e fá-lo prender pela justiça.

Teu infeliz irmão, Pietro.

Valentine lançou um grito agudíssimo, quando finalizou a leitura da carta. Rosina, sem saber a que devesse atribuir aquele grito de aflição, correu para ela estendendo os braços como para a amparar de uma queda.

— Que tem, minha senhora? — exclamou ela, notando com desassossego a palidez que cobria as faces de Valentine.

— Oh! Não é nada! — disse esta com voz fraca.

— Valha-me, pelo amor de Deus! — disse Rosina juntando as mãos com gesto de suprema angústia.

— Minha filha... Mas o que quer que eu faça? Eu, pobre mulher, contra o destino que pesa sobre nós? — Oh! Eu queria que se empenhasse com o seu marido para ele fazer prender o Giacomo, talvez este descobrisse tudo, e então seriam surpreendidos os agressores; meu irmão voltaria a meus braços, e Simbad o Marujo não sofreria aquele roubo na ilha de Monte Cristo! — Conhece Simbad o Marujo? — perguntou Valentine.

— É verdade que nunca o vi, porém ele era, como lhe disse, o protetor dos interesses do comércio arriscado de toda a minha tribo, deixando-a desembarcar impunemente na ilha de Monte Cristo.

— Mas que tribo é essa, cujo comércio diz ser tão arriscado?

— Ah, senhora, eu sou filha de contrabandista! — murmurou Rosina, caindo de novo aos pés de Valentine, que imediatamente a levantou nos braços.

— Descanse, descanse, que tudo se fará, minha filha! Volte seu irmão aos seus braços, e o mais, que vale o mais? A ilha já não pertence ao antigo protetor da sua família. Roubem muito embora quanto existe, porque todas aquelas riquezas devem pertencer aos pobres, por serem o fruto do suor dos pobres! — Que diz? — exclamou Rosina atônita com as palavras de Valentine, pois eram as mesmas que ouvira da boca de Giacomo.

— Volte para sua casa, eu falarei ao meu marido. Entretanto, não diga a menor palavra acerca do que sucede.

— E o gondoleiro Giacomo não será preso?

— Não.

— Os malvados hão de cometer o roubo?

— Sim.

— E o meu pobre irmão?...

— Há de voltar.

— Pode assegurar-me que ele volta?

— Posso — murmurou Valentine estendendo a mão, que Rosina beijou em sinal de gratidão.

Valentine, depois de ouvir a estranha narração de Rosina, correu a encerrar-se no seu quarto, derramando copiosas lágrimas; mas em breve elas secaram, porque Valentine encontrou no amor de Deus o bálsamo que a purificava de outra qualquer paixão.

Com o firme propósito de não dizer a seu marido uma única palavra acerca do que se passava, de novo recomendou o maior silêncio à filha dos contrabandistas, prometendo-lhe ao mesmo tempo que faria todos os esforços para lhe restituir seu irmão Pietro. Com efeito, Valentine começou a trabalhar.

Quando o sol começava a esconder-se nas montanhas do Tirol, Maximiliano tinha por costume ir gozar a frescura da tarde no imenso paralelogramo da Piazza. Valentine, sob pretexto de um pequeno incômodo, deixou de o acompanhar, e algumas vezes ficava assim em plena liberdade para meditar e executar um plano qualquer, relativo ao que havia prometido a Rosina. Sentada em frente das janelas do seu quarto, via as águas do canal em que vagorosamente se moviam algumas barcas, assemelhando-se ao cisne indolente que desliza pela superfície de um lago.

Valentine observou-as com interesse, e parecendo-lhe reconhecer um dos gondoleiros, fez-lhe sinal com a mão para que se detivesse. O gondoleiro era Giacomo.

Momentos depois, Valentine, lançando um xaile grande sobre os ombros, envolveu-se nele e desceu ao vestíbulo do edifício, onde havia alguns degraus de mármore negro para o canal da Giudecca. Giacomo lá estava na sua gôndola, e assim que distinguiu Valentine, saltou para a escada, tirando o barrete.

— Aproxima-te — disse-lhe Valentine, olhando inquieta para um e outro lado, como examinando se alguém mais ali estava.

O gondoleiro aproximou-se, e Valentine abrindo uma pequena porta que lhe ficava à direita, entrou num quarto, como há em todos os edifícios de Veneza, que como aquele, tinham serventia para um dos canais e que servem para guardar os utensílios das gôndolas de serviço ordinário.

Giacomo, antigo gondoleiro em Veneza e acostumado desde criança aos caprichos das belas venezianas, não estranhou por isso o mistério com que Valentine parecia desejar envolver as suas ações e palavras. Conservou-se imóvel em frente de Valentine, esperando que ela falasse.

— Tu chamas-te Giacomo, o gondoleiro do Rialto?

— Signora — respondeu Giacomo. — Há trinta e seis anos que voltei do alto mar, onde navegava num navio mercante, e desde então até hoje; S. Marcos me tem visto e protegido nos canais de Veneza e do Lido, onde por assim dizer, me nasceram os dentes. Sou Giacomo pela graça do santo patrono e tenho a honra

de estar ao serviço de Vossa Excelência e do seu excelentíssimo esposo.

Valentine meditou por momentos a maneira pela qual havia de começar o estranho diálogo com o gondoleiro.

— Depois do que me disseste, Giacomo, isto é, habitando nos canais de Veneza há trinta e seis anos, deves conhecer todos os navios que têm aqui aportado?

— Quase todos, signora!

— E não só os navios como também os seus capitães?

— Pelo menos a maior parte.

— Muito bem, eu desejava fazer-te algumas perguntas acerca de um navio... e já te previno de que não perderás o teu tempo, Giacomo! — Ah! O que eu souber, tudo lhe direi, signora! Não é preciso que estafes a tua memória para me responder, pois eu vou falar-te de um navio que esteve há quinze dias no Lido.

— Ah! Nesse caso, poder-lhe-ei responder de olhos fechados...

— É o Tormenta.

— O Tormenta!?

— Quem era o seu capitão? — perguntou Valentine.

— Por Baco! — respondeu Giacomo, dissimulando.

— Fala-me justamente de um navio que mal conheço!

— Dar-te-ei alguns esclarecimentos para despertar a tua memória. O Tormenta veio aqui porque o seu capitão desejava tomar informações a respeito da ilha de Monte Cristo, onde supõe existir um tesouro escondido...

— Mas que de fato não está lá? — interrompeu Giacomo de um modo que o traía.

— Isso é questão separada e pouco deve interessar-te, Giacomo. Responde simplesmente ao que eu te pergunto.

— Signora, pelos sinais que me dá, recordo-me bem do pequeno navio e do seu capitão, em cuja companhia bebi, não sei em que casa, um copo de magnífico Lacrima-Cristi. Pois eu bem receei do tal amigo! Era um homem trigueiro, de cabelo grisalho, olhos negros, expressão sinistra... e sobretudo, tinha um modo tal de falar, que faria morrer de medo a uma senhora como Vossa

Excelência, que se dignasse fazer-lhe a honra de o escutar! — Então o que dizia ele? — perguntou Valentine.

— Ah! Dizia tais coisas, que S. Marcos não as perdoaria na boca do mais indigno veneziano! E as obras do tal condenado bem se pareciam com as suas palavras, segundo cá a minha humilde opinião! Ele dizia possuir dentro de um cofre a mão de um finado! E o mais é que queria me mostrar...

— Então explicou-te o fim de tão estranha relíquia? — perguntou Valentine, com expressão mista de interesse e de terror.

— Explicou-me, lá em termos da ideia dele e que só o diabo seria capaz de repetir, que a mão do finado estava levantada contra um vivo! E que ele era a vontade desse finado, erguida ainda sobre a campa protegida por Deus!

Valentine sentiu um suor frio cobrir-lhe a fronte, ao escutar as palavras de Giacomo; todavia, o interesse que lhe despertavam essas palavras singulares era tal, que a obrigou a dirigir mais algumas perguntas relativas ao célebre capitão do Tormenta.

— E esse homem — disse ela — segundo me afirmaram, conseguiu comprar um certo marítimo chamado Pietro, para que lhe ensinasse a direção da ilha de Monte Cristo! — Isso! Isso mesmo! — acudiu logo Giacomo, adotando a ideia de Valentine. -O Pietro vendeu-se a esse capitão e partiu com ele para Monte Cristo. O capitão, segundo o que me disseram, vai saquear a ilha e... Mas espero que não encontrará senão as grandes massas de granito que lá estão! Naturalmente, os rochedos é que hão de ser os tais grandes tesouros de que ele falava, dizendo que pertenciam aos pobres, porque tinham sido alcançados pelo suor dos pobres! Desta vez, Valentine estremeceu de terror, reconhecendo a coincidência notável que existia entre as palavras de Giacomo e o sonho que ela tinha sonhado na gruta de Monte Cristo. Firme ainda no propósito de não impedir aquele roubo e lembrando-se do que tinha prometido a Rosina, mudou logo de assunto, perguntando: Crês que o Pietro volte para Veneza? — Ah! Isso creio eu! — respondeu Giacomo. -O capitão não lhe fará mal, e o pobre rapaz tão depressa se conclua a sua missão a bordo do tormenta, há de voltar novamente aos braços de sua irmã Rosina.

— E quando acabará a missão dele a bordo do Tormenta? —
Em quinze dias, quando muito, estará ele aqui.

Tens a certeza? — Cá a gente espera tudo da misericórdia do
nosso patrono.

Houve um momento de silêncio, em que Valentine pareceu
conceber uma nova ideia.

— Giacomo — disse ela — enfim-eu tenho ouvido por vezes
gabar a discricção e a diligência dos gondoleiros de S. Marcos.

— Então tem ouvido dizer o que é a pura verdade, signora!
Eu, se bem que me considere o mais indigno dos meus irmãos,
tenho ainda um resto de orgulho em merecer a aprovação das
pessoas que até hoje se têm dignado empregar-me.

— Podes também dispor de um barco capaz de sulcar as
águas do Mediterrâneo? — Ah! Um barco tão valente como era o
antigo Rocentauro, segundo a crônica! — respondeu o gondoleiro.

— Muito bem, aqui tens ouro. Amanhã, à hora de hoje,
voltarás aqui e eu te darei as necessárias instruções para o serviço
que quero me prestes.

Dizendo isto, Valentine deu uma bolsa com dinheiro a
Giacomo e fez-lhe sinal para que se retirasse. Depois subiu as
escadas do vestíbulo que conduzia às salas, atravessou-as e entrou
no seu quarto.

Apenas ali entrou, fez um movimento de surpresa, vendo
Maximiliano sentado junto de uma mesa, lendo um livro. Este não
fez o menor movimento quando viu Valentine ao pé de si, mas
perguntou-lhe simplesmente com um modo seco e sem levantar os
olhos das páginas do livro: — Estás melhor, Valentine? Valentine,
posto que não pudesse deixar de notar o gesto indiferente com que
Maximiliano lhe dirigiu a palavra, atribuiu isto, sem dúvida, à
demasiada atenção que lhe despertava a leitura do livro que tinha
diante de si, e respondeu-lhe com toda a expansão do seu modo
afável: — Sim, meu amigo, sinto-me melhor e creio que em pouco
tempo te poderei acompanhar.

— Ah! Não quero que te exponhas por enquanto ao ar frio
dos canais e da Piazza — replicou Maximiliano.

— Sim, convenho que o ar de Veneza me não faz muito bem — disse Valentine, sentando-se ao lado de Maximiliano e colocando a sua mão sobre a dele.

— Então queres sair de Veneza? — perguntou ele.

Valentine não respondeu; mas tocando com a extremidade dos seus delicados dedos na capa do livro em que Maximiliano parecia ler, fechou-o. Maximiliano encostou-se na cadeira e cruzou os braços, deixando pender a fronte sobre o peito.

— Que tens tu, meu amigo? — perguntou-lhe Valentine apoiando-se em seu braço e oferecendo-lhe ingenuamente a face.

— Oh! Perdoa-me, Valentine! Perdoa-me! — exclamou Maximiliano, levantando-se e passeando agitado pelo aposento: — Que dizes? — perguntou Valentine, erguendo-se também, mas conservando-se imóvel, com o olhar cravado no esposo.

— É que não há felicidade perfeita neste mundo! Percebes isto, Valentine? Quando cremos que somos felizes, quando a nossa louca imaginação quase toca nas raias da felicidade suprema, eis que um demônio começa a rasgar a nossos olhos o véu das ilusões que nos sustentavam a alma! — disse Maximiliano, parando em frente da esposa e metendo a mão direita entre o colete e a camisa, como se quisesse comprimir o coração. — Eu, mais do que ninguém, acreditei na duração da felicidade que experimentava! — continuou sem dar tempo de falar a sua mulher. — Eu mais do que ninguém, me iludi neste mundo!... E agora...

— E agora? — perguntou enfim Valentine.

— Agora, Valentine, agora, que devo eu responder-te? — perguntou ele, acompanhando as palavras com um sorriso amargo.

— De forma alguma eu posso dar razão às tuas palavras, meu amigo! — disse ela estupefata, continuando logo: — Só se achas ser uma quebra na tua, na minha felicidade, o desejo que tenho de abandonar aos pobres a riqueza de Monte Cristo; ou será a partida para fora de Veneza? — O triplo ou o quádruplo do que possuímos em Monte Cristo dava eu de boa vontade para que me fosse possível aniquilar o dia de hoje ou mandá-lo de presente a Satanás! — Blasfemas, Maximiliano? Não, não, perdoa-me tu e perdoe-me Deus, mas pelo amor desse mesmo Deus, não me

interrogues mais, Valentine! Era aquela a primeira vez que Maximiliano falava assim a sua esposa e que tinha para com ela um pensamento reservado.

Valentine, convencendo-se da absoluta impossibilidade de conhecer esse pensamento misterioso, não mais insistiu em tentar decifrá-lo nas palavras de Maximiliano; porém chorou em silêncio aquela primeira noite, em que reinava a desarmonia entre eles.

CAPÍTULO 39

A gruta de Monte Cristo

NA tarde do dia seguinte, Maximiliano saiu como de costume, para respirar na Piazza a brisa refrigerante da tarde.

Valentine, à hora em que o sol, como no dia antecedente, ia ocultar-se com os Alpes tirolezes, chegou à janela do seu quarto e esperou a chegada de Giacomo: não tardou muito que ele aparecesse remando na sua gôndola, em direção ao edifício em que habitava Maximiliano; chegando às escadas, saltou para o vestíbulo, onde, instantes depois, lhe apareceu Valentine.

— Então, Giacomo? — disse ela.

— Perdão, signora! — murmurou o gondoleiro. — Oculte-se de maneira que não a veja aquele importuno que está na sua gôndola! Por S. Teodoro! Tinha desejo de o fazer procurar a verdade no fundo do canal! — Quem é que me observa? E porque devo eu ocultar-me? — Santa Madre de Dio! Não sabe o que sempre foi e é ainda esta cidade! É a hora dos derriços noturnos; a senhora é nova, pela graça dos santos, eu estou aqui, está ali a minha gôndola, em frente de nós corre o canal que conduz a tantos lugares afastados.

— como!...

— Perdão, signora, ninguém mais do que este humilde servo respeita o decoro duma senhora; porém isto é dizer-lhe, que, tendo eu cá a minha Rosina, apesar de que é uma grosseira, não gostaria

muito que me dissessem tê-la alguém visto a esta hora em frente de uma gôndola e falando com o gondoleiro! Só se o gondoleiro fosse eu próprio! Ah, signora, aqui em Veneza faz-se dinheiro com tudo, e há certos amigos da perdição de nós outros os gondoleiros, que observam tudo, e tudo vão contar aos maridos, pais, irmãos, apaixonados, mesmo sem estes o quererem saber! — E tu conheces o homem que me observa? — Ontem, quando embarquei, vi-o ali na margem do canal, em frente do vestíbulo, e, quando eu embarcava, depois de ter recebido a honra de lhe falar, chamou-me para eu o conduzir na minha gôndola.

— Quem é então? — perguntou Valentine.

— É o filho do signor Gradenigo, isto é, chama-se Giovanni Gradenigo! Há de ter ouvido mencionar esta família tão falada, tanto pela riqueza, como pela devassidão, que parece herança antiga de pais a filhos!

— Eu não.

Pois poucas raparigas do povo há em Veneza que se atrevam a olhar de frente para o signor Giovanni Gradenigo! Valentine, ao escutar estas palavras, estremeceu com um pensamento vago, que nem ela poderia traduzir em palavras, se tal houvesse tentado. Ocultou-se com a sombra do vestíbulo enquanto o gondoleiro examinava os movimentos do noturno passeante do canal; depois, como Giacomo voltasse, ela se aproximou.

— Então, Giacomo?

— Pode falar.

O signor Giovanni afastou-se. — Muito bem; recomendei-te ontem, que fizesses aprontar um barco para o Mediterrâneo.

— Está pronto, signora! "— Poderá, portanto, fazer-se de vela no momento em que precisamente o quisermos? — Claro! exclamou o gondoleiro. — A signora não conhece então a presteza da marinha de S. -Marcos!? Verdade é que já lá vão os tempos, que não vi, do esplendor e fortaleza dessa marinha; porém ainda nos resta um vestígio dela! — Que nome tem o barco? — perguntou Valentine.

— Bonança — respondeu o gondoleiro. — É um barco ligeiro que costuma carregar vinhos e que chegou há pouco ao Lido, por

conta do signor Gradenigo, segundo dizem no cais.

— Muito bem, escuta o que vou dizer-te, Giacomo. Se dentro de dois dias, vires uma toalha branca na janela que dá para este lado do canal e que fica sobre o embarcadouro, é sinal de que partiremos no dia seguinte, e por isso deverás estar com a tua gôndola, aqui, de madrugada; se, pelo contrário, no espaço de dois dias notares a mesma janela com as persianas sempre fechadas, é sinal de que não vamos.

— S. Teodoro nos ajude, — signora! — murmurou o gondoleiro.

Valentine deu-lhe algumas moedas de prata e despediu-o, subindo depois para os seus aposentos. Enquanto Giacomo saltou na sua gôndola e preparou o remo para a impelir, um vulto de homem que estava a certa distância e que parecia observar tudo quanto se passava no vestíbulo do palácio, correu para ele, saltando ligeiramente na gôndola.

— Madre di Dio! — fez Giacomo tirando o remo da água, como para se defender.

— Que é isso, Giacomo!? — perguntou com arrogância o homem que tinha entrado na gôndola.

— Signor Gradenigo!? — murmurou Giacomo descobrindo-se.

— Tu sabes, meu velho, que vou te tratar pior do que se trataria um herege do tempo da república, se soltares o menor grito que me comprometa? — Pois o signor receia isso? — perguntou Giacomo.

— Não, porque estou certo que terás ouvido falar de como eu trato a um velhaco! — Oh! Acredito que dentro das prisões de S. Marcos não está ninguém que seja digno de competir com o senhor, nesse ponto! — Bem, Giacomo — tornou o signor Giovanni Gradenigo, batendo-lhe amigavelmente no ombro — e não deixarás de conhecer também a fama da minha generosidade quando sou bem servido.

— Perdão, excelentíssimo! Posto que nunca tivesse nenhum parente estudante em Pádua, eu possuo certos princípios de lógica, que me ensinam a duvidar de algumas coisas que não vejo nem experimento.

Apenas acabou de falar, Giacomo sentiu cair-lhe aos pés uma pequena bolsa com dinheiro.

— Cala-te, cão! — disse ao mesmo tempo Giovani Gradenigo.

— Tenho a honra de conhecê-lo pela fala — replicou Giacomo curvando-se para levantar a bolsa.

— Ainda bem que assim é, pois a minha paciência tem limites.

— E que o digam as raparigas do Rialto, signor Giovani! — Basta! — Espero as suas ordens, signor! — Rema depressa.

Após estas palavras, o braço vigoroso de Giacomo, armado com o remo, cortou a superfície da água, dando à gôndola um impulso forte que a afastou do palácio. Logo que Giovani se viu ao largo, indicou com o braço a direção do grande canal da cidade, e envolvendo-se na sua capa, sentou-se no coxim, esperando o momento em que pudesse falar sem receio de que as suas palavras fossem encontrar eco em ouvidos curiosos. Quando a gôndola estava já afastada de todas as outras, Giovani falou então.

— Giacomo — disse ele — a mulher que acaba de ter uma entrevista contigo, não é tua, nem minha compatriota.

— É francesa.

— Bem sei: mulher de um francês, cujo nome obscuro não pode conservar-se na memória de quem se chama Gradenigo! — Há mil casos diferentes — continuou ele — que obrigassem aquela mulher a conferenciar contigo duas noites a fio; porém o mais provável é o de alguns amores clandestinos, para os quais se requer o serviço da tua gôndola e da tua inteligência. Ora, uma mulher que na ausência de seu marido, trata, para entreter-se, desses negócios, deve dar-se por muito feliz de que eu me ocupe em votar-lhe um pensamento.

— Percebo o que quer dizer — murmurou Giacomo.

— Logo — continuou Giovani Gradenigo — a quem mal cuida, mal sucede, e cumprindo-se este ditado, ela não terá de que se queixar senão de si própria! Há muito tempo que eu penso naquela mulher! — disse ele com gesto de enfado. Tenho falado nela algumas vezes, e preciso de mais assunto para falar, Conta-me pois tudo isso em que ela te envolveu.

Giacomo, depois de breve reflexão, disse a Gradenigo qual era o gênero de serviço em que Valentine o havia empenhado, acrescentando diferentes comentários próprios para despertarem o gosto de Giovani Gradenigo, ao ponto dele fazer uma loucura digna do seu gênio extravagante.

Giovani Gradenigo para logo determinou sacrificar ao prazer o repouso de Valentine! Rapaz de uma educação detestável, animado ainda pelos péssimos exemplos de um pai velho e devasso, Giovani não reconhecia na vida social princípio algum que pudesse embaraçar o ímpeto da ação em que ele meditasse empenhar o seu gênio e a sua fortuna.

Depois de conferenciar por alguns momentos com o gondoleiro Giacomo, desembarcou na Piazza, e traçando com elegância a capa, dirigiu-se com todo o ar atrevido dos leões sociais para o encontro dos seus amigos que, por um costume muito antigo em Veneza, passeavam sob a arcada do célebre palácio ducal. Ali se reuniam todos os estouvados de Veneza; e ali, por consequência, se falava na vida privada e pública de todas as mulheres do mundo elegante.

Giovani Gradenigo foi recebido com entusiasmo, obtendo imediatamente a palavra para recitar uma mais moderna aventura, pois ninguém ignorava que o herdeiro da antiga família Gradenigo havia também herdado no sangue o gênio aventureiro e dissoluto da maior parte dos seus avós. Gradenigo, tomando a palavra, falou vagamente sobre o assunto e de tal modo que fez rir todos os seus loucos ouvintes.

— És realmente prodigioso na rapidez com que executas os teus raciocínios! — É defeito meu, senhor Morel! — respondeu Gradenigo.

— A felicidade no jogo ou nos amores é muitas vezes hereditária em certas famílias! — observou um veneziano, continuando logo: — Diz o mio caro Gradenigo, que, enfasiado das aventuras do nosso lindo país, se tinha passado ao estrangeiro? — Disse a verdade, entendam a coisa como quiserem! — respondeu Gradenigo, rindo muito.

— Em que país deverá então realizar-se a sua nova aventura?
— Creio que no seu, senhor Morel. Que descansem algum tempo as lindas filhas de S. Marcos — continuou ele, com um riso motejador, dirigindo-se a Maximiliano Morel — enquanto as suas compatriotas, que não deixam de ser belíssimas, têm a bondade de me oferecer alguns momentos agradáveis.

Maximiliano mordeu os lábios e passou a mão pela barba.

— Pelo que tenho coligido dos meus estudos — continuou Gradenigo — as senhoras francesas que têm o prazer de ser casadas, tomam a diversidade por divisa! E a prova é que me dizem haver em Paris maior número de modistas, do que em outra qualquer cidade da Europa! — Admira-me, signor Gradenigo — disse Maximiliano — que tendo até hoje cometido a imperdoável falta de não sair do seu país, se afigure tão hábil moralista dos costumes das damas francesas! — Suponha, senhor Morel, que há aqui em Veneza, como tive o gosto de lhe explicar ontem, uma dama sua compatriota, que leva a sua bondade ao ponto extremo de me dar lições em pleno luar.

Um suor frio banhou a fronte de Maximiliano, em cujos lábios houve um sorriso forçado, como para responder ao coro infernal das gargalhadas satíricas dos nobres rapazes venezianos.

— Nada é impossível neste mundo! — continuou Gradenigo. - Se o senhor não fosse pouco mais ou menos da minha idade, eu nunca lhe diria que há em Veneza certa senhora estrangeira, que sabe aproveitar, com todo o delicado gosto que a caracteriza, os curtos momentos em que seu marido está ausente. Um velho não saberia tolerar semelhantes palavras, cuja expressão é assaz verdadeira para que possa levar um rapaz ao erro da contradição! Não é assim, meus senhores? Geral aplauso cobriu as palavras de Giovanni.

— Felicito-o, signor Gradenigo — disse Morel, afetando a maior placidez de espírito — todavia, permita que lhe faça uma pequena advertência. Se o marido da dama que lhe corresponde é um velho fidalgo, deve recear-lhe a afronta dos criados, por que ele mandará assassiná-lo! Se pelo contrário é rapaz como o senhor, ou como eu, nesse caso que não compreendo, assim como nenhum de

nós compreenderia o que é a vida além da desonra, terá de lhe responder à ponta do lenço, com uma só pistola carregada. Senhores, há ainda um caso — gritou Maximiliano, para restabelecer o silêncio — é a diferença de raças: um francês qualquer, filho da mediania social, odeia os plebeus e os nobres, quando qualquer deles o afronta! Odeia-os de morte e não se desafronta deles por vias conhecidas, assassina-os quando pode.

— Dio! — fez o signor Gradenigo com um amável sorriso. — Isso não é nada, entre nós, os venezianos, porque os nossos costumes estão em tudo apartados dos costumes das outras sociedades, assim como a nossa linda cidade está apartada da terra que sustenta as outras! E ainda que o receio da morte fosse de algum peso, entre nós, eu sabê-lo-ia afrontar, por um simples capricho. Sabe, signor de Morel, que eu acharia um sabor delicadíssimo no fato de levar a querela pública este pequeno negócio de amores? O marido da dama em questão, posso afiançar-lhe que é pouco mais ou menos da sua idade; e assim já vejo que poderei dar aos meus amigos, e ao senhor mesmo, porque o considero nesse número, o espetáculo, para eles inteiramente novo, de um duelo à ponta do lenço com uma só pistola carregada! Maximiliano aproveitando um momento em que o assunto ia divergindo do seu ponto principal, saiu do Broglio e caminhou para a Giudecca, onde Valentine o esperava.

— Hoje o teu passeio foi mais demorado — disse-lhe ela.

Estive escutando uma extensa narração de Giovani Gradenigo — respondeu ele secamente.

— De Giovani Gradenigo! — exclamou Valentine involuntariamente.

verdade! Houve um momento de silêncio.

— O assunto era interessante, e eu vi-me obrigado a explicar-lhe como um francês sabia desafrontar-se! — tornou Maximiliano com um gesto sombrio que despertou em Valentine um terror vago.

Novo momento de silêncio.

— Não gosto dos venezianos — disse Valentine com enfado.

— Fazes mal! Eles são amáveis.

— Quisera distrair-me do enfado que me causam! Dize-me, Maximiliano, quererás acompanhar-me até Monte Cristo? Parece-me que a solidão me faria bem agora! — E o baile do Gradenigo? — Que vale um baile? — perguntou ela.

— Todavia, parece-me que não há motivo algum que nos desculpe da falta que queres cometer, Valentine! — Nem a minha saúde? Entretanto, julgas o contrário, é o mesmo; ficarei em Veneza e irei ao baile do signor Gradenigo.

— Não! Não! — exclamou Maximiliano levantando-se com arrebatamento. — Tu não irás ao baile do conde Gradenigo! Sairemos de Veneza! Também este ar que se respira aqui me causa um padecimento espantoso, inexplicável, e que eu jamais havia sofrido.

Dizendo isto, duas lágrimas grossas e turvas lhe rolaram pelas faces, molhando-lhe o cabelo do espesso e aveludado bigode. O seu olhar apaixonado cravou-se no rosto singelo e meigo de Valentine com a expressão indizível de quem deseja obter o perdão de um pensamento que tem concebido, malgrado seu! Valentine estendeu-lhe a mão familiarmente. Ele levou-a aos lábios com fervor.

No dia seguinte, Valentine conservou a janela do seu quarto aberta para dar ao gondoleiro o sinal ajustado. Giacomo pareceu haver compreendido bem esse sinal, porque logo na noite imediata, uma gôndola, navegando pelo canal, parou a pequena distância dos degraus do palácio. Dentro da gôndola estavam dois homens, trajados conforme o uso dos gondoleiros.

— Salta para terra e retira-te, Giacomo! — disse um deles.

— Não esqueça o ancoradouro do iate, nem o nome dele.

— É o Bonança? — Sim, excelentíssimo! — Aqui tens ouro.

— Boa noite! Santo António o ajude.

Giacomo saltou para terra, e o outro gondoleiro ficou dentro da gôndola, remando até chegar à porta do vestíbulo. Entretanto Valentine, pelo braço de Maximiliano, descia em silêncio a escada interior do palácio, caminhando depois, para o vestíbulo, em cujos degraus borbulhava a água do canal.

— Está ali a nossa gôndola, meu amigo, entremos nela — disse Valentine. — Supõe que vamos viajar, sair de Veneza.

Nem tudo é fácil como o pensamento, minha querida! — respondeu Maximiliano. — Contudo, pela sua mesma facilidade, poderemos adotar esse neste momento.

— Para onde queres ir? — Para Monte Cristo, por exemplo.

Dizendo isto, Maximiliano entrou na gôndola e deu a mão a Valentine para a amparar. Nesse momento o gondoleiro, notando a presença de Maximiliano, recuou um passo estremecendo.

— Podes remar! — disse Maximiliano.

— Ele parece não ter ouvido as tuas palavras!... — Então, Giacomo? — bradou Maximiliano. — Rema para o Lido.

O gondoleiro tomou o remo e começou então a trabalhar: porém de um modo tal, que dava a conhecer a sua perturbação.

— Que barco é aquele que está a tão pouca distância de nós, e para o qual parece navegar a nossa gôndola? — perguntou Maximiliano.

— Bom! Eu estou mais adiantada do que tu nestes assuntos marítimos! — respondeu Valentine, rindo alegremente. — É o Bonança.

— Porém a gôndola parece demandá-lo! A terra já nos fica longe! — Se o gondoleiro continuar a enxugar o suor como tem feito até aqui, então é de supor que não chegaremos esta noite ao pequeno navio! — disse Valentine.

— Logo quererás realizar o pensamento que me fizeste adotar! — E que dirias tu, Maximiliano, se aquele barco nos conduzisse para fora do Adriático? Vamos! Compreendo que estou teu prisioneiro! — murmurou Maximiliano, pegando-lhe na mão e elevando-se porque já a proa da gôndola tocava no costado do pequeno navio.

Neste momento o gondoleiro pareceu muito embaraçado no seu mister náutico, e ainda mais, quando Maximiliano se lhe dirigiu, batendo-lhe no ombro, depois de Valentine ter subido para o barco.

A Lua, que até então estivera ofuscada por algumas nuvens, brilhou de súbito num céu azulado e transparente, iluminando com

a sua luz melancólica todos os objetos da terra. Maximiliano soltou uma gargalhada, notando a fisionomia do gondoleiro.

— Que é isso, signor Giovanni Gradenigo! — disse ele a meia voz. — Tem bem estranhos caprichos. Como lhe devo eu a honra de ser pelo senhor conduzido até aqui? Oh! Não quero que fique esquecido na sombra da noite este obséquio, e vou rogar a minha mulher que lhe dirija de viva voz os seus agradecimentos.

Dizendo isto, ele dispunha-se a chamar Valentine; porém, Giovanni Gradenigo fez um gesto expressivo como para o deter.

— Senhor de Morel — disse Giovanni, também a meia voz — eu acho prazer em tudo que é extravagância, e se o conduzi até este ponto, foi simplesmente para me exercitar no ofício de gondoleiro.

— Todavia, uma vez que tive a honra de lhe explicar a maneira pela qual um francês saberia castigar quem o afrontasse — replicou Maximiliano — devo agora evidenciar-lhe como o coração de um francês é generoso em face da miséria estrangeira. Aí tem a minha bolsa! — E arrojou a bolsa aos pés de Giovanni, que estremeceu e corou, como se lhe houvessem dado uma bofetada.

Maximiliano repetiu então em voz alta estas palavras: — Boa noite, mestre Gradenigo, Santo António o proteja! Ao fim de dois dias de viagem, o Bonança, tendo dobrado a ilha de Elba, estava em frente de uns rochedos elevados, cujas cristas recortadas se desenhavam no céu sob um aspecto fantástico, aos primeiros raios da aurora. Era a ilha de Monte Cristo.

Valentine, apoiada no braço de Maximiliano, olhava tranquila para aqueles alcantis desertos da ilha, que a pouco e pouco iam tomando formas gigantescas, à proporção que o barco avançava. A escala de sensações que experimentava o peito de Valentine, era por certo bem diferente da que havia em Maximiliano; este parecia agitado em frente daqueles rochedos, guardas imóveis de um tesouro imenso. Valentine parecia comprazer-se com a ideia de que esses mesmos rochedos não ocultavam já com o seu corpo gigante mais do que um montão de cinzas! Quando o barco lançou ferro no pequeno recife aberto de propósito para o abrigo de qualquer embarcação que demandasse a ilha deserta, Maximiliano mostrou

desejos de desembarcar no mesmo dia; porém Valentine expôs-lhe que seria melhor desembarcarem na manhã seguinte, em consequência de a noite estar muito próxima e ser mau o caminho que conduzia à entrada do palácio subterrâneo. Maximiliano anuiu, e ficaram aquela noite a bordo.

Entretanto, observemos atentamente o que se passava no interior da ilha.

Na base de um dos rochedos centrais, estava praticado um portal, cujo entablamento era sustentado por duas formosas colunas jônicas, de mármore. De um lado e outro, as enormes massas de granito, ainda virgens do cinzel, contrastavam singularmente com o primor e elegância do mencionado portal. Seguiu-se uma escada também de mármore, que conduzia a um salão subterrâneo em que havia algumas portas praticáveis.

Este salão recebia a luz do dia por quatro aberturas na rocha, pelas quais circulava também o ar. Observando com atenção aquele recinto, conhecer-se-ia que desde pouco tempo mão devastadora havia aniquilado ali tudo quanto a arte, ajudada pelo gosto e pela opulência, pode produzir de belo e surpreendente.

Uma bela alcatifa oriental estava enrolada num dos cantos do aposento; macias otomanas, colocadas indistintamente aqui e ali, acabavam de completar o célebre quadro de desordem e riqueza que apresentava o interior da gruta de Monte Cristo.

Benedetto era o único habitante daquele lugar. Ele passeava de um para outro lado da sala, quando um homem descendo rapidamente a escada, foi interrompê-lo.

— Mestre — disse o recém-chegado — acaba de se descobrir um barco ancorado no pequeno recife do nascente! — Nada mais, Peppino? — perguntou Benedetto.

— Pietro, o contrabandista que trouxemos do Lido, assegurou-me que conhecia o barco, cuja denominação é a Bonança. E eu posso afiançar-lhe que não é o barco de Simbad o Marujo.

— Muito bem. Os fardos já estão todos embarcados? — Todos! O nosso barco está, como sabe, no recife do poente, e deste modo a gente do que chegou não tem visto o movimento dos

nossos: agora será prudente que embarque, uma vez que já não tem negócios que o prendam aqui. A gruta está despojada, as alfaias em nosso poder, que mais fazemos nós em Monte Cristo? — Rocca-Priori — disse Benedetto depois de breve reflexão — tens-me dito que o caminho que conduz ao recife do poente é muito mais curto do que o outro, que conduz ao do nascente? — Exatamente.

— Bem: prepara, com os objetos que ainda restam por aqui, uma fogueira naquela sala próxima.

Peppino, acostumado a obedecer, executou a ordem de Benedetto, enquanto este, pela sua mão, punha as estátuas que decoravam as paredes, no centro da fogueira. Em poucos momentos se completou o trabalho.

— Agora junta esta porção de pólvora, e ajuda-me a construir o rastilho — continuou Benedetto sem perder um só momento.

Este trabalho ainda se executou com a presteza do primeiro.

— Está pois preparado o festim para receber o proprietário deste célebre palácio! — bradou Benedetto, com ênfase. Que venham quando lhes aprouver, para soletrarem ao clarão da chama as palavras que eu vou escrever nestas paredes.

Dizendo isto, pegou num pedaço de madeira queimada e escreveu em grandes caracteres, na parede principal, umas palavras, que Peppino não pôde soletrar, em consequência das trevas que começavam a derramar-se no interior da gruta.

No dia seguinte, Valentine e Maximiliano desembarcaram do Bonança, e pelo braço um do outro dirigiram-se para o interior da gruta. Enquanto eles avançavam, um homem, correndo com ligeireza de penedo em penedo, e ocultando-se com a vegetação selvagem dos rochedos, parecia observar escrupulosamente a direção do caminho que eles seguiam. Esse homem, cujo olhar feroz brilhava como o olhar do tigre quando espreita os movimentos da sua presa, logo que se convenceu de que se dirigiam para a gruta, deixou-os avançar. Quando eles já iam a certa distância, tomou por um atalho em declive, e deixando-se escorregar pela rocha, meteu correndo por um caminho que flanqueava um dos terríveis despenhadeiros da ilha.

Quando chegou ao cume, mergulhou o olhar afogueado nas profundidades do abismo, e distinguiu um barco que se sustentava nas águas do recife do poente. Era o Tormenta.

Uma lancha guarnecida por dois homens estava próxima da praia, como se esperasse alguém naquele ponto. Benedetto respirou então. Voltando sobre a sua direita, dirigiu-se imediatamente para o portal da gruta que lhe ficava a pequena distância.

Uma aragem fresca agitava a vegetação selvagem da ilha, sibilando por entre as sendas dos rochedos.

Na base dos rochedos sentia-se quebrar o mar, e o murmúrio rancoroso das águas, repetido pelo eco das rochas, elevava-se como um singular coro de vozes humanas.

Valentine estremeceu, malgrado seu, à proporção que se aproximava da gruta; mas buscando para falar um assunto diverso, tentava evitar que Maximiliano reconhecesse a perturbação do seu espírito inquieto. Finalmente, o magnífico portal da formosa gruta apareceu de súbito a seus olhos, ao voltarem a encosta de um dos rochedos. Valentine deteve-se rapidamente.

— Sentes-te cansada, minha querida? — perguntou Maximiliano. — Já nos falta pouco para chegarmos ao nosso mágico palácio subterrâneo. Eis aí o portal.

— Sim, ei-lo ali! — repetiu Valentine. — Além está o santuário da nossa primeira felicidade, Maximiliano! Foi ali que se construiu todo este edificozinho de ventura que até hoje temos gozado. Deixa-me respirar. Deixa-me pensar naquele dia que, para nós raiou brilhante e suave, depois de uma longa quadra tormentosa! Ah! Como eu me senti feliz naquele dia, como todo o espetáculo que nos cerca, me pareceu grandioso e belo! "O meu pensamento povoava de flores a todos estes alcantis medonhos, e em cada uma dessas flores estampava eu ainda as tuas feições. Hoje, porém, não há flores nestes rochedos, e eu penso que um violento tufão de sonhada procela as arrancou dali para sempre! Estas rochas, esta solidão, este morno silêncio, quebrado apenas pelo rumorejar das águas; faz-me medo, Maximiliano! Aquele portal da gruta de Monte Cristo parece-me hoje a entrada misteriosa de

um sepulcro! — Valentine! — exclamou Maximiliano. — Qual é a razão de tais palavras? Qual é a razão das tuas lágrimas? Que crime cometemos nós para merecer a infelicidade que tu sonhaste? — Crime; nenhum! — respondeu Valentine. — Porém se o homem que nos deu a felicidade não estava autorizado para no-la conceder, crês tu, meu amigo que poderemos gozá-la por muito tempo? — Valentine, as tuas palavras, que em Veneza escutava com frieza, produziram-me neste momento uma viva sensação! Estamos sós, entre o mar e o céu; entre o abismo e Deus! Façamos pois a esse Deus um voto de humildade, abandonando para sempre o luxo bárbaro de que o conde de Monte Cristo nos quis fazer participar! Vivamos do nosso trabalho, sejamos felizes na mediocridade, e cedamos à miséria e à pobreza, que nos cerca no mundo, esses haveres que o conde nos legou talvez sem competência bastante para o fazer! Quando Valentine acabou de falar, estava próxima do portal da gruta, onde entrou insensivelmente, conduzida por Maximiliano Morel. Eles desceram a escada e, no momento em que entravam no salão, um grito de surpresa se lhe escapou dos lábios. O estalido forte de uma explosão ressoou pela abóbada subterrânea, e logo após, o clarão ativo das chamas invadiu rapidamente o recinto.

— Valentine! — exclamou Maximiliano querendo recuar com ela.

— Fiquemos! — disse Valentine, tendo-o em seus braços. — Fiquemos, o fogo arde por enquanto naquela sala. foi ali que o conde de Monte Cristo nos fez a doação desta gruta e das suas preciosas alfaias.

— Fugamos, fugamos, Valentine! — bradou Maximiliano aterrado. — Não vês ali, ali, aquela sentença terrível? E apontou com o braço para a parede principal da gruta, onde estavam escritas estas palavras: "Aos pobres o que é dos pobres! A mão do finado está aberta sobre Edmond Dantès".

— Porém, que mistério terrível há aqui? — bradou Maximiliano, recobrando ânimo. — Qual foi a mão traiçoeira que escreveu aquelas singulares palavras no recinto que, sem dúvida, saqueou como audaz ladrão! Valentine, não vês que tudo isto é

obra dum homem que pretende tirar partido do teu espírito fraco de mulher? Que venha pois esse homem explicar, se é possível, o enigma traiçoeiro que ali está! Qual é o finado, cuja mão ele pretende que esteja aberta sobre Edmond Dantès?

— Eu digo, Maximiliano Morel! — disse uma voz, que soava do interior da gruta. — A mão que está aberta para receber o sangue, o repouso e as lágrimas de Edmond Dantès, é a mão de um homem a quem ele deve a usura de uma vingança excessiva! O finado é o senhor de Villefort!

— Meu pai! — bradou Valentine aterrada, caindo sem sentidos nos braços de Maximiliano, que ficou extático no patim da escada, interrogando o ar, o fogo e os rochedos.

O incêndio progrediu com rapidez; e em pouco tempo, do fabuloso esplendor e riqueza do conde de Monte Cristo, apenas restava um montão de cinzas, entre as paredes requeimadas e negras daqueles rochedos. Dois pequenos barcos, tendo saído um do poente, outro do nascente da ilha de Monte Cristo, navegavam serenamente em direções opostas.

O que parecia dirigir-se para dobrar o braço de terra a que se chama Itália era o Tormenta, e o segundo, o que navegava para Porto Vecchio, era o Bonança.

CAPÍTULO 40

O baile do Conde de Gradenigo

EM Veneza, uma grande novidade agitava os espíritos. Ninguém havia que deixasse de saber que em breve se realizaria um baile de máscaras, um dos melhores naquele gênero. Tinha chegado do Oriente um amigo opulentíssimo do conde de Gradenigo e este, abrindo e recheando de damas e cavalheiros os esplêndidos salões e deleitosos jardins do seu palácio, recebia-o assim no centro de um prazer geral.

O amigo do conde de Gradenigo era o conde de Monte Cristo, rico proprietário, natural de França, e que desde há muito tempo havia adotado por pátria o Oriente, onde tinha desposado a filha única de um antigo Pachá de Janina.

Antes de falarmos do baile de signor Gradenigo, vamos dizer-lhes duas palavras a respeito do homem que se chamava o conde de Monte Cristo, e que deu o título ao romance que precedeu este.

Quando vimos uma vez e conhecemos um homem qualquer; quando o acompanhamos em todas as ações da sua vida pública, quando esse homem chegou a despertar em nós um sentimento de simples curiosidade que seja, sentimos sempre uma forte sensação no momento em que tornamos a vê-lo, depois de um longo período de separação. Apraz-nos mirá-lo, analisar, confrontar, e discutir todos os seus modos, palavras e ações, porque tudo isso nos oferece a cada passo uma alteração, uma diferença, um nada, entre o que ele foi e o que é.

A idade, as novas ligações que o homem contrai, o cuidado enfim ou o descuido do seu pensamento, tudo concorre para criar os pontos da nossa natural curiosidade.

O conde de Monte Cristo era um desses grandes homens nos quais o tempo operou uma mudança, enquanto deixamos de o ver. Quando eu lhes descrevi e apresentei o conde de Monte Cristo,

ocupava ele, se bem me recordo, uma posição dessas que a natureza parece ter criado expressamente para um ente determinado, e que está escrita nesse livro famoso do destino em que Deus, o homem e Satanás escrevem, descrevem, e riscam simultaneamente. O conde de Monte Cristo tinha ainda diante dos olhos o passado inteiro do infeliz Edmond Dantès, com o sudário terrível dos seus martírios, onde estavam escritos com o seu sangue e com as suas lágrimas, os nomes dos seus verdugos! A voz do velho abade Faria, aquela voz que lhe havia ensinado a descobrir os mistérios da ciência humana, ressoava ainda nos seus ouvidos, patenteando-lhe os sentimentos perversos desses verdugos! O conde de Monte Cristo tinha sede de sangue. Como homem, não pôde elevar a sua filosofia ao ponto de esquecer aquela sede poderosa, que o requeimava; feriu sem piedade, sem dó! Riu, quando ouviu chorar! Blasfemou, quando ouviu pronunciar o nome de Deus, que o havia feito grande e potente! Nada tinha na vida que lhe adoçasse aquele cálice de amargor, em que constantemente banhava os lábios! Porém, quando o tempo cobriu com o seu gelo todo aquele quadro do passado: quando, debaixo desse gelo frio, nem já fumegavam as lavas das mais fortes paixões, quando as carícias de uma esposa e de uma existência nova, em que espessas camadas de flores tornavam inofensivos os abrolhos deste caminho em que tropeçamos com o sepulcro mal saímos do berço, então o conde de Monte Cristo já não era o mesmo homem. A felicidade pacífica do lar, aquela felicidade suprema, tão desdenhada nas cidades pelos entes que jamais conheceram a desgraça verdadeira, era então o seu maior prazer, e se não se tivesse dado um caso particular na sua vida íntima, nunca teria vindo procurar o bulício das grandes cidades da Europa. Sua esposa Haydée atacada de um abatimento físico, começava a padecer acessos de uma dessas febres misteriosas e lentas, para cujo restabelecimento, dizem os médicos, nos é necessário respirar os ares de um país estrangeiro... se padecemos no país natal: ou respirarmos os ares pátrios, se começamos a padecer na terra estranha. O conde de Monte Cristo, seguindo este parecer em que todos os físicos concordam por simples convenção, saiu do Oriente

para entrar no Ocidente, onde esperava encontrar o restabelecimento da saúde de sua esposa.

Foi Veneza a primeira cidade que, pela sua posição geográfica, devia ser visitada pela jovem Haydée, e o conde de Monte Cristo lembrando-se do seu amigo Gradenigo, escreveu-lhe com antecedência, prevenindo-o da sua visita.

Por maiores e mais sinceras que fossem então as diligências que o senhor de Gradenigo realizou para hospedar no seu palácio o conde de Monte Cristo, este, por um costume antigo, tendo mandado um criado a Veneza com ordem de lhe alugar um domicílio, recusou com delicadeza o obséquo do conde de Gradenigo. O conde de Monte Cristo foi habitar para a Giudecca, no mesmo palácio em que tinham estado Maximiliano e Valentine.

Haydée era ainda bela e jovem; no seu rosto, posto que estivesse expresso o abatimento físico que a afligia, havia ainda aquela expressão meiga e suave, que tanto agradava a todos que a viram alguns anos antes em Roma e em Paris.

Tinha um filhinho que apenas contava três anos e meio, e que, reunindo no seu rosto infantil o gesto veemente e apaixonante do conde de Monte Cristo à expressão branda e suave de Haydée, apresentava um composto singular de beleza, que para o futuro deveria realçar pela educação escolhida que lhe prodigalizavam. Nem um só instante Haydée se afastava de seu inocente filhinho, e por isso o conde de Monte Cristo encontrou certa dificuldade em conseguir que Haydée o acompanhasse ao baile do senhor de Gradenigo; porém, como essa falta pudesse ser tomada como uma ofensa direta ao nobre veneziano, Haydée confiou pela primeira vez o filhinho aos cuidados de uma aia, que trouxera do Oriente, e dispôs-se a penetrar nas salas do conde de Gradenigo.

Tanto o palácio como os jardins do ilustre conde veneziano estavam esplêndidos de luz e de galas, e nelas se faziam ouvir as harmonias de primorosas orquestras. Desde a tarde que o grande canal de Veneza, para onde dava a frente do palácio, se via coberto de gôndolas, nas quais convidados e curiosos disputavam a passagem.

Milhares de luzes brilhavam por entre os arbustos do jardim, do mesmo modo que das janelas abertas saíam também jorros de luz, que se espalhavam por sobre a multidão.

Como dissemos, o baile era de máscaras. Portanto, havia mais para admirar a pitoresca mistura de trajos, que apresentavam os mais surpreendentes contrastes.

A formosa desordem que forma a apreciável ordem de um baile, estava em todo o seu auge, quando alguém se lembrou de anunciar, em segredo que imediatamente foi divulgado, a presença do conde de Monte Cristo e de sua esposa, a formosíssima Haydée. Damas e cavalheiros correram imediatamente ao encontro dos recém-chegados.

Haydée, magnificamente vestida conforme o uso do seu país dava o braço ao conde, que trazia um traje de beduíno.

O seu aspecto e a naturalidade com que se apresentava, a graça e o gesto dedicado de Haydée, 122 — 123 tudo concorria para que aquele nobre e formoso par atraísse a atenção da escolhida afluência de convidados.

O signor Gradenigo, advertido da presença do conde, foi graciosamente oferecer o braço a Haydée, e depois de apertar a mão ao ilustre beduíno, conduziu-a à sala onde se dançava.

O conde ficou só e para furtar-se aos insultuosos diálogos que principiavam a originar-se em volta dele, meteu-se por entre um grupo de senhoras mascaradas, procurando conhecer alguma delas. Não tardou, porém, em ver a inutilidade dos seus esforços para realizar o seu projeto, e dirigiu-se ao jardim, onde também se dançava. Chegado ali, parou junto dum maciço de flores e verdura, que formavam um caramanchão, de onde saíam duas vozes femininas, que, conquanto lhe fossem inteiramente desconhecidas, desde logo lhe prenderam a atenção.

Envolveu-se logo no alvíssimo albornoz, e, encostando-se ao tronco de uma árvore, prestou ouvidos atentos ao que se dizia.

— Sabes que as d'Armilly estão em Veneza? — Sei mais ainda. Sei que estão aqui no baile.

— Que dizes? Pois o conde de Gradenigo, que por várias vezes teve questão com meu pai sobre a antiguidade dos

pergaminhos das nossas famílias, convidaria para o baile duas mulheres de teatro? — Tenho ouvido dizer que hoje é considerada como nobilíssima a carreira artística de teatro; e sendo assim, minha querida, que mal há nisso? — Sim, mas há muita distância ao pensar e dizer essas coisas e pô-las em prática. Eu por mim não me considero ofendida... mas...

— Nota que ainda faltam duas razões em favor das d'Armilly; afirma-se que são de muito boas famílias, principalmente a mais nova, que se chama Eugènie, e descende de uma família francesa, a dos marqueses de Servières.

— Ah! Nesse caso já aqui não está quem falou.

— A nobreza do sangue nunca se extingue nos que a possuem, nem quando a pessoa esteja morta. — Decerto.

— Como hei de eu conhecê-la entre tantas máscaras? — Aplicando um princípio mnemônico.

— Que princípio? — O Giovani Gradenigo é um dos apaixonados das d'Armilly. Quando elas aqui estiveram antes de irem a Roma, muitíssimas vezes lhe ouvi apaixonados discursos relativos a uma delas, ou não sei se a ambas; portanto, é de supor que as siga esta noite por toda a parte. Ora muito bem, por mais que ele se disfarce, sempre o hás de reconhecer.

— É de crer, ele é meu primo.

— Muito bem, pois a senhora a quem ele render mais finezas, o que será fácil conhecer pelas suas habituais singularidades, será sem nenhuma espécie de dúvida uma das d'Armilly.

— Ponhamos então as nossas máscaras, Laura, e vamos ver se o encontramos. É verdade: ouviste falar do conde de Monte Cristo? — Já chegou.

E que tal é a condessa? — É uma grega de alta nobreza, segundo dizem. Eu ainda não a vi.

— E que é feito da francesa que estava há pouco em Veneza, a mulher de Maximiliano Morel, o proprietário da ilha de Monte Cristo? — Segundo nos disse o gondoleiro Giacomo, que está agora ao nosso serviço, saiu de Veneza para a solidão da sua ilha deserta, onde possui um palácio sumptuoso.

— Asseguro-te, Laura, que se eu fosse proprietária da ilha, havia de fazê-la povoar pelos mais gentis cavalheiros, sobretudo havendo já lá um belo palácio. Ah! Confesso-te que acharia imensa graça a um baile dado entre rochedos selvagens, a cuja base viesse quebrar-se o mar enfurecido.

— Vamos, Laura, põe a máscara e vamos a ver se descobrimos as d'Armilly.

Quando as interessantes interlocutoras saíram do caramanchão já o conde de Monte Cristo tinha desaparecido daquele lugar e andava indagando qual das máscaras era o conde Giovanni Gradenigo. Quando acabavam de indicar-lhe o herdeiro do ilustre veneziano, Monte Cristo perdeu-o de vista, ao ser interrompido por um dominó, que pertinazmente lhe estacou em frente contemplando-o com um olhar ardente através da impassível máscara negra.

— Que é que me quer? — perguntou com altivez o conde de Monte Cristo.

— Sou muito teu amigo — respondeu o dominó com certo metal de voz, que fez estremecer malgrado seu o conde de Monte Cristo.

— Muito obrigado, mas como não quero nada da amável máscara, previno-a de que perde o tempo fazendo-me desperdiçar o meu.

E deu um passo para se desviar dali, mas o dominó tornou a postar-se a sua frente.

— Não queres nada de mim, mas eu quero muitíssimas 'coisas de ti. És um homem de quem há muito que querer e tu bem o sabes.

— O amigo vai-se tornando importuno, se não trata, de mudar de assunto. Se me conhece, trate-me pelo meu nome.

Assim farei; mas que nome queres que te dê? Boa pergunta! O meu.

— Nesse caso chamar-te-ei Edmond Dantès.

A estas palavras o conde de Monte Cristo recuou um passo, medindo com um olhar de assombro, da cabeça aos pés, o seu singular interlocutor.

Vês que sei bem quem tu és? — retorquiui-lhe o dominó.
Isso é diferente — respondeu o conde dissimulando esmeradamente a sua perturbação — se quiser dar-se ao incômodo de me dizer também o seu nome.

O dominó soltou uma gargalhada estrídula.

Ao menos dê-me um sinal — continuou Monte Cristo sem poder vencer a curiosidade que o desconhecido lhe despertava.

— Pois sim — respondeu o dominó. — Lembras-te da Mercedes? — Mercedes! — murmurou Monte Cristo como se traduzisse o eco profundo e doloroso que ainda lhe arrancava do peito aquele simples nome. — Oh! Quem é o senhor? — acrescentou. — Detenha-se um instante, fale-me, que eu já sei quem é.

— Então quem sou eu? — É Albert de Morcerf...

— Enganas-te! Devias ter em vista que o Albert é mais baixo do que eu.

O conde achou exata a observação, e ficou novamente pensativo diante daquele homem misterioso.

— Adeus, Edmond; até um dia! E sem dar tempo para uma palavra mais, o dominó desapareceu com rapidez por entre a turba buliçosa e alegre dos outros mascarados que andavam no salão.

Debalde o conde procurou segui-lo com a vista; a máscara desaparecera inteiramente. Então, como para distrair-se do inesperado diálogo, o conde de Monte Cristo continuou na interrompida tarefa de descobrir as d'Armilly.

Decorrida mais de meia hora de trabalho baldado, encontrou-se com o seu velho amigo, o conde de Gradenigo, com quem teve de sustentar uma troca de palavras amáveis, esperando sempre a ocasião de fazer recair a conversa sobre o assunto que lhe interessava.

— Soberba concorrência! — disse Monte Cristo. — E pelo que me parece, o seu filho esmera-se tanto como o seu digno pai em receber com o tato da mais completa delicadeza que o caracteriza, as pessoas que corresponderam ao seu amável convite.

— Giovani faz o que pode — respondeu o venerando fidalgo. — Não se quer dar ao trabalho de saber mais e por isso... Ora! A

idade lhe completará a educação, eu assim o espero. Já o conhece?
— Mostraram, mas perdi-o de vista. Agora creio que tornarei a confundir-lo com outras máscaras.

— Olhe para a sua direita — disse vivamente o signor Gradenigo. — Dá o braço a uma gentil circassiana...

O conde estava a ponto de conhecer o filho de Gradenigo, porém naquele mesmo instante um mascarado, postando-se a sua frente, dirigiu-lhe estas palavras: — Bem-vindo, conde de Monte Cristo! Fizeste mal em descobrir o rosto, porque há aqui alguém que te esperava! — Que quer dizer? — Por enquanto quero dizer pouco, mas um dia direi muito! — Não o conheço, nem tenho o menor desejo de o conhecer.

— Espere, conde: não é costume tratar assim uma pessoa que espera pelo senhor há muito tempo! — Todavia, creio que não existem entre nós as menores relações.

— Não, mas já existiram; é o mesmo, e por isso é credor da minha gratidão.

Não falemos do passado, que vai longe. Cuidemos só do presente. Quem é o senhor? Diga-o francamente, bem vê que não faço o menor esforço para lhe adivinhar o nome.

— Ora, histórias, caro marinheiro do Faraó! Eu sou um correio, pelo qual te envia saudações o senhor de Villefort.

— Oh! — exclamou Monte Cristo, passando a mão pela fronte pálida. — Quem quer que seja teve um péssimo gosto na escolha do gracejo! Respeito os que dormem o sono eterno.

Quando o conde de Monte Cristo acabou de dizer estas palavras, a pessoa a quem ele se dirigia tinha desaparecido.

Monte Cristo sentiu-se vivamente impressionado pelo gracejo bárbaro que tinha escutado, sem saber de quem, mas tentando votar ao esquecimento essas palavras sem fundamento preciso, filhas apenas do mau gosto, dirigiu os passos para o lado onde supunha encontrar Giovani Gradenigo, que dava o braço a uma gentil circassiana; porém, ou por simples acaso, ou por meditada malícia, no momento em que ele, depois de meia hora de trabalho, estava a ponto de encontrar o filho do nobre veneziano, outra

máscara tomando-lhe de súbito a frente, começou a entretê-lo de um modo tal, que prendeu a atenção do conde.

O mascarado tinha o traje completo de um magistrado em sessão de tribunal, e falava o francês com toda a correção própria de uma pessoa distinta.

— Boa-noite, conde de Monte Cristo — disse ele — então vens segunda vez à Europa com a firme intenção de te vingares de algumas famílias? Ah! Dir-se-ia que és corso de nascimento, pois a palavra vendetta exprime em ti um sentimento incrível! O conde de Monte Cristo olhou com curiosidade para aquela figura magistral que lhe dirigia a palavra em termos tão familiares.

— Como passa a tua bela esposa Haydée? — continuou o fingido magistrado em francês nítido. Correspondes tu às inspirações sublimes daquela alma inocente? Pobre Haydée! Creio que não poderá ser feliz por muito tempo! — Oh! Oh! — exclamou o conde, forçando um sorriso de escárnio. — Cai no ridículo de profeta de mau agouro, meu interessante magistrado: — será talvez para se distrair do enfado que lhe causa o ofício? — Nunca me enfadou o ofício de procurador-régio! — respondeu o mascarado. — Ofício que desde muito tempo exerço em Paris, colhendo os louvores de quantos me conhecem! Agora espero eu uma interessante causa, que deve imortalizar o meu nome.

— É um pouco vaidoso! — interrompeu o conde. — Ignora então a causa de que se trata e o nome do homem a quem se vai condenar? — Explique-se...

— Trata-se de julgar e condenar ao senhor, meu caro conde de Monte Cristo; agora compreenderá a razão da minha profecia relativa a Haydée, não é assim? — Bem; de que sou eu acusado? — perguntou Monte Cristo procurando entrar em caráter, sustentando o papel que o desconhecido parecia oferecer-lhe.

— É acusado de ter esquecido, num drama horroroso que compôs, a palavra sublime de Deus! Sobre a campa gelada das famílias de Saint-Méran e Villefort, eleva-se um rumorejar terrível contra o senhor, e um dos finados ergue a sua mão descarnada para designá-lo ao mundo! Cuidado, senhor conde; voltou-se com o sopro da tempestade a página que o condena no livro dos destinos!

Eu sou o encarregado de interpretar aquelas palavras tremendas da justiça de Deus, e serei inexorável contra o senhor!

— Se me concede — tornou o conde friamente — tomarei o seu acalorado discurso pelo efeito singular de uma loucura repentina.

— Todavia — prosseguiu o mascarado — note o que há em mim, que lhe recorde uma das suas vítimas! É esquecido, senhor conde! Quando eu o fiz conduzir para o castelo d'If, como agente bonapartista, não deixava de pronunciar o meu nome lá no escuro cárcere em que o lançaram! Eu sou Villefort! — Bem; pois então estimo encontrá-lo, e rogo-lhe a honra de um mais dilatado diálogo, longe do bulício destes salões.

— Estou às suas ordens, porém já o previno que muito em breve há de ter esse diálogo: entretanto, siga-me, se quer.

Dizendo isto, o suposto Villefort caminhou pelo centro das salas, até ao jardim: depois dirigindo-se por uma alameda de copadas árvores, foi dar a uma clareira afastada, onde apenas chegavam os sons da orquestra e as risadas espirituosas dos convivas. Aí parou, colocando-se em frente do conde, pareceu medilo com o olhar incendiado.

— Agora — disse o conde — bem vê que não tenho máscara no rosto; estou portanto no direito de exigir que tire a sua.

— Por detrás desta máscara que vê, senhor conde, não há um rosto de homem como o seu — respondeu o mascarado com voz lúgubre.

— Basta de gracejos! Quem é o senhor? — perguntou o conde, fazendo um movimento.

— Já lhe disse, Edmond Dantès; já sabe quem sou.

— Repito-lhe que basta de gracejos! Chegamos a um ponto eminente, do qual não podemos recuar sem que falemos em termos precisos. Eu sou Edmond Dantès, conde de Monte Cristo, e o senhor quem é? — O seu juiz, senhor conde! — Vejo que premedita prolongar esta comédia ridícula! — tornou Monte Cristo. — Faz mal, senhor incógnito. Isso é ignorar quem seja o conde de Monte Cristo! — Não o ignoro! É um homem que deixando-se arrastar pelo desejo

veemente de uma vingança bárbara, desviou loucamente o gládio da justiça, que Deus lhe tinha colocado na mão poderosa!

À mulher que o amou do íntimo da alma, à mulher que ainda derrama lágrimas de sangue quando pensa no senhor, deu em troca do seu amor profundo, do seu martírio prolongado, um futuro de miséria e viuvez! Ao amigo que confiava no senhor, que não tinha segredos para o senhor, deu em prêmio traição, desespero, vergonha! Não satisfeito com isto, alimentou a chama perversa no peito de uma Lacusta, e riu quando as suas vítimas caíam! O sangue de uma criança de nove anos mancha-lhe ainda essa fronte criminosa, e depois de todos estes crimes, julgando remi-lo com um simples ato de generosidade, vive agora muito tranquilo, dizendo que cumpria a palavra de Deus! Aí está em poucas palavras quem é, senhor conde de Monte Cristo; traidor e assassino desapiedado, que tentou cobrir todos os erros do seu procedimento e da sua alucinação com o título pomposo de justiça de Deus! Trema, pois, hipócrita... além está o martírio que o espera, e depois a campa em que há de tropeçar e cair, amaldiçoado por Deus e pelos homens!— Quem quer que seja — disse pausadamente Monte Cristo, depois de alguns momentos de meditação — aceito por enquanto a sua acusação e espero que me concederá o direito de defesa.

Abstraindo de todas as ideias lúgubres e engenhosos mitos de que se serviu para sustentar o seu discurso em analogia com o fato que adotou, reconheço que depois de haver analisado todos os atos da minha vida, em Paris, condena o sentimento que então me dominava. Pois bem, a imaginação é livre, e eu não pretendo, nem nunca pretendi, que os homens por fé acreditassem na justiça das minhas ações! Acharei ainda hoje um prazer grande em provar-lhe a justiça dessas ações, que lhe parecem mais violentas, defendendo a minha consciência de qualquer sombra de remorsos que para o futuro pudesse tocar-lhe. Isto, porém, não é questão para o lugar em que estamos; e uma vez que se deu ao incômodo de me procurar, apenas entro de novo na Europa, não será muito pedir que me procure particularmente na Giudecca, onde será recebido a qualquer hora com todo o possível interesse. Por enquanto permito-lhe que conserve o incógnito.

O mascarado sorriu tristemente, apenas Monte Cristo acabou de falar.

— Um dia conversaremos, senhor conde, mas por mais bem deduzidos que sejam os seus argumentos, não haverá filosofia no mundo cristão que os sancione! — Vê-lo-emos! — disse Monte Cristo.

— Até esse dia — tornou o mascarado, estendendo-lhe a mão.

Monte Cristo tocou maquinalmente naquela mão estranha que esperava a sua mas lançou um pequeno grito de surpresa, recuando e fazendo-se lívido.

— A sua mão é de gelo! — Tem o gelo do sepulcro! — murmurou o mascarado expondo-a aos raios das luzes.

— A mão de um finado! — bradou Monte Cristo, estremecendo, malgrado seu.

CAPÍTULO 41

Primeiro abalo do colosso

DEPOIS daquele primeiro momento de surpresa, o conde de Monte Cristo readquirindo a presença de espírito, em vão procurou com a vista o homem que lhe tinha falado: ele desapareceu de súbito, sem deixar um vestígio dos seus passos.

O conde parecia sentir ainda o contato frio da mão ressequida, que tinha maquinalmente apertado na sua.

Por mais completa que seja a nossa filosofia, por maior desapego que tenhamos dos preconceitos da Idade Média, ou para melhor dizer, do fanatismo, há momentos em que nos deixamos possuir de um inexplicável terror, sem que por isso mostremos fraqueza de espírito! Há momentos na vida, há ocasiões inconcebíveis, em que o estudo, a ciência, o pensamento, são nada, em presença de alguns fatos, que o estudo não seria capaz de indagar, que a ciência não explicaria, e que o pensamento não

poderia conceber! Posto que a cena acima descrita não esteja precisamente em nenhum destes casos que estabelecemos para nós, que temos seguido desde a sua origem a inteira ação desta pequena história, para o conde de Monte Cristo era uma das mais singulares, talvez a primeira assim em toda a sua vida.

Quem era aquele homem misterioso que conhecia de perto a história de Edmond e vinha até ele para o acusar da maior parte das suas ações e sentimentos!? Que mão era aquela que se havia erguido do sepulcro para vir tocar na sua, procurando-o no momento em que ele menos pensava no passado? Todas estas inquietações nasciam de súbito na imaginação do conde de Monte Cristo, embora em seus lábios firmes estivesse estereotipado o sorriso do escárnio. Um motejo vulgar não seria expresso de tão singular maneira! Um inimigo obscuro não teria falado com a placidez do desconhecido mascarado! E quem podia ser esse inimigo? O barão Danglars era reconhecidamente incapaz de ter semelhante ideia! Albert de Morcerf tinha dado pública satisfação ao conde de Monte Cristo, no dia marcado para um duelo de morte. Villefort tinha enlouquecido, e era muito possível que nem existisse já! Quem era pois aquele homem? Em vão o conde contou, uma a uma, todas as pessoas que por um mal fundado raciocínio, pudessem julgar-se com direito de o perseguir. Em vão, também, reproduziu na memória todas as situações da sua vida passada! "Ninguém poderia hoje considerar-se meu inimigo, a ponto de recorrer à vingança! Nenhuma das situações da minha existência passada me deixou a mínima sombra de remorso!" dizia o conde. "Quem seria pois aquele homem!?" Eis a pergunta que o conde não sabia ainda satisfazer, ao cabo de comprida e aturada meditação.

No dia seguinte ao baile de signor Gradenigo, o conde de Monte Cristo esperou a visita do homem que o acusara. Mas ele não apareceu.

Os dias correram com velocidade, e ao fim de uma semana ainda o conde ignorava quem ele pudesse ser. Cansado de si mesmo, tentou distrair-se; lembrou-se então de procurar as jovens d'Armilly, que conhecia de Paris e a quem votara sempre sincera amizade.

As duas jovens amigas, tendo interrompido os seus contratos do teatro Argentino por motivo de reconhecida doença, tinham saído de Roma. Estavam em Veneza, vivendo juntas numa estalagem francesa. Monte Cristo fez-se anunciar sob um nome suposto, sendo recebido depois de alguma instância. Luísa d'Armilly foi a primeira que lhe apareceu, e não pôde reprimir esta exclamação: — Meu Deus! — disse ela encarando o conde. — Terei o gosto de falar ao senhor de Monte Cristo?! ...

— Sim, minha senhora, quis experimentar a sua memória; peço-lhe desculpa, porém quando nos não sentimos com o merecimento necessário para prender a atenção de outrem, não contamos ser reconhecidos depois de um longo período de ausência.

— Nunca deverá falar desse modo, senhor conde, eu e a minha amiga Eugènie sabemos avaliar os seus belos sentimentos, ainda que o mundo inteiro o condenasse.

— Não prossiga, senhora! Quando o mundo inteiro condena um homem, é forçoso que sigamos a opinião geral! — interrompeu Monte Cristo com um riso de benevolência, continuando: — Parece-me que poderei avaliar a saúde da sua interessante amiga Eugènie, pelas cores suaves que há no seu rosto.

— Oh, decerto! — respondeu Luísa. — A Eugènie está muito melhor, e eu, que muitas vezes estremeci pelo abatimento em que a via, folgo muito pelo seu restabelecimento.

— Ouvi dizer que vieram de Roma. A sua amiga não se deu bem naquela cidade? — Sofreu um desgosto profundo! — disse Luísa, mostrando algum embaraço. — Foi vítima de uma traição horrível! Mas perdão, senhor conde, ela zangar-se-á se eu perder um momento em lhe anunciar a visita que se digna conceder-nos. Corro a preveni-la.

Momentos depois, Eugènie Danglars apareceu na sala onde estava Monte Cristo, que notou com assombro a mudança que se havia operado no seu rosto, onde se viam os sulcos profundos de muitas lágrimas.

As cores da mocidade e do prazer de uma existência suave tinham desaparecido daquelas faces maceradas pelo sofrimento,

deixando nelas a palidez de uma agonia imortal. O seu olhar, outrora animado pela chama que o gênio acendia, estava brando e turvo. O gesto veemente que a caracterizava, era então lânguido e triste como a expressão dessas imagens que se colocam à beira das campas. Tudo estava mudado em Eugènie, e o conde não a teria conhecido.

Eugènie escutou as palavras do conde, respondendo apenas a algumas perguntas diretas que lhe dirigiu. Depois de meia hora de conversação, em que Monte Cristo procurou em vão notícias de algumas pessoas que tinha conhecido durante o tempo em que estivera em Paris, despediu-se das duas amigas, anunciando-lhes que tencionava dirigir-se a Roma.

— A Roma!? — perguntou Luísa olhando de um modo significativo para Eugènie.

— Espero distrair-me naquela cidade — disse o conde — o aborrecimento é o maior de todos os males que podemos experimentar.

— Entretanto, senhor conde, permita que o advirta de que talvez aumente em Roma o seu aborrecimento! — Como assim? — Há ali uma questão judicial em que muitas vezes figura o seu nome.

— Então como é isso? — perguntou o conde com um sorriso amável, como para evidenciar a placidez do seu espírito.

— Talvez não acredite no que vou dizer-lhe: contudo saiba que foi instaurado ali um processo terrível contra o famoso salteador Luigi Vampa, e este homem declarou perante os tribunais ter contraído algumas relações com o senhor conde.

— Realmente, acho galanteria do senhor Luigi Vampa — disse o conde com um modo frio, continuando logo: — e o caso é que existiam de fato essas relações, e eu sou amigo desse homem! Entretanto, em pouco tenho eu agora a segurança da sua cabeça! Quando o conde pronunciou estas palavras, dois fios de lágrimas corriam pelas faces de Eugènie. O conde ia continuar, porém Luísa fez-lhe sinal, que ele compreendeu, para não prosseguir, e foi abraçar a sua pobre amiga, que se deixara cair num sofá.

O conde despediu-se delas e saiu comovido pelo estado de languidez em que tinha visto a pobre menina e no firme propósito de empregar todos os meios que estivessem ao seu alcance para lhe restituir o seu antigo frescor: porém, para conseguir o bom resultado desse trabalho a que generosamente se propunha, era necessário antes de tudo conhecer e estudar a causa originária daquela doença, contra a qual, segundo a inteligência de Monte Cristo, os médicos vulgares nada poderiam conseguir.

Esperando que com o tempo ele saberia quanto se disse a respeito de Luigi Vampa, e julgando este assunto de menor importância do que o segundo, começou a trabalhar. Em poucos dias conseguiu ele que Eugènie e Luísa visitassem Haydée. As senhoras estimaram-se mutuamente, e o conde teve o prazer de formar o pequeno círculo de convivência íntima que tanto apreciava.

Como se realmente o conde de Monte Cristo houvesse de sentir, pedra por pedra, o desmoronamento de todo o edifício da sua paz íntima e da sua felicidade, não tardou que uma nuvem negra e misteriosa passasse no horizonte límpido da sua vida sem que ele pudesse combatê-la.

Desde alguns dias que Haydée, sob pretexto de incômodo, se recusava a receber pessoalmente Eugènie e Luísa, e quanto mais solícito para com elas se mostrava o conde, mais aumentava em Haydée o seu suposto incômodo.

Haydée, se bem que educada conforme o uso da Europa, conservava o fogo violento que a paixão acende no peito da mulher oriental; em breve se manifestou esse fogo voraz, que o ciúme exalta ao último ponto! Muitas vezes tinha ela visto com o olhar ciumento, como o da leoa do seu país, o conde passear ao lado de Eugènie na grande varanda do palácio. O conde parecia entretido numa dessas conversas, como se encontrasse um prazer amargo em imaginar, sem dados suficientes, sentimentos que eram totalmente estranhos entre ele e Eugènie.

Não era só Haydée quem observava estes passeios na grande varanda do palácio; alguém havia no canal, na viela que ficava em frente do edifício, que não despregava o olhar da interessante e

pálida figura de Eugènie que passeava ao lado do conde, respirando a brisa suave do Lido. Eugènie parecia mais abatida do que nunca e o conde mais empenhado em descobrir a causa misteriosa desse grande abatimento.

— Minha filha — dizia-lhe o conde — quando se tem a sua idade, não devemos desesperar neste mundo. Que doença pode haver no seu espírito, para a qual não encontre um bálsamo salutar em tudo quanto a cerca?... É bela, é nova, revela um gênio que o mundo aprecia, porque o reconhece superior.. para que se rouba a esse mundo brilhante, que se lhe arroja aos pés, e a bendiz com devoção? — Senhor, as suas palavras são como sempre, filhas da mais sincera simpatia; bem o sei e agradeço-lhe, mas este mundo de que me fala, o que poderá ele oferecer-me para mitigar esta saudade, este amor, esta agonia que eu sinto! — exclamou Eugènie elevando os olhos ao céu dolorosamente.

— Vamos, falou agora em termos mais precisos, minha filha — tornou o conde — falou de saudade, de amor e de agonia, três palavras que exprimem um sentimento ascendente na escala das sensações humanas.

— Sim, sim, senhor! Avalie, se pode, o sentimento infinito que há neste peito! Deplore-me depois — disse ela deixando pender a fronte e enxugando uma lágrima.

— Pelo contrário, minha filha, hei de profetizar-lhe um futuro cheio de extremo prazer.

— Oh, não! — disse Eugènie com um gemido. — Tudo vai acabar para mim! — Escute; minha filha — disse o conde com o seu amável sorriso de benevolência. -Reconhece que eu me considero verdadeiramente feliz? Tenho uma esposa extremosa, cujas carícias constantemente 138 — 139 recebo com indefinível prazer, tenho um filhinho, em cujos lábios inocentes escuto de contínuo o meu nome, como se escutasse um anjo a abençoar-me! Pois durante o espaço de quinze anos, quinze anos compridos, de desespero, de solidão, quinze anos, minha filha, eu dizia, como disse agora, tudo está acabado para mim! Nesse tempo contava eu a idade que tem hoje; e como a senhora arredava os olhos do futuro, para os dirigir à terra, onde me persuadia dormir brevemente o sono eterno! Mas eu

tive também uma voz que me disse: crê e espera! Sim, crer e esperar é em que se encerra toda a sabedoria humana, como eu mais tarde o reconheci crendo e esperando! — Todavia, as situações talvez sejam bem diferentes! — retorqui Eugènie.

— Eu estava encerrado entre os muros de uma torre, que era rodeada pela água do Oceano! Uma abóbada sombria era o meu único horizonte! Pai, amigos e amada, onde estavam? A noite horrível do sofrimento havia-me separado deles para sempre! As minhas mais caras esperanças estavam cortadas, mas a minha crença, posto que um momento enfraquecida, fortaleceu nas trevas e na agonia; e eu encarei o mundo, a felicidade, através das paredes da abóbada do meu cárcere! Eugènie pareceu meditar um momento, em seguida disse: — O senhor conde é um homem e eu sou uma mulher; a escala das sensações é diferente em nossos peitos! O senhor pode ter imaginado a sua felicidade para sempre desfeita sobre a terra, porém erguido sobre essas preciosas ruínas podia ainda conceber uma esperança! Eu, pelo contrário, devo desaparecer do mundo, porque o mundo, de hoje em diante, não é para mim mais do que a imagem viva do inferno! O senhor nunca poderia ter imaginado que com a cabeça da sua amada, havia de cair a única esperança da sua alma! — Eugènie! — exclamou o conde iluminado por aquelas terríveis palavras. — Fale, fale, que o tempo corre. Fale, Deus é misericordioso, Deus tem um poder imenso, fale, diga o que sente.

— Não posso! — murmurou Eugènie. — Não posso, o sentimento sufoca-me...

Dizendo isto, ela apoiou-se no parapeito da varanda, e seu olhar pareceu extinguir-se como o brilho das estrelas no horizonte. A lua elevou-se no Lido.

Duas gôndolas passavam silenciosas pela frente do palácio onde estava Monte Cristo. Essas duas barcas detiveram-se um momento, porque os dois remadores deixaram de fender as águas do pequeno canal; então elevou-se uma voz suave e melancólica, acompanhada pelos sons indolentes de uma guitarra. A voz era de um homem, e repetia em mau italiano estas quatro estrofes: Altos castelos caíram, Baixos albergues se ergueram; Pequenos nobres

subiram Altivos nobres desceram! Todos têm a sua sina De todos sei o condão.

Por bem pouco isto se ensina... Venha, venha a vossa mão.

Dos meninos inocentes E dos condes, que namoram; Das esposas descontentes Dos ciúmes, que as devoram: De todos direi a sina, De todos sei o condão.

Por bem pouco isto se ensina, Venha, venha a vossa mão.

A voz extinguiu-se, deixando ouvir distintamente o prelúdio da guitarra que era hàbilmente tocada. Dali a um instante, a mesma voz repetiu as suas trovas, e um homem, de pé numa das gôndolas, agitava um lenço na direção da varanda onde estava o conde e Eugènie.

Quando o conde se inclinava no parapeito de mármore para escutar o que diziam sentiu que lhe tocavam mansamente no ombro. Voltou-se e viu Haydée com o filhinho nos braços.

— Chame-os, senhor — disse ela com interesse. O conde fez um movimento e ia responder-lhe; porém ela interrompeu-o.

— Logo que os vi tomei o meu filho nos braços com o desejo de ouvir ler-lhe a sina. Chame-os, senhor, porque desejo imenso que eles falem.

— Tu queres isso, Haydée? Muitas vezes estes aventureiros não dizem a verdade! Para quem não possui um espírito temperado na repetida alternativa das desgraças, nunca é bom ouvir esta gente!

— Senhora d'Armilly — disse Haydée voltando-se para Eugènie — teria também algum interesse em ouvir aqueles homens? O conde notou com assombro o gesto veemente com que a sua esposa tinha falado a Eugènie; e para evitar um diálogo intempestivo, tirou um lenço branco da algibeira e fez sinal aos dois homens da gôndola.

CAPÍTULO 42

O cigano

Numa das salas do edifício, reuniu-se a pequena família do conde de Monte Cristo. Eugènie e Luísa d'Armilly estavam presentes.

A sala era espaçosa, ornada de móveis antigos e decorada com alguns quadros de grandes dimensões, que segundo o teria afirmado o proprietário daquele palácio, eram ainda restos das antigas pompas artísticas de Veneza, devidos aos pincéis de Ticiano, de Tintoreto ou de Paulo Veronezo; porém, para um olhar entendido, mesmo deixando de pertencer a Palma Belligni ou Montegn, caíam na simples imitação destes três discípulos da escola veneziana por um desses pincéis obscuros, que com toda a insolência do pedantismo, deturpam e decompõem a pouco e pouco as obras dos grandes gênios.

Estes quadros enormes, aqueles móveis sombrios testemunhas de muitos séculos, concorriam de um modo singular para a cena do mistério que se esperava.

Haydée tinha o filho nos braços; Eugènie e Luísa estavam sentadas ao lado dela; e o conde, em pé, apoiava o braço esquerdo sobre o mármore da papeleira. A luz de uma lâmpada estava velada por um transparente abajur verde; o silêncio era profundo.

Depois de um instante de espera, apareceu o cigano. Era um homem ainda moço: a estatura graciosa e ligeira era um modelo magnífico de nobreza; o seu vestuário justo e esmerado tinha a elegância e a gentileza espanholas; finalmente o gesto animado da fisionomia e a expressão misteriosa do olhar, tudo concorria para inspirar inteira confiança às mulheres e vagos receios aos homens.

Monte Cristo conservou-se imóvel, lançando apenas um olhar para o recém-chegado. Haydée sorriu, batendo com o índice na extremidade dos lábios do filho, como para o despertar.

— Boas-noites, senhor — disse o cigano, procurando dar às suas palavras um acento espanhol. — Boa-noite.

— certo que sou aqui chamado para descobrir o segredo dos seus futuros, belas damas? O que poderá haver de mau neles? — Comece — murmurou o conde.

— Pelo senhor, se quer.

O conde sorriu com modo desdenhoso.

— Gentil cavalheiro — disse o cigano — tem a firmeza do gênio; ao vê-lo, digo já que é qual baixel audaz no mar da vida! Lá estão no rosto impassível os sinais de um passado tormentoso! Na pupila um pouco dilatada, nos lábios irregularmente fechados, eu leio o sentimento de uma paixão extrema! Foi uma flor que não vingou.

— Gasta o seu tempo em coisas de pouco interesse — observou o conde, que começava a impacientar-se. — Deixe o passado que vai longe, e cuide do futuro, já que tem a vã presunção de o compartilhar com Deus, a quem ele só pertence! Dê-me a sua mão! disse o cigano vivamente. — Aqui está — respondeu o conde de Monte Cristo com um gesto de escárnio.

Seguiu-se então um momento de silêncio; o cigano abanou a cabeça, e voltando-se para Haydée, murmurou estas palavras com um acento lúgubre: — Pobre Haydée! O conde fez um movimento de surpresa, e Haydée imprimiu um beijo nas faces do filhinho.

— Eis aqui a linha da terra — continuava o cigano, olhando para a mão de Monte Cristo, em cuja fronte começavam a formar-se algumas bagas de suor frio.

— Sê breve! — murmurou ele.

— Basta! — disse o cigano olhando para o céu. — Fale...

— É impossível.

— É um belo adivinho, meu amigo — disse Monte Cristo com uma risada motejadora, pois atribuía à ignorância o embaraço do pobre cigano.

— Pois bem, senhor, para lhe provar que não sou tão mau como supõe, ouça-me em segredo. — Concedo. Porém, desde já o previno de que não consentirei que oculte na capa do mistério meia dúzia de palavras sem sentido.

— Senhor — disse então o cigano — viu alguma vez os extensos desertos de África, onde não há uma gota de água para mitigar a sede do viajante? Tem notado lá uma palmeira isolada, erguida no chão, em que tudo morre abrasado? Nunca perguntou a si mesmo porque razão vive ali aquela árvore, suportando o tufão, a

calma e a secura, e contando nas suas folhas amareladas a história de muitos séculos?

— Que quer concluir daí? — perguntou o conde.

— Senhor, o deserto será a vida; a tempestade e a calma a desgraça; os séculos serão os anos; a palmeira é o senhor! — Obrigado, meu bom profeta, qual é a garantia que me oferece para que eu acredite nas suas palavras, Aliás filhas de um simples improvisado? — É difícil de contentar, senhor! — tornou o cigano. — Eu não o conheço, e por isso não posso combinar fatos alguns da sua existência passada, para deduzir precisamente o seu futuro! Entretanto, dir-lhe-ei que há no mundo a mão ressequida de um fantasma, que chama constantemente pelo senhor.

— Todos teremos o mesmo fim! — respondeu o conde.

— Com a diferença que o senhor há de chegar a esse fim quando o seu peito já não tiver alento para soltar um gemido e quando nas suas pálpebras já não houver uma lágrima que não seja de sangue! A estas palavras o conde estremeceu violentamente, e cravando o olhar no rosto moreno do cigano, procurou descobrir ali um enigma qualquer, cuja existência pressentia: mas o rosto do cigano estava imóvel como o de uma estátua.

— Aqui tem este menino — disse-lhe Haydée, logo que ele acabou de falar ao conde. — Diga-nos qual é a sua sina.

— Direi, senhora; porém se alguma das senhoras requer o meu mister, este inocente será o último. Senhora — continuou ele colocando-se em frente de Eugènie.

— a sua estrela deve ser boa; quer que eu a interrogue? — É indiferente — murmurou Eugènie.

Oh! Fale — disse vivamente Haydée — fale. — Muito bem, dê-me a sua mão.

Eugènie estendeu a mão, e enquanto o cigano parecia observá-la, todos guardaram profundo silêncio, esperando o resultado daquele momentâneo estudo.

— Sentiu um amor tão violento — disse o cigano — um desses amores que sentimos uma só vez na vida, foi vítima dessa paixão veemente, pagando em vida, no famoso campi lugentes o tributo da sua malfadada existência! Longe, vejo sua mãe, que em

vão chora muitas lágrimas pela senhora! Falta-lhe o pão, e quando a senhora se convencer de quanto uma filha deve a sua mãe, há de oferecer-lho. Finalmente prepare os seus vestidos de luto, porque sob o cutelo da justiça cairá a cabeça do homem a quem ama! Eugènie, que durante as palavras do cigano começara a agitar-se e a tremer, lançou um grito doloroso apenas ele acabou de falar.

— Miserável! — exclamou o conde de Monte Cristo avançando rápido para o cigano.

— Eu disse a verdade, senhor — respondeu o cigano com modo humilde, porque notou num movimento de Haydée a resolução que ela tomava de evitar os efeitos de indignação de Monte Cristo contra o cigano.

Entretanto, Eugènie, trêmula e pálida, tinha-se levantado; Luísa segurou-lhe rapidamente o braço, tentou ampará-la.

— Fugamos, Luísa, fugamos! — bradou Eugènie como desvairada. — Este homem está marcado com o selo da fatalidade! E apontou horrorizada para o conde de Monte Cristo. — Oh! Minha mãe, minha pobre mãe! Bem mal fiz em te abandonar! Fugamos! Dizendo isto, Eugènie travou da mão da sua amiga e correu com ela pela sala, saindo do edifício. O conde ficou estupefato, e Haydée, unindo o filhinho ao seio, contemplava com interesse aquele quadro singular.

Vamos, meu adivinho — disse o conde atirando com uma bolsa aos pés do cigano — está acabado o trabalho, podes retirar-te.

— Ainda não, senhor! Falta a sina de meu filho.

— Que dizes, Haydée? Não vês que este miserável é um embusteiro que a todo o transe pretende aterrar-nos com as suas ideias loucas e absurdas? — Oh! Eu conheço que tem dito a verdade! — respondeu Haydée. — E o que poderá ele dizer de mau, relativo ao futuro deste inocentinho? Sente-se, senhor, tomemos ambos nos braços o nosso querido filho e escutemos a profecia.

O conde, posto que agitado por quanto havia sucedido, não pôde esquivar-se ao que Haydée lhe pedia. Sentou-se ao lado dela, e passando-lhe um braço em redor da cintura, amparou com o outro o corpo do filhinho que tinha estendido no colo. A criancinha parecia satisfeita, e batendo as mãozinhas, sorria-se para os autores dos

seus dias, como se quisesse recompensar-lhes já o amor que eles lhe votavam.

O cigano aproximou-se daquele quadro magnífico. No seu rosto pálido, encaixilhado entre as espessas suíças pretas e lustrosas como o ébano, havia um riso diabólico, cuja expressão não escapava ao olhar inteligente do conde.

Haydée, pegando na mãozinha do menino, estendeu-lhe o braço na direção do cigano.

— Aqui tem a mão do menino — disse ela.

O cigano observou-a em silêncio durante alguns segundos com a mesma atenção e o mesmo escrúpulo que até ali empregara em semelhantes observações.

— Muito bem! — O que sabe? — Por enquanto sei pouco.

— Diga.

— Este menino será feliz, muito feliz, depois de grandes trabalhos! Porém esses trabalhos podem evitar-se — continuou ele.

— Fale...

— Nasceu sob a influência de um mau signo! Todavia, segundo o que me diz esta linha curvada, que parte na última junção do índice e vai acabar na palma... vejo que o menino nasceu no Oriente.

Haydée olhou para o conde, muito satisfeita da verdade que tinha notado nas palavras do cigano.

— E por isso — continuou este — não será tão infeliz como podia ser: todavia é mister empregar alguns meios para evitar a desgraça.

— Fale, fale. Tudo quanto estiver ao nosso alcance, tudo faremos! — exclamou Haydée.

— Esta semana haverá em Veneza um jantar oferecido aos pobres — disse o cigano pausadamente — deve comparecer ali com este menino e fazer-lhe comer o pão da caridade; será bom que a senhora e o seu marido o compartilhem também, para que se purifiquem de qualquer vaidade que haja nos seus peitos. Depois, devem fazer com que este menino receba um beijo de três pobres, que hão de para esse fim tomá-lo nos braços.

— Nada mais fácil — disse Haydée. — Faremos tudo quanto ele diz, sim, meu amigo? — perguntou ela ao conde com um modo ingênuo.

— Signora — continuou o cigano — fazendo o que lhe digo, acredite que terá afastado do horizonte deste inocente algumas nuvens que ali notei! Boa noite! A Virgem fique na sua guarda, e um gênio benigno não cesse de velar junto do berço do seu filho! Dizendo isto, o cigano dispôs-se para sair, e Haydée com o sorriso da esperança nos lábios e o olhar turvo pelo pranto de uma sensibilidade sublime, estendeu a mão para o cigano, oferecendo-lhe um anel magnífico que tinha no dedo. O cigano pegou no anel e beijou-o como prova de profundo respeito e completa satisfação.

— Então, meu amigo? — disse Haydée com orgulho ao marido, cujo olhar inquieto parecia seguir a figura do cigano ao longo da sala. — Bem lhe dizia eu que o nosso filho havia de ser feliz! Iremos ao jantar dos pobres? — Iremos! — murmurou Monte Cristo.

Haydée passou-lhe o braço ao redor do pescoço, unindo os seus lábios ardentes às faces do conde.

CAPÍTULO 43

Indagação

A próxima piedosa função tornou-se logo o alvo de todos os pensamentos da jovem mãe; ela quis pela sua mão escolher e compor o vestido para o seu filhinho levar ao jantar dos pobres.

Entretanto, o conde de Monte Cristo ocupava-se em proteger, quanto lhe fosse possível, a pobre filha do barão Danglars. Ele correu ao seu encontro no dia seguinte, notando com assombro uma carruagem de posta estacionada à porta do hotel. perguntou por quem esperava aquela carruagem, e disseram-lhe que pelas duas cantoras francesas.

O conde subiu apressadamente as escadas e sem responder às objeções dos criados, entrou pelas salas, até encontrar Eugènie ou Luísa. Foi Eugènie a primeira que lhe apareceu.

148 — 149 Estava vestida de preto. O seu rosto estava pálido, e tinha o gesto firme de quem havia tomado uma resolução espontânea.

— Senhora — perguntou-lhe o conde — retira-se? — Retiro-me, conde, conhecendo que a minha estrela começou a extinguir-se nas nuvens da desgraça, conformo-me com a sorte, e vou esgotar no cálice de um prazer amargo e cruel quanto uma mulher no meu caso pode sofrer! — Eugènie — tornou o conde, pegando-lhe suavemente na mão — é dolorosa a expressão das suas palavras! Dar-se-á o caso de que o seu espírito fraqueje ao peso de embuste, como o que escutamos ontem de um pobre cigano, cujo simples interesse era comover-nos para que lhe pagássemos bem? — Oh, senhor! — respondeu Eugènie com um sorriso lúgubre. — Não sei que mistério houve na noite de ontem, mas o cigano falou verdade em tudo quanto me disse respeito! A cabeça do homem a quem amei e amo ainda, sem ter força para sufocar este sentimento, vai cair sob o cutelo da justiça romana! — Será possível evitar esse ato de justiça? — O condenado é Luigi Vampa, e os romanos pedem a cabeça dele! Admira-se do amor que eu consagrei a um vil salteador? Oh! É que Vampa não era como os outros homens! Havia nele não sei o que de enérgico e majestoso que o fazia superior a todos eles! — Eugènie — tornou o conde — acredito que não há nada impossível neste mundo quando a misericórdia de Deus nos protege. Esperar e crer, é toda a sabedoria humana: deve pois esperar e ter fé.

— Em quê? — perguntou Eugènie.

— Em Deus, Eugènie, em Deus! — Poderá o senhor conde alcançar que Deus proteja aquele infeliz? — Posso Como? — Já comprei ao Papa a vida de um homem; comprar-lhe-ei a vida de outro.

— Por que preço?...

— Na tiara de Sua Santidade há uma esmeralda magnífica: haverá ali lugar para outra de igual valor? Eu creio que sim, minha

filha. O Papa, esse homem que tem a impudência de querer representar Deus sobre a terra, não é mais do que um juiz vulgar que vende por alto preço os atos da sua justiça. Deus, querendo provar ao mundo esta verdade, deu-me o poder de negociar, face a face, com aquele homem, como se negocia com um senhor de muitos escravos. Tenho com que lhe pagar metade do reino, quanto mais -a vida de um pobre salteador.

— Oh, senhor! — murmurou Eugènie, apertando-lhe a mão.

— Desculpe, Eugènie — disse o conde retirando a mão— apenas lhe prometi salvar a cabeça de Vampa; mas prometa-me também que não abandonará depois a vida grandiosa, em que é um gênio! — Juro-lho! — Cultivará sempre a arte de Talma, enquanto a poeira gelada do tempo não branquear esses lindos cabelos? — Sim, — Muito bem! Eu vou empenhar-me em salvar Vampa. Alcançando que seja o perdão do Papa, ele far-se-á um bom homem; conheço-o bem, e sei que tem sentimentos generosos no fundo da alma.

Quando o conde acabava de dizer estas palavras, apareceu Luísa d'Armilly, pronta para acompanhar Eugènie.

— Não, minha amiga, por enquanto ficamos em Veneza — disse-lhe Eugènie.

— Como assim?!...

— Houve um raio de felicidade inesperada, um relâmpago de esperança no céu tenebroso, que eu te descrevi ontem! — Não perco um momento, Eugènie — disse o conde — vou trabalhar para que esse relâmpago se transforme em luz constante.

O conde deu um passo para se retirar, porém deteve-se para escutar o que lhe dizia um criado que acabava de entrar.

— Vossa Excelência é o conde de Monte Cristo? — Sou.

— Então é a Vossa Excelência que se dirige esta carta.

— De onde vem ela? — Trouxe-a um homem que eu não conheço, porém, segundo ele afirmou, a carta vinha remetida de Roma, por especial favor.

Eugènie fez um movimento de interesse ao ouvir o que se dizia; o conde, pelo contrário, perturbou-se pelo que ele tinha dito a Eugènie Danglars, mas não podia deixar de ler imediatamente

aquela carta, e por isso, em vez de guardá-la fechada na sua carteira, com aquele modo impassível que era tão dele, abriu-a, leu-a, afastando-se um pouco das duas amigas que se encostavam ao braço uma da outra.

Então o conde leu para si: Signor: Acabo de saber que está em Veneza; o que eu porém não sei é o que tenciona fazer a respeito de Luigi Vampa! Digo isto, porque o pobre Vampa está em poder da justiça; tem sobre a cabeça, suspensa em pequena altura, a mazza do carrasco! Jurou protegê-lo sempre e agora falta à sua palavra! Venha pois quanto antes, senão tudo estará perdido para o pobre Vampa.

A última hora! Acabo de saber que Vampa se enforcou no seu cárcere tendo primeiro revelado à justiça as suas relações com o senhor. Sei também que o encarregado dos negócios de França tem instruções do governo contra o senhor, por haver violado e profanado diversos mausoléus do cemitério do Père Lachaise entre os quais se nomeia o da família Villefort e Saint-Méran. Não volte a Roma e acredite que sou seu reverente criado, Peppino Roca-Priori".

Posto que a fisionomia do conde de Monte Cristo fosse de uma firmeza indizível, apresentando aos olhos mais sagazes um selo inviolável sobre os arcanos do seu peito, aquela voz transluzia nela a sensação que o conde experimentou ao ler a carta de Peppino. Eugènie compreendeu a expressão do rosto do conde.

— Alguma notícia desagradável? — perguntou ela.

— Oh! — exclamou o conde, como se não pudesse conter as palavras e amarrotando a carta nas mãos. — Bem o disse: Eugènie, a fatalidade pesa sobre mim e sobre quantos tratam comigo! — Senhor! O conde ficou extático.

— Fale, por piedade, pois far-me-á acreditar numa verdade horrível! — murmurou Eugènie.

— Eugènie — disse o conde aproximando-se dela vagarosamente e contemplando-a com um olhar compadecido.

— Compreendo! — murmurou ela enxugando uma lágrima.

Seguiu-se um momento de silêncio, apenas interrompido pelo soluçar de Eugènie. Nem Luísa nem o conde ousavam distraí-la daquela saudade, daquele amor veemente, cuja expressão amarga

estava nas lágrimas que ele chorava. Depois, Eugènie ergueu a fronte pálida e serena, encarou o conde como se lhe dissesse adeus e, voltando-se para Luísa, dirigiu-lhe estas palavras: — Luísa, todas as minhas ilusões caíram para sempre! Partamos, pois quem sabe se minha mãe solicita agora em Roma o pão da indigência? Partamos, tenho ali dois deveres a cumprir.

Dizendo isto, deu a mão a Luísa e caminhou com passo firme ao longo da sala. O conde ficou imóvel, reconhecendo com espanto a verdade da singular profecia do cigano.

Todos sabiam já em Veneza que um benfeitor desconhecido havia pedido licença para oferecer aos pobres da cidade um jantar que devia realizar-se com brevidade. As autoridades, concedendo logo aquela licença, conservaram o anonimato do benfeitor e por isso ninguém mais sabia quem ele era.

O conde de Monte Cristo ignorava também o nome desse homem e teve de permanecer nessa ignorância, bem como os mais curiosos. O dia destinado para o piedoso banquete estava próximo. Era uma quinta-feira de Abril.

Logo que o sol começou a aproximar-se do seu zênite, quando o ponteiro do grande relógio da catedral caminhava para o meio-dia, a grande praça começou a encher-se de povo, que vinha ali convergindo de todos os pontos da cidade. As mesas para o festim estavam preparadas em frente do antigo edifício de S. Marcos, contendo lugares para mais de quinhentas pessoas.

Quatro bandas de música, colocadas duas dos lados do portal da igreja e duas em coretos na praça, executavam, sem cessar, as melhores peças de música. As janelas do palácio viam-se cheias de senhoras, cujos enfeites multicores contribuía para o realce daquele magnífico espetáculo.

As senhoras das melhores famílias de Veneza, tendo-se antecipadamente reunido em sessão, haviam deliberado que para engrandecimento daquele ato de verdadeira caridade cristã, ofereciam a Deus o de completa humildade, indo elas para esse fim rodear a mesa do banquete e servir os pobres, enquanto eles comessem. Esta ideia sublime das nobres senhoras venezianas teve geral aceitação.

Saindo nas suas mais elegantes toaletes, apeavam-se das arrendadas gôndolas para se dirigirem ao adro da igreja de S. Marcos, onde a miséria esperava com ansiedade á sua hora de satisfação.

Era realmente grandioso o desvelo com que as nobres senhoras tomavam nos braços as pobres criancinhas e lhes enxugavam as lágrimas com os seus ricos lenços perfumados, o interesse com que elas ajudavam os velhos a removerem-se até ao lugar que lhes competia na mesa, a crença com que repetiam às mães as palavras santas do Evangelho, para que tivessem fé e acreditassem na misericórdia infinda de Deus. Finalmente o ponteiro do relógio designou ter chegado a hora do festim.

O sino grande de S. Marcos, girando nos seus possantes braços de bronze, anunciava com estridor a hora da justiça, a hora do pão, a hora da caridade, como se pretendesse que o eco do Lido repetisse ao mundo aquele anúncio. Ao som da música, ao dobrar solene do grande sino, aos gritos entusiásticos do povo inteiro de Veneza, os pobres ocuparam os seus lugares e o festim começou. Entretanto, por mais acirrada que fosse a curiosidade, ninguém podia conhecer o autor daquele espetáculo, com-prazendo-se com o maravilhoso efeito dele.

O conde de Monte Cristo, ao lado da sua interessante e formosa esposa, que sustentava o filhinho nos braços, em vão lançava em redor de si aquele seu olhar tranquilo, fino, inteligente, para conhecer o misterioso e magnânimo benfeitor. Se, com efeito, ele ali estava, a sua fisionomia modulando por assim dizer a expressão pelas fisionomias que o cercavam, não traía em nada o sentimento.

Haydée só pensava em fazer compreender ao filhinho o espetáculo edificante em que a pobre criança havia de tomar parte, conforme o preceito estabelecido pelo cigano. A criança, vendo-se rodeada de toda aquela gente estranha, olhava de testa franzida para a mãe como se quisesse perguntar-lhe o que significava aquela cena sublime do cristianismo! — Meu filho — dizia Haydée em voz baixa, e unindo-o a si — o Deus do mundo está aqui em toda a sua glória e majestade, dando aos pobres o que é dos

pobres. Conde, não acha agradável este espetáculo, não acha ser verdade o que acabo de dizer ao nosso filho? — Sim, Haydée — respondeu o conde. — Todavia, não sei o que me oprime! Quisera que não se prolongasse muito esta cerimônia, que me revela mais vaidade do que simples caridade cristã.

— Como assim? — perguntou Haydée.

— Diz o Evangelho de S. Mateus — tornou o conde — ensinando-nos a dar uma esmola, que quando a mão direita a entregar ao pobre, não saiba a nossa esquerda o que fizemos! E quando formos generosos não consintamos que a trombeta da fama apregoe ante nós o nosso nome e o nosso feito! Hás de compreender tu agora, minha amiga, a razão das minhas palavras. Eu vejo em todo este aparato um segundo pensamento! Isto não é simples caridade cristã! Todos aqueles pobres que além estão, receberiam de melhor grado esta esmola no centro dos seus albergues, na companhia dos seus filhos e das suas mulheres. Esta pompa oprime-os! A presença daquelas nobres senhoras torna-os constrangidos. Nota como eles estão silenciosos, como as suas fisionomias estão carregadas; como eles ficam imóveis logo que alguma das belas serventes se aproxima deles... Vaidade humana, até que ponto chegas! continuou o conde com expressão de escárnio, como se fosse superior aos outros homens. — Até no ato da esmola tu queres ostentar a tua pompa infernal! Eis como é imperfeita a crença do homem! Vê, minha Haydée, como é incompleto o ato de humildade que aquelas senhoras oferecem ao seu Deus! Brilham nelas as melhores joias, no momento em que desejam humilhar-se, exaltam-se, marcam a diferença que vai delas aos filhos da miséria. Vamos: é chegado o momento de apresentar ao nosso filho o pão da indigência. Tira-lhe esses adornos que o cobrem, minha amiga! Rasga-lhe esse traje de rico valor, e solta-lhe os cabelos à brisa do espaço.

Dizendo isto, o conde, pela sua mão, "ajudou Haydée a executar o seu pensamento; Haydée não ousava contrariá-lo, posto que lhe parecesse bem singular aquela desordem no vestuário do filho.

— Agora daremos uma lição a toda esta gente — continuava o conde falando a sua mulher. — Meu filho que tem uma herança capaz de comprar a cidade de Veneza, vai de cabelos soltos, descalço, e com o fato roto, compartilhar o prazer daqueles desgraçados mendigos, como seria capaz de compartilhar os seus desgostos e as suas dores, se as compreendesse já! Vamos, Haydée, é chegado o momento.

Haydée, elevando então o menino nos braços, caminhou com ele para a mesa do festim. Nesse momento, alguns pobres levantavam-se e vinham, como por acaso, na direção em que estava Haydée e Monte Cristo.

— Meus amigos — disse-lhes então Haydée — pelo amor de Deus, façam com que o meu inocente filho participe do pão que estão comendo.

Os pobres cercaram logo a formosa e jovem mãe, apresentando à criança um pedaço de pão. Haydée separou com os dedos uma pequena parte, e introduzindo-a nos lábios do filho, disse-lhe: — Come, meu filho: é o pão de Deus. Agora dá 156 — 157 um abraço a esta boa gente que nos cerca. eles são muito teus amigos, e tu hás de ser amigo deles.

Para logo aquele pequeno grupo se tornou o alvo de todas as vistas. Todos se chegaram para o local da famosa cena da comunhão, bastante surpreendidos pela contrição sublime que haviam encontrado em Haydée.

O conde de Monte Cristo ficou por momentos separado da esposa e do filho.

O povo corria para aquele ponto, ávido, curioso e incansável de ver e de pasmar como sempre! Foi então que Haydée, imprimindo um beijo no rosto do filhinho, o entregou aos braços de um dos mendigos. Este abraçou-o e passou a criança aos braços de outro.

Haydée, que o seguia com a vista, lançou repentinamente um grito agudíssimo que sobressaiu com horrível expressão de angústia no silêncio geral e profundo que reinava então. Este grito de uma angústia extrema foi logo seguido pelo rumorejar cavernoso de mil vozes humanas, semelhante ao som longínquo do trovão.

O conde de Monte Cristo, avançando pelas massas compactas do povo tentou chegar até sua esposa; esta era arrastada diante dele, pela onda viva do povo! Em breve todo aquele mar de cabeças humanas começou a encapelar-se com aspecto assustador.

A desordem e a confusão tornou-se repentinamente em ordem de toda aquela cena. Todos gritavam e se moviam sem um pensamento determinado, e superior a todas as vozes, a todos os gritos de dor, desespero e raiva, distinguia-se uma voz que dizia estas palavras: "Meu filho! Meu querido filho!" Era a voz de Haydée.

Antes que a polícia pudesse apaziguar o tumulto da praça, muitas rixas de combatentes se haviam travado e muitos corpos tinham sido espezinhados sem dó, sem piedade.

O conde, silencioso, lutando sempre contra as massas que lhe embargavam o passo rompia na direção em que supunha encontrar Haydée. Nem um grito se escapava daqueles lábios, nem uma lágrima orvalhava as faces pálidas do conde, cujas forças pareciam redobrar à proporção que a dificuldade crescia. Finalmente a polícia conseguiu dispersar o povo; a praça de S. Marcos tinha inteiramente mudado de aspecto. A mesa do festim estava inteiramente despedaçada. As portas da igreja, as janelas dos palácios estavam cautelosamente fechadas: os gemidos das vítimas eram a orquestra lúgubre daquele campo de sangue.

O conde, erguendo-se então sobre a base de uma das colunas do pórtico da igreja, dominou com olhar de fogo todo o quadro que se desenrolava diante dele. De repente, desceu e correu na direção de uma mulher que estava de joelhos num dos ângulos da praça com a cabeça descaída sobre as espáduas e os olhos fechados.

— Haydée! Haydée!... — bradou ele, levantando-a nos braços como se ela fosse uma criança. — Oh! Maldição! Maldição eterna sobre mim, fui um insensato! Depois, tirando da algibeira um pequeno frasco, lançou algumas gotas de licor verde nos lábios de Haydée. Ela abriu os olhos, estendeu os braços, e estremeceu como se o sangue tornasse a circular-lhe nas veias.

— Onde está o meu filho? Oh! Roubaram-nos o nosso filho! O nosso querido filho! — Haydée — respondeu o conde de Monte

Cristo com um sossego tal, que contrastava singularmente com a expressão amarga que havia em sua esposa. — Deus assim o quis!

CAPÍTULO 44

A carta

Os jornais literários e políticos narraram com a redação minuciosa que os caracteriza o drama singular do festim ou jantar dos pobres. A polícia, por melhor servida que se supusesse, não pôde descobrir o verdadeiro fim daquele tumulto, nem o raptor do filho de Monte Cristo.

Haydée contava que tinha entregado o menino nos braços dos quatro mendigos, vira rapidamente um homem estranho apoderar-se dele e desaparecer em seguida pelo meio do povo. Então começaram as diligências e as pesquisas por outro lado. Tendo-se combinado os fatos, deu-se por certo que o cigano estava de acordo com o raptor, ou era o próprio raptor. Imediatamente os esbirros se lançaram em todos os lupanares da cidade para ver se podiam descobrir o cigano.

Entretanto o conde recebia as visitas de sentimento de todas as famílias venezianas. O sossego e a resignação com que ele sofria aquele golpe, alcançava-lhe a simpatia de Veneza inteira: porém Haydée que era mãe, Haydée, que não possuía o grau de resignação do conde, chorava sem cessar a perda do filhinho: e os médicos aconselharam ao conde que sem demora a afastasse de uma terra que lhe avivava em tudo e por tudo, aquele sentimento doloroso que a pungia.

Há fatalidades que fazem vergar as mais firmes convicções! O conde de Monte Cristo não podia esquivar-se àquele peso fatal de tão repentina quanto imprevista desgraça. Qual era o inimigo misterioso que o acometia? Qual seria o seu crime para merecer aquele castigo, aquele golpe, que só compreende quem é pai,

quem haja visto e amado dia a dia, um filho que cresce e se desenvolve como para satisfazer as nossas mais caras ilusões.

O conde de Monte Cristo, assim como todos -os homens cuja pátria é o mundo inteiro, que têm experimentado a desgraça no seu auge de amargor e a felicidade no seu último acesso, possuía a placidez, o sangue-frio, a presença de espírito necessário para calcular a sorte e combatê-la; porém por onde podia ele então conduzir o seu cálculo? Onde poderia ele alcançar os dados suficientes para formar o seu primeiro raciocínio, deduzir a causa pelos efeitos? Há pesares tão vastos e profundos em que o homem mais inteligente se perde como o átomo no caos.

Era impossível conhecer o raptor da criança; era impossível prever a causa daquele procedimento, era tudo impossível exceto a ilusão. A ilusão alimentou pois a esperança de Monte Cristo.

A maneira do naufrago que depois de haver procurado por muito tempo distinguir a ponta de um rochedo em que se salve, repelindo ainda a ideia da morte, espera flutuar nas ondas até que o socorram, o conde de Monte Cristo procurou convencer-se de que algum bando de salteadores se havia apoderado da criança com o fim de exigir depois o resgate dela. Assente esta suposição, logo ele a comunicou a Haydée, fazendo-lhe compreender que não havia nada mais natural, pois ele conhecia bem o caráter dos salteadores italianos! Muito tempo se passou nesta esperança.

Haydée definhava progressivamente ao peso da sua infelicidade! É que o conde de Monte Cristo não possuía em todos os seus tesouros o preço necessário para a evitar! Ele conheceu então que neste mundo tudo cede ao poder de uma riqueza infinda, mas que nunca o homem será suficientemente poderoso para fazer mudar um só ápice da vontade de um ser onnipotente, a que se chama Deus. Ele conheceu a facilidade com que o destino nivela os homens, apesar da diferença de haveres que entre eles existam! "Oh!" meditava o conde. "Teria eu alguma vez empregado mal o poder que Deus me havia concedido sobre todos os homens? Não premiei sempre a virtude? Não fui eu sempre inexorável contra o crime? Surgindo das ondas pobre e só, entro de novo no mundo, porém sábio e inteligente para o compreender! Deus fez-me grande

e poderoso, como para me pôr superior às leis dos homens! Então caminhei sem o menor embaraço, zombando sempre de muitas leis absurdas, e cuspiendo em muitas reputações falsas, empunhando sempre o gládio de uma justiça pura, meditada em muitos anos de estudo! Quando foi que o seu sangue inocente manchou aquele gládio famoso?" De repente, o conde empalideceu, como se uma voz misteriosa lhe houvesse murmurado ao ouvido a resposta àquela simples pergunta.

"Meu Deus!" dizia ele. "No jazigo das famílias de Villefort e S. Méran está o cadáver de uma criança morta por mim! Será meu filho o preço terrível daquela vida que eu extingui? Oh, insensato! Julguei-me iluminado na terra, e errei como o homem de mais obscura inteligência! Julguei-me grande no mundo, e sou pequeno e fraco logo ao primeiro golpe da justiça do céu! Meu filho! Mas porque deverás pagar tu o erro de teu pai? Ah! É que os erros dos pais recaem nos filhos até à quarta e quinta gerações! Sim, foi essa a minha doutrina! Foi sacrificando a felicidade dos filhos, que eu me vinguei do crime dos pais. Meu Deus, Tu queres agora demonstrar-me o absurdo dessa lei evangélica inventada pelos homens? Eu o conheço! Eu o conheço!" Era assim que o conde de Monte Cristo, como filósofo, curvava a frente sob o golpe da justiça de Deus; porém como homem e como pai não deixava de imaginar um meio qualquer que o levasse a encontrar o filho.

Escreveu para Paris, a Maximiliano Morel, para a carta lhe ser remetida a qualquer ponto onde ele estivesse, contando-lhe a catástrofe do jantar dos pobres e pedindo-lhe que não descansasse um momento no trabalho de procurar um vestígio, um sinal, que pudesse indicar o lugar onde se encontrava o filho de Haydée.

Quinze dias depois de ter escrito, recebeu ele uma carta das mãos de Rosina, filha dos contrabandistas, que o procurou na Giudecca.

— Excelentíssimo, é o senhor o conde de Monte Cristo? —
Sou eu, sou, que me quer? — Entregar-lhe uma carta, senhor.

— Onde vem ela? — Isso é pergunta que só S. Marcos seria capaz de responder. Enviou-a meu pobre irmão Pietro. O que posso

fazer é contar-lhe a triste história de Pietro, e por ela talvez o senhor conde saiba donde ela vem.

— Conte-me primeiro a história — disse Monte Cristo, recusando-se a receber a carta.

— Veio a este porto um barco denominado Tormenta, cujo capitão era um homem muito singular, que segundo afirma Pietro, tem uma mão de finado, e com ela pode tudo! A estas palavras a fisionomia do conde modificou-se, e encarou com olhar penetrante o rosto singelo da veneziana.

— Esse homem — continuou a rapariga — com o intento de se dirigir à ilha de Monte Cristo, apoderou-se de meu irmão Pietro, e com ele saiu do Lido, vai em dois meses e meio. Por mais que chorasse e trabalhasse para alcançar a liberdade de Pietro, nada pude conseguir até hoje, e só de tempos a tempos é que recebo notícias dele.

— Então que mister desempenha seu irmão a bordo do Tormenta? — É, segundo creio, piloto. Pietro conhece bem o Mediterrâneo, e sabe atinar com a ilha de Monte Cristo; por isso o levaram para bordo do maldito barco.

— E depois? — Escreveu-me ontem, dizendo-me que tinham saído da ilha, onde tudo ficava em paz; e enviou-me esta carta escrita pelo capitão para lhe ser entregue.

— Dê-me — disse o conde estendendo a mão.

O conde abriu a carta e afastou-se para o vão de uma janela, colocando-se de modo que Rosina não lhe visse o rosto.

Eis o que a carta dizia: — Edmond Dantès: O teu filho estará no último dia de Julho na gruta da ilha de Monte Cristo, onde comparecerás, só, para tratar do seu resgate.

O capitão do Tormenta — Então, senhor conde? — perguntou Rosina.

O conde olhou para ela com atenção, sem lhe responder.

— Que esperas tu? — perguntou ele.

— Eu, senhor, espero as suas ordens.

— Queres enviar a resposta desta carta ao teu irmão, ou ao capitão do Tormenta? — De modo nenhum, isso seria impossível

porque não conheço meio de corresponder-nos! — Ignoras então quem te dá as cartas dele? — Lá isso não; é o Giacomo.

— Quem é esse Giacomo? — O gondoleiro do Rialto, que as vai buscar de quando em quando a uma das fendas da cantaria do canal Orfano.

— Logo, se responder a esta carta e se mandar ali a resposta, é certo que também hão de ir buscá-la? — Não, senhor; eu já tentei o mesmo, e a carta lá ficou sem que ninguém lhe tocasse, até que eu mesmo a retirei.

— Está bem; retira-te em paz — respondeu o conde.

Depois dela ter saído, o conde leu segunda vez a carta. Em vão procurou conhecer o talhe da letra; era ela firme e rasgada, anunciando a resolução da pessoa que a escrevera.

Era mister que o conde fosse à ilha de Monte Cristo para fazer o resgate do seu filho, que estava sem dúvida nas mãos de alguns salteadores: ora o conde conhecia bem o caráter desses homens, e não hesitou em ir tratar com eles.

Depois de se despedir de todas as famílias que lhe haviam testemunhado interesse, e agradecendo com a urbanidade que o caracterizava a maneira porque o signor Gradenigo o tinha recebido, partiu com Haydée para a bela cidade de Medicis, onde ele, pela diligência do seu mordomo, contava ir já encontrar um magnífico alojamento próximo do delicioso paraíso denominado Chacinas.

CAPÍTULO 45

A estrada de Florença a Mântua

Assim como em Veneza, logo se ficou sabendo em Florença a próxima chegada do conde de Monte Cristo. Este homem, que um acaso havia tornado célebre nos anais da opulência europeia, estava relacionado em todas as cidades, e por isso o seu 164 — 165 nome despertava sempre um eco de vivo interesse _em qualquer país em que fosse pronunciado.

O conde saindo de Veneza, deveria dirigir-se por mar até Mântua, donde se dirigiria a Florença, depois a Piza, e deste ponto embarcaria de novo para a ilha de Monte Cristo.

Enquanto ele e Haydée se demoravam um instante em Mântua para seguirem o seu caminho para Florença, dois homens, cavalgando na direção desta cidade, acabavam de se deter junto de uma fonte arruinada, cuja água, depois de passar sobre uma enorme pedra, caía numa pequena cova aberta no terreno para a receber.

Os dois viajantes vinham cobertos de poeira, bem como os cavalos, cujas ventas dilatadas tremiam com o movimento de uma respiração profunda e agitada.

— Queres água, mestre? — perguntou um dos viajantes, olhando à sua volta. — Ali tens uma fonte.

— Não por mim, mas por este inocente — respondeu o segundo, abrindo a capa e olhando para dentro dela.

— Então? — perguntou o outro com interesse. — Vive — respondeu ele.

— Deus protege-o.

Seguiu-se um breve momento de silêncio, durante o qual o último que tinha falado — e que parecia italiano pela nitidez da pronúncia, pôs o pé em terra, e estendeu os braços como para receber um fardo que o companheiro lhe havia de entregar. Com

feito, o que tinha permanecido a cavalo desembaraçou-se da capa e depositou nos braços do que estava a pé, uma criança de três para quatro anos, envolta num véu negro: este homem apeou-se em seguida e dirigiu-se para a fonte, onde os cavalos já estavam também a beber.

Os dois viajantes olhavam com atenção para a criança, que parecia despertar pouco a pouco. O que a tinha nos braços elevou o pé direito apoiando-o na pedra da fonte, e descansou o corpo da criança sobre a perna, enquanto a mão esquerda a desembaraçava do véu negro em que estava cuidadosamente oculta.

Era singular aquele quadro! As fisionomias turvas dos dois viajantes, o seu olhar sombrio, contrastavam com a expressão suave e angélica do rosto da mísera criança. Ela abriu os olhos, e encarando aqueles dois homens estranhos que a acompanhavam, tornou a fechá-los, como se quisesse evitar ter medo deles.

Depois soltou um gemido brando, que parecia um desses sons que o roçar de uma flor desprende da corda de uma harpa. Aquele gemido tinha na doçura expressão de saudade; parecia querer dizer: ampara-me, Deus! Era a tradução ingênua que os lábios infantis davam ao sentimento daquele coração puro.

— Para que fim te conserva Deus a existência!? — murmurou um dos viajantes, chegando a água aos lábios da criança. — Que futuro te será reservado neste mundo de intrigas, de vícios e torpezas, onde em cada flor não há mais do que um embuste, um pobre ali disfarçado na fragrância dela. Melhor fora que só acordasses do teu sono, para te sentares entre os anjos no banquete do céu! Sim, melhor fora isso, do que viveres na terra exposto aos suplícios que os homens inventaram a si próprios, e aos quais chamam filhos do acaso! Como descansas sossegado sob o peso de um futuro inteiro de trabalho! Como respiras com prazer este ar em que talvez um dia julgues respirar veneno! Como te fora melhor deixares de existir! Dizendo isto, descansou a mão direita sobre a coronha de uma pistola que tinha ao lado do cinto.

— Alto lá, Benedetto! — bradou o companheiro. — Creio que não desejas carregar-nos com o crime de infanticídio! Crime! — repetiu Benedetto com uma gargalhada irônica. — A que chamas tu

crime, Peppino? "É acaso um crime poupar o inocente ao martírio de uma existência penosa? É acaso um crime enviar a Deus o que é de Deus, porque não lhe tocou ainda a podridão deste mundo? Julgas tu que a morte seja sempre um mal? Repete essa palavra ao ouvido desse inocente e talvez ele te responda com um sorriso meigo, como para agradecer-te a ideia. A morte, meu amigo, é um mal para o homem em cuja existência agitada há o remorso! É um mal para aqueles que não sofrem e que não sabem ver neste mundo mais do que um jardim de mimosas flores! Mas para quem não treme do que haja praticado, para quem não crê nos prazeres mundanos, para quem adormece tranquilo como esta inocente criança, a morte não tem horrores, a morte é um bem! Oh! O que assusta o homem que mais deseje a morte, é a transição da vigília para o sono eterno.

É esse pequeno período, que a voz humana não pode explicar-nos depois dele haver decorrido; mas que por isso mesmo o imaginemos mais terrível do que ele seja na realidade! Ora esta criança não treme nem pensa neste momento de transição, logo não sofre, e eu não serei criminoso, porque o não faço sofrer. Pelo contrário, vivendo ele, não serei eu então muito criminoso por o haver exposto ao sofrimento do trabalho e aos revezes da fortuna? Tu bem o sabes; esta criança vai entrar no mundo só, nenhuma voz amiga a chama, nenhuma mão protetora a espera para a conduzir... vai, sem nome e sem fortuna, cansar o seu corpo no trabalho e beber o cálice da amargura, longe dos seus carinhosos pais, sem que uma lágrima sequer vá adoçar esse cálice.

— Pois bem! — respondeu Peppino. — E que certeza tens tu de que farás passar essa criança da vida à morte, sem lhe causar o mínimo sofrimento?...

Benedetto sorriu.

— Experimentemos... — Baccho! "Deves ter grande confiança em ti mesmo! Supõe que por um desses muitos acasos que fazem falhar o tiro de uma pistola, a bala se desviava e não se introduzia no lugar conveniente para fazer sair a vida? Havias de repetir o tiro, e entretanto, esse inocente gritaria nos paroxismos da morte: era então um estrangulamento, um assassinio sangrento. Vamos,

mestre, deixemo-nos dessas piedosas ideias mortíferas e montemos a cavalo; porque a noite não é coisa boa para nós, nestas circunstâncias.

— Tu dizes conhecer bem todas as estradas da Itália? — Perfeitamente! Florença ainda nos fica longe. — É o lugar indicado para depósito deste fardo vivo? — Deixe-me orientar! — respondeu Peppino, passando a mão pela fronte. — Adiante da primeira fonte arruinada há um atalho, à direita, que desce a um vale; entrando no atalho, a coisa de cinquenta passos, há uma cabana de guardador, havemos de bater a essa porta sete pancadas.

Um quarto de hora depois era noite completa, e eles achavam-se em frente de uma cabana, cuja porta permanecia fechada. Peppino, tendo-se apeado, bateu as sete pancadas nessa porta com o cabo do seu chicote. Um instante depois, abriu a porta, e os dois viajantes acharam-se cara a cara com um homem alto, magro, cujo rosto macilento, aclarado pelos reflexos trêmulos de uma luz que ardia no interior da cabana, tinha uma expressão sinistra. Este homem, como se estivesse acostumado a ver nas trevas, lançou sobre os dois viajantes um olhar indagador e esperou em silêncio que eles se explicassem.

— Arnica — disse Peppino — bem pode acomodar os nossos cavalos e voltar para conversar conosco porque vimos depositar as nossas bolsas nas suas mãos.

— Que é isso? — perguntou o homem, abrindo grandes olhos ao ouvir a palavra bolsas.

— Vamos, faça o que lhe digo e volte sem demora.

A este tempo, já Benedetto havia posto pé em terra; o homem tomando então os cavalos pelas rédeas, indicou aos viajantes o interior da cabana, e fazendo um pequeno rodeio exterior, desapareceu costeando o frágil edifício. Benedetto e Peppino ficaram por momentos sós.

— Então é este o homem a quem devemos confiar o filho de Edmond Dantès? — perguntou Benedetto.

— Este homem é casado e a mulher, segundo me asseguram, é excelente criatura.

— Não obstante participar de alguns vícios do marido? — Todos nós cometemos erros neste mundo! — retorquiu Peppino. — Além disso, essa criança não está ainda em idade de compreender nem de imitar. Silêncio, ouço passos...

Mal Peppino acabava de dizer estas palavras, quando assomou na porta interior da cabana uma mulher de meia idade, sustentando nos braços uma criança.

— Boa mulher — disse-lhe Benedetto, fixando-a — deve ficar sabendo que a tenho em conta de excelente pessoa, não obstante o que por aí se diz de seu marido; isto é, apesar de muita gente asseverar que desde Mântua até Piza não há um caçador mais certo nas suas pontarias.

— Pelo amor de Deus, signor! Nem tudo o que se diz é verdade! Geralmente, todos olham de má cara para um triste caçador de contrato, mas eu posso assegurar-lhe que o meu pobre marido possui um belo coração! — O fim que me conduz aqui é diferente: pouco me importa saber das boas qualidades do seu marido. Entrego-lhe uma criança para cuidar dela.

— Uma criança! — Ei-la.

— Parece-me doentinha! — exclamou a mulher, levantando-se e mirando a criança à claridade frouxa da pequena luz.

— É robusta e sadia — disse Benedetto — este abatimento em que está, é devido à longa jornada que vem de fazer deitada neste braço mal jeitoso e adormecida contra este peito de pedra! Em poucos dias verá como ela sorri ao lado do seu filho, e como lhe dará o nome de irmão logo que comece a falar.

— Se eu fosse curiosa, perguntar-lhe-ia se é seu filho, signor. — Boa pergunta! Mas se eu quisesse responder-lhe, diria que a maior desgraça que se pode experimentar é ser órfão de mãe! — Pobre inocente! — Deve por esta circunstância fatal ser credor do seu interesse, tome-o pois nos braços, e junte-o ao seu filho.

— É uma menina...

— Tanto melhor — tornou Benedetto — será irmã dele.

Dizendo isto, Benedetto entregou a criança nos braços da mulher do caçador, e sentou-se ao lado dela. Peppino estava à

porta da cabana e parecia escutar com atenção um rumor longínquo que vinha morrer ali.

— Esta criança — disse Benedetto a meia voz para a mulher — tem, como lhe disse já, a desgraça de ser órfã de mãe. Eu não posso ligá-la por enquanto a mim, porque as nossas idades nada têm de comum, e além disso esta criança seria ao meu lado o padrão de um erro. É mister que ela viva longe de mim, que desconheça a quem deve o ser, que desconheça o mundo falsário em que nasceu! Sim, crie-a e eduque-a, como educa sua filha; deixe-as correr ambas, nesses prados, nessas campinas, livres como borboletas, ou como os pássaros. Ensine-a a conhecer Deus, em si próprio e em tudo quanto o cercar. E quando alguma vez ela lhe perguntar a quem deve o ser... responder-lhe-á que é esse um segredo perdido nas trevas da noite e que ninguém neste mundo seria capaz de lho explicar!.. Por enquanto dirá a qualquer estranho que esta criança é seu filho.

— Sim — respondeu a mulher — di-lo-ei; e poderá passar por gêmeo de minha filha.

— Como quiser. Tome este dinheiro, minha amiga: esta bolsa contém duzentas piastras e de hoje a três meses, terá essa quantia dobrada.

— Muito bem, senhor, fique descansado que eu tratarei o melhor que puder este pobre inocente; hei de criá-lo para a minha filha — continuou ela sorrindo-se para as duas crianças que estavam nos seus braços. — Diga-me, senhor, como se chama este inocente? — Eduardo — respondeu Benedetto.

A este tempo ouviu-se a distância um tiro de fuzil. A mulher empalideceu, e Benedetto murmurou: — O seu marido anda à caça? Olá! — continuou ele dirigindo-se a Peppino. — Em que distância de nós calculaste o tiro? — De cem a cento e vinte passos — respondeu Peppino com firmeza, como se esperasse aquela pergunta.

Em que direção? — Na mesma em que paramos haverá hora e meia. Posso afirmar que a cento e vinte passos de distância de nós se preparou alguma emboscada. Deve haver um quarto de hora

que eu sentia rodar uma carruagem que se aproximava com rapidez. Ouvi o tiro de fuzil e logo um pequeno grito de mulher.

Peppino, que se dirigira para a porta, continuou: -A carruagem parou. — Benedetto olhou para o rosto da mulher e viu que estava pálida.

— Vamos, retira-te da porta, e fecha-a.

— Creio que alguém vem correndo com precipitação para este lado — murmurou Peppino. — Deve ser o marido desta boa mulher, que volta de recolher os nossos cavalos.

Com efeito, um instante depois, apareceu o caçador com as mãos nos bolsos e completamente desarmado. A sua fisionomia estava tranquila.

— Boa noite, amigo! — disse-lhe Benedetto, com todo o sangue-frio. — Rogo-lhe que nos dê alguma coisa de comer, porque partiremos antes da madrugada. Eu já falei a sua mulher, e agora recomendo-lhe que reparta o seu amor paternal com o companheiro da sua inocente filhinha.

— Ah! — murmurou o caçador, lançando um olhar oblíquo para a mulher. — Pode ficar certo, meu cavalheiro, que se ele é rapaz, tão depressa possa firmar-se nas pernas, lhe emprestarei para brincar os feches velhos de uma espingarda, e lhe armarei ali num banco a sela de um cavalo.

— Assim o desejo. Esta criança deve ser educada de modo que não trema ao aspecto do perigo ou do trabalho; finalmente, que seja valente e corajoso.

— Vai acomodar os pequenos lá para dentro e depois trata de arranjar a ceia para estes senhores — disse o caçador — contentar-se-ão com a caça que por aqui há pelas vizinhanças, e com alguma hortaliça da minha terra.

— Vamos, senhor, quer despedir-se deste menino? — perguntou a mulher para Benedetto, apresentando-lhe a criança.

— Desejo-lhe força e coragem para entrar no mundo! — murmurou Benedetto, afastando mansamente com o braço o corpo da inocente criança.

A mulher não insistiu e desviou-se para o interior da cabana a fim de deitar os pequenos. O caçador correu os ferrolhos da porta e

pendurou a sua candeia de ferro num prego que estava no umbral da janela, como se quisesse que o pequeno reflexo da chama fosse visto em distância: depois sentou-se silenciosamente ao lado da mesma janela e encostou a face na mão. Pelo espaço de um quarto de hora, incidente algum quebrou o silêncio que reinava na cabana.

Benedetto estava de pé, apoiado à parede e com a mão direita metida no peito; tinha o olhar pregado no chão e a fronte carregada; parecia meditar profundamente. Peppino, sempre com o ouvido atento, mostrava o interesse com que esperava um resultado qualquer do que havia observado. Finalmente, ouviram-se passos na azinhaga e logo após uma pancada na porta, ao mesmo tempo que uma voz de homem dizia em italiano: Abram, abram, boa gente, que não ficarão mal.

A estas palavras o caçador levantou-se logo, dispondo-se a abrir a porta; porém Benedetto, avançando com rapidez, deteve-o.

— Não quero ser visto! — disse ele a meia voz. — Não há perigo — murmurou o caçador. — Então, venha daí.

Benedetto e Peppino seguiram o caçador para o interior.

— Ficarão aqui tão escondidos, como se estivessem a dez milhas de distância — disse-lhes o caçador — aquela porta que além veem, dá para o quarto onde dormem as duas crianças; por cima, é outro quarto pequeno, que está devoluto. Fiquem em paz.

Dizendo isto, voltou sobre os seus passos e Benedetto sentiu correr os ferrolhos da porta da cabana.

— Bom pastor — disse um homem entrando apressado — poderá prestar algum socorro a meu amo, cuja carruagem não pode continuar a jornada, por lhe faltar um cavalo? — Falta-lhe um cavalo? — Falta. Foi atravessado por uma bala e com tal certeza que dá honra ao maldito caçador! Eu iria jurar que não havia má gente por estas paragens.

— Ora, histórias! Naturalmente a bala não levava sobrescrito para o cavalo! — Sim, talvez que o levasse para o cocheiro! O diabo leve a sua lembrança.

— Não digo isso! Digo que me parece ser essa catástrofe devida simplesmente ao acaso de se haver disparado a espingarda de algum guarda. Também posso afiançar-lhe que se tivessem

querido varar o cocheiro, não varavam o cavalo! O mais somenos atirador destes sítios é capaz de furar uma laranja a cinquenta ou sessenta passos de distância.

— Baccho! Então o que fará o mais hábil? — Faria saltar o fundo de uma garrafa, metendo-lhe a bala pelo gargalo, e na mesma distância — respondeu o caçador com certo orgulho selvagem.

— Admiro tanta certeza; mas não o contradigo, porque não posso entrar agora em grandes questões; entretanto, se meu amo vier aqui pernoitar enquanto manda vir novo animal, nós falaremos.

— Quem é o seu amo? — O amigo é muito curioso antes de tempo! É um senhor natural de França, que esteve em Veneza e que vem de Mântua para Florença.

— Eu cá por mim ofereço-lhe quanto possuo: é o que se vê; se S. Exa. quiser honrar-me, que venha para aí.

— Prepare pois o melhor que lhe for possível neste pequeno albergue, enquanto eu corro a prevenir S. Exa..

O criado correu na direção da estrada, e o caçador, sorrindo com certo ar de escárnio, murmurou: — Apesar de ser pequeno o albergue, já muito grandes excelências o têm demandado com as lágrimas nos olhos! Vamos, mais vale dar cabo de um dos cavalos do trem do que partir um braço ao cocheiro. Não é costume enforcar gente na Itália por matar cavalos.

Entretanto, Benedetto e Peppino ardiam em curiosidade de saber o que sucedia, e enquanto Peppino foi pessoalmente informar-se, Benedetto começou a observar com escrupulosa atenção o lugar em que estava. Era um quarto pequeno, que teria oito ou nove palmos quadrados; a parede da esquerda, formada por um tabique muito débil, estava cheia de fendas, pelas quais se via o interior de outro quarto, onde ardia uma pequena luz, cujos raios avermelhados aclaravam um berço pequeno cheio de macia palha em que estavam deitadas duas crianças.

Havia uma porta neste tabique; porém estava fechada pela parte de fora. Benedetto ia chamar alguém para mandar abrir aquela porta, quando apareceu Peppino.

— Silêncio! — murmurou este. — Chegaram dois viajantes que, segundo me consta, vão pernoitar aqui, enquanto não chegam novos cavalos para a sua carruagem. Parece-me que o tal caçador mata os cavalos por especulação; vamos, é um modo de viver mais decente do que muitos outros que eu conheço.

— Quem são os viajantes? — Pouco importa isso! — respondeu Peppino. — Eu não sei.

— Em todo o caso, preciso ficar para vigiar a criança; os viajantes são curiosos... e eu estou com alguns receios dos tais viajantes! Peppino, tu vais partir já para Florença...

— Que diabo dizes tu? Partir...

— Assim é preciso, tenho algumas instruções a dar-te.

— Nada, eu não te abandono neste momento, porque, enfim, os viajantes trazem criados; mais valem dois homens contra quatro ou cinco, do que um contra três! Benedetto não respondeu; começou a passear de um para outro lado, e sentindo rumor, foi colar o ouvido na parede para escutar.

O som de diferentes vozes, coado pelas fendas do frágil edifício, chegava àquele ponto de um modo tal que não era possível compreender uma palavra; todavia, Benedetto conheceu que uma mulher estava na casa à entrada da cabana, porque um rumor confuso de diferentes vozes enfraquecia por vezes, e deixava distinguir simplesmente as últimas sílabas de algumas palavras ditas por uma só voz fraca. Entretanto nada mais era possível conhecer. Benedetto esperou.

Meia hora depois, sentiu ele alguns passos no pavimento superior àquele em que estava; pareceu-lhe que preparavam uma cama: sentiu fechar a porta exterior da cabana e tudo voltou ao silêncio. Foi então que Benedetto esperou ouvir algumas palavras que o elucidassem. Com efeito, distinguiu a voz da mulher do caçador que falava com alguém, cuja voz lhe pareceu estranha; porém não pôde conhecer de quem era.

— exatamente o que lhe digo, Excelentíssimo; não há mais ninguém em casa.

— Todavia, há um quarto por baixo daquele que nos ofereceu, e sei que não dorme nesse quarto: porque motivo não

pode dispor dele? — Está enganado! o quarto onde estão os meus gêmeozinhos; ao lado, há outro que serve para guardar os utensílios do campo, e que não está capaz! — Espere, falou dos seus gêmeos! O seu marido disse-me que não tinha senão uma filha! — O meu marido sempre assim fala! O outro é tão doentinho, que poucas esperanças nos dá! — Que idade têm eles? — Vão fazer dois anos.

Pobres inocentes! Gostaria de vê-los.

Ao ouvir estas palavras, Benedetto estremeceu. — Eles dormem, Excelentíssimo.

— É o mesmo, vê-los-ei sem os acordar. — É pai, Excelentíssimo? perguntou a mulher. — Eu? Sou! — respondeu o homem.

— E com que tristeza o diz! — é que a palavra pai produz-nos muitas vezes o efeito de um ferro em brasa ao passar pelos nossos lábios.

— E porquê? — Porque Deus assim o quer! — respondeu o homem, continuando logo, como para se poupar a desgosto cruel. — Mostre-me os seus gêmeos; parece-me que é muito feliz quando olha para eles, os beija, e diz: "São meus filhos!" Não é assim, boa mulher? — É isso tão verdade, Excelentíssimo, como é verdade o mistério da Virgem! — Então venha...

— E se eles acordarem? Olhe que quando acordam são muito impertinentes e vão dar-nos a todos uma má noite! — É escrupulosa, boa mulher! Muitas vezes cheguei eu alta noite ao berço do meu inocente filho e ele não acordava! Vamos, pois quero dotar os seus gêmeos.

A palavra "dotar" não resistiu mais a mulher: dirigiu-se logo para o quarto onde dormiam as crianças, e abriu a porta. Foi então que Benedetto alimentou algumas esperanças de conhecer quem era o homem que falava com a mulher do caçador.

Peppino começou a inquietar-se; levantou-se sem fazer o menor ruído e colocou-se ao lado de Benedetto, cujo olhar incendiado espreitava pelas fendas do tabique, para o quarto.

Logo que o viajante penetrou nesse quarto, logo que os raios avermelhados da pequena luz aclararam o rosto desse homem, o

corpo de Benedetto contraiu-se como a fera quando vê diante de si o inimigo. Passou rapidamente a mão pela frente e apertou os dentes como para evitar que eles batessem de encontro uns aos outros; depois comprimiu o peito para regularizar a respiração e insensivelmente foi procurar a coronha das suas pistolas.

— Ei-los ali, Excelentíssimo — disse a mulher do caçador, afastando uma toalha que encobria as crianças, porém de um modo tal que o conde mal pôde distingui-las.

O conde de Monte Cristo avançou um passo para o berço onde estavam as crianças. Benedetto puxou logo uma das pistolas, engatilhou-a calmamente e, aplicando o cano a uma das fendas do tabique, procurou fazer pontaria ao conde.

— Que é isso? — murmurou Peppino, querendo retirar o braço de Benedetto.

— Acabo de ver o conde de Monte Cristo! E juro-te que no momento em que ele reconhecer o filho não terá tempo de lhe pronunciar o nome — respondeu Benedetto.

Mas isso é um assassínio! — Cala-te, Peppino, ou estaremos perdidos! — Repara, a mulher deixou cair a toalha sobre as crianças.

— Bem vejo! E Monte Cristo deu um passo para o berço.

— Excelentíssimo — disse a mulher do caçador — quer ficar aqui toda a noite? — Tem razão; eu já vi os seus filhos, quero dizer, pareceu-me vê-los...

— Como assim? — O que está do lado da parede, é o menino ou a menina? — É o menino.

— Tem o rosto escondido no peito da irmã, e não pude vê-lo! Mas a menina é linda! — Pobres anjinhos! — exclamou a mulher. — Prouvera a Deus que sejam felizes! — De que modo encara a felicidade deles? — Terem que passar sem medo da miséria — disse a mulher do caçador.

— O trabalho dá essa felicidade — respondeu o conde — rogue a Deus que os abençoe. Como se chamam eles? — A menina é Eugènie; e o menino, Eduardo.

O conde estremeceu ao ouvir este nome; depois lançando um olhar sobre o berço, saiu do quarto acompanhado pela mulher do

caçador. Momentos depois, Benedetto ouviu a voz desta que dizia: — Ah, senhor, é muito generoso! Quando os meus filhinhos crescerem, lhes direi o seu nome. Como é ele? — Não digo. Quero antes que eles peçam ao Omnipotente pela felicidade de Eduardo! Dizendo isto, o conde subiu a escada e entrou no quarto que ficava superior àquele onde estavam Benedetto e Peppino.

CAPÍTULO 46

Surpresa

ANTES de nascer o Sol, já a carruagem do conde de Monte Cristo estava pronta para seguir a viagem, pois tendo morrido um dos cavalos, ele mandou buscar uma das mudas à primeira posta.

O conde e Haydée despediram-se da pobre família e caminharam pela azinhaga em direção à estrada onde estava a carruagem: porém mais de uma vez, o conde se deteve e olhou para aquele singelo teto de colmo da cabana, sem poder explicar a si mesmo porque motivo o fazia.

À medida que se afastava da cabana, sentia uma opressão singular, e parecia-lhe que não havia ar em volta de si para respirar.

Haydée, que caminhava apoiada ao braço do conde, também sentia iguais efeitos, e as lágrimas caíam-lhe das pálpebras involuntariamente. Tanto um como outro, pareciam hesitar em se interrogarem.

Por vezes, os olhos aveludados de Haydée se encontraram em silêncio com os do marido; e outras tantas eles olharam para a cabana rústica onde haviam pernoitado.

Cinco minutos depois estavam junto da carruagem, cuja portinhola um dos criados foi abrir.

Haydée foi a primeira a entrar e olhou ainda para a cabana, que ficava no fim da azinhaga; o conde seguiu sua mulher, e quando ia também a olhar para a cabana, o criado fechou a portinhola, bradando: — Pode seguir.

A carruagem rodou com velocidade ao longo da estrada, porém quando ia a voltar para deixar o valado o conde bradou então com a sua voz varonil: — Para.

A carruagem parou.

— Para que nos detemos ainda? — perguntou Haydée ao conde, que parecia sufocado.

— Olha — disse ele — não é ali, no fundo daquele vale, que fica a humilde cabana em que pernoitamos, Haydée? — Sim... é ali! O Sol já brilhava no horizonte e os seus raios descendo no vale, iam dourar o teto da cabana, cuja chaminé exalava então um vapor azulado e transparente que pouco a pouco desaparecia no ar.

Monte Cristo e Haydée olharam por alguns momentos para a cabana.

Um sentimento inexplicável os oprimia à proporção que se afastavam daquele singelo edifício.

— Haydée — disse o conde — creio que deve ser bem feliz aquela pobre gente...

Oh!... Sim, muito feliz — respondeu Haydée, ocultando uma lágrima.

O conde conservou-se imóvel, com o olhar cravado na cabana que se distinguia no fundo do vale. Ele notou com espanto algumas colunas de fumo denegrido que começavam a elevar-se no centro do pequeno edifício; essas colunas engrossavam progressivamente, e o conde inquietou-se; porém antes que tivesse tempo de tomar uma resolução, viu desfazer-se o teto de colmo da cabana, e ouviu um grito de terror que parecia partir daquela direção.

A vegetação do terreno impedia que o conde pudesse distinguir as pessoas que gritavam.

— Fogo!... Há fogo lá em baixo na cabana — disseram os criados do conde.

— Socorramos os infelizes! — bradou Haydée.

— É inútil — tornou o conde — vejo desfazer-se a cabana e a gente está salva, ouço-lhe os gritos! Deus os proteja... Sigam! — Oh! Não, não, meu senhor! — continuou Haydée. — É bom e generoso: corramos a socorrê-los! Aquela boa mulher é mãe... talvez ficasse reduzida à extrema miséria. partamos pois.

O conde, não sabendo resistir ao empenho com que Haydée implorava o socorro, estendeu o braço pela portinhola da carruagem e fez sinal para que voltassem pelo mesmo caminho até à azinhaga.

A carruagem voltou imediatamente e quando ia a dobrar o valado, dois homens a cavalo, correndo à rédea solta, passaram por eles envoltos numa nuvem de poeira.

— Jesus! — murmurou Haydée.

O conde estremeceu, malgrado seu, e tentou reconhecer os dois cavaleiros; mas a velocidade que levavam obstou à sua tentativa.

Poucos momentos depois, a carruagem parou em frente da azinhaga, o conde apeou-se, e Haydée quis segui-lo até ao lugar do incêndio, onde se ouvia distintamente uma mulher gritar. Um montão de cinzas fumegantes estava no lugar da cabana onde o conde havia pernoitado.

— Cale-se, cale-se, boa mulher! disse Haydée em italiano, apenas chegou ao fim da azinhaga. — Não desespere da misericórdia do céu! Nós vimos em seu socorro! — Miserável! — bradou a mulher do caçador erguendo as mãos fechadas em frente de Haydée. — Tu lançaste fogo à nossa cabana! — Meu Deus! Que diz? — Digo a verdade!... O homem fatal, o homem maldito que te acompanha, sabe que eu digo a verdade! — Está louca! — murmurou Haydée com amargura, voltando-se para seu marido, cuja fisionomia imóvel fazia contraste com a expressão de raiva que havia na mulher do caçador.

O conde olhou à volta de si, como se procurasse a figura repugnante do caçador.

— Não estou louca — bradou a mulher — não estou louca... Vocês é que mo parecem, pois não sei em que se fiam, para vir presenciar a vossa obra! Eu sei tudo! Os vossos cúmplices falaram de modo que eu ouvi! Eu sei tudo! Eu sei tudo! — repetiu ela com desespero, batendo o pé e arrepelando os cabelos.

— Boa mulher — disse então o conde de Monte Cristo, com o seu imperturbável sangue-frio e doce majestade — o excesso do

seu desespero é terrível! Tranquelize-se e explique-me o que sucedeu.

— Ponha os olhos naquele montão de cinzas e nesse inocente que ficou sem pão! — respondeu o caçador acompanhando as palavras com um olhar feroz. — Os seus cúmplices, senhor, não o serviram bem desta vez! — Que diz! — continuou o conde com ar severo. — Que cúmplices são esses a quem se refere? Sabe a quem fala? — Sei e vou dizer-lho — disse o caçador, avançando.

— Senhor, fuja! — gritou Haydée lançando o braço em volta do corpo de seu marido.

— Silêncio, Haydée: ouçamos este homem. Fale...

— Essa tenção tenho eu, já que não fiz a minha vontade, que era correr-lhe no encalço e furar-lhe o crânio com uma bala, como lhe furei ontem à noite o cavalo. Já que o não mato agora, porque os seus criados haviam de vingá-lo, vou falar e dizer quem o senhor é! É um miserável, ainda mais do que eu; eu vou espreitar na estrada a carruagem do viajante, depois faço-lhe cair um cavalo, impossibilitando simplesmente a jornada pelo espaço de algumas horas, e venho esperar na minha cabana que os viajantes aí pernoitem e me paguem algumas piastras; porém, o senhor tem por costume coisa pior! Anda viajando numa carruagem, e adiante de si manda dois homens com uma criança de dois para três anos; esses homens procuram a casa e pedem para guardar em depósito a pobre criança; é um embuste como outro qualquer: depois aparece, vai para a mesma casa, finge ser generoso para que não se lhe fechem as portas; sai em poucos instantes, tendo ensinado aos cúmplices o lugar em que lhe pareceu que se guardava dinheiro; os seus cúmplices roubam tudo, tomam a criança, lançam o fogo e desaparecem para irem reproduzir o seu embuste noutra lugar! O conde nem pestanejou ouvindo tão estranhas quanto extravagantes palavras! Esperou tranquilo que elas acabassem, e quando o caçador se calou, disse: — Muito bem, só o tempo me poderá defender de tão louca acusação! Entretanto permita que eu lhe ofereça os meios necessários para reedificar a sua cabana e comprar o pão de seus filhos: mas explique-se e fale-me com

sosego desses cúmplices que me atribui, e dessa criança que eles traziam.

Dizendo isto, o conde ofereceu uma bolsa com dinheiro ao caçador, em cujos lábios assomou logo um riso de escárnio.

— Agradeço a sua generosidade, pois também sei qual é o dinheiro que me oferece.

É dinheiro falso! — bradou a mulher. - É dinheiro falso! Eu bem o ouvi dizer aos seus cúmplices, quando eles conversavam alta noite! — Guarde-o, meu fidalgo! — tornou o caçador. - E vá para outro lugar em que não seja tão conhecido como aqui! — Bom homem — insistiu o conde — está sem dúvida alucinado... Eu sou o conde de Monte Cristo! — Fora daqui, impostor! — bradou o caçador batendo uma violenta pancada com a coronha da sua espingarda sobre a terra. — Fora, não insulte ainda por cima a desgraça! — Fugamos, fugamos, eles estão doidos! — bradou Haydée — Não, minha amiga, é preciso que eu saiba quem foi o autor desta vil intriga! Fale, em nome de Deus! Fale, bom homem; eu perdoo-lhe todas as injúrias que me tem dirigido, mas em nome de Deus, diga-me quem eram os homens que estiveram em sua casa, com uma criança.

— Você quer perder-me! — bradou o caçador, furioso, engatilhando a espingarda. — Mas eu meto-lhe uma bala no corpo, se me não livra da sua presença.

— Piedade! — gritou Haydée, colocando-se entre o caçador e o conde.

— Oh! Deus! — murmurou Monte Cristo, com aflição. — Será impossível eu conhecer este horrível mistério? Nada havia ali que provasse a inocência do conde aos olhos do caçador; prolongar aquela cena de desconfiança era uma imprudência, portanto o conde de Monte Cristo, resignando-se à vontade do céu, afastou-se lentamente daquele lugar onde o seu nome ficava amaldiçoado. A cada passo, Haydée voltava tremendo a cabeça, para observar os movimentos do temível caçador, em cujas mãos estava ainda a espingarda engatilhada.

Momentos depois chegaram à carruagem que ficara na estrada, e ambos continuaram o seu caminho.

O conde, tendo fixado o rosto angélico de Haydée, levantou os olhos ao céu como se lhe pedisse proteção para ela: Monte Cristo pressentia talvez o que estava para acontecer. Ao voltarem do valado, ouviu-se a detonação de um tiro, e o conde e Haydée sentiram o sibilar de uma bala que atravessava a carruagem de lado a lado, passando a distância de um palmo pela frente deles.

O único recurso para evitar uma catástrofe, era a velocidade; portanto, o conde fez sinal ao cocheiro, e os cavalos partiram a galope. A carruagem desapareceu na estrada, entre nuvens de poeira; instantes depois, ouviu-se ainda um segundo tiro, porém a bala passou a grande distância.

O conde de Monte Cristo tinha enviado de Veneza para Florença, com antecedência de dezesseis dias, o seu mordomo, com ordem de fazer preparar o seu domicílio. O conde conhecia bem a inteligência do mordomo Bertuccio, e por isso estava certo de encontrar em Florença um bom alojamento durante os dias que ali se demorasse. Logo que Bertuccio apareceu em Florença, tratando de cumprir as ordens do conde, notou ele com assombro a indiferença com que recebiam as suas propostas de contrato: nem o afamado Poniatowik, nem os astutos Corsini-Monfort se vangloriavam de receber em suas casas o famoso conde de Monte Cristo, cuja opulência fabulosa era conhecida em todas as cidades não só da Europa como do Oriente e Ocidente. Poniatowik chegou a dizer francamente ao senhor Bertuccio, que não tinha o menor interesse em receber o conde no seu hotel, porque corriam certos boatos desagradáveis a respeito de S. Ex.' que não seria possível admitir em parte alguma.

Os Corsini-Monfort eram os únicos com quem Bertuccio poderia fazer algum acordo, porém a soma por eles exigida era tal, que mais valia alugar antes um dos belos edifícios próximos às Cachinas! Bertuccio foi imediatamente tratar de realizar esta última ideia, porém, nenhum dos proprietários se prestava às propostas de Bertuccio logo que este pronunciava o nome do conde de Monte Cristo.

Bertuccio começou a inquietar-se com isto; os dias tinham corrido com velocidade, ele não havia cumprido as ordens do amo,

e o conde não poderia demorar-se em Florença mais do que vinte e quatro horas, quando muito.

Finalmente, recorreu ao préstimo de Corsini-Monfort cujo hotel era em verdade magnífico: satisfez a soma que eles exigiam e tomou metade do edifício, sujeitando-se às condições que os donos do hotel julgaram convenientes.

Uma delas era que todas as luzes seriam protegidas por grades de alarme em roda dos globos de vidro, e que S. Exa. não poderia ter em seu poder nada que fosse inflamável.

— Essa é muito boa! Então porquê? — perguntou o mordomo, admirado.

— Corre em Florença o boato de que S. Ex.' o senhor conde de Monte Cristo endoideceu, começando por manifestar uma mania na ação de lançar o fogo a um palácio que possuía na ilha de Monte Cristo! A mania do senhor conde de Monte Cristo é lançar fogo aos edifícios em que entra.

Em vão Bertuccio esgotou os recursos da sua eloquência para provar ao florentino o perfeito estado intelectual do conde de Monte Cristo, mas o florentino permanecia firme no que tinha avançado.

No dia antecedente à chegada do conde, Bertuccio viu que um caso particular concorria para dar razão ao florentino. Alguém contara em Florença que o conde de Monte Cristo, tendo pernoitado num pobre albergue na estrada de Florença, lhe lançara fogo no momento de partir! Entretanto, o conde chegou a Florença. Algumas pessoas conhecidas foram— cumprimentá-lo, mas de um modo tal, que bem davam a conhecer o dó que lhes causava aquele homem. Haydée estava mais abatida do que nunca; no seu rosto singelo como a rosa do Oriente, estava desenhada a expressão do grande desgosto que a consumia.

Em consequência do seu mau estado de saúde, não pôde o conde partir, como desejava, para a ilha de Monte Cristo, demorando-se alguns dias em Florença, esperando que Haydée melhorasse; porém a infeliz senhora parecia cada vez mais abatida, e os médicos afirmavam que qualquer fadiga de jornada, por muito pequena que fosse, lhe poderia ser fatal.

Tanto ela como o conde estavam vivamente impressionados pelo que sucedera na sua jornada a Florença; mas Haydée, ferida pela cruel dor de ter perdido o filho, não prestava tão grande atenção ao que tinha sucedido como o conde, cujo espírito superior lhe dava a força necessária para encarar a sangue-frio o perigo ou a fatalidade, por mais eminente que fosse um, e decidida a outra.

Noites inteiras passou o conde em Florença, ao lado do leito em que Haydée descansava, meditando sobre as palavras que tinha ouvido ao caçador. Quem seriam aqueles homens misteriosos e a criança que eles conduziam? Quem era o inimigo desconhecido que o perseguia? Deveria ele dar ouvidos ao que lhe tinha dito o terrível mascarado no baile do conde de Gradenigo em Veneza? O conde perdia-se em conjecturas; Entretanto a desgraça começava a oprimi-lo.

Cravou o olhar inteligente e firme no rosto de Haydée, cujas pálpebras estavam fechadas pelo sono, e pela primeira vez em toda a sua vida estremeceu com um pensamento íntimo, cuja tradução em palavras vulgares, seria talvez impossível.

Muitas vezes nos sucede isto. Há por vezes um pensamento que nos sobressalta; todavia, quando vamos tentar exprimi-lo em termos vulgares, conhecemos que era vago, que se não referia a uma imagem precisa ou determinada, mas compreendemos bem esse pensamento, sabemos ao que ele se refere. O conde estremeceu com um desses pensamentos involuntários e esse pensamento era o do arrependimento.

Sentia que a desgraça o ameaçava de tal modo que não seria possível combatê-la. Sentindo-se grande e poderoso, colosso formidável colocado por Deus entre os homens, calculava quão terrível deveria ser a sua queda, e então arrependeu-se de haver ligado a si aquela mulher inocente, a formosa Haydée. Era isto quanto o conde sentia e quanto ele poderia ter expresso em palavras, se tentasse exprimir com elas o seu pensamento.

Era alta noite, o conde levantou-se, imprimindo um beijo no rosto de Haydée adormecida, e afastou-se do leito em que ela repousava. Haviam já decorrido oito dias que o conde estava em Florença; e em todo esse tempo não tinha ainda respirado o fumo

do tabaco; lembrou-se de acender o seu magnífico cachimbo e de se entregar àquela modorra aprazível que nos causa o fumo do bom tabaco.

Preparando pela sua mão o cachimbo, olhou em redor de si como para indagar a direção da luz, porém a luz ficava muito alta e além disso estava defendida por um globo de vidro, metido dentro de uma rede de arame de latão. Notando isto, abriu a porta do quarto e saiu para a sala imediata, julgando encontrar ali algum criado, porque desde muito tempo que um criado ficava sempre de vigia na casa contígua aos aposentos do conde, por ordem dele.

Com efeito, aí estava um negro que parecia dormir, sentado à moda oriental sobre a alcatifa. O conde despertou-o.

— Dá-me lume, Ali.

O negro inclinou a cabeça e saiu para obedecer: porém voltou instantes depois e fez alguns sinais com os braços em frente do seu amo, como se fosse mudo.

— Não querem dar-te lume? — disse o conde, traduzindo os gestos do negro. — Ali, talvez te não houvessem entendido bem! — Sim! — fez o negro.

— Nesse caso irei eu mesmo pedi-lo; quando estou na Europa, acostumo-me a estes modos grosseiros de tratar os hóspedes num hotel público.

Dizendo isto o conde saiu para o corredor, distinguiu luz num pequeno quarto que ficava a pouca distância e para ali se dirigiu, empurrando logo a porta.

— Creio que o senhor é empregado do hotel? — perguntou Monte Cristo entrando num pequeno quarto.

— é verdade, há aqui o costume de ficar sempre um homem de serviço durante a noite.

Muito bem. Venho unicamente acender o meu cachimbo, porque os meus criados esqueceram-se de pôr o lume como costumam no meu quarto.

— E fumará aqui mesmo, à minha vista? Porque faz essa pergunta? — De contrário não consentirei que V. Exa. acenda o cachimbo.

— Não consentirá? Porquê? É proibido fumar em Florença? — Não, senhor, eu não me oponho a que fume, oponho-me simplesmente a que saia daqui, não o levando apagado.

— Asseguro-lhe que nunca me interessou tanto o diálogo! — disse o conde, tomando lume e fumando. — Desejo-lhe boas noites e vou para o meu quarto.

— Não sairá — repetiu o empregado colocando-se em frente da porta e do conde.

— Vamos! Está tonto de sono. O sono produz muitas vezes o efeito do vinho, entretanto aborrece-me o seu estado! Afaste-se.

Dizendo isto, o conde lançando brandamente a mão ao ombro do empregado tentou afastá-lo, mas o florentino firmou as mãos nos umbrais da porta e conservou-se firme.

— Segundo vejo, quer impacientar-me! — E o senhor transgredir as condições impostas por nós quando mandou tomar o aposento que ocupa nesta casa.

— Que condições são essas? A principal é não acender lume nos seus quartos, ainda que seja simplesmente no cachimbo. E se tenta sair daqui, puxo aquele cordão e em breve virá alguém em meu socorro.

O conde ouviu com espanto as palavras do florentino e teve curiosidade de o interrogar mais.

— Então o que deu origem a essas condições, será segredo? — Não sei, senhor conde: eu cumpro as ordens que me deram.

— É com receio de fogo? — Creio que sim, senhor! Parece-me que por um destes simples descuidos ardeu, há muitos dias, na estrada da Florença, a cabana em que o senhor conde pernoitou.

E como sabe o senhor isso? — perguntou Monte Cristo estupefato.

O dono dessa cabana é caçador e fornece o hotel com a sua caça.

Todavia deve ter-se confiança nas pessoas! — Confiança numas e desconfiança noutras. — Então desconfia de mim? — De modo algum, entretanto a prevenção não faz mal.

O conde compreendeu tudo. Compreendeu que o acusavam de incendiário; porém como a justiça não o incomodava, muito fácil

lhe foi cair neste raciocínio: "julgam-me doido!" — Muito bem — disse o conde pausadamente e despejando o cachimbo — amanhã pedirei explicações minuciosas acerca do que sucede; por enquanto desejo-lhe boas noites.

O florentino cortejou-o, e ele passou. Em todo o resto da noite não pôde o conde dormir. A fatalidade perseguia-o de perto — Oh! — murmurou ele com raiva. — mister que eu conheça o inimigo que me persegue.

No dia seguinte, chamando o seu mordomo, ouviu com afetada indiferença quanto ele por consideração lhe tinha até àquele ponto ocultado. Não havia outro meio de desmentir a voz pública senão sujeitar-se ao exemplo inquestionável do tempo.

Ao cabo de um mês, como Haydée se sentisse melhor, o conde resolveu partir para a cidade de Piza, onde Haydée deveria ficar, enquanto ele se dirigia à ilha de Monte Cristo. Os preparativos fizeram-se com a presteza habitual. Bertuccio tinha já partido com antecedência de quatro dias, depois de saldar as suas contas com a casa de Corsini; e o conde dando o braço a Haydée, desceu as escadas do hotel para entrar na carruagem que o esperava a fim de o conduzir até ao cais onde devia embarcar numa lancha para descer o rio. Uma hora depois, ele e Haydée estavam já longe da cidade; repentinamente os sons lúgubres dos sinos dando sinal de incêndio, chegaram-lhe aos ouvidos. O conde voltou a cabeça em direção da cidade, e viu com horror uma nuvem negra de fumo que se revolia sobre um grande edifício.

— Onde lhes parece que seja o fogo, meus amigos? — perguntou ele aos homens da lancha.

— Ia jurar que é no hotel Corsini! respondeu um deles depois de indagar com a vista a direção do edifício em chamas.

Haydée, pálida como um espectro, olhou para o conde em cuja fisionomia estava a amarga expressão do desespero.

— Oh! — murmurou Haydée, a meia voz. Parece que deixamos a fatalidade por onde passamos! Entretanto, Bertuccio achava grande dificuldade em preparar o alojamento para seu amo em Piza, e não tinha outro recurso senão comprar uma moradia para o receber. Este negócio porém demorou-se mais do que

Bertuccio supunha e quando o conde de Monte Cristo desembarcou em Piza, não tinha um teto que o abrigasse, apesar do prestígio da sua imensa riqueza. O conde e Haydée ficaram no cais, em frente de Bertuccio, que os tinha ido esperar.

— Logo, não há um domicílio que me receba, Bertuccio? — Asseguro-lhe que fiz as maiores diligências. — Ofereceste o suficiente? — Mais que o suficiente! — respondeu Bertuccio.

— Oh! É pródigo, senhor mordomo, isso é mau! — tornou o conde como se estivesse gracejando.

— Então, senhor — perguntou Haydée — para onde vamos? — Bertuccio bem o sabe, ele já me havia dado a indicação da casa, e fia-se nisso; mas preveni-o de que me esqueceu...

— Senhor...

— Vamos, senhor Bertuccio, enquanto nós damos um pequeno passeio pela cidade arranje os seus negócios por minha conta. Daqui a uma hora, desejo que espere por mim no lugar em que estamos neste momento.

Dizendo isto, o conde fez um sinal com a mão e afastou-se de Bertuccio dando o braço a Haydée.

Bertuccio ficou estupefato! Sabia que era preciso obedecer, quando o conde dizia, quero: porém não sabia de que modo havia de cumprir a vontade de seu amo. Bertuccio voltou as costas e desapareceu por uma das ruas da cidade; três quartos de hora mais tarde, voltava ele todo esbaforido ao lugar onde se tinha apartado do conde: na fisionomia agitada mas risonha do mordomo, conhecia-se que tinha desempenhado a sua missão a troco de extrema fadiga. O conde e Haydée não tardaram em aparecer.

Bertuccio conduziu-os então para um pequeno edifício próximo do cais, onde tinha alugado três quartos para Haydée e para o conde. Em pouco tempo tencionava o conde de Monte Cristo partir, e já tinha para esse fim tomado uma barca; mas um incidente extraordinário obrigou-o a partir no dia seguinte.

Era alta noite, quando acordou sobressaltado pelo ruído assustador que reinava na rua, em frente das janelas do seu quarto. Ergueu-se e correu a indagar a causa desse ruído: no momento em que se abria a porta, ressoou então pelo edifício o

grito terrível de muitas vozes aflitivas: fogo! Um suor frio inundou a frente de Monte Cristo. correu ao leito de Haydée, e despertando-a com precipitação, disse-lhe que se aprontasse sem a menor demora para fugir. Enquanto Haydée, trêmula e vacilante, compunha apressadamente o seu vestuário, o quarto encheu-se de muitas pessoas, que corriam em turba armados de machados. De todos os lados parecia abrir-se o chão para deixar sair essas figuras pálidas de terror e arquejantes de esforço, que sempre correm com azáfama à cenas terríveis de um incêndio.

Uma das portas do quarto do conde acabava de cair aos golpes de machados; viu-se então o pavimento em chamas, que se comunicavam ao teto; o incêndio era vigoroso e rápido; revelava-se de um modo assustador em dois pontos do edifício. No primeiro impulso daquela cena de desordem, no avivado daquele quadro terrível, que parece desenhado pela mão de Satanás, ninguém procurava o conde, ninguém pronunciava o seu nome, e o conde, tomando Haydée nos seus braços vigorosos, desceu com rapidez a escada pelo centro das chamas e do fumo.

— Oh! "Meu Deus! — bradava ele. Qual é a mão inimiga que me fere tão sem piedade!? Que surja perante mim esse homem ou esse demônio execrável que me persegue! O conde estava na rua; tendo rompido dificilmente pelo centro daquela massa viva que se agitava na frente do edifício em chamas, chegou a um pequeno largo deserto, cujos prédios estavam aclarados pelo reflexo do incêndio vizinho. Aí parou o conde, apoiando uma perna sobre um marco de pedra, e sustendo nela o corpo desfalecido de Haydée.

— Homem ou demônio! — murmurou ele com raiva. Quem quer que sejas, aparece, fala e dize o que queres de mim! Pelo Deus que criou o mundo, pelo gênio dos abismos, por tudo quanto para ti puder haver de sagrado ou maldito, ergue-te e fala! — Na gruta de Monte Cristo! — respondeu uma voz estridente, que fez estremecer o conde.

CAPÍTULO 47

A vaidade do homem

EDMOND Dantès partiu sem demora para a ilha de Monte Cristo. Haydée acompanhava-o. Passando apenas uma noite no mar, e tendo dobrado a ilha de Elba, o pequeno barco aportou ao recife da ilha sem o menor incidente. A presença majestosa e sombria daqueles rochedos, cujos cumes azulados pelos reflexos da aurora, que tão bela parecera outrora ao conde de Monte Cristo, infundia-lhe então um terror vago, pareceu-lhe mais deserta do que nunca; os seus rochedos mais escabrosos, o seu aspecto mais selvagem.

Logo que o barco lançou ao mar a sua pequena lancha, o conde esperou com ansiedade o momento de desembarcar, empregando o tempo em observar atentamente se descobria alguma figura humana no centro da ilha: nem a menor sombra por ali passava.

Nenhum barco se aproximava da ilha, segundo o conde havia observado; mas apesar disso, a ilha não estava tão deserta como parecia. Não obstante haver um luar magnífico, acenderam-se algumas fogueiras na ilha, e uma delas que estava um pouco mais elevada do que as outras, parecia arder sobre um dos mais altos rochedos.

O conde, tendo observado a fundo a disposição dessas fogueiras, reconheceu que eram ali dispostas para o guiarem até ao lugar em que deveria ser ajustado o resgate do seu filho. Despediu-se de Haydée e afastou-se dela, não antes de a beijar três ou quatro vezes, como se se despedisse dela para sempre. A pobre senhora, acostumada a obedecer em tudo àquele homem, não ousou contrariá-lo, depois de haver insistido no desejo de o acompanhar até ao interior da ilha.

O conde quis desembarcar só, e assim o fez, tomando por um atalho que conhecia e que subia em espiral, chegando alguns minutos depois à entrada da gruta.

Com efeito, era aquele o ponto em que o conde parecia ser esperado: a última fogueira, a que estava superior a todas as

outras, ardia sobre o portal, denegrado e chamuscado da sala subterrânea. O conde parou notando o desassossego, o mau estado e o abandono em que estava aquele portal magnífico, construído sob a sua direção conforme o estilo bizantino. O interior da gruta estava fracamente iluminado por uma luz resinosa, colocada em frente de uma das paredes.

O conde desceu a escada onde o musgo tinha crescido em abundância e que parecia não ter sido trilhado por pé humano desde muito tempo. O seu espanto cresceu ao notar o abandono do interior da sala. As paredes estavam nuas, a abóbada requeimada, o pavimento obstruído com entulho e pedaços de madeira queimada.

De tudo quanto outrora havia de belo e magnífico naquela gruta, nada restava.

O conde sentiu pela primeira vez na sua vida que um erro passado pesava sobre ele. Passou a mão pela fronte, como se quisesse evitar uma visão desagradável; e olhando depois em redor de si para examinar se estava só, deu um pequeno grito, lendo estas palavras escritas em letras negras na parede principal:

"AOS POBRES O QUE É DOS POBRES"

A MÃO DO FINADO ESTÁ ERGUIDA SOBRE EDMOND Dantès,
O AMIGO FALSO, O AMANTE CRUEL, O INFANTICIDA ATRÓS!

Por momentos ficou estático, com os olhos cravados no dístico singular, cujo sentido não compreendeu logo, mas cuja expressão lhe pareceu terrível.

Depois dos primeiros instantes de surpresa, Edmond Dantès leu segunda vez o dístico fatal, tratando de lhe encontrar a par do merecimento literário, o interesse moral que ele envolvia: porém para este exame frio e rigoroso, não estava então o espírito de Edmond Dantès. Para o homem se julgar a si próprio, é preciso que cesse nele a menor exaltação das paixões que haja no seu peito, e que se despeça de qualquer ideia ou pensamento contra os seus inimigos pessoais.

Edmond Dantès não estava neste caso; era pai, tinham-lhe roubado o seu único filho, e este golpe é assaz violento para um pai extremoso! Ele estava perturbado, o seu coração não podia com a

regularidade necessária ao homem profundo, ao moralista imparcial.

— Oh! — bradou ele. — Que dístico espantoso há ali! Como fui eu um amante cruel, um amigo falso... um...

— Acaba! Acaba se podes! — interrompeu uma voz estridente, soando no interior da gruta.

O conde levou maquinalmente a mão à coronha de uma das suas pistolas, porém largando-a, cruzou com toda a tranquilidade os braços sobre o peito. Benedetto estava diante dele, envolto numa capa napolitana e conservando o rosto oculto por uma máscara de seda negra.

— Quem é o senhor? — perguntou o conde com altivez.

— Pouco importa, contanto que saiba responder às suas palavras! — disse Benedetto.

— Seja como quiser: o que eu tenho para lhe dizer é simples, pois de sobra conheço os costumes dos homens da sua profissão em toda a Itália. Quanto quer receber em resgate de meu filho?

— Nada, senhor conde de Monte Cristo!

— Como assim? Quer fazer-me acreditar num ato de extrema generosidade? — perguntou com um sorriso de desprezo.

— Não senhor, nem o senhor poderia acreditar num ato de extrema generosidade, porque nunca foi generoso! Quem não usa não cuida. Eu quero fazer-lhe crer que é demasiado vaidoso por se julgar em circunstâncias de pagar o resgate de seu filho.

— Entretanto, peça quanto quiser — disse o conde com desdém.

— É algum Deus que tudo possa conceder-me? — Não, porém fez-me esse Deus o homem mais poderoso da terra para julgar os outros homens e puni-los como eles o merecessem.

— Pois bem, nesse caso pedirei novecentos milhões.

— Essa quantia excede a proporção estabelecida para comprar no mundo a vontade de uma nação pelo capricho de um só homem? Eu disse-lhe que Deus me fez poderoso para julgar homens, não para comprar nações.

— Finalmente, declara que é pobre, depois de me haver afiançado que Deus o havia feito poderoso! Oh, basta de ilusões,

Edmond Dantès! Quem és tu para julgar os outros homens e puni-los? Quando foi o tempo em que não caminhaste arrastado pela paixão que te dominava e cego pelos raciocínios que concebias!? A chave de ouro que Deus te colocara nas mãos para entrar no mundo como te aprouvesse, empregaste-a mal! O gládio que ele te concedeu para justiça, desvairou-se nas tuas mãos trêmulas! Deus fulmina-te! Submete a fronte vaidosa ao decreto infalível da providência.

Edmond reconheceu que não tinha a tratar com um simples salteador romano.

— Dize-me: serás tu o mesmo do palácio Gradenigo em Veneza? — perguntou ele.

— Não sei o que dizes! — respondeu Benedetto.

— Pergunto se és tu o homem que me tem perseguido desde que entrei de novo na Europa? Serás tu o mascarado importuno do palácio de Gradenigo? Serás tu o raptor de meu filho, o incendiário que tem assinalado com terror as minhas viagens desde Mântua a Piza? És o capitão do Tormenta? Fala, pois estamos aqui juntos. Quem és tu? Que queres de mim? — Quero explicar-te o que ali está escrito! — respondeu o salteador apontando para o dístico da parede.

"Oh! Meu filho!" murmurou o conde consigo mesmo, comprimindo o peito e disfarçando uma lágrima.

— Edmond Dantès! — disse Benedetto pausadamente. — Quando uma vez eu desembarquei no porto de Marselha, caiu a meus pés uma mulher em cujo rosto pálido estava a expressão horrível da fome e do desespero! Essa mulher erguia os braços para mim e bradava: "Dê-me uma esmola, por amor de Deus!" A desgraçada tinha sido esposa de um homem que a amava e que pertencia à classe dos oficiais-generais do exército francês; dessa união havia um filho que estava longe dela! Quando essa mulher vivia feliz em companhia do filho e do marido, tu começaste a preparar-lhe a desgraça, e a desgraça não tardou a alcançá-la! Lembras-te de Mercedes? Lembras-te da tua antiga namorada, Edmond Dantès? Ela ficou viúva, viu-se privada de seu filho, que partiu para a África para reabilitar o seu nome da infâmia que

manchava o de seu pai! Ela sofreu quanto uma mulher pode sofrer! Ela padeceu ao cabo do seu longo sofrimento, a fome e a miséria que foram coroar a tua obra maldita! Eis como eras cruel no teu amor, Edmond Dantès! Eis como estavas alucinado! Outro qualquer homem teria perdoado tudo, só para que vivesse feliz a mulher a quem ainda amava! Outro qualquer homem teria sido generoso, cumprindo esta palavra de Deus: "Perdoa aos teus inimigos, para que o Céu te perdoe a ti!" Edmond Dantès, posso assegurar-te que a mulher do general Morcerf te amava mesmo ao lado do seu marido; pensava em ti quando lhe reclinava a fronte no peito e ainda por ti ela tinha derramado muitas lágrimas sobre a sua coroa de esponsais e o seu véu de noivado! Pagaste-lhe bem esse amor, essa saudade!

— Querias tu — continuou Benedetto — que ficasse condenada à eterna viuvez aquela mísera catalã, mesmo antes de te haver pertencido? Ela chorou e esperou por ti muitos anos, e tu nunca voltaste; ela supôs-te morto, estava mais desligada e livre e podia pertencer a outro homem! Foste vaidoso, foste insensato, foste cruel! Agora queres saber porque te acuso de amigo falso? Lembras-te de Albert de Morcerf? Lembras-te do tempo em que te fingias seu amigo, em que o atraías a ti, fascinando-o como a serpente fascina a vítima? Lembras-te e premeditavas o modo de o perder, de lhe roubar o pai, de o lançar na miséria, enquanto ele, acreditando na tua amizade, apertava contra o peito essa mão traidora que deveria feri-lo de morte? Lembras-te daquela noite no teatro, em que o infeliz te foi pedir uma explicação e do modo como lhe respondeste? Isto não é ser traidor sobre os traidores? Edmond Dantès, onde estava a tua religião, o teu Deus, a tua crença? Que qualidades de dogmas seguias tu nos teus chamados atos de justiça? Onde estavam as leis divinas ou humanas, que te podiam absolver destes absurdos, destes crimes?

— Miserável! — bradou o conde com raiva. — Quem és tu que me condenas como se foras Deus?

— Eu sou o escolhido de Deus para te justicar na terra! Eu sou o que empunho agora o gládio sublime que ele te concedera e que tu desprezaste para tomar o punhal e o veneno do assassino!

escuta-me, pois, ainda não ouviste quanto eu devo dizer-te. Quero explicar-te porque te acuso de algoz desapiedado e de infanticida atroz! Recorda-te do senhor de Villefort, recorda-te do pequeno Eduardo, recorda-te de sua mãe.

— Sim! — bradou o conde. — Todos esses foram sacrificados aos manes de meu velho pai, morto de fome e de miséria pela traição de Villefort! Sabes tu o extremo com que eu respeitava e amava aquelas honradas cãs? Conheces qual é o desespero que um bom filho pode experimentar quando lhe dizem: "Teu pai morreu de fome, longe de ti?" Oh! Muito mais, porque não estava longe de mim; vivia a dois passos da prisão em que me havia encerrado o procurador-régio, como se encerra um cadáver no sepulcro! Sabes tu, ou calculas acaso, o que sejam esses horrores? — Experimentei outros! Vi meu pai reduzido ao último estado de demência — respondeu Benedetto. — Vi-o morrer a meu lado, depois de ele ter visto desaparecer de horror em horror toda a sua família em redor de si!...

— Jesus! Quem és tu, então? — Sou o teu juiz e serei o teu algoz! Escuta-me e treme, porque vais ouvir a tua sentença.

— Serás acaso um homem diferente de mim, para me poderes condenar? O teu peito estará isento de paixões, para que ajuízes com tranquilidade a respeito das minhas? — Sim! — tornou Benedetto com um sorriso de compaixão. — Eu fui um assassino, um ateu, mas arrependi-me; fiz-me justo, acreditei em Deus! A minha conversão foi sublime.

— E como acreditaste nela? Como sabes que Deus te perdoou?

— Porque tudo me diz que fui o escolhido para castigar-te. Em toda a parte onde passei ouvi um brado que te condenava. No mar, o grito aflitivo de Albert Morcerf, a quem salvei de um naufrágio! Em terra a voz delirante da infeliz Mercedes! reconhece pois que o céu te abandonou! Reconhece esta verdade que muitos fatos estão provando! Quando eu me apresentei no teu palácio de Veneza, não reconheceste em mim o mascarado do palácio de Gradenigo! Não te opuseste à minha recomendação de levares o teu filho ao bodo dos pobres; depois quando pernoitaste na estrada

de Mântua a Florença, naquela cabana onde te conduziu um simples acaso, como se Deus quisesse patentear bem a meus olhos que tu eras um condenado, estiveste ao lado do berço em que descansavam duas crianças e não soubeste reconhecer o teu próprio filho.

— Ah! — fez o conde de Monte Cristo, como fulminado por um raio.

— Reconhece pois que o céu te condena, miserável, e acredita que os momentos de outrora em que te julgaste inspirado e grande, não eram mais do que momentos de vaidade humana. Verdugo desapiedado, nunca soubeste perdoar! Nos teus atos de vingança monstruosa, envolvereste e confundiste o inocente com o criminoso! Pois bem, a perda de teu filho paga o sangue de Eduardo Villefort.

— E fui eu acaso que assassinei aquela pobre criança?

— Foste, sim! Todos os crimes da desgraçada mulher de Villefort pesam sobre ti.

— Por quê? Quem o sabe, fala!

— Não posso, há um segredo entre ti e Deus, que eu não posso decifrar; porém se eu não digo a verdade, se na tua consciência não está o peso de todos os crimes daquela mulher, desmente-me em face de Deus, que nos escuta! O conde de Monte Cristo ficou mudo.

— Bem — continuou Benedetto — reconheces o teu erro. reconhecerás também a justiça de Deus! Aquela imensa fortuna que ele depositou em tuas mãos, deverias reparti-la com os pobres e não aplicá-la em fazer-te rodear de luxo bárbaro, que sempre ostentaste na Europa em face da miséria! Vê, repara bem para o que te cerca, todos os tesouros que existiam aqui foram já repartidos pelos pobres pela minha mão; e os que tu possuis serão também igualmente divididos por eles! — Seja, dou-te a minha riqueza em troca de meu filho.

— Não mais verás o teu filho — respondeu ele. — Roubou a mão do finado! Um segredo igual ao do sepulcro pesa agora sobre o seu nascimento! — Maldição! A tua vida responderá pelo meu filho!

E o conde pálido, agitado, avançou para Benedetto empunhando as suas pistolas.

— Dispara, eu confio mais em Deus do que em ti! — respondeu Benedetto.

— Insensato! — exclamou o conde, rindo e chorando como um louco e arrojando para longe as duas pistolas, que se dispararam pela violência do choque. Homem ou demônio! Não calculas o meu sofrimento, tu não és pai, não sabes o que é o amor paterno! Pede-me o que quiseres, tudo te darei pelo resgate do meu querido filho.

— Não é possível, porque toda a tua riqueza será apenas o preço de outra coisa.. Imagina tu que tua esposa, receosa de que te sucedesse alguma catástrofe neste encontro, desembarcou da barca e guiada pelo reflexo das minhas fogueiras, começou a caminhar para este ponto; imagina mais que meia dúzia de homens destemidos, saltando dentro da barca, a incendiaram, enquanto quatro braços possantes sustinham o corpo flexível e ligeiro da formosa Haydée na entrada desta gruta.

Apenas Benedetto acabou de falar, ouviu-se um grito agudíssimo que vinha dos rochedos; o conde respondeu-lhe com um brado de coragem e subindo precipitadamente as escadas da gruta, deteve-se na crista da rocha, interrogando com a vista aquele espaço imenso, o mar, o céu e os rochedos.

— Haydée! Haydée... — bradou o conde.

E o eco repetia com um acento lúgubre o nome querido que o conde pronunciava.

Vê lá em baixo aquelas chamas que o vento agita à flor das águas — disse uma voz ao conde.

Era Benedetto.

— Tudo está acabado para ti!

— Haydée, onde estás? Que novo inferno nos rodeia? O conde olhou em redor de si; Benedetto havia desaparecido, as fogueiras estavam extintas, apenas se divisava no pequeno recife as chamas que consumiam a barca; e dentro da gruta, o clarão moribundo do facho que ali ardia.

A figura airosa e cheia de vigor de Edmond Dantès desenhava-se qual sombra fantástica, no céu azulado do Mediterrâneo.

Com os braços cruzados sobre o peito arquejante, o cabelo solto e agitado pela brisa do espaço, de pé sobre a crista do mais alto rochedo da ilha, com o corpo inclinado para o abismo, ele parecia ali, a ficção arrogante do poeta, o gênio dos rochedos elevados sobre o seu trono de granito em face do mar.

Por momentos, o conde permaneceu assim, como se estivesse entregue à meditação profunda do seu passado todo inteiro: depois soltou um doloroso gemido e voltando as costas ao abismo, desceu vagarosamente para o interior da ilha.

— Foi aqui onde me embriaguei com a posse daqueles tesouros que vim desenterrar! Ai, mesquinhez da humanidade! Oh, imperfeição do espírito humano em comparação com o seu criador onipotente! Eu tive a louca vaidade de me julgar também onipotente no mundo, como o embriagado julga caminhar sobre uma alcatifa de rosas quando os seus pés se recortam nas lâminas de um alcantil! Assim como a embriaguez se dissipa, as rosas se desfazem ao sopro da realidade, eu acordo finalmente da minha sonhada ventura! Onde está a gruta esplêndida que existia aqui? Onde está a mulher oriental, que eu tanto amei? Onde está o meu filho? Aonde vai a tranquilidade do meu peito, o prazer íntimo desta alma? Tudo acabou! Tudo passou como um sonho pueril da criança vaidosa! Sou ainda imensamente rico, mas de que me servirá essa riqueza? O que farei eu no mundo? Que novos prazeres encerrará ele em si para _me distrair? E o conde calou-se um instante, olhou vagarosamente em redor de si com um gesto suplicante; depois correu a elevar do chão o facho que estava a findar; agitou-o, mas a chama extinguiu-se fazendo um último esforço. O conde de Monte Cristo lançou um grito de terror, achando-se em completa escuridão.

— Haydée! Minha Haydée... A fatalidade que me persegue, esmaga-te também! Ai! Eu darei quanto possuo para que te não suceda mal! Venha alguém, surja na minha frente um homem qualquer, a quem eu possa dizer isto, ainda que esse homem tenha

de ser o anjo réprobo! Dizendo isto permaneceu em silêncio, como se esperasse uma resposta qualquer; porém o silêncio foi profundo e não interrompido ao redor dele. O conde repetiu o que havia dito, e então cintilou uma luz no interior da gruta, e em poucos instantes, ele distinguiu a figura tranquila de Benedetto, cujo rosto estava ainda oculto pela máscara.

— Conde de Monte Cristo — disse-lhe ele parando a certa distância. -A tua opulência pela tua mulher.

— Tudo quanto possuo te ofereço pelo resgate dela.

— Então acompanha-me.

O conde seguiu Benedetto para uma das salas interiores da gruta, onde estava uma mesa ordinária com preparos para escrever. Indicando-a ao conde, Benedetto colocou-se em frente dele e fez-lhe um sinal que ele compreendeu.

Momentos depois, o conde de Monte Cristo, tendo acabado de escrever algumas palavras e assinado diferentes letras de câmbio de enorme valor, passou às mãos de Benedetto toda a sua imensa fortuna.

— Estou pobre! — disse ele. — Tão pobre como no dia em que descí pela primeira vez a este lugar. e amanhã nem terei um amigo no mundo, mas felizmente sou feliz! Acabo de salvar a minha querida Haydée.

— Muito bem! — respondeu Benedetto. — Ela vai ser-te restituída, mandarei colocar no recife do sul um pequeno barco à tua disposição. Partirá amanhã.

— Mas o meu inocente filho? perguntou o conde de Monte Cristo ansiosamente.

— Pesa sobre o teu filho o segredo do sepulcro! — respondeu Benedetto com voz solene.

O conde ia falar, porém Haydée, aparecendo na sala, correu para se jogar em seus braços. Benedetto retirou-se.

CAPÍTULO 48

Gratidão de Peppino

PELO espaço de alguns minutos permaneceram abraçados, como se fosse aquela a primeira vez que se encontravam depois de um longo período de separação.

— Pobre criança! — murmurou o conde, beijando-a na fronte. — A desgraça que me fere não sabe respeitar a tua inocência.

— Julga que sofro, meu bom amigo? — perguntou Haydée com toda a candura da sua alma singela. — Não, eu ainda sou bem feliz: estou ao seu lado.

O conde não respondeu; uniu-a ao peito e amparando-lhe a cabeça com as mãos, contemplou-a em silêncio, como se meditasse no futuro que a esperava.

— Haydée — disse Monte Cristo depois de a haver contemplado em silêncio com as lágrimas nos olhos — as tuas ilusões têm de ceder ao golpe de uma realidade fatal! Ainda ontem eu me vangloriava de possuir os fundos necessários para satisfazer a cobiça dos malvados que nos roubaram o nosso querido filho; hoje, porém, não posso afirmar que terei com que comprar o pão do sustento de amanhã! Conheço bem este mundo de misérias, ódios e intrigas, o nosso caminho desde hoje em diante é semeado de espinhos terríveis onde as tuas lágrimas inocentes hão de cair com abundância na presença dos meus martírios! — Eu por mim serei feliz, vivendo com o meu senhor, vivendo com o nosso filho.

— Não, não — respondeu o conde. — Aquela pobre criança está perdida para sempre! Nunca mais a tornaremos a ver.

Haydée lançou um grito, levando as mãos aos finos cabelos num ato de desespero. O conde ocultou o rosto.

Seguiu-se um momento de profundo silêncio. Haydée, lançando sobre o conde um olhar apaixonado, disse-lhe com um sorriso amargo: — Senhor, muitas vezes lhe perguntei eu, noutro tempo, se a morte era um mal! Ao ver aquele aspecto sombrio, aquele rosto descarnado, aquela foice terrível, que vai ceifando as vidas sem piedade, sem dó, eu estremecia por me lembrar que um dia chegaria a minha vez! Porém agora imagino a morte de outro modo: suponha, senhor, que a imagem dela não traz horror

consigo; que a sua mão é menos dura, e que em vez de lhe mostrar a foice com que há de separar a alma do corpo, lhe indica o mistério sublime de uma felicidade inteiramente nova.

— Haydée! — murmurou o conde.

— Então, meu bom amigo, se o mundo é miserável, se é cheio de horrores, o que temer em presença da morte? — Eu adivinho o teu pensamento! Sei o q queres dizer.

— Bem! Aí está recuado em frente da morte, no momento em que lhe não resta mais do que ela! Senhor, muitas vezes lhe ouvi falar da morte, como do sono reparador, que esperava dormir durante a noite que seguia um dia agitado! Nesses momentos fui eu aprendendo o modo de a encarar sem o menor receio, até que chego a encará-la com interesse. Onde está a energia com que então falava? Quando e imensamente rico, quando tinha diante de si um futuro inteiro de felicidade, não estremecia com a ideia da morte; e hoje que sabe que é pobríssimo, hoje, que nem sabe como lhe há de vir o dia de amanhã, hoje, que a mão do destino parece ter-lhe cortado de um só golpe as mais doces esperanças, o que é que tanto o faz estremecer e vacilar em presença do sono eterno? Se a felicidade se acaba para nós, acabemos nós para o mundo! — Pois bem, Haydée — disse o conde fixando-a. — Tu, que mais de uma vez em tua vida, quase desde o berço, tens visto a desgraça eminente, e ambicionado a morte como único meio de a evitar, não tremes com o sacrifício tremendo que te propões; mas com que direito divino ou humano podemos nós consumir esse sacrifício? Para a criatura ter o direito de morrer pelo seu livre arbítrio seria necessário que ela houvesse nascido pela sua própria vontade. Julgas tu que seja dar prova de um espírito forte e de uma virtude austera, tomar veneno ou descarregar um golpe que nos roube a vida, no momento em que sentimos os horrores da miséria? Isso não será no tribunal divino mais do que um ato de fraqueza ou alucinação! A resignação com que nos submetemos à nossa sorte, a paz de espírito com que suportamos a miséria e os trabalhos neste mundo, são coisas de maior apreço quando as nossas almas forem julgadas! Senhor — tornou Haydée — também muitas vezes o ouvi condenar como sofisticos os raciocínios que acaba de expender!

Dizia que para se tomar veneno ou para se descarregar um golpe que nos roube a vida, nos era necessário um grau superior de força de vontade, que se não dá em todas as pessoas, quando elas não estão completamente alucinadas. Onde está pois a força da sua vontade? Onde está a chama enérgica do seu grande espírito? O conde ficou imóvel. Haydée, tirando da algibeira uma caixa pequena, feita de uma só esmeralda, com a tampa de ouro, abriu-a, e tomou com os dois dedos seis pequenas pílulas de uma substância escura: depois, vazando água num copo, que encontrou, lançou-lhe dentro as seis pílulas que a pouco e pouco se desfizeram.

— Vamos, a luz do dia aclara o mundo, subamos ao rochedo. Aqui está o veneno, meu bom amigo, e acredite-me que só assim poderá evitar a desgraça que não o poupará mais, desde o momento em que perde a fortuna! Mas nós tomaremos igual porção — continuou Haydée separando em dois vasos igual porção de líquido e colocando um em cada extremidade da mesa. — Agora subamos.

Dizendo isto, ela conduziu o conde para fora da gruta, e ambos se detiveram na crista do rochedo.

O mar estava sereno, o sol começava a levantar-se e os seus raios projetavam-se quase em linha horizontal sobre as águas. Um navio com todo o pano inchado pela brisa da manhã, passava em frente da ilha.

Tudo parecia apresentar em redor do conde um certo aspecto de vida, riqueza e placidez, que o entristecia.

Enquanto ele e Haydée se despediam do mundo, erguidos sobre um rochedo escarpado que se elevava no centro das águas, dois homens deixando-se escorregar por uma das aberturas que davam claridade à sala interior da gruta, escutavam com atenção se alguém lhes teria ouvido o rumor dos passos. Convencidos de que ninguém se aproximava, caminharam para a mesa, sobre a qual Haydée tinha deixado os dois copos com o veneno e aí se detiveram.

Como será possível conhecer o do conde? — perguntou um.

— Creio que é este — respondeu o outro pegando no copo que estava ao lado da entrada da sala. — Como assim? — Haydée há de lançar mão do que ficar mais perto.

Dizendo isto, o homem colocou o copo no seu lugar, e pegando no outro, lançou o líquido para um recanto da sala, substituindo-o por água.

— Bem, e se por acaso o conde não pegar neste copo, mas sim, no outro? — perguntou o companheiro.

— Então lançar-me-ei sobre ele! — Em todo o caso, queres salvá-lo? Mas se a sua hora estiver chegada? Hei de pagar esta dívida de gratidão; o conde salvou-me a vida, eu salvarei a sua. Partamos, eles descem.

Dizendo isto, os dois homens saíram para a sala imediata, e aí se ocultaram rapidamente com a rocha, porque o conde dando a mão a Haydée já vinha na escada.

Eles atravessaram em silêncio a primeira sala e penetraram na segunda, detendo-se em frente da mesa.

— Então, Haydée, ainda queres deixar este mundo que tão belo nos pareceu? — Meu amigo — respondeu Haydée enxugando uma lágrima — perdoa a minha fraqueza, eu não tenho em mim a força superior que é necessária para morrer pelo meu livre arbítrio! — Haydée! Haydée! — exclamou o conde tomando-a nos braços: — Pobre criança! E eu que tanto te amo! — Obrigada, meu bom amigo, agradeço-te esse sentimento, e crê que também te voto um amor profundo, veemente! Dá-me um beijo.

O conde colocou os lábios no rosto de Haydée. Ela afastou-lhe brandamente a fronte com as mãos, erguendo os olhos ao céu e, lançando com rapidez o braço na direção da mesa, pegou no copo: — Jesus! — bradou o conde, aterrado.

Haydée tinha bebido todo o veneno.

— Eu vou partir — disse ela sorrindo-se. — Acompanha-me, meu bom amigo.

O conde caminhou para o lado oposto da mesa, e tomando o outro copo, bebeu com toda a placidez o líquido que ele continha. Depois voltou-se para Haydée.

— Oh! Meu marido! — exclamou ela lançando-lhe os braços em volta do pescoço. — Eu amei-te muito e sentia faltar-me a vida no peito! A ideia de que tu me sobrevivias, a ideia de te perder, a ideia de que outra mulher te amasse, te beijasse, como eu te beijo e amo! Eu amei-te quanto uma mulher pode amar um homem, chamei-te meu, e após eu, tu não serás de outrem! O ciúme é pior mil vezes do que a morte! Eu morro e tu morres comigo.

Haydée calou-se de súbito. As faces ficaram lívidas, o olhar amorteceu e os lábios se contraíram cobrindo-se de uma espuma amarelada que lhe inundava a boca.

O conde amparou-a nos braços e ajoelhou.

— Ah!... meu amigo, o meu coração cobre-se de gelo, vou morrer. Morre tu comigo, meu marido, o meu derradeiro beijo, o meu derradeiro suspiro, o meu derradeiro pensamento... é para ti! Dizendo isto, deixou pender a cabeça no braço do conde; os olhos se conservaram abertos, parecendo fixar ainda com ciúme o rosto do conde de Monte Cristo.

— Está morta! — murmurou ele colocando a mão sobre o peito de Haydée. — E porque vivo eu ainda? Porque não sinto já em mim aquele fogo terrível que parece queimar-me as entranhas? Já passou meia hora, tempo de mais para o efeito do veneno! Oh! Eu não hei de sobreviver-te! — exclamou levantando-se e tomando nos braços o corpo de Haydée. — Vem, minha boa amiga, teremos um sepulcro digno de nós! Dizendo isto, o conde subiu as escadas da gruta; trepou ao cume de um rochedo, e estreitando contra o peito o cadáver de Haydée, correu na direção do abismo, bradando: — Oh! Deus todo poderoso! Recebe a minha alma! — Não! — bradou uma voz, e o conde sentiu-se preso na beira do abismo pelos braços possantes de um homem.

O cadáver de Haydée rolou de rochedo em rochedo e desapareceu.

— Insensato! Quem és tu? — perguntou o conde. — Não é preciso possuir milhões para salvar a vida de um homem — senhor conde. Eu sou Peppino Roca Priori.

CAPÍTULO 49

A mão do senhor de Villefort

No dia seguinte àquele em que Peppino havia pago a sua dívida de gratidão salvando a vida de Edmond Dantès, ainda este estava ajoelhado na beira do abismo em que tinha rolado o cadáver de Haydée, e elevando os olhos ao céu, orava do íntimo de alma; resignava-se como verdadeiro cristão à sorte amarga que o esperava no mundo. A sua resolução estava tomada, e ajoelhando uma última vez sobre o rochedo, disse o seu derradeiro adeus àquele cadáver despedaçado no fundo do abismo.

Recordando-se que um pequeno barco o esperava num dos recifes da ilha, desceu vagarosamente à praia disposto a abandonar aquele lugar fatal. Caminhava com a cabeça inclinada sobre o peito e os braços pendidos, para o pequeno recife do sol, quando um homem surgiu de súbito na frente dele. Era Benedetto.

O seu rosto não tinha máscara, estava tranquilo; pousou com firmeza o olhar na fisionomia abatida do conde de Monte Cristo, e os seus lábios contraíram-se num sorriso repassado de ironia. A pequena distância deles, distinguia-se Peppino. O conde e Benedetto contemplaram-se por momentos em profundo silêncio.

— Conheces-me finalmente, Edmond Dantès? — perguntou-lhe Benedetto cruzando os braços sobre o peito.

— Ah! És tu! — murmurou o conde.

— Ainda bem, aliás teria de te recordar o nome do príncipe Andréa Cavalcanti, improvisado por ti para uma das tuas malditas e hediondas comédias! — E és tu o homem que me tem perseguido? — perguntou o conde sacudindo a fronte e acompanhando estas palavras com um leve sorriso de desprezo. — Ah! E a todos os teus atos de violência, cometidos pelo simples desejo de possuir riquezas, dás sem pejo o título pomposo de justiça de Deus! — Enganas-te; conde de Monte Cristo! — replicou Benedetto com placidez. — Não foi o desejo de possuir riquezas, como dizes! Eu

hoje tenho tanto quanto possuía antes de te privar das tuas, elas foram repartidas pelos pobres, e as que ainda restam sê-lo-ão dentro em breve; se te persegui sem dó nem piedade foi para vingar o sangue inocente de meu irmão Eduardo! — Teu irmão? — perguntou o conde.

— Sim, eu ignoro a história terrível do meu nascimento; isto é, sei quem é o autor dos meus dias, e falta-me apenas saber quem é minha mãe. Sabes acaso quem ela é? — Sei! a baronesa Danglars.

— Obrigado — disse ele com expressão feroz. — Agradeço a tua generosidade, e estou certo que se não houvesses calculado quanto eu havia de sofrer com essa revelação, não ma terias feito! Escuta-me, pois; se esta é a última vez que nos encontramos; escuta— eu quero dar-te conta de algumas pessoas que conheceste. Minha mãe foi roubada por mim e ficou reduzida à miséria. Ignoro onde esteja, ignoro mesmo se vive ainda. O barão Danglars acabou como havia começado a sua carreira de crimes, isto é, voltou à condição de simples marinheiro, e expirou numa noite de tempestade aos golpes que lhe descarregava o piloto do meu barco Tormenta. Agora, falta-me dizer-te o que fizeram de Luigi Vampa; tu que tinhas protegido sempre aquele audaz ladrão, ao passo que te prezavas de punir com rigorismo o roubo e o crime! Eu, pelo contrário, entreguei-o por um punhado de piastras à justiça romana, que o justicou um mês depois. Agora que te vejo reduzido ao último grau de desespero, agora que em toda a Itália te amaldiçoam o nome ou te julgam completamente alucinado; agora que não tens nem esposa nem filho; agora que não terás com que comprar o alimento de amanhã; agora finalmente que acabou para sempre o improvisado conde de Monte Cristo com todo o seu louco e imenso prestígio, hás de reconhecer que se Deus te fez imensamente poderoso, foi só para que premiasses a virtude, assim como me fez expressamente audaz e atrevido, para que castigasse o crime! Tanto eu, como tu, não fomos mais do que simples instrumentos da sua alta justiça. A nossa tarefa está concluída, e nós voltamos ao nada! A família Morel vive feliz, assim como muitas outras pessoas com as quais repartiste a tua felicidade; e tu acabas

na miséria porque tiveste o orgulho de te julgar inspirado como um apóstolo! A dívida está paga, e a mão do finado vai voltar para o cadáver!

Dizendo isto, Benedetto abriu rapidamente um pequeno cofre, e tomando a mirrada mão que ele continha, bateu com violência na face de Edmond Dantès, bradando: — Homem alucinado pelo excesso da tua paixão, sê maldito para sempre!

O conde lançou um grito de desespero, ao mesmo tempo que Benedetto e Peppino se afastavam.

O conde permaneceu por alguns momentos com o rosto oculto nas mãos. Depois, olhando em redor de si viu-se completamente só. Ia para atirar-se ao mar, mas pensou que não tinha direito para furtar-se ao castigo do céu, e resignando-se caminhou para o embarcadouro do sul, onde de fato o esperava uma embarcação ligeira com dois homens.

Quinze dias depois, um homem embuçado numa capa escura, sob a qual parecia ocultar um volume, parava junto do portal de ferro da residência de Morel, perto da cidade de Roma.

Aí, afastou do peito a capa que o envolvia, e estendendo os braços, colocou nos primeiros degraus o corpo de uma criança que parecia tomada de sono profundo; depois voltando sob os seus passos, fechou a cancela e puxou com violência a sineta de bronze, cujo som ecoou por todo o edifício. Valentine chegou à janela, enquanto um criado que tinha saído de casa lançava um pequeno grito de surpresa, detendo-se próximo da escada.

— Pietro — perguntou Valentine — que embrulho é esse? — É uma criancinha que está aqui exposta na escada! — Mas então quem poria aqui esta pobre criança? — O portão está fechado — disse Pietro, que voltava já do jardim -e eu não vi viva alma na estrada.

Valentine, tomando a criança nos braços, subiu para a sala, indo ao encontro de Maximiliano.

— Meu amigo — disse ela — o céu deu-nos um filho. Havemos de cuidar dele e educá-lo como se fosse realmente nosso.

Em poucas palavras explicou a Maximiliano quanto sucedia. A criança olhava espantada para quanto a cercava; depois escondeu o

rosto no peito de Valentine.

— Vejamos que papel é esse que está no peito da criança — disse Maximiliano.

— É verdade! exclamou Valentine, pegando no papel.

Minha senhora: É caridosa e boa; por isso em nome de Deus lhe é confiado este menino que deverá criar como se fosse seu: o inocente é órfão; o seu nascimento é hoje e deverá ser para o futuro, um segredo profundo entre Deus e o passado! Nem mais uma letra tinha o bilhete, nem um sinal que pudesse indicar a pessoa que o tinha escrito.

— E o nome? — disse Valentine. — Ele não tem nome! Melhor; dar-lhe-emos o nome de Edmond, o nome do nosso benfeitor.

E as lágrimas assomaram aos olhos de Valentine, que novamente jurou servir de mãe ao desgraçado órfão.

CAPÍTULO 50

O dia 27 de setembro

BENEDETTO, tendo exposto o filho de Edmond Dantès à caridade da piedosa Valentine, nada mais lhe restava para fazer senão voltar a França e ir depor junto do cadáver de seu pai a mão, que ano e meio antes lhe havia decepado, movido sem dúvida por um pensamento alucinado e feroz energia. Chegado a Paris, dirigiu-se pela noite ao cemitério de Père Lachaise, onde, mediante uma bolsa cheia de ouro, conseguiu que o guarda o deixasse entrar.

— A qual dos túmulos é a visita? — perguntou-lhe o guarda.

— Ao jazigo das famílias de Saint Méran e Villefort.

"Ah!" pensou o guarda. "Este é o mesmo figurão que me pregou da outra vez: pois se traz outra fígada, pode crer que veio meter-se na boca do lobo!" Momentos depois, pegando na enxada e numa lanterna, caminhou na frente de Benedetto em direção ao mencionado jazigo. O guarda abriu a porta daquele asilo da morte, e pousando a lanterna junto dela afastou-se fazendo um sinal a Benedetto, o qual compreendeu logo.

Quando Benedetto deixou de sentir os passos do guarda, levantou a lanterna e desceu lentamente os degraus de mármore que o conduziam ao meio dos cadáveres de sua família. Abriu sem dificuldade o caixão do pai, cujo esqueleto estava envolto nos restos do lençol, única mortalha do antigo procurador-régio de Paris. O braço direito do esqueleto estava descansado sobre as cavernas do peito, e o outro estendido ao longo da espinha dorsal.

Benedetto, depois de contemplar por muito tempo o esqueleto em que estava impressa toda a hediondez da morte, tirou da algibeira uma caixa de madeira negra, e tomando dela a ressequida mão colocou-a sobre o peito do cadáver.

— Está satisfeita a dívida de meu pai, e a sua mão, longo tempo erguida à face dos vivos, descansa de novo sobre esse peito, cujo coração extinto tanto sofreu no mundo. Receba este meu beijo, que é a derradeira prova do respeito profundo que me inspirou o seu terrível sofrimento. E adeus para sempre! Dizendo isto, beijou a mão do cadáver, fechando em seguida a tampa do ataúde; depois, pegando na lanterna, subiu as escadas do sepulcro, e notando que a porta estava fechada, impeliu-a com a mão esquerda sem que ela cedesse; largando a lanterna, empregou também a direita, e por último o peso de todo o corpo; porém a porta estava fechada pela parte de fora e não cedia aos esforços de Benedetto. Por momentos ele permaneceu aniquilado, sem ter a menor ideia, sem conceber o menor pensamento acerca daquele caso: mas passada que foi meia hora, saindo daquele estado de torpor em que o havia lançado a surpresa, explicou a si próprio, com todo o sossego e placidez, a razão porque tinham fechado a porta. Bastou para esse fim, lembrar-se da primeira noite em que ali tinha penetrado.

Sou acusado de profanação, e o guarda entregou-me à justiça! Há ano e meio que foi visto este túmulo profanado e saqueado; eu tinha-me evadido Sem satisfazer a cobiça do guarda, e ele agora vingá-se de mim"; Benedetto acostumado a lutar contra o perigo, não tinha a vaidade de vencer o impossível; sentou-se portanto nos degraus da escada, e encostando o rosto nas mãos, esperou pelo dia; a noite pareceu-lhe eterna! Com efeito, no dia seguinte, sentiu muitos passos que se aproximavam do sepulcro; a porta abriu, e Benedetto viu em frente de si as figuras sinistras de seis soldados com os sabres desembainhados.

— Cumpra-se a vontade de Deus até ao fim! — murmurou ele.

O guarda acompanhou-os até à porta do cemitério, e quando a escolta acabou de passar, ele fechou-a, dizendo com um riso bastante motejador: — Até mais ver, senhor improvisado lorde Wilmore...

Benedetto foi conduzido para a Force. Apenas se lhe instaurou o processo, fácil foi reconhecer nele o mesmo homem que

se havia evadido do cárcere, assassinando o carcereiro. O júri, depois de ter examinado os atos e discutido os crimes de Benedetto, não pôde deixar de pronunciar contra ele a sentença capital.

Benedetto, ao fim de oito meses de prisão, foi condenado à morte. Ouviu ler a sentença no mesmo cárcere em que havia cometido o assassinio na pessoa do carcereiro; ouviu a leitura vagarosa da sentença, com o mesmo sangue-frio e a atroz indiferença que o caracterizava desde certo tempo. Esta indiferença pronunciada não era causada pelo embrutecimento do seu espírito, como quase sempre sucede nos homens que depois de uma longa série de crimes, veem elevar-se diante deles o patíbulo em que hão de expiar em face da sociedade que insultaram: não, o estado em que Benedetto estava era o de uma resignação profunda como os decretos desse Deus poderoso que ele havia invocado para saber se deveria ou não ferir o homem vaidoso que tinha abusado do seu poder.

Chegou o dia antecedente ao da execução, e Benedetto entrou no oratório, portando-se com devoção em todos os atos religiosos que antecedem as execuções públicas de alta justiça. O confessor ouviu-o com interesse; no seu olhar enternecido, conhecia-se o efeito que nele produzia as suas palavras.

— Padre, eu creio em Deus — disse Benedetto fazendo o sinal da cruz — creio na sua justiça, e nem por um simples pensamento me atrevo a censurá-lo. Nasci do crime, fui batizado com sangue e lágrimas, o meu fim não podia ser outro senão o patíbulo. Antes de crer em Deus, como hoje creio, senti neste peito quanto fel o desespero pode criar em peito de homem! Cometi muitos crimes, mas um dia parei; a presença de meu pai, pobre, velho, desgraçado e quase louco, comoveu-me; jurei então vingá-lo e meditei profundamente acerca dos homens e das suas ações. Acreditei em Deus, reconheci que era eu desde certo tempo o instrumento com que ele punia os maus; feri e roubei sem piedade, todos quantos já tinham feito o mesmo; para caminhar nesse novo trilho carecia de dinheiro, por isso apoderei-me das joias que ornavam os cadáveres dos membros da minha família paterna, e

não descansei um momento enquanto não alcancei chegar aonde havia premeditado! Vi em redor de mim o mau, o falsário, receberem o castigo dos seus crimes; os virtuosos o prêmio das suas ações, e por isso não me surpreende agora o cadafalso que está erguido para mim. Mereço-o. Dê-me a sua mão e peça a Deus por mim.

Dizendo isto, Benedetto ajoelhou aos pés do padre, que invocava a misericórdia divina sobre a alma do padecente.

— Que dia é hoje? — perguntou Benedetto. — Vinte e sete de Setembro, meu filho.

— Vinte e sete de Setembro! — repetiu com um sorriso lúgubre. — Lá está o patíbulo para festejar o meu aniversário natalício! — Perdoas a teus pais o desprezo a que te votaram? Perdoas a teu pai o seu intentado crime de infanticídio? — Há muito que lhes perdoei tudo! — Muito bem, meu filho, Deus seja contigo para sempre! Logo que o sol penetrou nos sombrios pátios da Force, a porta do oratório abriu, e uma escolta foi tomar conta do preso para o conduzir à presença do algoz, para que este lhe cortasse os cabelos e lhe vestisse o traje dos condenados.

Depois destes preparativos, Benedetto subiu para o carro dos padecentes, e o algoz tomando lugar na almofada, deu sinal para a triste partida.

Um piquete de cavalaria acompanhou o carro até ao patíbulo em redor do qual se agrupava o povo com azáfama. Benedetto, recebendo a última benção do confessor, repeliu brandamente a venda que o algoz lhe apresentava, dizendo-lhe: Deixe-me só olhar um momento para esta multidão que me cerca, quero ver se distingo um rosto amigo...

Em seguida, olhou com avidez para o povo que o rodeava; examinou de relance todas as fisionomias que lhe ficavam próximas; depois olhou para maior distância, e lançou um pequeno grito de surpresa.

Tinha visto dentro de uma sege que atravessava a praça, uma mulher com o hábito das irmãs de S. Lázaro que parecia acompanhar outra mulher doente.

Meu padre — disse ele para o religioso — neste momento não ambiciono mais do que falar àquela irmã de S. Lázaro, que atravessa o fundo desta praça numa sege. Pelo amor de Deus, vá dizer-lhe que venha.

O padre desceu logo o patíbulo para executar o desejo do padecente e a humilde irmã de S. Lázaro não pôs a menor dúvida em acudir ao seu chamamento.

À medida que ela se aproximava, a fisionomia de Benedetto alterava-se de um modo singular: levou repetidas vezes as mãos aos olhos como para suster um pranto involuntário. A irmã de S. Lázaro subiu as escadas do cadafalso e apresentou-se ao padecente.

— Meu Deus! — bradou ela, recuando como pelo efeito de uma visão terrível.

Benedetto pegou-lhe na mão e chegando-a aos lábios imprimiu-lhe um beijo, murmurando depois estas palavras, de modo que ninguém mais as escutasse: — Perdoe-me, minha mãe, pois também já lhe perdoei. Quando lhe roubei quanto possuía estava longe de saber o que soube depois. Mas quis Deus que o meu dinheiro fosse empregado na justa vingança das cinzas de meu pai e que a pobreza não a deixasse prosseguir na vida que levava, e a arrastasse, pelo caminho do arrependimento, para os degraus do altar. Perdoe-me, pois.

— Jesus! Jesus! — bradou a pobre senhora com o desespero da dor, caindo de joelhos sobre o cadafalso.

— Hoje é o dia 27 de Setembro! — disse Benedetto, e encostando a cabeça ao cepo, exclamou para o algoz: — Mata-me! E a lâmina da guilhotina decepou-lhe a cabeça. A irmã de S. Lázaro caiu como fulminada por um raio, junto do cadáver, bradando com angústia: — Fui mãe deste desgraçado.

São decorridos dois anos depois dos terríveis acontecimentos que acabamos de narrar. Todos os delinquentes haviam sofrido o justo castigo dos seus malefícios, sem que todavia deixasse de ser condenado o hediondo princípio da vingança.

Deus servira-se de um homem, que muito padecera, para punir os culpados que doutro modo escapariam à ação da justiça

humana, e esse homem ensoberbeceu-se e exorbitou, chegando a ferir inocentes. Foi também por sua vez castigado pela mão de um criminoso, que tão-pouco ficou impune, apesar de se mostrar arrependido.

A soberba e adúltera baronesa Danglars, quando se supunha rica, livre e independente, sem marido e sem filha que a tolhessem, viu castigada a prosápia dando com a filha no palco de um teatro, e quando procurava consolar-se desse desgosto, encontra desgraçado e cada vez mais vil o homem cujo nome usava, e é roubada e ameaçada de morte pelo filho que o crime lhe dera e a quem mais tarde havia de perdoar e pedir perdão sobre as tábuas do cadafalso.

A baronesa Danglars tirada em braços do cadafalso onde caíra a cabeça do filho, foi, sem que ninguém visse nela mais que uma humilde e piedosa irmã de S. Lázaro, impressionada pelo terrível ato que presenciara, levada para o hospital da missão, onde morreu passados dois dias e duas noites de atroz delírio.

Eugènie Danglars, a desdenhosa jovem que, tendo visto a seus pés como rica e formosa que era, os moços mais nobres e simpáticos da sociedade francesa; tendo sido noiva do elegante filho do conde de Morcerf, o excelente e desditoso Albert, viu-se depois ludibriada e coberta de ridículo por um falso príncipe, que não passava de forçado fugido das galés, e abandonando os pais à vergonha e desgosto em que tal fatalidade os lançara, Foge com uma amiga, lança-se na vida sempre aventureira do teatro e acaba por se enamorar de um homem infame, de um salteador terrível que a rapta e a desgraça para sempre.

Aí ficou arrastando o luto do amante justificado, e a dor de sentir que o amava até ao fim apesar da sua infâmia e da vil traição que lhe fizera. Corre com a sua inseparável Luísa d'Armilly os principais teatros da Europa e da América, trabalhando corajosamente para uma filhinha que deve à noite tremenda das catacumbas romanas, onde, sobre um altar profanado, foi encontrada sem sentidos, quando lhe prenderam o amante.

A filha de Vampa é hoje uma das mais distintas divas que encantam os dilettanti dos Dois Mundos.

O conde de Monte Cristo depois de se dirigir a Paris e de percorrer cheio de humildade todas as sepulturas daqueles que na sua cegueira vitimou, com ou sem justiça, implora humildemente perdão aos descendentes do conde de Morcerf e de toda a família de Villefort. Edmond foi a Roma, onde depois de fazer confissão geral dos seus pecados, tomou ordens, e regressando a França, voltou a Marselha, onde entrou num hospital que encontrou próximo da aldeia dos catalães; isto é, próximo do lugar onde jaziam as cinzas de seu pobre pai, e onde residia a sua antiga noiva, a cuja culpa involuntariamente aplicara tão horrível castigo.

O hospital, com a sua ermida de uma construção singelíssima, era então por assim dizer o primeiro esboço das construções que existem hoje povoando aqueles rochedos, como guardas avançadas da cidade.

Albert Mondego e Mercedes habitavam ainda a casinha da antiga aldeia dos catalães.

Albert, a quem Benedetto fizera uma doação importante do dinheiro que tirara ao conde de Monte Cristo, empregou esse capital estabelecendo-se no comércio que desde muito tempo lhe inspirava vivos desejos. O nome de Benedetto era abençoado entre Albert e sua mãe, naquela paz íntima que eles gozavam.

Todavia, Mercedes ferida de um desgosto profundo desde a morte de seu esposo, caminhava progressivamente para o sepulcro.

Albert, inquieto com o abatimento físico de sua pobre mãe, já tinha consultado dois dos melhores médicos de Marselha e eles concordaram depois de alguns meses, que Mercedes sucumbiria em pouco tempo, no caso de se lhe declarar uma bronquite, o que muito receavam, pela febre lenta e progressiva que a devorava.

Quanto mais se aproximava o período fatal da doença, tanto mais sossegada ela parecia, deixando transluzir a chama pura da sua alma inocente.

Uma noite, sentiu-se Mercedes muito abatida; uma agonia terrível a oprimia; parecia-lhe que não havia ar no espaço do seu quarto; sentou-se na cama e mandou chamar Albert, que subiu logo. O pobre mancebo estremeceu apenas olhou para o rosto pálido e cadavérico da mãe; um suor frio lhe banhou a fronte, e o

coração agitado começou a pulsar-lhe com um movimento nervoso e bastante irregular.

— Meu filho — disse Mercedes, forçando um sorriso doce — eu desejava preparar-me para comparecer perante Deus! Pois já, minha mãe? — disse Albert faltando-lhe a voz para completar o sentido das palavras, e abraçando cheio de amor e respeito o corpo frágil de Mercedes.

— Sim sim — tornou ela fazendo-se mais lívida e abrindo muito a boca para respirar. — Um confessor, meu filho, um confessor, depressa.

Albert saiu precipitadamente do quarto e correu como um louco pelo rochedo com intenção de se dirigir à cidade; porém, maquinalmente, bateu na porta da ermida repetidas vezes. Momentos depois, viu diante de si a figura austera de um padre.

— Que quer, meu filho? — Pelo amor de Deus, padre, venha socorrer a minha mãe que está a expirar.

O sacerdote não hesitou e seguiu Albert para o quarto de Mercedes.

Quando chegou ali, ela já não distinguia bem os que a rodeavam: a morte, pela sua proximidade, já tinha lançado a sua poeira de gelo no rosto da vítima.

— Eis o ministro de Deus, minha mãe — disse Albert chegando-se ao leito.

— Pois bem, meu filho, deixa-me um instante; a minha confissão será breve; eu pouco tenho que dizer.

Albert beijou-a e saiu para a sala imediata. O religioso ficou só em frente da moribunda. — Venha, padre — murmurou ela.

— Oh! Deus! — disse ele conservando-se no mesmo lugar, como se os pés lhe estivessem pregados no chão e com o olhar cravado no rosto de Mercedes. — Oh! Deus Todo Poderoso, recebe no teu seio aquela alma pura, que bem torturada parte deste mundo! Mercedes!... — continuou ele a meia voz, aproximando-se então do leito. — Eu preciso do teu perdão!

— O padre?

— Sim, eu, que fui um insensato quando julguei poder sufocar no peito o amor que me inspiravas! Eu, que fui um malvado

quando, para me vingar de Fernando Mondego, desfiz o edifício da tua felicidade e te obriguei a compartilhar a miséria e a vergonha dele!

— Padre, que diz? Quem é que assim fala com arrependimento do meu passado?

— Mercedes, Mercedes, eu não seria digno do teu perdão se não me sentisse verdadeiramente arrependido! Perdoa-me, pois.

— Oh! Deus poderoso! — murmurou ela. — Quem quer que seja, eu o perdoo do íntimo da alma!

— Obrigado, obrigado.

— Edmond! — disse ela a meia voz.

— Sim, sim, sou eu, Mercedes! O teu cruel e insensato amante! Ah! Eu carecia também do teu perdão para morrer na paz do Senhor!

— Meu filho! — gritou logo Mercedes com as faces repentinamente incendiadas pelo delírio. — Meu filho, este homem quer talvez vingar-se ainda em ti da afronta que sofreu de teu pai!

— Piedade! — disse Edmond pegando a mão dela e unindo-a ao peito com um movimento involuntário.

— Minha mãe, sossegue, eis-me aqui! — exclamou Albert precipitando-se nos braços dela.

Edmond afastou-se então do leito e, tomando nas mãos o crucifixo de marfim que pendia da parede, começou a murmurar uma oração pela alma de Mercedes. Seguiu-se meia hora de profundo silêncio, apenas interrompido pelas orações do sacerdote e pelo respirar cavernoso e informe da moribunda.

Depois, Albert soltou um grito de dor, caindo de joelhos ao lado da cama e colocando os lábios na mão fria de Mercedes. Ela já não existia. A expiação estava consumada.

Albert conservou-se por algum tempo abraçado ao cadáver de sua adorada mãe.

Edmond compreendia a dor que afligia Albert e tratou de o afastar do cadáver.

Albert quis até onde fosse possível consagrar ao corpo de sua mãe todos os minuciosos cuidados.

Escolheu pela sua mão a roupa que lhe deviam vestir; o vestido, os ornatos e entre eles uma cadeiazinha de ouro com uma medalha fechada que achou escondida na gaveta, com a recomendação, escrita num pedacinho de papel pelo punho de Mercedes, de lha lançarem ao pescoço depois de morta. Era o retrato de Edmond Dantès.

Depois de vestida e pronta para a sua triste jornada, Albert foi contemplá-la e abraçá-la mais uma vez.

Meteu-a ele no caixão, estendeu-lhe sobre o rosto um lenço em que tinha enxugado o pranto, e guardou no peito o que Mercedes tinha usado a limpar o rosto durante os afrontamentos terríveis da morte. Feito isto, olhou pela derradeira vez para o cadáver e fechou o caixão que devia ser transportado à ermida.

Durante a noite, Albert e Edmond velaram ao lado do féretro. Albert respeitou todos os segredos de sua mãe, abstendo-se de fazer a menor pergunta a Edmond. Este parecia uma estátua de mármore, tanto o dominava a dor, sem consolação e sem esperança de não poder remediar o mal que outrora, no seu louco devaneio da riqueza, julgara ser obra de uma justiça superior.

No dia seguinte, quando Albert se convenceu em presença do sono profundo da morte que já não havia nada a esperar e que viu aberta a cova que tinha de esconder para sempre o corpo de sua mãe, chegou-se a Edmond e disse-lhe com lágrimas nos olhos: — A dor de um filho que perde a mãe, só a Pode compreender quem desde a infância, retribuiu sempre a sua mãe o amor sagrado que ela lhe tributava! Quero que esta ermida seja comprada e sustentada enquanto eu viver, dizendo-se nela uma missa todas as quintas-feiras, pela alma de minha mãe.

O sacerdote escutava-o em silêncio.

— Quem quer que seja, padre, calculo que debaixo da humanidade do seu hábito não bata um coração orgulhoso nem hipócrita. Peço-lhe, pois, pelo amor de Deus, que aceite a residência que vou abandonar e a conserve tal qual está, sem a menor diferença na sua posição interior ou exterior. O meu quarto será o seu; tudo providenciarei para a sua subsistência, e aqui terá também um abrigo para morrer na paz do Senhor.

O sino da ermida dos catalães tocava a finados. Edmond baixou a cabeça comovido e murmurou uma palavra santa.

— Padre — continuou Albert, com rapidez, para não ser testemunha da perturbação de espírito em que estava aquele infeliz — confio à sua guarda o túmulo de minha mãe! E afastando-se, dirigiu-se à cidade. Comprou o terreno da casa e da ermida: depositou o dinheiro em casa de um banqueiro, para acudir às prestações que prometera a Edmond; e deixando tudo disposto, saiu de França.

Dois dias depois foi encontrado um sacerdote morto sobre uma sepultura.

O sacerdote era Edmond Dantès.

A sepultura era a de Mercedes.

FIM